



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ANNA RITA MACIEL SIMIÃO

**INSTINTO E OBJETO SEXUAL NA TEORIA DE KRAFFT-EBING,
MOLL E FREUD**

JUIZ DE FORA

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**INSTINTO E OBJETO SEXUAL NA TEORIA DE KRAFFT-EBING, MOLL
E FREUD**

ANNA RITA MACIEL SIMIÃO

Tese apresentada ao Departamento de Pós Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos pré-requisitos para a obtenção do título de Doutor em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Richard Theisen Simanke

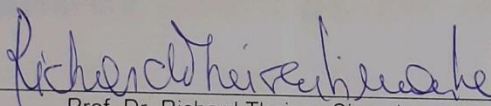
Juiz de Fora
2019

ANNA RITA MACIEL SIMIÃO

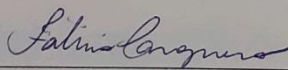
INSTINTO E OBJETO SEXUAL NA TEORIA DE KRAFFT-EBING, MOLL
E FREUD

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em Psicologia da Universidade
Federal de Juiz de Fora como requisito
parcial à obtenção do grau de Doutora em
Psicologia.

Tese defendida e aprovada em 23 de setembro de 2019.



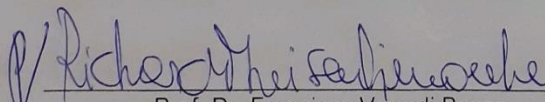
Prof. Dr. Richard Theisen Simanke
Universidade Federal de Juiz de Fora



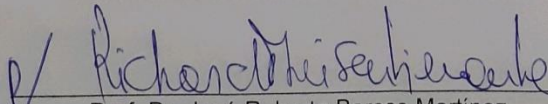
Profª. Drª. Fátima Siqueira Caropreso
Universidade Federal de Juiz de Fora



Profª. Drª. Alinne Nogueira Silva Coppus
Universidade Federal de Juiz de Fora



Prof. Dr. Francisco Verardi Bocca
Pontifícia Universidade Católica do Paraná



Prof. Dr. José Roberto Barcos Martínez
Universidade Federal da Grande Dourados

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Maciel Simião, Anna Rita.

INSTINTO E OBJETO SEXUAL NA TEORIA DE KRAFFT-EBING,
MOLL E FREUD / Anna Rita Maciel Simião. -- 2019.
312 p.

Orientador: Richard Theisen Simanke

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Psicologia, 2019.

1. História da Psicologia . 2. História da psiquiatria . 3. Teorias da sexualidade. 4. Psicanálise . I. Theisen Simanke, Richard , orient. II. Título.

Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Código de Financiamento 001.

Primeiro agradeço a Deus, por estar comigo em todos os momentos e ter me ajudado até aqui.

Ao meu orientador Richard Simanke, pelas orientações, cuidado e ajuda durante os anos de mestrado e doutorado. E por ser a pessoa responsável por todas as grandes mudanças e experiências de vida que eu tive desde que ele me aceitou como aluna no mestrado. Sem a sugestão desse tema nada disso seria possível.

À CAPES, pelo financiamento que possibilitou essa pesquisa.

Ao Professor Andreas Holger Maehle, que durante o estágio no exterior ofereceu todo o suporte para minha pesquisa. Essa ajuda foi de extrema importância para concluir essa tese.

Aos professores Dr. Lutz Sauerteig e Prof. Dra. Alinne Nogueira Silva Coppus pela ajuda e direcionamento. Sem essas colaborações seria impossível concluir esse trabalho.

Aos professores que se disponibilizaram a participar da banca e avaliar essa tese.

Todos meus amigos, professores e colegas dos anos na UFJF, em especial Fernando Gaio, o meu melhor amigo do mestrado, pela companhia e ajuda. E aos amigos Lucas, Andressa, Lídia que foram as minhas companhias durante as aulas e seminários integrados.

Aos meus pais Luiz Carlos e Eliane, por terem acreditado em mim, por me apoiarem e por sempre tentarem fazer o melhor possível para que eu seja feliz e realize meus sonhos. Essa tese é dedicada aos dois.

À minha irmã Lorena, pelo apoio e suporte nos momentos mais difíceis e por ser um exemplo de sucesso e de profissionalismo. Essa tese é dedicada a ela.

À minha madrinha Lúcia e sua família, pela amizade de sempre. À suas filhas e minhas grandes amigas, Mônica e Carolina (que durante esses anos virou a mamãe da Bia e da Jojô, as coisinhas mais fofas do mundo).

Danielle, Amanda, Raquel, amigas de um tempo de vida. Já passei por tantas coisas ao lado de cada uma, uma vida de histórias, lutas e alegrias.

Minha querida amiga Rackel, que definitivamente esteve lá por mim nos momentos mais difíceis da minha vida. Eu tenho uma gratidão sem limites, e sei que eu nunca poderei pagar toda essa ajuda.

Aos meus amigos do grupo Drama Queen pela presença diária e pelo tempo e força para me ajudar a carregar esse fardo. Erivaldo, uma pessoa tão feliz, sincera e iluminada, que sempre me escuta e dá os melhores conselhos. Gustavo, que com sua alegria genuína e atitude positiva de viver a vida me dá forças nos momentos difíceis. Fernanda, uma amiga confiante madura que consegue analisar os momentos das nossas vidas com uma sensibilidade incrível e única. E a Camilla, uma pessoa tão intensa, empática que torna a vida das pessoas ao redor dela muito mais interessante.

Ao grupo *Bolsistas CAPES*. Laís Barreto, mamãe da princesinha Flora, uma pessoa querida e muito divertida. Laís Lopes, um anjo, com uma força incrível para superar as dificuldades. João, uma pessoa linda por dentro e por fora. Raphaela, Liane, Lidia, Samara, Sabrina, Rodrigo, Elisa... é muita gente, mas todos tem um lugar especial no meu coração. Desejo as melhores coisas e muito sucesso no caminho dessas pessoas.

Ao Felipe, meu melhor amigo na viagem, um querido que compartilhou sua vida super intensa comigo durante os meses fora do país.

À Gabriela Falcão, Giovanni e Geidson, eu sou profundamente grata por terem me ajudado a sobreviver às burocracias da Inglaterra. Ajudando-me com coisas complicadas como

bancos, meus problemas com a tecnologia, me dando abrigo, me lembrando de não perder outro avião. Eu não teria conseguido sobreviver sozinha sem essas pessoas por lá.

Aos meus flatmates Mengijia Liu, Meichen Zou, Hazel Chan e Jensen Sun por serem os melhores companheiros de casa. Com toda a diferença cultural, eles fizeram o melhor possível, dentro das possibilidades deles, para me incluir no grupo e me fazer companhia durante aqueles meses. Depois, passaram a conciliar a diferença absurda de fuso horário para continuar me acompanhando. São pequenas atitudes muito sinceras que vão ficar para sempre no meu coração.

Aos colegas do grupo Anjos da Misericórdia e ao casal Aline e Adriano, Esse grupo de pessoas tão generosas com certeza me apresentou uma perspectiva de vida bem diferente que me ajudou a manter propósito do doutorado.

Às famílias dos meus pais, que mesmo de longe tiveram uma parte importante na realização desse trabalho.

Por fim, à todas as pessoas contribuíram de alguma maneira para que eu conseguisse concluir essa tese.

Introdução	2
-------------------------	----------

PRIMEIRO CAPÍTULO

I. BREVE BIOGRAFIA DE KRAFFT-EBING.....	23
I.I–O Instinto Sexual na Teoria de Krafft-Ebing.....	25
I.II–O Objeto Sexual na Teoria de Krafft-Ebing.....	82
I.II.I- O Sadismo	90
I.II. II. O Masoquismo	100
I.II.III. A Inversão Sexual	113
I.II. IV. O Fetichismo Patológico: A Perversão Primordial do Objeto.....	135
I.II.V. As Perversidades	150

SEGUNDO CAPÍTULO

II. BREVE BIOGRAFIA DE ALBERT MOLL	162
II.I. O instinto sexual na teoria de Albert Moll: A Libido Sexual.....	164
II.II. O objeto sexual na teoria de Albert Moll.....	189
II.II.I. Albert Moll e o Onanismo	199

TERCEIRO CAPÍTULO

III. BREVE BIOGRAFIA DE SIGMUND FREUD	209
III.I. O instinto sexual na teoria de Freud.....	210
III.II. Freud e a Sexualidade Infantil	221
III.III. O objeto Sexual na teoria de Freud	252

Conclusão	284
------------------------	------------

Bibliografia	299
---------------------------	------------

Introdução

A discussão sobre um assunto tão árido e inovador como a sexualidade humana – na medida em que se trata de um “tema de recente e difícil introdução nas ciências sociais, porque é de difícil introdução na própria vida social” (Almeida, 2000, p.130) – deve procurar mais do que debater classificações desprovidas de contexto. Existe a necessidade de compreender relações dentro de uma estrutura maior, tentando apreender as formas através das quais os conceitos se construíram entre indivíduos em diferentes épocas e contextos culturais, sociais, históricos e políticos, afirmando-se e reafirmando-se, através de uma variada gama de práticas e teorias. Dentro dessa perspectiva, torna-se fundamental discorrer sobre alguns dos pensamentos responsáveis pelo panorama que a sociedade experimenta atualmente.

A compreensão da sexualidade envolve diversos fatores biológicos, culturais e morais. Segundo Foucault (1985), o sexo ocuparia um lugar central na organização social, e passaria a definir o sujeito tanto na dimensão individual quanto na coletiva. No século XIX, a sexualidade foi explorada em seus mínimos detalhes: “foi desencavada nas condutas; perseguida nos sonhos, suspeitada por trás das mínimas loucuras, seguida até os primeiros anos da infância; tornou-se a chave da individualidade: ao mesmo tempo, o que permite analisá-la e o que torna possível constitui-la” (Foucault, 1985, p. 137).

Para o filósofo francês, a repressão à prática sexual no interior das famílias burguesas, em uma época chamada pelo autor de a “Idade da Repressão”, seria pautada pelo desenvolvimento do capitalismo. Qualquer prazer capaz de levar os seres humanos para além da reprodução precisaria ser repudiado e desestimulado por uma prática calcada na economia sexual. A repressão ao sexo como mecanismo de controle da sexualidade acabaria por abrir uma brecha dialógica encontrada nos discursos de todos aqueles que ousaram falar, debater ou ventilar assuntos ditos proibidos, originando atitudes que colocariam os transgressores em posições que escapariam ao alcance do poder (Foucault, 1985, p.52). Para a moral burguesa, a sexualidade seria normal quando encontrasse uma única direção: a das relações entre pessoas do sexo oposto visando à procriação. Os gêneros sexuais (masculino e feminino) teriam características fortes e delimitadas, e os sujeitos do sexo masculino seriam socialmente superiores aos sujeitos de gênero feminino.

Para Bourdieu (2003, p.18), as relações de dominação e exploração instituídas entre os gêneros sexuais seriam inscritas em duas classes de hábitos diferentes, que levariam à

classificação de todas as coisas segundo distinções redutíveis a masculino e feminino. Aos homens ficariam designados os papéis de realizar todos os atos ao mesmo tempo breves e espetaculares e fora do normal social; às mulheres, sobriariam os trabalhos privados e escondidos, como cuidar da casa e das crianças.

No Ocidente, por volta do século XVIII, a distinção entre os sexos seria culturalmente percebida, mas não seria explicada pela biologia da diferenciação dos sexos, pois a visão científica conceberia a mulher como um homem invertido do ponto de vista biológico e inferior do ponto de vista estético. O Iluminismo e a revolução burguesa no final do século XVIII e início do século XIX modificariam a percepção médico-científica da anatomia feminina, isso devido à necessidade da diferenciação entre homens e mulheres. A diferenciação entre os sexos justificaria o aparecimento das diferenças morais entre os comportamentos femininos e masculinos de acordo com as exigências da sociedade burguesa (Cecarelli, 2010, p.123).

A partir do final do século XVIII e início do XIX, com a ascensão da nova moral burguesa e a presença forte que as diversas religiões tiveram nessa classe social, todos os comportamentos sexuais que representassem uma discordância com a natureza começariam a ser estudados incansavelmente pela ciência, pois estas manifestações sexuais representariam uma ameaça à sociedade e aos costumes morais e familiares e, conseqüentemente, à perpetuação da raça humana.

Nesse período, a medicina foi a disciplina escolhida para ser a representante do discurso que pretendia ser científico. Vários psiquiatras se debruçaram sobre a questão da sexualidade e publicaram mais e mais histórias de casos de excentricidades sexuais, apresentando classificações para a vasta gama de comportamentos sexuais desviantes por eles identificados durante o exercício da profissão.

As primeiras pesquisas sobre as anomalias sexuais começaram nos países de origem germânica em meados do século XIX. Elas teriam abrangido, em primeiro lugar, o tema da homossexualidade para esclarecer com rigor científico os casos apresentados e modificar, num sentido liberal, a legislação penal repressiva da época.

O domínio do sexualmente lícito seria definido, num primeiro momento, pela ausência de prazer e pelo domínio da procriação pela relação conjugal. Ao ilícito, todo o resto era lançado, desde condutas vergonhosas até crimes graves. Com o passar do tempo, o termo perversão sexual apareceria para nomear essas condutas.

Em francês, o termo perversion encontra-se registrado desde 1444, oriundo do latim clássico *perversio*, do verbo *pervertere*, cujo sentido primário seria revirar ou inverter. Rapidamente, o termo assumiria a acepção de “virada inoportuna”. Esse termo se manteria, ao longo do século XIX, como uma palavra da linguagem comum que aparece como tal nos tratados médicos, cercada de diversas definições:

Perversão, S.F. (Definição 1) Ação de perverter; resultado dessa ação. Mudança do bem para o mal. [...] (definição 3) – Problema, mudança. (Definição 4) - Pathol. Um dos quatro modos de função alterada no estado de doença. Os outros três são a aumentação, a diminuição e a abolição. // Alteração de líquido na doutrina da teoria humoral [sic] // perversão da cabeça, ossos e músculos (Bescherelle, 1856, p. 855).

A expressão perversão sexual prevalece no idioma francês e, a partir dos primórdios do século XX, bastava empregar perversões no plural para falar das singularidades da sexualidade. Em francês, anomalias sexuais e aberrações sexuais logo desapareceriam do uso corriqueiro em prol das “perversões”. As perversões seriam relacionadas especificamente com o comportamento sexual, ao passo que a perversidade remeteria à agressividade, bem como à duplicidade cruel e maligna. Os significados do termo perversão e de seu emprego na área psiquiátrica ao longo do século XIX continuaram marcados por várias dualidades, que manteriam uma tonalidade ambígua, incluindo a principal delas na oscilação entre as dimensões morais e médica.

Em 1886, tendo como foco o estudo da sexualidade para ser usado nas cortes dos tribunais, e a partir da apresentação, classificação e análise de inúmeros casos de sexualidade desviante observados ao longo dos anos de atuação clínica própria ou alheia, o médico alemão Richard von Krafft-Ebing (1840-1902) publica a sua obra mais importante – a *Psychopathia Sexualis* – e articula uma nova perspectiva para o estudo da sexualidade em geral. O trabalho de Krafft-Ebing foi, em sua maioria, uma coleção das observações clínicas e estudos de caso (seus e de outros médicos). Suas discussões pretendiam articular perspectivas predominantemente médicas, mas também envolviam questões psicológicas e filosóficas (Simião & Simanke, 2014).

Entre seus contemporâneos, as ideias de Krafft-Ebing logo alcançaram grande reconhecimento. Sua obra foi traduzida e reeditada em diversos idiomas, mesmo depois de sua morte.

A maioria das obras sobre sexualidade que sucedem a sexta edição alemã (1891) da *Psychopathia Sexualis*, – a edição em que Krafft-Ebing adicionou pela primeira vez as categorias do sadismo, masoquismo, fetiche, entre outras – todas, em algum momento, fizeram

referência a alguma das classificações, principalmente aos termos cunhados por ele. Essas referências variaram entre elogios e críticas, mas todas reconheceram a importância do trabalho *Psychopathia Sexualis*.

Albert Moll (1862-1939) começou sua ascensão após receber reconhecimento global por seu primeiro livro, *Der Hypnotismus*, em 1890, chegando a ser elogiado por personalidades como William James. Moll se considerava o pioneiro da escola Nancy de Liébeault e Bernheim, e afirmava ter introduzido ideias hipnóticas e psicoterapêuticas na Alemanha (Siguschi, 2008; Siguschi, 2012).

O objetivo de Moll era estabelecer uma psicologia médica. Entre seus feitos reconhecidos pela comunidade médica da época, está o encorajamento para que as empresas de seguro de saúde estendessem a cobertura à psicoterapia pela primeira vez em 1919. Siguschi (2012, p. 184) apresenta Albert Moll como o fundador da psicologia médica na Alemanha e alerta que essa conquista é desconhecida da maioria dos psicólogos médicos de hoje. Em 1891, Moll produziu sua monografia sobre a homossexualidade, ou o sentimento sexual contrário. O trabalho ganhou grande popularidade e o autor passou a ser reconhecido por seus contemporâneos como um dos grandes médicos e psiquiatras a tratar sobre a sexologia.

Para Hauser (1992), Conn (2012), Maehle (2012), Maehle e Sauerteig (2012), Oosterhuis (2000, 2012, 2017, 2019) e Sauerteig (2012), nos dias de hoje, Albert Moll, Krafft-Ebing, Ellis não são mais nomes familiares para o público em geral porque sua fama teria sido obscurecida por outros autores emblemáticos da investigação da sexualidade, tais como Freud, Kinsey, Masters e Johnson. Atualmente, poucos estudos se propõem a apresentar o pensamento dos dois para além das suas presenças como figuras históricas no campo da saúde mental e sexual.

Contudo, um exame atento das obras teóricas de Albert Moll e Krafft-Ebing e do contexto histórico no qual elas foram produzidas permite perceber como suas teorizações influenciaram de maneira intensa os estudos da sexologia ao longo do século XIX. Na mesma proporção que suas produções, suas relações com outros grandes autores da época foram definitivas para que a teoria da sexualidade tivesse grandes viradas. Suas obras permanecem, até os dias de hoje, como conceitos fundamentais para o estudo da sexualidade, dos quais pode-se destacar a sexualidade infantil e o conceito de libido sexual.

A virtualmente inexistente bibliografia disponível sobre a teoria da sexualidade de Albert Moll, a falta de trabalhos que analisem suas obras de maneira mais profunda e a virtual

inexistência de trabalhos em português que analisem seus textos originais a partir de uma perspectiva histórica e filosófica, tornam justificável a retomada desse capítulo importante da história da sexualidade através de estudos que abordem de forma sistemática os conceitos apresentados pelo autor, dando continuidade a trabalhos anteriores.

Freud, por sua vez, dispensa qualquer apresentação. Sua teoria, a psicanálise, cresceu e se difundiu ao redor do mundo, fazendo do médico uma das personalidades mais famosas de todos os tempos. Sua obra extensa e completa e seu legado, a prática psicanalítica, são fontes inesgotáveis de conhecimento que, mesmo com o passar dos séculos e abundantes estudos, ainda está longe de ter sido completamente desvendada ou analisada. Com a leitura de suas obras, é possível perceber semelhanças notáveis entre as ideias de Freud e seus predecessores e contemporâneos. Embora faça um uso predominantemente descritivo da nosologia sexual de Krafft-Ebing em seus *Três ensaios* (o que é mais ou menos tranquilamente reconhecido pela literatura psicanalítica), suas concepções teóricas também aparecem em sua teorização (sua concepção geral sobre as bases biológicas do instinto sexual, a ideia da sublimação da energia instintual para fins socioculturais e, até mesmo, conceitos mais específicos, como o de zonas erógenas). O mesmo acontece com Moll, cujo conceito de libido Freud reconhecidamente incorpora, além da ideia da existência de uma sexualidade infantil, cuja possibilidade pode ser considerada o objetivo maior dos *Três ensaios*.

Diante disso, não é possível considerar esses autores, na sua relação com Freud, como apenas exemplares de uma visão arcaica da sexualidade que a psicanálise estava destinada a superar (está sendo a visão ainda predominante no âmbito da literatura psicanalítica). Por outro lado, tampouco parece defensável pura e simplesmente identificar suas concepções que, afinal, Freud também discute e critica explicitamente. Assim, a diferença, o ponto de disjunção entre Freud e os teóricos com os quais debateu, longe de ser evidente, se converte num problema a ser resolvido. As considerações acima permitem, no entanto, formular a hipótese de que, de um ponto de vista estritamente conceitual, ao contrário dos três teóricos apresentados anteriormente, Freud assume abertamente a insuficiência de uma abordagem da sexualidade subordinada ao objeto. Esta será a hipótese principal desta pesquisa.

Desse modo, o resgate teórico dessa importante parte da história da psiquiatria da sexologia, assim como a escassez de trabalhos sobre os mesmos e a virtual inexistência desses trabalhos na literatura em português, fornecem as principais justificativas para o empreendimento desta pesquisa, para além, é claro, do interesse por suas teorias

A visão contemporânea mais generalizada sobre esses três autores os apresenta como rivais históricos da psicanálise freudiana, e representantes de posições arcaicas na medicina da sexualidade. Não obstante, percebe-se uma série de semelhanças entre suas teorias e as de Freud. Sendo assim, justifica-se investigar em que pontos, de fato, a teoria sexual inicial de Freud (aquela proposta até os *Três Ensaios da Teoria da Sexualidade*) se distingue das teorias desses autores. A hipótese inicial desta pesquisa é a de que o ponto de ruptura entre a psicanálise freudiana e as outras teorias sexuais com a qual está dialoga em suas origens foi a desvinculação entre a ideia de sexualidade enquanto tal e o problema da determinação do objeto.

A esse respeito, os autores citados podem ser considerados exemplares do tipo de teorização sobre a sexualidade com a qual Freud se defrontou e criticou. Por essa razão – além dos notáveis empréstimos feitos por Freud a suas teorias – foram eles selecionados como objetos das análises que esta pesquisa pretende conduzir. Embora seja comumente reconhecido o apoio ou o uso que Freud fez desses autores, estes quase nunca são abordados através de suas próprias obras, mas apenas indiretamente, através das referências freudianas. A relevância do estatuto da sexualidade e perversão na psicanálise e a controvérsia que a teoria de Freud realmente gerou para seus contemporâneos, tentando delimitar seus avanços e congruências, tornam justificável a análise da investigação teórica de outros estudiosos da época contemporânea e imediatamente anterior à obra freudiana, partindo das edições originais das principais obras de cada autor, as quais o próprio Freud citou amplamente em seu trabalho *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado em 1905, e em seus textos posteriores sobre o tema.

Trata-se de realizar uma análise comparativa entre as teorias sexuais Albert Moll, Richard von Krafft-Ebing e a teoria freudiana da sexualidade, tendo como foco suas respectivas conceituações das *perversões sexuais*. Trata-se de identificar em quais aspectos elas se aproximam ou se distanciam. A hipótese de trabalho é que o ponto de disjunção – que pode sustentar a reivindicação de originalidade por parte da psicanálise, para além das muitas convergências e semelhanças – pode ser localizado na maneira como Freud relativiza e, no limite, neutraliza a importância do objeto na sua definição da sexualidade.

A tese procura combinar um método epistemológico de análise interna, estrutural e conceitual dos textos dos autores abordados com um trabalho de contextualização histórica no campo da medicina e da psicologia da sexualidade. Isso será feito seguindo os métodos da história da ciência e da história das ideias.

Dentro da metodologia epistemológica utilizada por Mezan (1989) foram escolhidos textos principais para nortear o tratamento dos conceitos existentes na teoria de cada autor. Essas escolhas obedeceram a alguns critérios específicos para cada autor que serão mencionados na descrição que se segue.

O texto principal para a primeira parte deste trabalho é a sétima edição da *Psychopathia Sexualis*, lançada no ano 1894. A tradução da sétima edição em alemão e a nona edição em francês também serão consultadas, principalmente para esclarecer questões das traduções dos termos. Como a *Psychopathia Sexualis* sofreu muitas alterações entre a primeira publicação e a última edição, além da sétima edição base inglesa e alemã, a terceira, nona e a décima edições da obra em alemão foram consultadas a fim de apontar, quando necessário, as mudanças mais profundas na teoria de Krafft-Ebing. As outras edições em alemão que puderam ser recuperadas durante a viagem de pesquisa não apresentaram alterações muito importantes que pudesse acarretar alguma mudança nos objetivos e nas informações passadas nesse estágio do trabalho. As traduções em inglês da décima edição e décima segunda edição também foram utilizadas para o mesmo fim citado anteriormente. A última edição em inglês utilizada foi a de 1906, isso porque não foi possível encontrar a edição em inglês de 1904. Apesar de essa edição ter sido lançada após a morte de Krafft-Ebing, é apenas uma tradução, sem nenhuma alteração, da edição alemã de 1904 (Krafft-Ebing, 1886, 1888, 1892, 1892b, 1894, 1898, 1899, 1906).

A edição póstuma da *Psychopathia Sexualis* que foi editada pelos colegas de Krafft-Ebing, Albert Moll e Alfred Fuchs será utilizada neste trabalho. Essa opção se justifica pelo fato de que as obras, mesmo modificadas pelos revisores, poderão dar maiores detalhes sobre a história das ideias e de como os conceitos de Krafft-Ebing evoluíram e foram apropriados por seus colegas.

A obra escolhida para representar Krafft-Ebing foi a *Psychopathia*, pois existe o consenso entre os historiadores de que esta é a obra mais reconhecida e citada de Krafft-Ebing. Após a leitura própria das obras do autor sobre sexualidade, de fato, a teorização mais completa de Krafft-Ebing encontra-se na mesma. Os outros textos de Krafft-Ebing serão utilizados aqui quando necessários para as discussões.

A dissertação de 2015 (Simião, 2015) é o texto base para a primeira parte desta tese. Desde o início dos estudos, em 2013, a dissertação foi pensada como um primeiro texto; a tese seria, pois, a conclusão do estudo. O texto que fez parte da dissertação foi reeditado, revisado e alterado, quando necessário, para se adequar às mudanças na argumentação e teoria e aos novos

dados coletados que só se tornaram disponíveis com a visita à Universidade de Durham durante a fase de coleta de dados do doutorado. A mudança fundamental apresentada na parte descritiva sobre Krafft-Ebing será a atualização de alguns conceitos em face de novos materiais originais coletados e a discussão sobre objeto sexual, inexistentes na dissertação.

O trabalho de Albert Moll se concentrará em duas de suas obras, *Untersuchungen über die Libido sexualis* (1897) e *Das Sexualleben des Kindes* (1908). Após a leitura e a pesquisa das obras da sexualidade de Moll, a compreensão deste trabalho é que, considerando suas obras sobre sexualidade, *Libido Sexualis* é a obra principal. A definição de instinto sexual, que foi apresentada de maneira completa nessa obra, e todas as teorizações sobre o instinto – inclusive as anteriores ao lançamento do esquema completo – têm como base a libido sexual.

Outras obras de também serão utilizadas quando necessário. Moll é um autor ainda desconhecido mesmo em seu próprio continente natal. Por isso as obras secundárias sobre o autor não são tão disponíveis. A maioria do corpo do texto está no livro de 2012, resultado dos estudos da linha de pesquisa *Sex, Ethics and Psychology: The Cultural Networks and Cultural Context of Albert Moll*, da Universidade de Durham (Reino Unido). Outras bases são de autoria própria, oriundas da leitura completa dos textos sobre a sexualidade em Moll, bem como da participação na linha de pesquisa durante o estágio em Durham.

Freud aparecerá como obra principal em *Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* e suas edições posteriores. Este autor também conta com uma base maior de textos publicações para a área de pesquisa em psicanálise. Outras obras de Freud também serão citadas quando necessário, como obras secundárias que foram selecionados de acordo com o tema e a relevância das mesmas, respeitando-se o limite da análise da tese.

Essa escolha por abordar somente os textos anteriores aos *Três Ensaio* se deu por duas razões principais: a primeira razão, mais prática, pela impossibilidade de contemplar ao longo de quatro anos todo o conjunto da obra de Freud mais o conjunto da obra de outros dois autores que não tiveram seus textos traduzidos em português ou, em alguns casos, disponíveis no Brasil; a segunda razão, teórica, pois a tese pretende fazer a história de um conceito, o da sexualidade humana dentro da psicologia, e avaliar o impacto que a obra freudiana causou no que estava sendo estudado até então. Seria mais acertado avaliar o impacto das primeiras obras de Freud sobre o tema, pois estas coincidem diretamente com o momento mais forte de suas interlocuções entre os outros dois autores, e também porque essa obra está localizada cronologicamente com as obras de Moll e de Krafft-Ebing sobre o mesmo tema. A teoria

psicanalítica se desenvolveu a tal ponto que seria possível que seus conceitos fossem analisados de acordo com a evolução dentro da própria teoria freudiana, em um trabalho dedicado totalmente a esse tema.

A escolha de outros autores (a bibliografia secundária) para fazer parte da pesquisa também seguiu alguns critérios. O primeiro foi incluir os autores que influenciaram os aspectos gerais das teorias. Alguns autores citados também serão discutidos a fim de esclarecer e complementar os argumentos utilizados. Estes foram eleitos por sua importância histórica, para contextualizar historicamente alguns conceitos, complementar eventuais argumentos principais e avaliar as influências da teoria da sexualidade dos autores estudados na tese.

Outros autores que não foram citados por eles diretamente serão eventualmente abordados para situar historicamente alguns argumentos teóricos. Alguns desses autores são predecessores aos três médicos e foram eleitos de acordo com sua importância teórica para a necessidade do próprio assunto abordado nesta pesquisa. Os autores que não foram citados, mas que se fizeram necessários para a argumentação e contextualização neste trabalho, são aqui classificados como autores contemporâneos. O critério principal para a escolha desses autores foi, além de tratarem da teoria da sexualidade e perversões sexuais, terem obras publicadas até, no máximo, os anos de 1970. Esse limite foi definido tomando como base a divisão histórica da psiquiatria apresentada por Shorter (2005), que divide a história da psiquiatria moderna em três períodos distintos: (a) 1770-1870, que seria chamado de período da Era dos Asilos, durante a Idade Média, com maior ênfase nas teorias biologicistas das doenças mentais e físicas; (b) 1870-1970, o período das psicoterapias de raízes psiquiátricas, tendo como maior expoente Sigmund Freud e o método psicanalítico; (c) 1970 até o tempo presente, que seria chamado de período da segunda psiquiatria biologicista com a popularização dos psicofármacos.

Com essa divisão, Krafft-Ebing, Moll e Freud pertenceriam a uma transição entre o final da psiquiatria da Era dos Asilos e o final das psicoterapias de origem psiquiátricas. Logo, para serem chamados de seus contemporâneos, outros autores deveriam pertencer ao mesmo período histórico. Por esse mesmo motivo, autores que extrapolem esse marco temporal serão utilizados para contextualizações históricas e para o esclarecimento de conceitos, e serão todos posteriores ao ano de 1960.

Tendo esses objetivos em vista, o trabalho estruturar-se-á da seguinte maneira:

Procura-se aqui que a tese seja a primeira esquematização a registrar em português os pontos principais da obra de Albert Moll a partir da sua bibliografia em idioma original, e de

uma maneira mais completa e completamente centrada no autor. Parte desta tese toma como referência o primeiro artigo a esquematizar, a partir de textos do próprio autor, parte da teoria de Albert Moll em português (Simanke, 2016). É provável também que para alguns autores citados aqui essa seja a primeira tradução em português de trechos de suas obras, traduzidos direto do original.

A discussão sobre os autores principais foi dividida em três partes distintas. Essa escolha se deve ao fato de que Krafft-Ebing e Albert Moll são dois teóricos pouco estudados, sendo assim, a teoria deles é relativamente desconhecida. Apesar deste trabalho tomar como ponto de partida a dissertação *Sexualidade e Perversão na Psiquiatria de Krafft-Ebing* (Simião, 2015), algumas alterações importantes de conteúdo foram feitas depois da viagem de pesquisa para a Universidade de Durham. Moll é praticamente inédito no Brasil; é inevitável que seja feito um trabalho descritivo mais específico sobre as teorias Krafft-Ebing e Moll do que o que será feito para a teoria de Freud. Por isso, foram feitos também pequenos textos sobre alguns fatos da vida dos três atores no início de cada parte.

Na primeira parte, o assunto principal será Krafft-Ebing. O primeiro capítulo apresentará brevemente a história pessoal do autor; o segundo capítulo apresentará o pensamento geral de Krafft-Ebing no que diz respeito à suas considerações sobre o instinto sexual; e o capítulo seguinte irá focar sua atenção na discussão sobre como a ideia de objeto sexual aparece nas obras de Krafft-Ebing. Ao longo desses capítulos serão feitas as apresentações dos conceitos principais que serão usados nas outras partes. Uma vez que a parte inicial foi a escolhida para apresentar a conceituação, essa parte será a mais extensa da tese.

A segunda parte traz como objeto de estudo principal Albert Moll. O primeiro capítulo apresentará brevemente a história pessoal do autor; o segundo capítulo apresentará o pensamento geral de Albert Moll no que diz respeito à suas considerações sobre o instinto sexual e sexualidade infantil, identificados como os temas centrais de sua teoria; e o capítulo seguinte irá focar na discussão sobre como a ideia de objeto sexual aparece nas obras de Moll. Ao longo desses capítulos serão feitas também relações entre as teorias de Krafft-Ebing e Moll e de autores importantes para o pensamento de cada tópico da época.

A terceira e última parte do trabalho será dedicada a Sigmund Freud. O primeiro capítulo desta parte apresentará brevemente a história pessoal do autor; o segundo e terceiro capítulos corresponderão a descrição dos pontos principais da teoria sobre instinto sexual e objeto sexual respectivamente. Ao final dessa parte, por fim, a partir das evidências

apresentadas, na conclusão será examinado aquilo que significam as ideias dos três autores dentro da história dos conceitos de instinto e objeto sexual, isto é, quais relações, funções e contribuições para se pensar o lugar das teorias desses autores no quadro maior da história da sexualidade no século XIX e as influências contemporâneas que cada uma dessas obras causaram.

Outro ponto importante sobre esse trabalho foi a tradução dos conceitos dos autores para o português.

Krafft-Ebing não faz distinção em sua teoria das palavras em alemão *Instinkt* e *Trieb*. Ambos aqui serão traduzidos como instinto, pois o próprio autor afirma que o instinto ao qual ele se refere em suas obras é um instinto inato e biológico existente tanto em homens quanto em animais.

Optou-se por manter o nome original da obra de Krafft-Ebing para o latim, bem como qualquer categoria que apareça em latim.

A primeira diferença marcada entre os Albert Moll e Kraft-Ebing é a teorização a qual Moll se dedica endereçando o problema para que a palavra instinto causava na época, dentro das ciências psiquiátricas e psicológicas, o que era o instinto? O termo que o autor utiliza em alemão para instinto sexual é sempre *Geschlechtstrieb* ou *Sexualtrieb*.

O autor acreditava que o termo instinto sexual era de difícil definição nas ciências médicas “(...) todo mundo usa essa palavra, todo mundo acredita que está usando da maneira certa, e, ainda assim, várias vezes inúmeras diferenças entre o uso dessa palavra pelos pesquisadores são apresentadas” (Moll, 1898, p. 1). A fonte principal de discordância no uso da palavra seria os dois sentidos principais para a aplicação do conceito de *Trieb* quando ligado à palavra sexual: enquanto para alguns autores o instinto sexual faria referência apenas ao coito entre os gêneros opostos, para outros também faria referência a todas as sensações subjetivas e físicas sentidas nos órgãos genitais e no processo de atração amorosa.

Para o Moll (1898, p.2) primeiro, deveria ser analisada a etimologia da palavra. O termo *Geschlechtstrieb* seria dividido em duas raízes de palavra *Geschlecht* (traduzida para o português como sexo) e *Trieb*.

A própria palavra *Trieb*, quando analisada como a palavra isolada também poderia ser usada em dois sentidos principais. O primeiro, como afirmou Moll, em algo muito próximo ao que Wundt chamava de *Trieb* “sensação mental, que se esforça para transformar movimentos corporais externos de tal natureza que o sucesso do movimento ou aumenta um senso existente

de prazer ou elimina um sentimento existente de desprazer (Wundt, 1893, p.507). Moll entendia que Wundt considerava que todo instinto seria ao mesmo tempo um efeito. A intensidade do sentimento excitante estabeleceria a força, a natureza do estímulo e assim, a direção do instinto. Portanto, o instinto também se dividiria nas direções de esforço e relutância (Moll, 1898, p.3).

Wundt, pelas suas citações dos autores Fichte em 1817 e Fortlage em 1855, conferiu ao *Trieb* uma conotação mais metapsicológica. Na verdade, o *Trieb* era uma palavra comum na língua alemã em trabalhos de filósofos, mas assim como no século XIX, seu uso era também preso a tradições e contradições entre os autores. O *Trieb* era usado como sinônimo direto para instinto sexual como em Reimarus no ano de 1760. Reimarus caracterizava o *Trieb* como comum a todos os animais e classificável como mecânico, perceptivo ou volitivo. Os instintos volitivos naturais incluem o amor-próprio (que muitos autores acreditavam poder explicar todo o instinto) e instintos especiais relacionados a emoções ou habilidades. Essas habilidades volitivas naturais eram a questão principal do livro, e elas se dividem em dez classes: de locomoção, defesa, cuidado da prole, e comportamento social e dependiam de quatro classes de determinantes: órgãos especiais, sentidos especiais, sensações internas e "tendências cegamente determinadas" (Diamond, 1974, p. 244). Outra vertente, defendida por Fortlage, caracterizava o *Trieb* em uma corrente metapsicológica, em que os impulsos momentâneos motivacionais seriam resultado de uma sensação de prazer e desprazer, que causaria uma urgência de se evitar ou se aproximar de certos padrões de movimentos, ou ainda, uma relação temporal entre um estado negativo de sensação e um estado positivo futuro de sensação.

O impulso, como entendido por Wundt, seria um impulso relacionado à afetos mentais, que causaria uma sensação de necessidade e, posteriormente, uma vez vencida a relutância, a realização de movimentos para tomar posse daquilo que é desejado, por isso não existiria necessidade de nenhuma ação presente imediata para satisfazer o instinto (Moll, 1898, p.2). Moll chama essa concepção de primeiro modo da aplicação da palavra *Trieb*.

O segundo modo para a aplicação da palavra *Trieb* seria, de acordo com Moll (1898, p.2) o conceito geral de instinto: uma disposição psíquica que incita a realização de ações impulsionadoras do mesmo tipo a fim de satisfazer o desejo. O raciocínio lógico inexistente na realização da ação e uma supressão arbitrária da ação pela relutância não seria possível. Os dois instintos principais que poderiam ser enquadrados nesse conceito geral seriam o instinto sexual e o instinto de preservação, por isso: "Para evitar desentendimentos a seguir, eu não usarei a palavra instinto no primeiro sentido. Eu substituirei [o primeiro sentido] por outras palavras

como desejo, impulso, inclinação, chamado e configuração e sempre usarei a palavra instinto para o segundo sentido” (Moll, 1898, p.3).

Mais do que debater se a visão que Moll teve da conceituação de Wundt foi correta, deve-se lembrar para os fins dessa tese que a conceituação de Moll diz respeito ao instinto sexual como excitação que leva ao ato sexual. Os seres humanos, como ele pontuou e será abordado aqui posteriormente, teriam capacidade de suprimir a ação final do instinto sexual (o coito sexual) pelos sentimentos inatos adquiridos com a evolução e pela vida em sociedade (tais como moralidade, nojo, vergonha). O que Moll faz com essa conceituação é separar o conceito de *Trieb* da ideia de *Trieb* de Wundt sobre uma elaboração mental muito elaborada para a relação entre desejo, movimento externo e principalmente, a volição que ele identificava como central na conceituação de Wundt. Para Moll, o instinto em si mesmo teria força para causar uma resposta corporal imediata e livre de elaborações mentais e da vontade. Só posteriormente deliberações como resistência àquela sensação física ou a satisfação da mesma apareceriam. E mesmo que a resistência por vezes vencesse, a disposição ficaria insatisfeita no caso dos humanos, pois os instintos não deixariam de existir. A solução principal para esse dilema instintual seria depositar a força daquele instinto em outra ação física ou mental¹.

As maiorias dos teóricos da sexualidade citadas nesse trabalho que escrevem em língua alemã utilizam em suas obras o termo *Trieb*. Alguns no mesmo sentido que Moll apresenta como segundo sentido, outros no mesmo sentido que Wundt, alguns ainda em sentido mais elaborado. Mas o termo *Trieb* aparece em todos. O termo alemão *Instinkt* por vezes aparece na obra de Moll, fazendo referência tanto a humanos como animais, mas em raras ocasiões.

Enquanto nas obras de Moll e Krafft-Ebing as traduções em inglês utilizam o termo *instinct* (instinto) ou *drive* para traduzir o *Trieb*, as traduções de Wundt (desde as realizadas no século XIX, quanto as mais recentes) tem a tradição de utilizar o termo *impulse* (impulso) para a palavra *Trieb*. A escolha de tradução pelos tradutores de Wundt teria sido motivada pelo fato de que o *Trieb* em Wundt “não carrega a conotação de instinto – um conceito mais mecânico e menos ligado às emoções” (Kimble e Wertheimer, 2014, p. 39). Tanto em Krafft-Ebing quanto em Moll essa conotação mais mecânica está presente junto com a conotação mental. Neste trabalho, seguindo a tendência para a tradução de Wundt o termo *impulso* será usado toda a vez que fizer referência ao trabalho de Wundt.

¹ A ideia de deslocamento de Henry Maudsley discutida na parte sobre Krafft-Ebing.

Por isso não se pode usar a mesma palavra para traduzir o termo que Albert Moll emprega, uma vez que o próprio considera que seu *Trieb* e o *Trieb* na obra de Wundt seriam duas coisas diferentes, então impulso está descartado para traduzir a libido pensada por Moll.

A conclusão nesse trabalho é a de que o instinto sexual que Moll teorizou é sinônimo ao instinto sexual que Krafft-Ebing usava como conceito. Ambos os autores partiam do mesmo ponto sobre a força do instinto sexual e chegavam à mesma conclusão sobre o instinto sexual: a finalidade do instinto sexual bem ordenado seria a reprodução através do coito, por isso o objeto sexual do instinto seria o sexo oposto. A diferença é que Krafft-Ebing não teorizou uma dinâmica para o instinto sexual, nem se preocupou com os componentes que fazem parte da energia do instinto, tal como fizeram Moll e Freud.

Sendo assim, o termo *Trieb* na obra de Moll também será traduzido como instinto.

Em relação à conceituação que Moll faz do *Trieb* sexual, a tradução se guia pela etimologia dos termos. Chalmers & Johnson (1820) e Talmey (1919) explicam que o termo *contrectatio* usado por Moll em *Kontrektationstrieb*, significa em latim, o ato de tocar com luxúria. Ellis (1913), Heirich (1910), Sauerteig (2012), traduzem *Kontrektationstrieb* para o inglês como *contrectation-impulse* ou *contrectation instinct*, usando do latim *contrectatio*, em português, *contretação*. *Contrectation* em inglês tem dois significados: o significado legal, de algo que foi manuseado para ser roubado. Aplicado à sexualidade, o termo designa, concretamente, o estágio inicial do ato sexual, caracterizado por contato físico e manual, buscando a tumescência dos genitais (daí sua oposição à detumescência).

A palavra em português *contretação*, é um termo usado no campo jurídico para crimes de furto, com o significado do ato de subtrair, tocar um objeto durante o furto.

A tradução inglesa da obra de Pfister (1917) traduz, por vezes, como instinto de afeição, para realçar o significado que Moll apresenta de que o *Kontrektationstrieb* seria o responsável pela ação de se aproximar do objeto de afeição, toca-lo, para que os órgãos entrassem em estado de tumescência para que acontecesse a detumescência através dos atos sexuais, o processo do instinto de detumescência.

O problema é que a palavra *contretação* em português não tem esse significado sexual e o significado legal não conseguiria exprimir a dimensão do tocar com volúpia para excitação sexual, que era vital para Moll transmitir. A palavra mais próxima do latim, *contrectação*, não existe no dicionário em português.

A palavra *afeição* em português pode retirar o sentido do ato mecânico de tocar o objeto de afeição, que Moll também queria transmitir. A palavra *estimulação* em português foi

pensanda como tradução, pois dentro do contexto da tese sobre a sexualidade, seria adequada para preservar tanto o sentido físico, de provocar tumescência dos órgãos genitais, quanto o fator psicológico do desejo de estimulação corporal através de toque e da carícia pelo alvo do desejo sexual. Sendo assim *Kontrektationstrieb* vai ser traduzida como instinto de tocar. A palavra *Reizung* é traduzida do alemão como irritação. No texto a opção pela tradução é a mesma, mas quando necessário, a palavra usada será excitação. Essa palavra é justificada pelo fato de algumas partes do texto tratarem essa irritação mais no sentido de uma sensação que causa coceira do que uma inflamação cutânea. Também a opção para a *Dagegen* foi a palavra medidas no lugar de remédio (tradução mais literal), pois o texto contém mais orientações em certa medida educacionais do que substâncias ou calmantes para serem usados na criança. A palavra remédio poderia conceder esse duplo sentido

Quanto ao termo masturbação, este aparece nas obras clássicas a serem tratadas neste trabalho em conjunto com os termos onanismo e auto-violação. Os termos são correspondentes a *masturbation*, *self-corruption* e *onanism*, em inglês, e como *onanie*, em alemão (*onanismus* também pode ser encontrado em alguns textos, mas não tão frequentemente).

O termo masturbação, de acordo com o dicionário de inglês Oxford e o dicionário *Merriam-Webster*, tem origem desconhecida. Deriva de *manustrupation*, do latim *manu* (mão) e *stupratio* (desonrar); do latim *masturbor*, do latim *turbor* (estupor, transe) ou ainda do latim *masturbari*. Nenhum dos autores que fazem parte da bibliografia dessa tese apresenta qual variação está sendo usada, e ao se referirem a esse termo em latim, a palavra *masturbationem* aparece algumas vezes. Apenas Paul, tradutor oficial de Albert Moll, cita *manustrupation* como origem da palavra masturbação.

O termo onanismo surgiu em 1716 no livro *Onania*, de autor desconhecido. O termo faria referência ao ato da auto gratificação sexual. O autor faz alusão ao personagem bíblico Onã, filho de Judá, e do pecado de se recusar a dar filhos para a esposa Tamar. O autor da *Onania* escolheu Onã para nomear o conceito pela ação de desperdiçar o sêmen, uma vez que o personagem se excitava sexualmente, interrompia o coito, mas finalizava sozinho o encontro sexual ejaculando fora do corpo da mulher. Essa atitude foi vista por Deus como um pecado. Onanismo carrega o sentido geral do mesmo significado de masturbação, mas faz alusão à conotação de pecado que o autor pretende passar em sua obra, de que todo ato sexual solitário que resultasse em ejaculação sem a possibilidade da reprodução seria punido por Deus.

O termo self-corruption aparece principalmente nas obras em inglês. Esse termo é variável e alguns autores usam self-abuse ou self-pollution, indicando o aspecto imoral da masturbação, como se o ato de se masturbar correspondesse uma maculação de si mesmo. Esse termo, geralmente, quando diferenciado em significado, é mais amplo que o termo masturbação, uma vez que faz referência a outros tipos de estimular os próprios genitais além da forma manual. Não tem correspondente em inglês nem em alemão.

O termo self-pollution também aparece nas obras em inglês, francês e alemão como uma condição específica de doenças do trato urinário. Nessas condições, o indivíduo seria acometido por ejaculações involuntárias durante a noite ou durante o sono.

Os três termos vão aparecer nesse texto como sinônimos, exceto pelo termo self-corruption. No termo self-corruption (self-abuse e similares), as traduções literais para a língua portuguesa – auto-abuso e auto-poluição - ficariam mais complexas e tirariam um pouco da ideia do conceito do ato sexual solitário em sua forma mais simples e aplicável para a maioria dos autores. Nenhum dos outros similares pensados para a tradução (auto-violação, auto-maculação) conseguiram corrigir as muitas noções que os termos poderiam evocar. Por isso, essa palavra não será aludida aqui, e sempre que um texto trazer quaisquer umas das variações a tradução será masturbação.

O termo self-pollution, se referindo à condição degenerativa do trato urinário, será traduzido como ejaculação noturna.

Paul opta por não considerar masturbação e onanismo como sinônimos. Para o autor (1908, p. 88), masturbação seria especificamente o ato de estimulação sexual usando as mãos, como sugere a etimologia da palavra. O onanismo é um termo mais restrito e deveria ser sinônimo de coito interrompido. Então, enquanto Moll usa, em alemão, a palavra onanie para qualquer ato de estímulo dos próprios genitais com estimulação artificial por qualquer meio, o tradutor opta por traduzir o termo por masturbation, mas explicando que Moll usou onanismo no mesmo sentido que self-corruption.

Neste trabalho, optou-se por usar masturbação e onanismo como sinônimos: o ato sexual de estimular artificialmente e de maneiras variadas os próprios genitais.

Como poderá ser visto neste trabalho, nas palavras do próprio Albert Moll, o termo instinto (trieb) tinha uma definição complexa no século XIX. Muitos autores falavam sobre ele, mas nem sempre estavam falando da mesma coisa devido às diferenças entre os campos dos

saberes. Hampton (2004, 2006) nomeia essas discussões sobre a definição do instinto, no final do século XIX e início do século XX, como debate do instinto.

Sendo assim, a questão da tradução do termo *Trieb*, na obra de Freud, é motivo de debate entre os tradutores até os dias de hoje. O problema dessa tradução começou com Strachney, que traduziu o termo para o inglês como *instinct* e não como *drive*. Essa tradução foi acusada, na época, de ser muito biologizante. Três traduções principais surgiram para tentar amenizar essa tendência: instinto, impulso e pulsão.

Alguns autores preferem utilizar o termo pulsão: Tavares (2013), Mills (2004), e Coutinho Jorge (2001) seguem a mesma linha de argumentação, ou seja, o termo instinto ressalta a parte mais biológica da palavra, mas Freud nunca pretendeu isso. Por isso, ele teria usado *Instinkt* para animais e *Trieb* para humanos, logo, este último não poderia ser o mesmo que instinto.

Outro argumento para o uso da pulsão seria o fato de Freud ter empreendido uma desnaturalização da sexualidade humana e a ter desvinculado da finalidade biológica reprodutiva, na medida em que ela poderia tomar objetos sexuais indefinidamente divergentes daquele biologicamente adequado à reprodução, isto é, outro ser humano, adultos e do sexo oposto. Como o instinto sexual dos animais teria a finalidade da reprodução, o *Trieb* sexual humano teria que ser algo totalmente diferente de um instinto. Por último, esses autores argumentam que Freud teria proposto a ideia de um *Todestrieb* em sua obra, ou seja, um impulso interno voltado para a autoaniquilação. Essa ideia seria impensável do ponto de vista biológico (Simanke, 2014, p. 80).

Tendo em mente o tema desta tese, ou seja, a sexualidade na obra freudiana, o segundo argumento está ligado ao que está sendo avaliado aqui, portanto, ele não foi levado em conta na decisão por uma tradução ou outra.

O terceiro argumento envolve uma compreensão de conceitos mais abrangentes na obra freudiana, que são impossíveis de serem avaliados dentro do tempo e do objetivo geral desta tese. Para maiores inteirações sobre um contra-argumento, checar o artigo *O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução* (Richard Simanke, 2014).

Aqui as elaborações para uma decisão final vão se focar nos argumentos linguísticos e no uso para obra de Freud em relação às outras obras dos outros autores objetos de pesquisa, por se tratar de um trabalho epistemológico com bases na história das ideias e filosofia da psicanálise.

Tavares (2013, p.79) apresenta a raiz da palavra *Trieb* como derivada de *Trieben*, que tem o mesmo sentido do inglês *drive*, ou seja, colocar em movimento, com associação ao termo motor à propulsão. Ele cita os exemplos em alemão de *Treiber* como um tocador de gado, e *Tribhaus*, uma estufa para crescimento de plantas. Todas estas palavras indicam movimentação. A raiz portuguesa dessas palavras seria o vocábulo *deriva*, também indicando movimentação. Tavares também argumenta que o termo *pulsão* seria o mais adequado, pois não carregaria o significante de algo animal e biológico e, ao mesmo tempo, conseguiria manter a ideia de movimentação, de uma força contínua.

Autores como Fonseca (2012, p.70-71) acreditam que *instinto* seria inadequado para a tradução da obra de Freud por conta de seu valor conceitual. As melhores traduções seria *pulsão* ou *impulso*; este autor opta pela tradução *impulso*. Para ele, a *pulsão* evocaria uma marca muito significativa de ligação com a psicanálise brasileira, de forte influência do francês Jean Jaques Lacan, além de não representar uma tradução direta da língua materna de Freud para o português. O *impulso* teria a vantagem de unir as tendências de fonte somática e fonte de objeto do *Trieb* freudiano, e daria ênfase ao *Dang* (ímpeto) – o caráter impetuoso do *Trieb* na obra freudiana.

Simanke (2014, p.81) lembra que o uso que Freud faz dos termos *instinkt* e *Trieb* para homens e animais não seria tão rigoroso na separação para quando usar um caso ou outro. Ele aponta que o próprio Laplanche, um dos defensores do uso do termo *pulsão*, admite que Freud usa os termos para ambos os casos.

As possibilidades e argumentos para uso dos três termos são variados e todos muito contundentes.

A definição do francês *pulsion*, de acordo com o dicionário Larrousse, é força, no limite do orgânico e do psíquico que empurra o sujeito para realizar uma ação visando resolver uma tensão no corpo. A *pulsão* tem o mesmo significado indicado por dicionários usados aqui para o termo *drive*. O termo *pulsion* está de acordo com uma das significações do termo *Trieb*, mas, pela longa tradição brasileira, como aponta Tavares sobre a tradição e a tradução, seu emprego visa não enfatizar o componente biológico, em uma alternativa oferecida por Lacan. Traduzir *Trieb* como *pulsão* parece focar apenas na noção da parte que impele o impulso - aquela que pode ser observada -, relegando a parte biológica do instinto que Freud não enfatizava, mas que inscreveu em seu conceito. O fato de não ser uma palavra que nasceu do idioma materno de Freud também faz com que a usemos com reservas nesta tese.

A definição de instinto para o dicionário Larrouse indica uma tendência natural e inata de se comportar de certa maneira, e também uma tendência do organismo a apresentar uma resposta complexa sem um envolvimento consciente.

O dicionário *Deutsches Wörterbuch* apresenta *Trieb* como a substituição do termo *Trift* (pastagem ou corrente), que estava presente na literatura desde o século XII, especialmente no âmbito das ciências naturais no século XVI. E diz que no século XIX a palavra foi utilizada pela psicologia para se ligar a várias outras terminações para designar o mesmo sentido que o termo instinto. Nesse mesmo dicionário, está contida a ideia de que instinto são os movimentos naturais mais primitivos.

O dicionário *Deutsches Wörterbuch*, apresenta *Trieb* como a substituição do termo *Trift* (pastagem ou corrente), que estava presente na literatura desde o século XII, especialmente no âmbito das ciências naturais no século XVI. No século XIX a palavra foi utilizada pela psicologia para se ligar a várias outras terminações para designar o mesmo sentido que o termo instinto. Nesse mesmo dicionário está contida a ideia de que instinto são os mais primitivos movimentos naturais.

A própria etimologia da raiz latina da palavra instinto, como apontam os dicionários *Deutsches Wörterbuch*, *Collins* e *Merriam-Webster*, é a da palavra *instiguere*, que em português significa instigar. Essa palavra está ligada ao movimento, ao fato de ser instigado a fazer uma ação em busca de algo. Esse é o sentido completo do instinto sexual, além de ser um instinto como o de preservação e fome, ele também envolve a ação de buscar satisfação por (indiferentemente se se trata de uma satisfação de propagar a espécie ou buscar o prazer) processos que não são biológicos.

A palavra instinto, dentro da teoria da sexualidade, nunca foi limitada a uma esfera ou outra. Maudsley, os tradutores de Moll, Mantegazza, Tarnowsky (os tradutores antigos no século XIX e alguns mais recentes), entre outros, usam os termos *drive* e *instinct* muitas vezes como sinônimos de *Trieb*. Nenhum desses autores, nem mesmo Kaan e Krafft-Ebing – que afirmavam não pretender fazer um estudo psicológico, mantendo suas argumentações as mais biológicas possíveis –, negavam a existência de processos mentais no instinto sexual humano, principalmente quando a ação de procurar satisfazer esse instinto estivesse em jogo.

De acordo com Simanke (2014), a palavra *Trieb*, no seu sentido mais geral de impulso, aparece no vocabulário de diversas outras correntes filosóficas e científicas que também tiveram influência sobre Freud, tais como Nietzsche e o pensamento romântico. Mais especificamente, dentro da teoria da sexualidade do século XIX, os autores usavam a palavra

Trieb para denominar instintos que envolvem processos mentais e psicológicos refinados, e os instintos em sua concepção mais darwinista, como o instinto da fome e da preservação. O termo *Trieb* pode ter uma significação biológica e está significação, quando presente, tem afinidade com os “instintos” primordiais da biologia: “Ou seja, não é verdade que, como frequentemente se argumenta dentro do campo psicanalítico, caso Freud tivesse desejado atribuir uma significação biológica a seu conceito, ele teria tido que empregar, forçosamente, a denominação alternativa ‘Instinkt’”. (Simanke, 2014, p.83)

Instintos mais básicos de homens e animais, como o instinto de preservação – com uma definição muito biológica em Darwin – são nomeados, por esses autores, (Freud inclusive, em 1915) como *Selbsterhaltungstrieb*. O mesmo *Trieb* dos homens serve para o instinto mais fundamental dos animais. Geralmente, nessa bibliografia usada para a tese o instinto de preservação nunca aparece nomeado como *drive*, mas como *instinct*.

Acredita-se aqui que Tavares foi pontual ao fazer esta afirmação:

Decidir-se de modo acríptico por uma tradução descompromissada pode fazer desse *Trieb* uma espécie de clandestino que cruza as fronteiras para o “lado” biológico ou para o psíquico-cultural, naturalizando-se em uma ou outra região. Acontece que Freud não pretendeu naturalizá-lo em qualquer território previamente definido, mas antes preservar sua característica seminal fronteira e, portanto, apartidária (Tavares, 2013, p.77).

Tomando partido, então, após a interação da grande discussão em torno do termo *Trieb* na obra freudiana, decidiu-se que o termo *pulsão* não vai aparecer na tese. *Trieb* será traduzido como instinto, tal como propõe Simanke (2014). Essa mesma tradução é usada por Paulo César de Souza nas novas edições da obra freudiana pela editora Companhia das Letras. Nos artigos em inglês, *drive* também vai ser traduzido como instinto.

O autor Dazinger (1997, p. 132), em nota de rodapé, critica a concepção de que *Trieb*, em alemão, derivaria do inglês *drive*. O equivalente a *drive* em alemão seria, de acordo com o autor, a palavra *Antreib*; e os radicais de *drive* e *Trieb* seriam muito diferentes. Foi no fim do século XIX que a palavra *Trieb* teria adquirido um sentido bem mais biológico, antes ela cumpria um papel completamente filosófico. Dazinger acredita que os tradutores em inglês da obra de Freud tinham uma missão impossível, pois a palavra *Trieb*, em sua completude de significado, não tem tradução correta na língua inglesa.

Acredita-se também que o idioma português tenha o mesmo problema. Portanto, esta tese não tem a pretensão de argumentar sobre a existência de um tipo correto da tradução, mas de apontar uma escolha que funcione melhor para esse contexto.

A palavra impulso já está sendo utilizada na tese para traduzir a concepção de Wundt sobre o tema. Então, fica descartada essa escolha para *Trieb* na obra freudiana. Então fica descartada essa escolha para *Trieb* em Freud. Freud apresenta algumas palavras que são melhores traduzidas inclusive como impulso. Elas apareceram, mas não no mesmo sentido que o *Trieb*.

O termo instinto ainda parece mais adequado para unir as duas instâncias do instinto, o próprio instink - como uma coisa inata e biológica – e o *Trieb*- como algo mais complexo que envolve a ação e a psicologia humanas, e que instiga uma pessoa para a realização de uma ação. Talvez por essa razão dois dos autores estudados aqui usavam o *Trieb* nos dois sentidos, pois a partir do termo seria possível ressaltar que a palavra seria um instinto biológico, mas também algo que impele a uma ação, envolvendo corpo, mente e vontade. Essa era a própria ideia de Darwin, que em sua obra supôs processos mentais nos instintos mais básicos.

Os autores secundários que usaram outros termos para traduzir *Trieb* ou drive – impulso e pulsão – serão referenciados usando a tradução instinto para manter o estilo escolhido para a redação da tese. Notas de rodapé serão feitas indicando a escolha de cada tradutor. Em citações diretas, serão transcritos os termos que os autores escolheram.

I- Breve Biografia de Richard von Krafft-Ebing

Richard Von Krafft-Ebing nasceu em Mannheim, Alemanha, no dia 11 de agosto de 1840 e faleceu em Graz, na Áustria, em 1902. Começou seus estudos de medicina no ano de 1853, na Universidade de Heidelberg, concluindo o curso no ano de 1863.

Em 1863 começou a trabalhar como médico no Illenau, asilo psiquiátrico alemão mais conhecido da época. Lá iniciou sua vida profissional com o cargo de doutor assistente da psiquiatria. Depois de formado, continuou por mais um período de cinco anos para exercer a medicina prática e científica no Illenau, dessa vez como doutor psiquiatra.

Krafft-Ebing saiu do emprego do Illenau em 1869 para se dedicar à neurologia e hipnose. Abriu um consultório particular em Bande. Foi descrito no relatório anual do distrito médico local como um homem ambicioso e muito instruído nas ciências, com um interesse muito grande em medicina forense, aspirando poder falar sobre isso um dia como professor em uma universidade. Em 1870 foi convocado para o exército, servindo em sua capacidade profissional com o título militar de major durante a guerra franco-alemã. Em 1872, com o fim da guerra, aceitou uma posição na Universidade alemã de Strassburg.

Dificuldades de espaço, a grande admiração de Krafft-Ebing pela cultura francesa e o fato de não concordar com as políticas altamente nacionalistas dos prussianos o fizeram deixar Strassburg em 1873 e aceitar um cargo de médico superintendente no hospital Feldhof. Esse cargo viria acompanhado da nomeação como professor de psiquiatria na Universidade de Gantz (Oosterruhis, 2000, p.112).

Em 1866 fundou seu próprio sanatório particular, o Mariagrün. Manteve-se como diretor geral até mudar-se para Viena, três anos depois. Contava com dois médicos colaboradores, Hugo Gugl e Anton Stihl, que assumiram suas funções rotineiras na ocasião da mudança.

Em 1889 passou a ocupar uma cadeira de psiquiatria na Universidade de Viena, assumindo o lugar de Max Leidesdorf. A Universidade de Viena era a única com duas cadeiras paralelas de psiquiatria, cada uma com uma ala de pacientes próprios. Krafft-Ebing assumiu a cadeira Leidesdorf, a Viena I ou primeira clínica psiquiátrica; a segunda cadeira Maynert, ou Viena II, pertenceu a Theodor Meynert até sua morte, em 1892, e estava ligada a uma ala muito menor de cerca de 40 a 70 leitos situados no hospital geral de Viena. Viena II era vista como a posição mais desejável, pois seu estatuto acadêmico superior estava intrinsecamente ligado à

disponibilidade de mais pacientes "interessantes" para fins de ensino. Devido a diferentes procedimentos de admissão, Viena I era uma ala médico-hospitalar, enquanto Viena II era um asilo psiquiátrico com rotatividade alta de pacientes e pacientes com doenças de natureza mais graves. Krafft-Ebing foi eleito primeiro para Viena I, em 1889, e três anos mais tarde passou a ocupar a cadeira em Viena II, um ano após a morte de Meynert. Antes, em 1892, Krafft-Ebing já havia sido o sucessor de Meynert como presidente da Sociedade Psiquiátrica Vienense (Hauser, 1992, p. 43).

A lista total de obras escritas por Krafft-Ebing conta com 360 títulos e está dividida de acordo com o ano de publicação. Os temas dos artigos abrangem a medicina da sexualidade, psiquiatria forense, neurologia e fisiologia. (Hauser, 1992, p. 388).

A primeira publicação atribuída a ele data de 1864 e foi sua tese de conclusão de curso: *Sensorium Delirium: Die Sinnedelirien. Eine such ihrer physio-psychologischen Begründung und klinischen Darstellun*, publicada pela editora Enke em Stuttgart, responsável pela publicação de todos os seus trabalhos em alemão. Suas últimas obras, totalizando um livro e nove artigos, foram todas publicadas no ano de sua morte, 1902.

Psychopathia Sexualis foi publicado pela primeira vez em 1886 e contou com doze edições sob a direção direta de Krafft-Ebing. A 12ª edição foi revisada por ele, mas publicada postumamente em 1903 por seus dois colaboradores, Hugo Gugl e Anton Stichel. Existiram ainda as edições póstumas, a 13ª até a décima quarta, que foram editadas, revisadas e modificadas por Alfred Fuchs. A 16ª e 17ª edições foram revisadas e modificadas por Albert Moll (Simião, 2015).

A *Psychopathia Sexualis* foi traduzida para cinco línguas estrangeiras: uma edição para o russo (1887), três para a língua italiana (1889, 1896 1952), diversas para a língua inglesa (ver lista), três para o húngaro (1894, 1908, 1926) e quatro para o francês (1895, 1931, 1958).² Das traduções em língua estrangeira, o número de traduções para o inglês é maior.

Existem poucas informações disponíveis sobre a vida pessoal de Krafft-Ebing. Ele foi casado com Louise Krafft-Ebing de 1874 até sua morte e tiveram três filhos. A partir de relatos coletados por Oosterhuis (2000) com os netos e bisnetos de Krafft-Ebing, algumas

² Existe ainda uma edição de mesmo nome em português da editora Martins Fontes lançada em 2009. É a primeira edição em português da obra. Em 1984 haveria ainda uma tradução da obra em japonês: *Shikijōkyō hen*. (N. Hōigakkai, Trad). Toquio: Nihon Hōigakkai. Essa tradução teria sido banida ainda no mesmo ano. Em 1913, a obra ganhou nova tradução: *Hentai seiyoku shinri* (K. Yoshitami, Trad) Tóquio: Dai Nihon Bunmei Kyōkai Jimusho (Angles, 2011, p. 281)

informações dão conta de que ele era um homem sério, mas muito bem-humorado e amoroso com crianças, fossem elas seus filhos, netos ou pequenos pacientes. Krafft-Ebing morreu em 1902 na Áustria.

I.I - O Instinto Sexual na teoria de Krafft-Ebing

Para Krafft-Ebing, o psiquismo dos seres deveria se fundar pela base de que toda a vida psíquica seria composta de conceitos e da ação e reação desses conceitos entre si. Todas as manifestações funcionais da vida mental, as manifestações biológicas elementares e as manifestações cerebrais complexas, encontrariam sua associação comum na autoconsciência (o ego). A consciência é composta de todos os conceitos presentes e que poderiam ser conhecidos no ego durante uma unidade de tempo. Tudo o que não estivesse imediatamente presente na consciência seria um conceito virtual latente. Todos esses conceitos surgiriam principalmente a partir das impressões sensoriais. Sensações seriam conceitos elementares e possuiriam intensidade e qualidade. A intensidade seria dependente da irritabilidade do organismo (medido pelo mínimo exato de irritação que esse organismo poderia sentir - limiar de irritabilidade); a irritabilidade seria uma quantidade variável, dependendo do estado de excitabilidade dos órgãos periféricos de sentido, os centros sensoriais do córtex cerebral (atenção, sono, estado de vigília), e a influência simultânea de outros estímulos:

A qualidade de uma sensação é dependente do tipo e da forma de circulação (número e comprimento das ondas motoras) que estão na base do estímulo. Os vários mecanismos sensoriais, em virtude de sua disposição anátomo-fisiológico, respondem sensorialmente à ondas de movimento do que se encontra dentro de certos limites definidos. (Krafft-Ebing, 1904, p. 16).

O número de sensações individuais seria infinito e, pela fusão dos preceitos das sensações individuais, preceitos ao contrário, conceitos sensoriais seriam gradualmente formados. Ao se unir uns com os outros, se separariam de sua fonte sensorial original, e seriam elaborados em geral como ideias, julgamentos e conclusões. Fundidos na consciência da unidade do corpo, eles finalmente se tornariam um complexo de conceitos (ego), que se distingue do mundo externo e de cada novo conceito formado. Todos os conceitos sensoriais passariam através da consciência sob o aspecto de tempo e espaço. Todo conceito que uma vez tivesse estado presente na consciência poderia ser reproduzido e reconhecido como idêntico ao conceito original (memória).

A reprodução desses conceitos poderia ser espontânea (excitação fisiológica), induzida diretamente por uma impressão sensorial (apercepção) ou induzida indiretamente pelos processos de associação, na forma de uma percepção. O conceito poderia ser reproduzido idêntico ao original, ou de uma maneira alterada. Essa alteração do conceito sensorial formaria os conceitos imaginários. A imaginação seria por sua vez, a coleção desses conceitos. A imaginação nunca criaria nada de absolutamente novo na vida psíquica, poderia apenas fornecer uma nova combinação do velho. A atividade formativa da imaginação seria parcialmente involuntária e parcialmente afetada pela vontade.

Os conceitos (ideias) concretos seriam sempre acompanhados por certos movimentos psíquicos: os sentimentos. A coloração que os sentimentos imporiam às ideias seria um fato atribuído à faculdade afetiva. A natureza da coloração se dividiria principalmente em prazer e desprazer, e seria dependente, em parte, o conteúdo da ideia concreta e sua intensidade e duração, pois estímulos que em si mesmo seriam agradáveis causariam sentimentos desagradáveis quando demasiados fortes ou quando permanecessem por longos períodos. Não menos importante que o conteúdo das ideias para a produção de sentimentos seria a natureza e o modo do processo formal de pensamento. Um pensamento retardado ou inibido (incapacidade de compreender ou se lembrar de um fato) induziria a sensação animada de desagrado. O mesmo mecanismo seria presumível perante de falha de mudança de ideias (depressão e melancolia). Por outro lado, facilidade na concepção de ideias (encontrar a solução de um problema, a lembrança de um nome que havia sido esquecida) e mudança rápida de ideias (desvios, mania, etc), induziriam emoções prazerosas. O estado resultante representado por todas as emoções de uma vez presente na consciência constituiria o estado de espírito. Esse estado seria condicionado pelo conteúdo das ideias concretas, pela natureza e modo do processo formal de pensamento e pelo estado de sentimento geral. Um grau mais alto de reação emocional à ideia que convulsiona consciência seria chamado de afeto.

Na produção dos afetos, as modalidades formais de atividade do processo de representações desempenham um papel importante. Os afetos mais violentos seriam produzidos pela atividade perturbada ou facilitada de ideias (as ideias imperativas). O afeto seria especialmente violento quando uma ideia, através de sua união com um sentimento forte, induzisse impulso para agir, e este estado de tensão não encontraria alívio imediato em ação. Em seguida, o resultado dessa falta de alívio imediato produziria emoções de fúria e descontentamento. Uma súbita remoção de tensão (por meio da satisfação do impulso de agir) induziria um afeto agradável.

O afeto reagiria sobre a circulação, tónus muscular e sobre as funções vegetativas. O afeto acompanharia as mudanças dessas funções. Isso seria uma regra que poderia designar tanto os afetos do estado saudável, quanto os afetos dos estados afetivos do insano (melancolia, mania).

Uma forma especialmente importante em que as emoções e afetos poderiam ocorrer seria sobre a forma da ética. Sentimentos morais (sentimentos) referem-se exclusivamente à personalidade, seja o eu (egoísmo) ou o outro (a simpatia). Os sentimentos morais surgiriam de ideias que afetassem o núcleo mais íntimo da personalidade: o conjunto de ideias que formam a autoconsciência. O sentimento de simpatia representaria um grau mais elevado de desenvolvimento de sentimentos egoístas. Consistiria na transferência do sentimento egoísta próprio de cada ser humano para outra personalidade. Em seus níveis mais baixos de desenvolvimento, a simpatia seria limitada em sua manifestação ao sentimento de parentesco. Em sua forma mais elevada, o sentimento de simpatia abraçaria toda a humanidade. A ascendência do sentimento altruísta sobre o egoísmo seria o objeto visado no cultivo do indivíduo e da raça. A maior satisfação do sentimento egoísta surgiria a partir da realização desta final, que seria o objeto de todos os preceitos morais. Após o reconhecimento subjetivo desta consciência depende; sobre o objetivo, a moralidade. A moralidade tornar-se-ia, então, uma lei quando declarados pela humanidade (sociedade, estado) para ser um preceito obrigatório, e sua obediência seria transformada em um dever do indivíduo. Os sentimentos éticos assim como os afetos, em geral, seriam essencialmente manifestos de duas formas: prazerosas (autoestima, respeito, simpatia na felicidade do outro) e dolorosas (autodesprezo, desdém, pena) (Krafft-Ebing, 1904, p. 19).

Neste ponto, o dos sentimentos morais do ser humano e de como o ser humano passa a dever obediência a eles, residiria, para Krafft-Ebing, a real importância do estudo da sexualidade.

Dentre todas as suas obras é na mais importante reconhecida delas – a *Psychopathia Sexualis* – que ele articula uma nova perspectiva para o estudo da sexualidade em geral. A mudança do ponto de vista psiquiátrico lançada por Krafft-Ebing considera a perversão sexual uma manifestação desviante da forma mais geral do instinto sexual.

Na primeira parte da *Psychopathia Sexualis* são introduzidas diversas ideias sobre a conceituação do instinto sexual e de suas funções; a diferença entre o amor verdadeiro e os outros tipos de amor de curta duração; as manifestações da sexualidade ao longo das mudanças ocorridas nas civilizações; e as contribuições sociais de ordem moral, entre outras. Alguns

autores são apresentados como fontes ou referências, mas muito do que pode ser lido nessa parte, quando comparada a outras da mesma obra, parece conter muito mais de impressões pessoais a partir do trabalho psiquiátrico de Krafft-Ebing do que da pretendida objetividade médica. Por essa razão, essa parte inicial do texto apresenta características peculiares, pois parece se aproximar muito mais de um dos ensaios filosóficos que o autor critica do que de um texto impessoal e científico, o qual, por sua vez, parece estar perfeitamente ilustrado nas seções posteriores, sobretudo as que tratam das patologias gerais da sexualidade.

A partir do prefácio da *Psychopathia Sexualis* Krafft-Ebing deixou clara a tendência seguida ao longo de sua obra: validar a medicina, mais especificamente a psiquiatria, como a disciplina da ciência que deveria estudar a sexualidade humana.

O autor começa criticando a filosofia, pelo tratamento muito subordinado a outros temas da sexualidade e direciona suas críticas para os filósofos Edward Von Hartmann e Schopenhauer.

Curiosamente, uma crítica parecida estava contida na própria teoria de Schopenhauer (2001), que achava estranho que o amor ainda fosse assunto exclusivo para os poetas, ao passo que, para filosofia, seria ainda tratado de maneira tão superficial quanto o fora antes por Kant, Rousseau ou Platão. Schopenhauer acreditava que o amor tinha uma importância digna de apreciação e boa parte de algumas de suas obras se debruçam sobre o tema. Para ele, muitos poetas faziam do amor o tema preferencial de seus trabalhos. Se os poetas deram tanto crédito ao amor, isso seria devido à força da importância natural do tema, pois só o que seria manifestação da verdade mereceria crédito, e a poesia não seria uma verdadeira arte – como ele considera que ela seja – se não falasse a verdade. Homens que vivem e sofrem o cotidiano seriam levados pelo sentimento do amor, chegando a ultrapassar os limites do razoável, aceitável e racional, demonstrando que a força da paixão merecia um grande destaque.

O filósofo Edward Von Hartmann, por sua vez, tomava como ponto de partida as ideias de Schopenhauer para afirmar que não haveria coisa alguma na consciência capaz de explicar o curso do desejo nas uniões de amor. Algum componente inconsciente seria o responsável pela força desse sentimento metafísico:

Somente quando esse único e exclusivo objetivo ainda não entrou na consciência, o amor é um processo perfeitamente saudável, um processo sem contradição interna; somente aqueles que o sentem possuem essa inocência que por si só lhes confere verdadeira nobreza e charme. Quando a relação sexual é reconhecida pela consciência de modo a ter como o único objetivo a extravagância do sentimento de amor, o amor, como tal, deixa de ser um processo saudável, pois, a partir desse momento, a consciência também percebe o absurdo da vastidão desse impulso e a falta de proporção em significados e em finalidades com relação ao indivíduo. O sentimento

agora é o da paixão, com a certeza de fazer qualquer coisa, por mais estúpida que seja – uma desconfortável sensação de que ele jamais será completamente livre dessa sensação, bem como do próprio egoísmo (Hartmman, 1893, p.132).

Ao analisar a obra da *Psychopathia Sexualis* como um todo, muitas vezes,, mas com menos frequência do que com relação a Schopenhauer, as ideias de Krafft-Ebing são parecidas com as de Von Hartmman, como será apontado neste trabalho posteriormente. Os únicos autores isentos das críticas de Krafft-Ebing são Paolo Mantegazza e Jules Michelet, consideradas por Krafft-Ebing como brilhantes, mas que, apesar da boa apresentação e solidez das ideias discutidas, não constituiriam trabalhos científicos –, o texto continua afirmando que a metafísica e a psicologia empírica da sexualidade teriam bases científicas quase pueris.

Uma vez que os filósofos não seriam de grande ajuda para falar sobre o que precisaria ser dito sobre o amor – e os poetas, mesmo podendo ser melhores psicólogos e filósofos do que os próprios psicólogos e filósofos, por serem homens de sentimento, “não podem ver a profunda sombra por trás da luz e calor do sol, a partir da qual extraem sua inspiração” (Krafft-Ebing, 1892, p.iv) –, restaria para a ciência tentar tomar as rédeas da dura tarefa de dizer algo de importância sobre a sexualidade.

Dentre as críticas que Krafft-Ebing fez em seu prefácio, percebe-se como ele ligava diretamente a poderosa influência que a sexualidade tem na vida humana, principalmente pela grande frequência dos casos de sexualidade anormal na esfera forense. Essa sexualidade anormal constitui o alvo principal de seu trabalho. Isso explica as duras palavras contra a filosofia, contra as artes e a psicologia da época, que se preocupavam com os sentidos figurados do amor e não com as questões da sexualidade que apareciam nos tribunais. Baseado nesse tipo de argumento, a psicopatologia sexual – e unicamente ela – cumpriria de imediato o papel pretendido por Krafft-Ebing, a saber, o de abordar as manifestações que poderiam contribuir para uma verdadeira psicologia da sexualidade, pois seriam os instintos sexuais que importariam mais para as questões das cortes de justiça.

Por essa visão que encara as diversas degenerações sexuais como principal ferramenta para o estudo da sexualidade, Krafft-Ebing recebeu críticas pela centralização da sexualidade na faceta “adoecida” dela. Durante a pesquisa para finalizar essa tese, nenhuma crítica expressiva foi encontrada, salvo a de Iwan Bloch (1907). Para Bloch (1909), as manifestações da degeneração dos comportamentos sexuais jamais poderiam ser usadas como instrumento para a investigação e reconhecimento das anormalidades sexuais, pois essas degenerações não seriam mais que um fator que favoreceria a difusão das patologias sexuais,

que aumentariam a frequência do aparecimento das mesmas, mas não seriam a causa principal para os comportamentos sexuais anormais. A causa final de todas as perversões sexuais seria a necessidade de uma peculiar variedade nas relações sexuais, por estas serem um fenômeno fisiológico do gênero humano. O aumento do grau de um apetite sexual irritável causado por esse fenômeno fisiológico seria capaz de produzir as mais graves perversões sexuais:

Em contraste com isso, a “degeneração” ou as doenças sexuais desempenham apenas um papel secundário, e podem ser invocadas apenas para a explicação de um pequeno número de aberrações sexuais; no máximo, para aqueles que vêm ao conhecimento dos médicos por conta de condições patológicas ou em foro judicial. Na verdade, a maioria dos casos de perversões sexuais que chegam aos médicos com relação à clínica ou na atmosfera forense é patológica, mas estes constituem apenas uma minoria geral dos casos. A grande maioria dos casos não vem dentro do âmbito da degenerescência (Bloch 1909, p. 464-465).

Krafft-Ebing, portanto, ao longo de todo o prefácio, coloca-se pessoalmente como um médico dedicado ao estudo da anormalidade sexual e reclama para si a posição de detentor legítimo dos direitos à investigação científica da vida sexual. Dentro do que lhe fosse possível contribuir, pretende que a *Psychopathia Sexualis* seja dirigida aos investigadores zelosos do campo da jurisprudência e das ciências naturais. Observa que, para evitar que qualquer pessoa não qualificada se tornasse um leitor, o título e algumas passagens mais revoltantes da obra seriam escritos de forma erudita, em latim, enquanto outras partes utilizariam os termos técnicos clínicos.

A sua expectativa do autor era a de que a obra recebesse uma boa aceitação por parte de seu público alvo e preenchesse um hiato literário sobre as manifestações sexuais, cobrindo áreas do estudo da sexualidade que nem Moreau³, nem Tarnowsky⁴, estudos que Krafft-Ebing destaca como os melhores da época sobre a sexualidade, teriam conseguido.

³Moreau de Tours (1804–1884) foi um médico psiquiatra francês. Sua obra *La psychologie morbide dans ses rapports avec La philosophie de l'histoire, ou de l'influence des neuropathies sur Le dynamisme intellectuel* (1850) planeja tratar das questões da psicopatologia, cujas manifestações seriam entendidas como uma degeneração psíquica hereditária, ou seja, como uma herança mórbida: “Não pretendemos tratar a questão de modo geral; nossa tarefa tem seus limites e não irá além do estudo de certos estados de alma sobre os quais só tivemos até então noções falsas e essencialmente errôneas. O caminho pelo qual convidamos o leitor a nos seguir nos conduzirá, assim o esperamos pelo menos, a uma apreciação rigorosa e precisa desses fenômenos” (Moreau, 1850, p.2).

⁴Benjamin Tarnowsky (1837-1906) foi um sexólogo russo. A tradução de sua obra para a língua inglesa foi realizada por ele mesmo. Como ele escreve no prefácio da tradução inglesa *The Sexual Instinct and Its Morbid Manifestation* (1893), seus estudos sistemáticos publicados sobre a perversão sexual começaram em 1885, e um grande número de trabalhos de outros autores que se seguiram o deixou contente, por demonstrar que muitas de suas ideias estariam sendo corroboradas por seus colegas de profissão por toda a Europa. Seu interesse principal seria estudar as causas das perversões sexuais. Essas causas ultrapassariam a influência da depravação e do excesso licencioso: “posso dizer principalmente, que examino essas causas como relacionadas com uma condição mórbida do organismo, seja congênita ou adquirida” (Tarnowsky, 1893, p. vii).

Na primeira seção de seu capítulo teórico, que segue imediatamente ao prefácio, Krafft-Ebing discorre sobre o que ele chama de “Psicologia da Vida Sexual”, apesar de enfatizar que a teorização sobre a psicologia da sexualidade não é seu objetivo principal.

Para iniciar sua obra, Krafft-Ebing apresentou a concepção de instinto sexual que se popularizou no século XIX para os estudos da sexologia a partir da *Psychopathia Sexualis* de Kaan. Kaan (1844, p. 34) argumentava que para cada função – as que necessitariam da ajuda do contato com fatores exteriores às próprias funções corporais para acontecer – do organismo humano, existiria um sentido interno que faria com que o homem se tornasse consciente do estado vital de cada órgão. Os exemplos primordiais desses tipos de instintos seriam a fome e a sonolência. A função de procriação faria parte das funções que necessitam de fatores externos. Dessa maneira, também a função de procriação gozaria de um instinto particular, que tornaria o homem consciente do estado de seus órgãos genitais e o estimularia a satisfazer este instinto. Seu instinto próprio seria chamado de instinto sexual. Em todo o reino animal o instinto sexual seria o instinto que levaria à copula e pela sua satisfação as espécies seriam mantidas na natureza.

O instinto sexual, então, seria um instinto que dominaria sobre toda a vida do sujeito, tanto em seu aspecto psíquico quanto o aspecto físico, e imprimiria sua marca a todos os órgãos e sintomas. Começaria em certa idade (puberdade) e terminaria em certa idade.⁵ Esse instinto poderia ser reconhecido em todo o reino animal, mas só poderia ser demonstrado em seres animados nos quais existiria certa polaridade e diferenciação, não só do aparato sexual, mas de toda a configuração do organismo. Com efeito, tais animais estariam acostumados aos órgãos duplos e sentidos harmônicos, com uma procura recíproca por companhia e pela vida em um estado de associação mais elevado. O instinto sexual poderia ser demonstrado somente nesses animais, porque somente neles nasceriam os sentimentos de simpatia e de antipatia, ou mais precisamente, o amor físico e o ódio. Esses dois sentimentos seriam as bases do surgimento da atração mútua, fator necessário para que haja cópula. As espécies de animais capazes de apresentar o instinto sexual seriam os mais avançados nos estágios de evolução. Já nas espécies de animais que careceriam de simetria, o instinto, com efeito, poderia ser suposto, mas sempre sem sinais concretos que provariam sua presença. Nota-se claramente que para Kaan o instinto sexual seria uma faculdade que demandaria muito mais do que uma simples necessidade

⁵ Como aponta o próprio texto de Kaan, esses instintos em alemão seriam traduzidos como Geschlechtstrieb e Begattungstrieb. A primeira é propriamente impulso sexual. A segunda é impulso de acasalamento, mas na obra os dois são usados algumas vezes como sinônimos.

fisiológica (ou a faculdade de procriar), talvez por isso fosse demonstrado somente em espécies mais evoluídas, mesmo que outras espécies fossem capazes de copular ou de procriar. O instinto sexual humano, na visão de Kaan, para se manifestar, exigiria o mínimo de manifestações psicológicas (psicológicas aqui usadas no mesmo sentido que Krafft-Ebing as emprega, como capacidades de emoções e sentimentos) da espécie e sempre estaria apontando para um sentido de convívio e de laço entre os seres.⁶

Partindo dessa ideia, Krafft-Ebing apresenta uma definição muito mais enxuta que as apresentadas anteriormente: a propagação da espécie humana, segundo ele, seria o resultado da ação de um instinto inato e natural, que necessitaria de satisfação, tornando, quanto a esse aspecto, o homem equivalente ao animal.

A diferença da espécie humana para as outras era que somente ela teria a capacidade de alcançar um nível superior do que aquele em que os animais estariam na medida em que poderia ultrapassar o servilismo aos impulsos sensuais e fazer da sexualidade uma força maior de manutenção da sua condição social e cultural. O instinto sexual seria, assim, a base do sentimento social, da poesia, artes, religião e outros. Mas, mesmo quando ultrapassado enquanto vício, sua função primordial manteria sempre a mesma função sexual que a dos animais: levar o homem à copula visando exclusivamente à propagação da espécie, por isso teria como alvo o par do sexo oposto.

Essa última afirmação é de extrema importância, pois a partir dela toda a obra de Krafft-Ebing será estruturada a partir dessa ideia de finalidade e alvo do instinto sexual. Ao contrário dos dois autores que serão estudados posteriormente, Krafft-Ebing não admitia como normal nenhuma outra finalidade para o instinto sexual. Ele considerava alguns outros momentos da vida sexual como possíveis, como por exemplo, sexo com diversas pessoas fora do casamento, mas todas seriam facetas menos evoluídas da vida sexual. O único momento em que a sexualidade ainda seria ideal fora da propagação da espécie seria o sexo com a pessoa amada, pois mesmo que a atividade não visasse ter filhos, a natureza ainda estaria sendo respeitada por se tratar de uma configuração que eventualmente facilitaria a propagação da espécie. Krafft-Ebing não trabalhava abertamente com o conceito de objeto sexual em sua teoria. O único objeto sexual ideal seria o par do sexo oposto. Outros objetos no lugar do par

⁶ Apesar de não escrever claramente como Maudsley, Moll e posteriormente Freud, nesse pensamento apresentando por Kaan encontram-se as ideias germinais que consideram o instinto sexual como o instinto que funciona como pilar para todas as interações e produções sociais. Ideia essa a qual, como será visto a seguir, Krafft-Ebing irá se remeter.

do sexo oposto só seriam possíveis em casos de perversões ou perversidades sexuais. A sexualidade seria um instinto extremamente poderoso, tais como o próprio instinto de preservação e suas ações poderiam aparecer em todas as áreas da vida do sujeito.

Como o próprio Krafft-Ebing reconheceu, essa ideia da sexualidade como fundadora de outras relações sociais não era uma ideia nova e já havia aparecido em outros autores, entre os quais aqueles anteriormente citados no prefácio.

Posteriormente à sua publicação, essa ideia inicial da *Psychopathia Sexualis* continua muito similar às ideias de outros pensadores. A noção psicanalítica da sublimação, que Freud apresenta (1979), segue exatamente o mesmo centro argumentativo. De acordo com a teoria freudiana, quando o instinto sexual fosse sublimado, isso significaria que a pulsão sexual abandonaria seus objetos originais de natureza diretamente sexual e, na sequência, seria direcionada para objetos não sexuais socialmente valorizados. As atividades psíquicas superiores – científicas e ideológicas, por exemplo, tornar-se-iam assim possíveis.

Outra ideia semelhante aparece também no texto de Iwan Bloch, indicado como o segundo fator importante a ser considerado na gênese das anomalias sexuais. O instinto sexual revelaria uma facilidade de ser afetado por influências externas. A inclusão associativa de estímulos externos múltiplos na própria percepção sexual (*synaesthetie estimulli*) apareceria constantemente na vida amorosa da humanidade. Desta forma, em relação com a sexualidade, seriam desenvolvidas gradualmente todas as características da arte, religião, moda, etc. Essas relações ofereceriam, em conjunto com as impressões sensoriais e as associações imaginativas psíquicas e físicas que acompanham o ato sexual, um material extremamente rico para as múltiplas realizações; por outro lado, porém, criariam a necessidade da variação sexual, das quais poderiam surgir as degenerações sexuais.

Essa ideia, como demonstram os textos de Freud e Bloch, continuou a contar com larga adesão entre sexólogos e médicos. Essa adesão sugere que, entre os estudos contemporâneos a Krafft-Ebing e os que seguiram pouco depois, a sexualidade – mesmo que, como diz a crítica que Krafft-Ebing apresentou em seu prefácio, não tivesse sido bem explorada – pelo menos tinha a sua importância reconhecida como instinto primordial da vida humana.

Continuando sua argumentação, Krafft-Ebing apontou que, a partir da superação do instinto sexual enquanto vício – isto é, como uma força inata que dá origem a uma forma compulsiva de comportamento –, a satisfação egoísta dos impulsos seria limitada e sentimentos altruístas nasceriam e poderiam se estender, em última instância, a toda humanidade.

Concomitantemente, o homem desenvolveria a necessidade da manutenção de um lar e da aquisição de bens materiais.

Por outro lado, a sexualidade, caso seu aspecto compulsivo não fosse controlado, poderia levar ao nascimento de vícios grotescos e à aniquilação de bens e virtudes até então acumuladas. Nesse contexto, traçar as fases pelas quais a sexualidade passou durante desenvolvimento social e moral da civilização teria uma elevada importância para a psicologia da sexualidade, pois poderia esclarecer o processo pelo qual a superação do caráter inicialmente compulsivo da sexualidade foi alcançada.

Comparando novamente os humanos aos animais, o texto se refere aos selvagens, habitantes dos países da Oceania – que estavam começando a ser explorados pelos europeus na época – para afirmar que o ato sexual, em sua forma primitiva de manifestação, não seria coibido nessas culturas, ou seja, homens e mulheres não sentiriam vergonha da sua nudez, nem de obter sua satisfação sexual na presença de terceiros. Em sociedades primitivas, as mulheres mais belas seriam propriedade do mais forte do bando. Com esse pensamento Krafft-Ebing acabou criando o que pode ser considerada uma forma de seleção sexual, num sentido bastante próximo ao darwinista, em sua visão da sexualidade⁷.

A primeira etapa, o primitivismo sexual dos povos não civilizados, seria o chamado nomadismo sexual⁸, encontrado entre os aborígenes. Nas sociedades primitivas, as mulheres seriam utilizadas indiscriminadamente como moedas de troca entre clãs e tribos ou para a diversão sexual. Krafft-Ebing embasa essa afirmação a partir do estudo de Westermarck sobre a história do casamento na civilização humana. Nesse estudo, a ideia da infidelidade permitida entre os povos primitivos é discutida junto com a crítica sobre as hipóteses da promiscuidade

⁷ Na obra *Descent of Man and Selection in Relation to Sex* (1871) Darwin discute abertamente essa questão em sua obra publicada, dedicando toda a segunda parte do livro para tratar desse tipo diferenciado de seleção entre as espécies: “A seleção sexual depende das vantagens que certos indivíduos têm sobre os outros indivíduos do mesmo sexo, em relação exclusiva à reprodução” (Darwin, 1871, p.248). A seleção sexual que resulta dessas vantagens aconteceria por dois tipos de mecanismos distintos: 1) entre indivíduos do mesmo sexo, geralmente os machos, a fim de afugentar ou matar seus rivais enquanto as fêmeas permanecem passivas; 2) quando os indivíduos pretendessem exercer seu encanto pessoal sobre os indivíduos do sexo oposto. Nesse caso, em geral, as fêmeas já não permaneceriam tão passivas e tenderiam a selecionar os parceiros machos mais agradáveis. Este último tipo de seleção seria análogo às produções domésticas do homem (seleção artificial), quando se preserva durante um longo período o indivíduo mais agradável ou atraente, mesmo sem qualquer desejo deliberado de modificar a raça.

⁸ O nomadismo sexual seria o mesmo que a pantogamia: Modo reprodutivo em que a individualidade não desempenha nenhum papel no coito sexual, o macho e a fêmea acasalam indiscriminadamente com todos do sexo oposto a eles, desde que a necessidade apareça (Nyst, 1845, p.615). Como na literatura consultada pantogamia se refere primordialmente ao comportamento de nomadismo sexual em animais e Krafft-Ebing não opta por nenhum termo específico, o comportamento de coito indiscriminado com vários parceiros sexuais na espécie humana será chamado neste trabalho apenas de nomadismo sexual.

nas relações humanas, pois o comportamento infiel dos aborígenes seria uma das raízes evolutivas para o comportamento promíscuo entre os seres humanos civilizados: “Entre os aborígenes das partes norte e central da Austrália, há mulheres que terminarão totalmente como objetos da lascívia comum” (Westermarck 1894, p. 72). O texto aponta ainda que fazia parte da cultura dos povos selvagens da Líbia e de seus ritos matrimoniais ceder sexualmente esposa recém-casada a todos os convidados do casamento antes que a noiva e o noivo pudessem coabitar na noite de núpcias. Outros exemplos são fornecidos:

Garcilaso de la Vega afirma que, na província de Manta, no Peru, nos casamentos: “A noiva deve primeiro ceder sexualmente para os parentes e amigos do noivo. Nas Ilhas Baleares, de acordo com Diodoro da Sicília, a noiva por uma noite é considerada a propriedade comum de todos os convidados; depois dessa noite ela pertenceria exclusivamente ao marido” (Westermarck 1894, p. 75).

Vários outros exemplos sobre nomadismo sexual podem ser retirados do estudo de Westermarck. O texto afirma que, de acordo com a ideia de hospitalidade entre os selvagens, não seria somente a esposa a ser oferecida, mas sim todas as mulheres que constituíssem a família, pois algumas tribos teriam por costumes emprestar, além da esposa, as filhas, sobrinhas e netas como entretenimento sexual para os visitantes masculinos.

O início da segunda etapa, a moralidade na vida sexual, começaria quando esses comportamentos relativos ao nomadismo sexual feminino e a satisfação sexual liberal começassem a ceder aos valores moralistas. Essa passagem entre esses dois tipos de comportamentos ocorreria em duas etapas distintas: a primeira etapa, a partir do momento em que a manifestação e satisfação das necessidades sexuais na presença de outras pessoas passassem a inspirar uma sensação de vergonha nos seres humanos. Essa sensação de vergonha, aliada ao recato constituiria o sentimento de moralidade sexual que seria instaurado na civilização. A partir do advento da moralidade, entre outras coisas, surgiria a necessidade de cobrir os genitais com vestimentas. A segunda etapa marcaria o desenvolvimento das fases da sexualidade apresentado por Krafft-Ebing e aconteceria quando a mulher deixasse de ser uma propriedade móvel dos machos primitivos e, mesmo que numa posição inferior ao homem, passasse a ser considerada como uma pessoa e objeto a ser cortejado, podendo escolher a quem direcionar seus afetos e favores sexuais, constituindo-se assim as condições para uma sociedade monogâmica.

Outros estudiosos contemporâneos apresentavam ideias bastante similares às de Krafft-Ebing sobre o sentimento de vergonha nos seres humanos e seu papel no

desenvolvimento do comportamento sexual. Von Hartmann (1893) apresenta a vergonha como um instinto de aversão, presente na mente humana e constituindo, portanto, uma característica natural inerente à espécie humana. Essa característica seria mais pronunciada no sexo feminino; daí, a natureza sexualmente defensiva das mulheres. A vergonha seria um fator determinante tanto para a vida humana civilizada quanto para a selvagem:

Juntamente com as formas de cio não periódicas, a vergonha seria a razão da elevação das relações sexuais humanas em comparação com as dos animais. A civilização exige uma maior demanda desse instinto de aversão, mas já encontramos [a vergonha] entre tribos selvagens. Certamente, no caso dos selvagens, limitada ao ponto principal, ao passo que a civilização atrai para seu âmbito o que quer possua algum tipo de ligação com as relações sexuais (Hartmann, 1893, p. 336).

Havelock Ellis, como aponta Albert Moll (1909), distingue fatores biológicos e fatores sociais no sentimento de vergonha. Um fator de natureza especificamente sexual seria o elemento mais simples e mais primitivo no sentimento de vergonha. Este se apresentaria como um sentimento mais fortemente desenvolvido na mulher do que no homem; originalmente, de fato, teria sido peculiar ao sexo feminino e representaria a expressão do esforço biológico para proteger os órgãos genitais contra a abordagem indesejada do sexo masculino. Nesta forma, pode-se observar o sentimento de vergonha em outros animais: “O sentimento de vergonha sexual da fêmea, declara Havelock Ellis, está enraizado na periodicidade sexual do sexo feminino em geral e é uma expressão involuntária orgânica do fato de que o momento não é o tempo para o amor” (Moll, 1909, p. 128).

Krafft-Ebing não se deteve a explicar claramente de que maneira e por quais razões o sentimento de moralidade sexual apareceria nos seres humanos. Na verdade, o sentimento de vergonha, para a maioria dos estudiosos do século XIX, seria completamente inato ao ser humano, e apareceria espontaneamente com o processo de evolução como uma característica evolutiva. Kaan acreditava que o sentimento de vergonha (ou pudor) surgiria ao mesmo tempo em que apareceria a primeira significação da vida sexual: “[o pudor] insigne e próprio do homem. Ele não deve sua origem nem à educação nem ao convívio do ser humano, e pode ser observado tanto no homem rude, quanto no refinado, no homem camponês, no urbano, em homens de tipos mais diversos” (1844, p. 38).

Partindo-se de uma referência que Krafft-Ebing faz anteriormente a Henry Maudsley, a respeito de a sexualidade ser a raiz do sentimento social, pode-se tentar esclarecer o argumento desse aparecimento a partir da ideia de Maudsley. Dos autores mais conhecidos e citados por colegas na segunda metade do século XIX, Maudsley apresentou o argumento mais

detalhado sobre porque o sentimento de pudor aparece e como civilização evolui a partir do instinto sexual. De acordo com esse argumento, os cérebros do humano civilizado e do humano selvagem seriam diferentes. O cérebro do homem civilizado teria aflorado a capacidade de sentimentos elevados de moral, justiça, misericórdia e amor. A única maneira de um selvagem conseguir atingir a capacidade cerebral para ideias e sentimentos pertencentes ao homem altamente civilizado seria passando por um processo gradual de humanização continuado e cultivado ao longo do tempo. Depois de passar por esse processo, os seres selvagens poderiam constituir uma civilização, pois teriam atingido a moralidade. A raiz do sentimento moral deveria ser procurada no sentimento de procriação. Mesmo que a satisfação do instinto de procriar produzisse uma grande satisfação pessoal relacionada à consumação do ato sexual e mesmo que essa satisfação constituísse a motivação natural principal para manter relações sexuais, o ato não seria completamente egoísta, pois o indivíduo, animado pela gratificação corporal, daria um pouco de si mesmo para perpetuar a espécie e garantir a continuação de seus semelhantes:

(...) a gratificação como consequência do ato sexual não é para beneficiar o indivíduo, mas para seduzi-lo a consumir o instinto através dessa autogratificação e, assim, dar continuidade à espécie; não é um instinto apropriador, mas distribuidor e, por assim dizer, não é egoísta, mas altruísta (Maudsley, 1877, p. 398).

A própria natureza humana, dividida em dois gêneros sexuais distintos, faria com que a satisfação do ato sexual em si, que necessita de proximidade e de contato corporal com o outro, também assinalasse um avanço social. Como consequência da satisfação do instinto de propagação, surgiriam os sentimentos maternos e paternos que, mesmo quando em menor escala, levariam o ser humano a dedicar-se à proteção e satisfação de outra pessoa. O egoísmo individual evoluiria para o egoísmo familiar e depois para a noção de participação social:

Agora, o sentimento de família, como Comte apontou, é a base do sentimento social; o homem deixa de ser regido inteiramente pelos instintos pessoais para começar a obedecer a um ambiente e depois a uma ordem externa formada por outros indivíduos. Sendo assim, o homem começa a estar sujeito à disciplina social para adquirir um sentimento social ou moral (Maudsley 1877, p. 399).

Dessa maneira, a partir do egoísmo dedicado à família e com o avanço da disciplina social, os sentimentos sexuais seriam, por consequência, dedicados unicamente ao cônjuge que possibilitou o laço familiar. Assim, a realização do ato sexual ficaria subordinada à moralidade social: realizar o ato sexual e dedicar seus afetos a um único par e à prole resultante dessa união.

Moll (1909) acreditava que o sentimento de vergonha poderia ser dependente, em maior escala, de uma disposição inata, como demonstrariam algumas ocorrências em animais: as fêmeas de muitas espécies de animais teriam comportamentos análogos aos de vergonha sexual; machos e fêmeas (principalmente cachorros e gatos) apresentariam um comportamento análogo para com os produtos de seus processos fisiológicos. Esse comportamento levaria ao ato de enterrar seus excrementos em um lugar escondido dos outros animais. Por outro lado, alguns comportamentos da raça humana – como o de uma menina que, depois de crescida, começa a sentir embaraço por ter que ficar despida na frente de seus cuidadores – indicariam que o sentimento de vergonha pode ser adquirido ou, pelo menos, desenvolvido ao longo do tempo.

Para Moll, como conclusão, seria possível dizer que, junto ao sentimento de nojo, o sentimento de vergonha seria inato nos seres humanos, assim como a associação de processos corporais específicos com os estados mentais correspondentes: por exemplo, o ato de corar, que seria a reação corporal imediata para expressar o sentimento de vergonha. O único ponto em dúvida seria o da medida em que a tendência de experimentar estes sentimentos como resultado de certos estímulos específicos seria inata ou adquirida. O sentimento de vergonha seria mantido na sociedade principalmente pela imitação e pela sensação de rejeição de fazer algo que o corpo social desaprova. Esse sentimento começaria a ser expresso na infância em relação a determinados processos que seriam despertados por meio de imitação do comportamento dos adultos que fazem parte da esfera social da criança e pela educação dada; seria, assim, um processo físico intimamente ligado à moral e aos costumes. Toda vez que o sujeito se deparasse com situações que fugissem aos padrões do que seria considerado moral pelos outros membros de seu ambiente social ou em ocasiões nas quais suas ações entrassem em conflito com os costumes aceitos socialmente, a sensação de vergonha seria lembrada pelo sujeito: “o sentimento de vergonha, que é associado com grande desconforto, é uma salvaguarda contra a imoralidade e contra as violações do costume” (Moll, 1909, p. 250).

Partindo da conceituação apresentada na abertura da obra de Krafft-Ebing e dos argumentos de Maudsley e Moll, esse sentimento de moralidade pode ser entendido com mais clareza, no contexto da *Psychopathia Sexualis*, se for pensado como uma ocorrência natural da evolução dos seres humanos, uma vez que aparece em sociedades com configurações históricas distintas, sendo diferenciado apenas pelo momento temporal em que ocorre. Em todos os casos, ele advém de um sentimento [sexual] que, por si só, é natural à espécie humana.

De qualquer maneira, a manutenção de um comportamento sexual primitivo parece estar ligada diretamente à facilidade de atingir o alvo sexual que a exposição e apreciação de corpos humanos nus possibilitam, uma vez que Krafft-Ebing argumenta que os países do hemisfério norte teriam uma vantagem cultural natural em relação às nações sulistas, no que tange à capacidade de atingir a moralidade e desenvolver o sentimento de vergonha, devido ao clima mais frio, que levaria à necessidade de cobrir o corpo.

Partindo desse argumento, a única conclusão possível a ser formulada sobre os momentos de transição para o desenvolvimento da moralidade sexual é a de que o momento do fim do nomadismo sexual, a segunda etapa da seleção sexual seria posterior e dependente do aparecimento do sentimento de vergonha, pois, somente com a sensação de vergonha presente, os indivíduos masculinos entenderiam a mulher como parte de um laço social e familiar a ser preservado, protegido e mantido.

Krafft-Ebing propõe a ideia de que o instinto sexual com o aparecimento do sentimento moral próprio da sexualidade civilizada tornar-se-ia intelectualizado. Essa corresponde à terceira etapa da seleção de Krafft-Ebing. Isso causaria uma mudança no funcionamento da escolha de parceiros, pois as pessoas do sexo oposto sentiriam atração mútua que excederia as características físicas que mais as agradassem. Agora os seres humanos também ficariam atraídos pelas características mentais, sendo que o amor seria direcionado apenas para um sujeito.

Com essa intelectualização do instinto, a partir do momento em que a mulher percebesse que seus encantos deveriam ser dedicados a um único homem, surgiriam os sentimentos de humildade, fidelidade e castidade. Simultaneamente, a fêmea ascenderia socialmente, uma vez que o homem, ao abandonar a vida nômade para estabelecer uma residência fixa, deveria eleger uma dona de casa para cuidar de sua prole e de sua habitação.

Krafft-Ebing mencionou os gregos, egípcios, israelitas e germânicos como sociedades que atingiram cedo esse estágio cultural, contrastando com outros países que teriam ainda por costume oferecer a mulher da casa como diversão sexual ao convidado. Em meio aos asiáticos, em contrapartida, o costume não encontraria grande problema na nudez e no fato de que as moças poderiam tomar conhecimento e conviver com hábitos de prostituição e, mesmo assim, não perderem o valor como esposas, pois, por tradição, o casamento seria oficializado sem maiores transtornos, mesmo depois que a moça tivesse vivido por um ano em casas de chá, mais ou menos equivalentes aos prostíbulos europeus.

Mas de todas as culturas, as que passaram a praticar a religião cristã seriam possuidoras da maior possibilidade de ascensão à moralidade, pois o cristianismo elevaria significativamente o papel social feminino, ao encarar o laço amoroso entre homens e mulheres como uma instituição. O cristianismo, para Krafft-Ebing, parece ter desempenhado um papel importante não só na elevação da moralidade, como explicitado no texto, mas também como ferramenta de manutenção mais linear e eficaz dessa moralidade. Essa conclusão é significativa por partir da comparação com a sociedade grega, utilizada como exemplo das sociedades que atingiram mais cedo o estágio cultural de sexualidade moralmente elevada. Apesar de ter atingido o estágio moral relativamente cedo, posteriormente a sociedade politeísta grega vai servir, na *Psychopathia Sexualis*, como um dos exemplos máximos de degradação moral, religiosa e sexual.

As sociedades cristãs, que adotam a monogamia e o acordo legal de casamento, também seriam superiores às poligâmicas, exemplificadas pelas sociedades de religião muçulmana. Essa questão lhe parece tão crucial que, nesse ponto, Krafft-Ebing introduziu uma extensa nota de rodapé para afirmar que muitos historiadores consideram que a instituição do matrimônio como um sacramento teria sido formalizada pela Igreja Católica apenas no Concílio de Trento, mesmo que a ideia já aparecesse de forma discreta nos textos bíblicos do Antigo Testamento. Algumas passagens do Antigo Testamento, porém, admitiriam a ideia da poligamia, talvez porque a própria Bíblia pressupusesse a inferioridade da mulher em relação ao homem. Em algumas passagens, como as cartas de Paulo, é expressa a ideia de que a posição inferior da mulher, mesmo quando casada, não deveria ser alterada e que a esposa deveria reverenciar e submeter-se ao marido. Outras passagens, ainda, apresentariam a concepção do sexo feminino como uma ferramenta para o pecado, servindo como uma via para a ação do demônio. A mulher Eva, no Gênesis, teria sido a principal culpada pelo pecado original e, conseqüentemente, por todas as mazelas humanas. As Leis Canônicas, por outro lado, atestavam que apenas o homem teria sido inteiramente criado à imagem e semelhança de Deus e, por esse motivo, a mulher deveria servir aos indivíduos do sexo masculino como um serviçal.

Krafft-Ebing acreditava que, mesmo com todo o auxílio que a religião, a educação, o direito e a moralidade forneceria para que o homem conseguisse manter o controle sobre seu instinto sexual, o desenvolvimento moral da civilização, bem como a sexualidade do indivíduo, sempre manifestaria fluxos e variações. Cada pessoa estaria, assim, sempre em vias de sucumbir a desejos impuros. Somente um ser humano dotado de muita força de vontade poderia perseverar em seu estado de elevação moral, conseguindo ser bem sucedido na luta

constante entre ascender à moralidade e satisfazer as vontades sexuais da maneira mais impura. O prêmio para a vitória dos sentimentos nobres seria conhecer as alegrias genuínas que só o amor puro poderia fornecer.

A ideia do instinto sexual como uma força irresistível aparece nos três autores estudados. Não era uma ideia incomum, uma vez que os três partiam de uma tradição darwinista e materialista, então o instinto sexual estaria no mesmo nível que a própria preservação e seria também parte integrada da preservação, uma vez que garantiria a propagação da espécie. A visão histórica trazida na introdução dessa tese, de que a sexualidade era vigiada pela sociedade parece ser o motivo principal pelo qual, ao contrário do instinto de preservação, o instinto sexual deveria ser controlado. Autores mais antigos que tratam sobre o tema, como Kaan e Mirandola (o mais antigo a ser estudado aqui) não justificam em termos teóricos – os termos que interessam a essa tese – a razão pela qual o instinto sexual deveria ser controlado, uma vez que seus efeitos eram tão positivos quanto o instinto de preservação e mais úteis, pois poderiam ser deslocados para outras esferas da vida. O motivo parece ter sido o contexto social, mais do que alguma teoria muito aceita. O que mais se aproxima de uma ideia teórica são algumas passagens da *Psychopatia* e do textbook sobre psiquiatria de Krafft-Ebing, que falam sobre a fraqueza no esperma e na possibilidade de fazer sexo em homens (e no segundo caso, em mulheres) promíscuos o que prejudicaria a propagação da espécie e assim, a própria natureza do instinto. A aceitação mundial que a teoria de Krafft-Ebing alcançou pode ser um dos fatores para esse conceito ter sido repetido ao longo do século XIX e início do século XX. De qualquer maneira, essa pesquisa não chegou a nenhuma conclusão sobre a evolução dessa ideia como uma mudança de conceito em teorias. Uma pesquisa mais específica sobre esse tema precisaria ser feita.

Voltando às considerações de Krafft-Ebing, neste ponto, é preciso marcar a diferença do pensamento entre perversidade e perversão. De acordo com Moll (1893), Krafft-Ebing sempre teria feito um esforço muito grande em seus estudos para diferenciar a *perversão sexual* – que se referiria ao instinto sexual presente de modo anormal e que poderia, por consequência dessa presença, levar secundariamente a atos criminosos – da *perversidade*, que consistiria em atos cruéis e criminosos praticados independentemente de motivos instintivos:

É um grande mérito de v. Krafft-Ebing ter separado tão claramente essas duas concepções. A perversão é uma inclinação independente da vontade e pela qual a pessoa não pode ser considerada responsável, ao menos aos olhos de um juiz imparcial; ao contrário, a perversidade, que se manifesta na ação, deve ser frequentemente creditada ao indivíduo (Moll, 1893, p. 16).

É interessante notar que, ao falar de uma luta constante entre moralidade e vício e ao assumir possibilidade sempre presente do aparecimento de uma anormalidade nas funções sexuais que poderia levar qualquer pessoa a um comportamento desviante, Krafft-Ebing assume que todos, sem exceção, poderiam em algum momento da vida manifestar algum comportamento sexualmente perverso e conflitante com a moralidade, de modo semelhante aos comportamentos apresentados nas psicopatias sexuais. Ao entender que a moral só pode ser considerada como degenerada a partir de um parâmetro de comparação e que o homem civilizado – ou seja, ciente desse parâmetro – está constantemente em vias de ceder à selvageria, mesmo sem nenhuma perturbação do instinto, a visão de Krafft-Ebing parece ser a de que a condição *natural* humana seria a do primitivismo sexual. Os atos perversos, por sua vez, seriam “perversos” apenas por contrastar com o que a moral civilizada exigiria. Sendo assim, mesmo depois de toda sua evolução, o homem tenderia sempre a retornar à primeira etapa através da realização dos atos perversos. Essa tendência não seria, porém, um fator determinante, pois o homem normal ainda teria a escolha de não ceder à sua selvageria natural, uma vez que o meio lhe permitisse tomar essa decisão.

A diferença entre um ser humano normal e uma pessoa sexualmente perversa fica assim relacionada à questão da escolha, ou seja, o homem com o instinto normal tem a possibilidade de escolher entre cometer ou não um ato perverso. O homem de instinto anormal é determinado por fatores superiores à sua vontade, pois sua condição mentalmente doente não teria permitido que, assim como os demais, passasse normalmente pelas fases de desenvolvimento e atingisse o estágio da moralidade sexual.

Essa visão que encara a perversidade como algo sempre possível, por fazer parte da natureza mesma de todos os homens – mas da qual também seria possível eles se afastarem por uma decisão da vontade – faz contraste com o determinismo proposto mais adiante no texto para a anormalidade do instinto. A causa para a perversão sexual seria, em parte, o uso frequente dos órgãos sexuais para outras funções além das fisiológicas e de procriação – um efeito do hábito, portanto – e, em parte, uma constituição anormal e muitas vezes hereditária do sistema nervoso. Não fica explícito no texto se os dois fatores mencionados são necessários para a perversão e se a anormalidade sexual não se manifestaria na ausência de qualquer um deles. Na medida, no entanto, em que o autor afirma que a anormalidade constitucional impediria a percepção dos sentimentos morais, pode-se inferir que o segundo fator (a constituição) criaria as condições para o primeiro (os hábitos), levando, através deles, ao desenvolvimento da perversão sexual. O indivíduo normal, assim, apresentaria uma tendência natural para

desenvolver hábitos sexuais desviantes, mas essa tendência poderia ser coibida pelo meio social e parental, mas essa coibição não seria bem sucedida frente a uma constituição anormal. Uma aberração hereditária do sistema nervoso seria, assim, a causa principal da perversão, e o uso frequente dos órgãos sexuais para outros fins surgiria como uma consequência da mesma, amplificando os efeitos dos fatores constitucionais.

As causas específicas das psicopatias sexuais serão analisadas com maior profundidade posteriormente, mas é digno de nota que Krafft-Ebing, em todas as edições da *Psychopathia Sexualis*, manteve exatamente essa ideia sobre as causas da perversão.

A ideia de que a humanidade teria progredido em direção a um incremento geral de moralidade nos últimos séculos poderia ser questionada, mas, em todo caso, seria inegável ter havido um avanço em termos de pudor: “Quando períodos distantes da história são comparados, sem dúvida a moralidade pública, apesar de alguns retrocessos temporários ocasionais, apresenta um progresso contínuo, e o cristianismo é uma das mais poderosas das forças que favorecem o progresso moral.” (Krafft-Ebing, 1892, p. 6).

O fenômeno da civilização contribuiria para que o homem escondesse suas pretensões animais, podendo assim transformar vícios em virtudes. Talvez porque ocultar as intenções animais dos indivíduos não signifique que elas deixem de existir, o autor afirma que as grandes cidades são lugares que favorecem o surgimento de degenerações nervosas e sexuais: as grandes aglomerações humanas exporiam o indivíduo a uma maior diversidade de materiais sexuais, encorajando à satisfação imediata aos mesmo tempo que tornariam o exercício do pudor sexual mais difícil, ao expor continuamente os indivíduos à observação dos demais. Períodos históricos de decadência moral seriam, usualmente, contemporâneos a uma disseminação e intensificação da efeminação, da sensualidade e da luxúria. Tempos como esses seriam, ao mesmo tempo, causa e consequência de uma maior demanda sobre o sistema nervoso. A agitação do sistema nervoso levaria o indivíduo a um aumento da sensualidade, que poderia culminar no excesso das massas, o qual, por sua vez, minaria os alicerces sociais, criando um círculo vicioso. Caso esse processo prosseguisse de forma desenfreada, a consequência imediata seria a destruição moral, política e econômica do Estado. Sociedades históricas como as encontradas na Grécia e na Roma antigas e no reinado de Luís XIV seriam exemplos desses tempos de degradação. Apesar de ter afirmado que essa excitação, em parte, ocorreria devido a condições psicopatológicas e neurológicas já presentes nas pessoas, Krafft-Ebing não explicou, neste primeiro momento do texto, em que momentos as demandas nervosas seriam experimentadas ou surgiriam pela primeira vez nos indivíduos, nem as condições sob as

quais esse processo se estenderia às massas, deixando apenas entredito que poderia ocorrer por uma espécie de contágio social.

A incerteza que as mais diversas ocorrências criminosas na vida em cidades grandes poderiam lançar sobre a tese de um avanço total e inexorável da moralidade sexual é mitigada pela comparação entre períodos históricos do passado e do presente. Seria inegável, por exemplo, que, em comparação à Idade Média, as ideias sobre moralidade pelo menos se teriam tornado mais refinadas. Quando períodos históricos muito distantes no tempo fossem comparados, parece ser indiscutível que a moralidade pública, mesmo com seus já mencionados períodos de crises, continuaria fazendo progressões contínuas e positivas.

Da obra de Ploss⁹, ao contrário, Krafft-Ebing extrai a ideia oposta de que as perversões sexuais quase não ocorreriam em raças não civilizadas ou apenas quase civilizadas, salvo a masturbação feminina nas tribos do Oriente e entre os povos Nama-Hotentotes, assim como os comportamentos sexuais dos Auletianos. Como indica numa nota de rodapé, contudo, essa afirmação de Ploss vai de encontro à de outros filósofos e autores da época. Como exemplo, Krafft-Ebing menciona brevemente Cesare Lombroso como um dos que aponta ocorrências de comportamentos perversos, como adultério, estupros, vinganças sexuais e crimes de honra nos povos selvagens. Lombroso conclui que a própria ideia de pudor, como demonstram alguns exemplos, era pobre entre os selvagens antigos. A noção de pudor não surgiria de sentimentos e comportamentos nobres e associações de pensamento elevadas, mas de comportamentos visando esconder os produtos das secreções fisiológicas. Mesmo tipo de comportamento encontrado em alguns animais: “a própria palavra pudor entre esses povos viria, de acordo com Marzolo, de *Putere*, palavra que representava uma derivação linguística da ideia que se originou no comportamento das mulheres aborígenes de tentar disfarçar os efeitos das secreções vaginais podres” (Lombroso, 1876, p.30).

Há certa imprecisão argumentativa neste ponto, uma vez que certas fontes utilizadas por Krafft-Ebing afirmam a inexistência da perversão entre os povos primitivos, enquanto outras evidências, também apresentadas por estudiosos de expressão, contestam essa inexistência. Krafft-Ebing, no entanto, opta por seguir a linha de pensamento de Ploss. Essa opção leva à conclusão de que, para ele, de acordo com o que foi até agora exposto, a primeira

⁹Autor da obra *Das Weib in der Natur und Völkerkunde* (1884), sobre a vida dos povos primitivos das Filipinas. A exceção que Krafft-Ebing menciona é assim descrita por Ploss: “Entre os Khoikhoim (Nama-Hotentotes), a masturbação entre as jovens do sexo feminino é tão frequente que poderia ser considerada como um costume nacional. Tampouco se faz um segredo particular da mesma; ao contrário, em suas narrativas e lendas, o povo fala dela como das coisas mais costumeiras” (Ploss, 1884, p. 416).

etapa das civilizações primitivas, tal como foi descrito anteriormente – de divisão sexual das fêmeas, de nudez, poligamia e nomadismo sexual – não corresponderia propriamente a uma moral sexual degenerada, mas antes a um ponto inicial comum, que seria inevitavelmente experimentado por todos os povos e indivíduos e, posteriormente, ultrapassado, na medida em que a elevação cultural social fosse avançando. O texto indica claramente que a moral sexual só poderia ser considerada como degenerada a partir do momento em que encontra um parâmetro de superioridade com o qual possa ser comparada. Essa concepção fica mais clara na edição de 1898 e nas que se seguiram, em que Krafft-Ebing (1898, p.12; 1899, p.12) suprime a parte em que dá os créditos a Ploss por seu brilhante estudo e por ter sido o autor dessa ideia, e assume com mais certeza e em seu próprio nome o argumento, apesar da nota de rodapé mencionando os opositores da ideia permanecer.

Prosseguindo na sua revisão, Krafft-Ebing aponta que Paollo Mantegazza também descreve o despertar dos desejos e da vida sexual; alguns impulsos, segundo Mantegazza, se manifestariam já muito antes da puberdade, tanto na forma de sensações quanto de ideias. Essas sensações e ideias seriam, a princípio, vagas e incompreensíveis e seriam despertadas pelas sensações causadas pelo desenvolvimento natural de órgãos sexuais que, anteriormente, seriam incapazes de causar qualquer excitação. Esse período inicial do desenvolvimento da sexualidade seria, fisiologicamente, o mais relevante, porque a importância da vida sexual para um sujeito seria evidenciada pelo abundante aumento das sensações e ideias que aí se manifestam.

Mesmo levando em conta o argumento de Mantegazza sobre a existência e relevância dos sentimentos sexuais anteriores à puberdade, Krafft-Ebing, no entanto, afirma que: “O estudo da vida sexual do indivíduo deve começar no seu desenvolvimento na puberdade, e segui-lo através das diferentes fases até a sua extinção” (Krafft-Ebing 1892, p. 8). Essa afirmação parece obscura e discorda do argumento apresentado anteriormente e, mais que isso, com os próprios argumentos que se seguirão ao longo da *Psychopathia Sexualis*, os quais abordam a sexualidade anterior à puberdade, embora, nesses casos, seja uma sexualidade considerada desviante. Essa sua observação parece ter que ser entendida, então, como referência ao fato de que a sexualidade infantil anterior ao período púbere só poderia ser estudada como uma ocorrência dentro das perversões sexuais, não fazendo parte da sexualidade normal ou natural. Seja como for, a contradição não parece desaparecer inteiramente, uma vez que Krafft-Ebing, de uma forma ou de outra, terá que inevitavelmente estudar ocorrências sexuais em

peessoas que ainda não entraram na puberdade, quando passar ao estudo das degenerações do instinto sexual.

A religião e a poesia receberiam impulsos poderosos oriundos da esfera sexual. O mundo de ideais poéticos seria revelado na puberdade – na mesma época, portanto, em que a sexualidade afloraria pela primeira vez. Qualquer dúvida sobre esse ponto em comum pode ser dissipada com a lembrança de que muitos poetas escreveram suas obras-primas nos tempos de mocidade; de que o entusiasmo religioso geralmente se manifesta na época da puberdade; de que episódios de natureza sexual seriam frequentes na vida juvenil dos santos; enfim, de que a sexualidade pode atingir formas extremas em fanáticos religiosos e que orgias foram praticadas em alguns cultos e seitas da antiguidade e, mesmo, em épocas contemporâneas à publicação da sua obra.

A relação entre a religião e os sentimentos sensuais nos estados psicopatológicos seria inquestionável e se evidenciaria tanto nos conteúdos sexuais que o próprio Krafft-Ebing percebia no atendimento psiquiátrico a fanáticos religiosos, quanto nos frequentes relatos de delírios que fundem religião e sexualidade na sintomatologia das psicoses. Em uma extensa nota de rodapé que ele acrescenta nesse ponto, são fornecidos exemplos que descrevem diversos casos de êxtase religioso entre os jovens santos, os quais apresentariam diversos componentes claramente sexuais: os de Santa Amélia e Santa Elizabeth, que eram atormentadas por desejos pelo menino Jesus, ou o de Santa Verônica Juliani que, em memória do leão divino, cuidou de um filhote de leão em sua própria cama, chegando mesmo a amamentar o animal.

Krafft-Ebing, então, lança mão da ideia de que o fundamento do sentimento religioso seria a dependência. Essa ideia é retirada do texto *Der christliche Glaube [The Christian Faith]* de 1831, escrita por Schleiermacher que define a religião como a representação do sentimento de total dependência de Deus.

Schleiermacher, de acordo com Behrens (1998), leva em conta três aspectos da vida humana: o Sentir, o Saber e o Fazer. O Sentir seria o único aspecto totalmente passivo e interno, “permanente em si” e, por ser o aspecto que faz antítese aos outros dois, seria também o mais importante. Tanto o Saber quanto o Fazer seriam importantes na religião, mas eles não poderiam ser considerados os aspectos mais essenciais da piedade religiosa. É no Sentir que residiria o sentimento de dependência, que seria o núcleo da religião.

Os seres humanos, de acordo com Schleiermacher, não poderiam ser absolutamente livres, porque, caso o fossem, jamais poderiam ter qualquer senso de dependência com relação a nada. Dessa maneira, a liberdade absoluta seria incompatível com a dependência que o ser

demonstra desde sua infância em sua primeira relação afetiva: a parental. A liberdade parcial, por outro lado, seria compatível e até mesmo necessária para o ser humano, assim como para o sentimento de absoluta dependência. Pode-se exercer a liberdade até certo ponto, mas essa liberdade seria sempre delimitada pelas dependências. Na tentativa de exercer a liberdade absoluta, o ser humano começaria a desenvolver a sensação de que está realmente dependente de alguma coisa e, quanto mais esse sentimento se desenvolvesse, mais a necessidade de uma dependência absoluta de algo mais elevado se manifestaria. A própria ideia de “Deus”, então, seria a expressão humana desse sentimento de dependência absoluta, que é a própria essência da religião:

Se, no entanto, a palavra e a ideia são sempre originalmente uma só, e o termo “Deus” pressupõe uma ideia, então vamos simplesmente dizer que essa ideia nada mais é do que a expressão do sentimento de dependência absoluta e a reflexão mais direta sobre ela (Schleiermacher, 1999, p. 17).

Partindo da ideia de que o sentimento de dependência estaria presente e seria essencial para a religião e para o próprio ser humano, juntamente com o sentimento de entusiasmo religioso, poder-se-ia reencontrar, de acordo com Krafft-Ebing, o sentimento de sensualidade insatisfeita. Só com um grande estágio de avanço cultural, o amor por Deus poderia surgir, juntamente com a dependência, e seria convertido no elemento ético principal do sentimento religioso: só o amor de Deus proporcionaria a felicidade eterna. No sentimento sexual, a dependência seria o elemento secundário, e o sentimento de esperança em uma felicidade eterna formaria o núcleo principal. Essa felicidade eterna, para o sentimento sexual, seria representada pela alegria que a pessoa supostamente encontraria caso conseguisse conquistar e viver um romance com o amado. Decorre daí uma diferença na intensidade do sentimento em homens e mulheres:

O núcleo desse sentimento existe em ambos os sexos, mas pode vir a ser mais desenvolvido em um dos sexos. Como regra geral, devido à sua parte passiva na procriação e nas condições sociais, ele é mais pronunciado em mulheres, mas, excepcionalmente, pode ocorrer um pronunciamento parecido para os homens que têm mentes de tipo feminino (Krafft-Ebing, 1892, p.8).

Em ambos os tipos de sensações, religiosa e sexual, o amor seria apresentado pelos amentes como um sentimento de origens e motivações mágicas e irracionais. No amor sexual, a propagação da espécie, que seria o alvo real do instinto, não entraria totalmente na consciência do ser humano, pois a força desse desejo em si compreenderia um propósito mais forte, que a

consciência jamais poderia abarcar. O sentimento religioso, por sua vez, não poderia ser alvo de estudos empíricos, pois seu objeto e sua motivação seriam de tal natureza a tornar impossível uma compreensão completa. O objeto de amor, nos dois casos, seria imortal: do mesmo modo que os religiosos, que amam Deus, esperam as bênçãos eternas e extasiantes que um ser perfeito lhes oferecerá, no amor a pessoa amada seria encarada como um ser perfeito, que teria nas mãos a possibilidade da alegria eterna para o admirador. Ao mesmo tempo, em ambos os casos, esse objeto pode nunca ser completamente conquistado ou atingido, permanecendo sempre como uma idealização. O entusiasmo pelo inalcançável seria tão irracional que os adoradores tomariam uma posição submissa em relação aos seus amores perfeitos. Nesse ponto, parece que o texto aproxima do fanatismo religioso não o amor saudável e verdadeiro, mas o amor platônico da puberdade, que será abordado posteriormente.

A correspondência entre esses dois sentimentos seria tal que, muitas vezes, eles poderiam se confundir ou aparecer concomitantemente. Tanto em estados mentais de amor platônico, quanto de fanatismo religioso, impulsos de crueldade ativa ou crueldade passiva poderiam ser encontrados.

A crueldade, na esfera religiosa, seria expressa pelo sacrifício. A vítima ofereceria o flagelo do corpo como ato de submissão e de expiação de seus pecados, como se a matéria carnal fosse algo a ser apreciado pela divindade. Em todas as religiões, as ofertas de autopunição ocorreriam e, em indivíduos de natureza muito excitável, a flagelação, que proviria da divindade e o seria praticada em honra à mesma, seria sentida diretamente como prazer. O entusiasmo religioso levaria ao êxtase e, nessa condição, a consciência estaria tão intensamente ligada aos sentimentos prazerosos que o conceito de sofrimento poderia ser experimentado sem seu aspecto propriamente doloroso.

Como o sadismo – e, mais ainda, o masoquismo – demonstraria que, na esfera da vida sexual, poderia haver fenômenos semelhantes aos da dor e sofrimento sentidos como prazer no sexual, as relações bem estabelecidas entre religião, luxúria e crueldade, no auge de seu desenvolvimento, poderiam revelar-se equivalentes, tanto na quantidade quanto na qualidade da excitação. Em circunstâncias favoráveis, essa correspondência poderia levar a uma substituição recíproca entre a excitação sexual e a excitação religiosa. Dentro de um contexto patológico, essa troca poderia facilmente despertar sentimentos de crueldade.

O fator sexual, além de ser importante na religião e nas relações humanas, não seria menos influente no despertar dos sentimentos estéticos. A poesia e as artes seriam produções

de qualidade estética reconhecida graças ao desejo sexual que seus autores deslocariam para suas obras:

O que seria da poesia e da arte sem uma base sexual? No amor (sensual), obtém-se aquela aura de fantasia sem a qual uma verdadeira criação artística é impossível; e, no fogo dos sentimentos sensuais, seu brilho e calor são preservados. Pode-se, assim, entender por que grandes poetas e artistas têm naturezas sensuais (Krafft-Ebing, 1892, p.10).

Este mundo de ideais seria revelado com o início dos processos de desenvolvimento sexual. Durante a puberdade, devido às perturbações fisiológicas que o início da vida sexual causaria, poderiam ocorrer certos eventos que representariam acontecimentos limítrofes da reação fisiológica ao despertar sexual da puberdade e indicariam uma relação remota entre luxúria e crueldade. Os desejos obscuros que poderiam aparecer nesse período expressariam sentimentos patológicos intensos de desespero e de desilusão contra si próprio e contra os outros. Esses sentimentos seriam frequentemente acompanhados pelo desejo de machucar ou ferir outras pessoas. Krafft-Ebing não forneceu nenhuma explicação mais precisa sobre quais perturbações fisiológicas ele supõe aparecer nos sujeitos durante a puberdade. A explicação que mais condiz com o texto, por apresentar exatamente a mesma ideia, pode ser encontrada no livro *The Functions of the Brain*, de David Ferrier. O despertar sexual apareceria como consequência do desenvolvimento cerebral e esses desejos obscuros apareceriam por razões subjacentes às modificações da função orgânica que o desenvolvimento causaria:

O apetite sexual aparece apenas com o desenvolvimento das glândulas generativas. Seu início induz considerável perturbação das outras funções orgânicas e se expressa subjetivamente, a princípio, principalmente sob a forma de excitabilidade emocional, desejos obscuros, sentimentos mórbidos, ou explosões histéricas (Ferrier, 1886, p. 432).

Provavelmente por pertencer a um contexto fisiológico que perturbaria o indivíduo, o amor púbere é descrito psicologicamente como platônico e idealista, elevando o objeto de afeição a um estado de deificação sem relação com a realidade. Esse seria o amor que apareceria em forma de romance e poesia. Retomando a argumentação de Krafft-Ebing, a pessoa que, durante o período inicial da vida sexual, não conseguisse manifestar entusiasmo genuíno por tudo o que fosse grande, nobre e belo, continuaria a ter comportamentos devassos pelo resto de sua existência. Krafft-Ebing não explicou o motivo dessa afirmação; provavelmente apresenta essa ideia por considerar que os comportamentos devassos seriam provenientes de uma condição natural e, caso fossem estimulados pelas condições hereditárias e ambientais, passariam a aumentar da mesma maneira que um hábito adquirido. Por isso, poderiam ser

superados com mais facilidade caso corrigidos na ocasião em que aparecessem pela primeira vez.¹⁰

Cumprindo o caminho natural do desenvolvimento mental do indivíduo na puberdade, a sensualidade apareceria nas relações amorosas entre os jovens. A partir da presença da sensualidade no amor, a idealização do objeto amoroso passaria a ter como objetivo principal manter relações sexuais com a pessoa idealizada e, poderia ser direcionada mesmo para pessoas do sexo oposto que fossem fisicamente, socialmente e mentalmente inferiores. Essa ideia parece indicar uma regressão inicial na intelectualização do instinto sexual pressuposta pelo desenvolvimento cultural. Mesmo com o desenvolvimento cultural da civilização, o instinto e a motivação sexual, quando de seu surgimento, passariam por uma fase muito similar à fase da escolha de parceiros dos povos primitivos. Essa indicação reaparece em outros momentos na obra de Krafft-Ebing e tornará a ser discutida posteriormente. Diante dessas considerações, pode-se concluir que, para ele, a primeira fase de escolha de parceiros primitiva é inerente, natural e permanece nos seres humanos, mesmo depois do desenvolvimento da moral, do cristianismo e da sociedade.

O amor dedicado a pessoas hierarquicamente desiguais poderia levar a erros de julgamento sobre o caráter de um sujeito e à sedução de pessoas de boa índole por pessoas excessivamente sensuais. Ao entrar em conflito com o que fosse socialmente exigido, esse tipo de amor poderia levar o indivíduo a atitudes extremas, culminando, nos casos mais graves ou na pior das hipóteses, no suicídio de um dos amantes ou de ambos.

Retomando a ideia apresentada anteriormente de que os impulsos sexuais começariam na puberdade, é importante ressaltar que Krafft-Ebing separa o sentimento amoroso do instinto sexual propriamente dito, apesar de ambos começarem a se manifestar durante o mesmo período. O amor já estaria presente antes da sensualidade e, ainda que fosse socialmente inaceitável (quando for esse o caso), não traria prejuízos ao sujeito, desde que se mantivesse num estado platônico não consumado, podendo então ser dirigido para produções artísticas.

Dos três autores estudados aqui e das obras escolhidas para representar a teoria sexual de cada um, Krafft-Ebing é o que mais reforça a total independência entre amor e instinto sexual. Os dois não partiriam da mesma raiz psíquica e poderiam aparecer em completamente

¹⁰A ideia da devassidão sexual como hábito (e suas possíveis correções) aparecerá com maiores detalhes na *Fisiologia Sexual*.

independentes. Isso obviamente tem grandes implicações em sua teoria: Krafft-Ebing em momento nenhuma fala sobre a presença do sentimento amor em povos que ele considerava não civilizados, o amor seria anterior ao instinto sexual na vida humana e seria superior ao instinto sexual a não ser quando fosse contaminado por porções menos. Todas essas ideias reforçam a hipótese defendida nessa tese de que a visão de Krafft-Ebing sobre a sexualidade é *ideal*. O autor defendia conceitos bem definidos, que não tem espaço para exceções ou erros. A ideia de criar um manual para diagnóstico tão específico e imune a erros ilustra essa noção. Sua ideia geral de que o homem teria que resistir à própria natureza para manter um nível elevado na esfera sexual da vida, como se fosse possível uma vida sexual perfeita também são fatores considerados.

O aparecimento do desejo sexual propriamente dito e da possibilidade de consumação do ato, nos casos em que o objeto de amor fosse socialmente inferior, seria o fator que encerraria o verdadeiro perigo para o indivíduo. Paralelamente a isso, o verdadeiro amor, para o autor, seria aquele que reconhece as qualidades sociais do outro e que está disposto a desfrutar prazeres e desprazeres com o ser amado. Dessa maneira, pode-se dizer que o argumento de Krafft-Ebing apresentou a hierarquização social como a quarta etapa no desenvolvimento da escolha de parceiros humana.

A segunda característica do que constitui o verdadeiro amor parece ser a possibilidade marcante de sua duração maior, em comparação com a fugacidade do sentimento juvenil, contrastando também com a importância atribuída às qualidades sociais do sujeito amado: “O amor extremamente sensualizado nunca pode ser duradouro e verdadeiro. Por isso, o primeiro amor é, via de regra, muito fugaz, porque não é nada mais do que o brilho de uma paixão, a chama de um fogo de palha” (Krafft-Ebing, 1892 p.11). Como nada foi dito sobre a possibilidade de esse amor da juventude durar e chegar a tornar-se um amor verdadeiro, mesmo quando livre do risco de idealização ou de ser dedicado a um parceiro social ou mentalmente incompatível. Seguindo esse pensamento, o primeiro amor platônico seria passageiro exclusivamente por estar fixado na primeira etapa da seleção de parceiros sexuais, que prioriza somente as características físicas do outro.

Outra faceta amorosa que poderia vir a se tornar perigosa seria o amor expressado em atos de heroísmo. Esse tipo de amor poderia ser a causa para atos criminosos e vândalos, como resultado de um ciúme desmedido:

O ciúme é um ponto terrível nesse amor. O amor de um homem de constituição fraca é sentimental. Isso pode levar ao suicídio quando o amor não é retribuído ou encontra obstáculos em sua consumação. Em certas circunstâncias, o homem de constituição forte, quando possui esse tipo de amor, pode vir a tornar-se um criminoso (Krafft-Ebing, 1892, p. 11).

Se, por um lado, o amor que se caracterize por uma sensualidade exacerbada não pode ser duradouro, por outro, o amor quixotesco – menos intenso, devido ao fato de apresentar uma idealização muito forte, com a sensualidade relegada a um segundo plano – apesar de despertar piedade e respeito nos outros, correria o risco de se converter numa caricatura da paixão e levar a pessoa a atos extremados de criminalidade e depressão, devido à sua intensidade. Esclarecendo melhor o argumento do autor, o amor muito idealizado seria fraco por consistir em um amor que não pode durar, nem satisfazer os critérios pra ser considerado um amor verdadeiro. Mas, mesmo não constituindo um amor nobre e duradouro, poderia revelar-se um sentimento extremamente poderoso, no sentido de ser uma experiência vivenciada intensamente pelo sujeito e que, por isso, poderia, mesmo tratando-se de uma ilusão, levar a atos extremados como suicídios, criminalidade e crueldade.

Amores desprovidos de sensualidade seriam expressos de forma semelhante na poesia, mesmo que, em certas circunstâncias, possa aparecer como um amor algo efeminado. O mesmo poderia se dar na religião, permitindo a entrega total aos mistérios religiosos. Já o amor sensual, quando desviado de seus alvos originais para a vida religiosa, propiciaria a fundação de seitas ou a ocorrência de insanidades religiosas.

Mesmo com todas as maneiras eticamente aceitáveis disponíveis para que o homem encontre o amor puro e mesmo nos casos em que esse tipo de amor perfeito pudesse ser alcançado, a raiz principal de qualquer sentimento amoroso, para Krafft-Ebing, continuaria sendo a sensualidade. Por esse motivo, o amor normal, fosse ele puro ou não, teria que ser manifestado entre indivíduos capazes de manter relações sexuais. Se a condição de ter que existir desejo e possibilidade de ato sexual entre um par do sexo oposto não fosse respeitada, ou por nunca ter existido ou por ter sido destruída, surgiria uma relação fraterna e amigável. Para pares de mesmo sexo, o amor normal nunca poderia existir, pois seria impossível que seres do mesmo sexo ficassem atraídos sensualmente uns pelos outros (salvo em condições anormais do instinto sexual). Dessa maneira o amor entre sujeitos de um único sexo seria sempre expressado como amizade. Feitas essas considerações, Krafft-Ebing passa a abordar a questão dos efeitos da contenção sexual. A retenção sexual seria entendida como a incapacidade ou impossibilidade de consumir uma relação sexual normal. O papel que a retenção sexual teria para o homem seria notável: os sentimentos de respeito próprio e autoestima como um todo do

sujeito masculino estariam ligados à sua potência sexual. A deterioração da masculinidade, da personalidade e da confiança em homens que ficaram impotentes ou sofrem de ejaculação precoce forneceriam as observações necessárias para corroborar esse argumento. Krafft-Ebing, nesse ponto, introduziu uma citação a Gyurkovechky (1889)¹¹, concordando com seu argumento de que há uma diferença psicológica entre homens mais velhos e homens jovens com relação à sua relação com a própria virilidade. A perda da virilidade para um homem jovem poderia ser mais danosa do que para o homem de mais idade, que já está naturalmente mais próximo do fim de sua vida sexual. Essa perda da virilidade durante o período da juventude poderia levar, em última instância, à melancolia grave ou ao suicídio. Em casos mais brandos ou de perda mais tardia da virilidade, o homem impotente poderia apresentar comportamentos egoístas, depressivos, covardes.

A retenção sexual para as mulheres que tiveram filhos – desde que tivessem experimentado um último período da vida sexual satisfatório antes da maternidade e desde que seus filhos fossem motivos de alegria – não traria consequências mais profundas ou danosas para a personalidade, pois a força do amor materno compensaria o amor marital. Para as mulheres que, por razões de esterilidade ou outras circunstâncias, tivessem sido mantidas apartadas “do desempenho de suas funções naturais e acabam tendo negada essa felicidade” (Krafft-Ebing, 1892 p.13), o cenário seria bem diferente: elas estariam propensas a perturbações nervosas ocasionadas pelo desejo sexual impotente.

Essas observações sobre a diferença da psicologia sexual entre homens e mulheres levaram Krafft-Ebing a concluir que o homem seria capaz de um furor sexual muito mais intenso que a mulher. Dessa maneira, depois de certa idade, o rapaz ficaria atraído por alguma moça e a amaria sensualmente, e sua escolha seria basicamente guiada pela beleza física. Até esse ponto, o modo como se dá a escolha de parceiros não difere muito do modelo primário, característicos dos seres humanos ainda não civilizados que ainda não possuíam o sentimento de moral sexual civilizada e segundo o qual estes escolhiam suas parceiras sexuais. O homem que agisse de acordo com esse impulso seria vigoroso e incisivo ao fazer a corte, só que “ao mesmo tempo, esta exigência de natureza não constitui toda a sua existência mental. Quando

¹¹De acordo com Bloch (1909, p. 129), Vitor Von Gyurkovechky foi um médico austríaco. Sua obra mais importante foi *Pathologie und Therapie der männlichen Impotenz*, que continha diversos relatos sobre casos de impotência sexual. Havelock Ellis, em uma citação específica desse livro, aponta a imensa quantidade de casos de homens homossexuais com uma atrofia dos órgãos genitais e impotência sexual. Este é o caso de um dos pacientes de Gyurkovechky, um jovem aristocrata que, por não conseguir ter relações sexuais com mulheres, devido a seus órgãos sexuais anormalmente pequenos, sodomizava seus parceiros sexuais de ambos os sexos com objetos. Uma nova pesquisa de 2017 não conseguiu retornar as referências dessa obra.

seu desejo é satisfeito, o amor temporariamente se retrai em comparação com outros interesses vitais e sociais” (Krafft-Ebing, 1892 p.13). A partir desse argumento do texto, pode-se concluir que a possibilidade de uma ação para além do primeiro impulso de satisfação sexual imediata seria o fator que instaura, no homem, a diferença marcada pelo aparecimento da moral sexual, que é atingida com o desenvolvimento da civilização.

Com a mulher, em contrapartida, a situação seria diferente: se a moça possuísse uma formação mental normal e fosse bem criada e educada, seu desejo sexual seria comparativamente pequeno e ela aproveitaria passivamente a corte em benefício próprio. Caso essa condição natural não fosse satisfeita, o mundo inteiro “se tornaria um bordel e o casamento e uma família seriam impossíveis” (Krafft-Ebing, 1892, p.13).

Se o apetite sexual, em si, seria maior para o sexo masculino, em contrapartida, a ideia de enlances amorosos ocuparia um lugar maior na consciência da mulher, porque a necessidade de amor para a mulher seria muito maior do que para o homem. O que diferenciaria um comportamento do outro seria o fato de que, para o sexo feminino, o amor almejado seria geralmente mais sentimental, enquanto o amor almejado pelo sexo masculino seria predominantemente sensual. Ao passo que o homem amaria a mulher primeiramente como esposa e, depois, como mãe de seus filhos, a mulher veria o homem, em primeiro lugar, como um pai para seus filhos e, depois, como marido. A escolha de um companheiro pela a mulher seria guiada, primeiro, pelas características mentais de seu potencial parceiro e, apenas em segundo lugar, pelas suas características físicas.

Apesar da crítica dirigida ao trabalho de Schopenhauer sobre a sexualidade – que ele considerava de uma ineficiência desastrosa –, Krafft-Ebing apresentou uma ideia que, em certos aspectos, é muito similar às do filósofo, no que diz respeito à escolha de parceiros sexuais na espécie humana. Schopenhauer também apresenta uma hipótese própria sobre o modo como se dá a escolha de parceiros. Ele parte da ideia de que o gosto individual na atração amorosa seria apenas um dos aspectos do instinto de procriação, que estaria disfarçado sob a atração sexual aparentemente subjetiva. O homem não escolheria uma mulher fisicamente bela por motivos puramente estéticos. O real motivo dessas escolhas para o homem seria o instinto de reprodução. A idade, a plástica da pessoa, o corpo proporcional, uma mulher que, apesar de não ser obesa, tivesse seios fartos e quadris largos: todos esses atributos seriam julgados belos, porque sinalizariam que uma mulher com essas características seria mais apta para a procriação do que outra que não as possuísse. A beleza do rosto (nariz, olhos, boca) seria o último dentre os atributos femininos a serem levados em conta, por não terem uma ligação tão direta com as

habilidades para gerar uma prole. As mulheres prefeririam como parceiros homens que tivessem, de preferência, entre trinta e trinta e cinco anos, porque essa seria a idade do apogeu da força geradora. A beleza no homem – beleza num sentido geral, tanto do corpo quanto do rosto – seria, para a mulher, um atributo secundário em termos de atração sexual. A mulher ficaria atraída diante da coragem e a força do homem, buscando em primeiro lugar qualidades psíquicas como caráter, vontade e retidão, isto é, características mais ligadas à função masculina de proteção da prole. A criança herdaria do pai essas qualidades. Sendo assim, a mulher muitas vezes poderia amar um homem considerado feio, mas nunca poderia amar um homem efeminado, pois, caso essa tendência à efeminação fosse passada como característica por parte do pai para a prole, nem mesmo todas as qualidades estéticas que a mulher forneceria para seus filhos poderiam neutralizar esse desvio hereditário.

Prosseguindo com suas considerações, Krafft-Ebing apontou que, quando a mulher tivesse um filho, o amor passaria a ser dividido entre o marido e a criança, e a esposa encontraria menos prazer sensual nas relações maritais. Para a mulher, o amor seria a própria vida, seja o amor do marido ou o amor fraterno pelos filhos, enquanto, para o homem, o amor seria a alegria da vida. Um infortúnio amoroso significaria, pelo menos, uma infelicidade total para mulher, mas seria encarado pelo homem como uma ferida a ser curada.

A possibilidade de uma mulher amar verdadeiramente mais de uma vez ao longo de sua vida seria uma questão psicológica digna de apreciação, pois a inclinação mental natural da mulher seria para a monogamia. O sentido que Krafft-Ebing atribuiu à monogamia, neste caso, estaria mais ligado ao contexto sentimental de poder dedicar o verdadeiro amor somente para um único homem durante a vida. Esse contexto corresponde, então, a uma monogamia sentimental, diferente de uma monogamia sexual propriamente dita, pois, uma mulher não estaria impossibilitada de ter diversos parceiros sexuais durante sua vida, mesmo que não dedicasse aos outros o mesmo amor que dedicou a um deles.

Essa disposição natural para a monogamia sentimental possibilitaria uma vantagem da mulher em relação aos homens, pois o homem acabaria ficando dependente do que as mulheres pudessem lhe oferecer sexualmente: quanto mais apegado e fraco ele se revelasse, em maior proporção sua neuropatia poderia se desenvolver. Por esse motivo, em tempos de decadência moral, a sociedade correria o perigo de ser levada à ruína por líderes masculinos que fossem dominados por suas amantes. Na visão do autor, a sociedade francesa, por exemplo, já teria experimentado essa configuração catastrófica nos reinados de Luís XIV e Luís XV. O celibato imposto pela Igreja Católica, apesar de privar os sacerdotes das elevações morais que

o amor real e o matrimônio podem proporcionar, seria uma prova de grande conhecimento e uma medida eficaz contra o risco de um líder dado a devaneios sensuais.

As mulheres, mesmo quando não sigam condutas que pudessem ser chamadas de socialmente corretas, teriam como desejo principal o casamento, pois, além de terem seus sentimentos amorosos assim consumados, teriam a proteção e conforto para si e para seus filhos. E a sociedade da época, como frisou Krafft-Ebing, só conceberia uma mulher sexualmente ativa e socialmente participante na figura de uma esposa. A infidelidade feminina deveria ser punida com muito mais rigor do que a infidelidade masculina, pois uma mulher infiel, além desonrar a si mesma, desonraria seus parentes e o marido e poderia pôr em dúvida a paternidade dos filhos. O instinto sexual naturalmente mais aflorado e a posição social que confere facilidades de conduta seriam os fatores que justificariam uma pena mais branda para a infidelidade do homem.

Novamente, nesse ponto, Krafft-Ebing apresenta a mesma ideia que Schopenhauer:

Decorre daí que a fidelidade conjugal é artificial para o homem e natural para a mulher; portanto, o adultério da mulher, em razão das consequências que acarreta e por ser contrário à natureza, é muito mais imperdoável que o do homem (Schopenhauer, 2001, p. 91).

O autor também compartilha com seu predecessor a ideia de que a mulher tenha uma disposição natural para a fidelidade e a monogamia sentimental, pois a mulher é impelida instintivamente a ficar ligada àquele homem que provê e protege a prole.

A mesma concepção sobre a monogamia pode ser encontrada em edições do primeiro volume de *Philosophy of the Unconscious* de Von Hartmann, posteriores à publicação da obra de Krafft-Ebing. Para Hartmann (1893), a forma natural do instinto sexual do homem seria a poligamia, e a forma natural da mulher seria a monogamia. Com as mudanças trazidas pela civilização, o homem teria oferecido à mulher uma posição cada vez mais digna na sociedade, a monogamia tornou-se a forma legalmente válida da natureza do instinto: “[...] este é apenas um efeito do seu instinto poligâmico, mas quando uma mulher, que tem em seu marido, um marido que é todo dela, tem desejos adúlteros, esta é uma consequência da depravação completa ou de um amor passional” (Hartmann 1893, p.226).

Os estudiosos do século XIX concordavam, então, que sociedade demandaria de uma mulher solteira decência e castidade. E, como aponta Krafft-Ebing, todo homem de sentimentos corretos exigiria uma esposa casta. Uma moça casta e apta para o casamento seria uma mulher que procura como objetivo de vida o pudor.

Mas, de acordo com o autor da *Psychopathia Sexualis*, mesmo apontando que Westermarck e outros autores seriam contrários a esse pensamento, a necessidade de adorno seria, em todas as civilizações, muito maior nas mulheres. A razão para isso residiria no fato de que o reino animal teria distinguido os machos com maiores atributos de beleza, mas, por motivos de galanteio do sexo masculino, a mulher, entre os seres humanos, seria chamada de “o belo sexo”.

Mesmo que não julgue necessário argumentar sobre a evolução antropológica do pudor feminino, que ele considera aqui como o atributo feminino mais atraente, Krafft-Ebing faz uma citação da *History of Human Marriage* de Westermarck, a respeito do sentimento de vergonha e das vestimentas. Para Westermarck (1894), a sensação de estar envergonhado perante os outros não seria a causa original dos seres humanos cobrirem o corpo e sim uma consequência disso. Nos casos em que não fossem usadas como proteção contra o clima, as vestimentas deveriam sua origem, em muitos casos, à necessidade de homens e mulheres parecerem atraentes. Em todas as raças humanas, as mulheres demonstrariam uma alegria e uma grande propensão a usar adornos e enfeites no vestuário, visando agradar e chamar a atenção de seus pretendentes (apesar de que, de acordo com a citação que Krafft-Ebing faz sobre Westermarck, essa regra não seria válida para os povos selvagens): “Costuma-se dizer que o homem começou a cobrir seu corpo por duas razões: primeiro, para se proteger do frio e da umidade; depois, por conta de um sentimento de vergonha” (Westermarck, 1892 p. 186). Esses motivos pareceriam aceitáveis à primeira vista, mas ao examinar exemplos nos quais adornos e, em alguns casos, vestes para ocasiões festivas, seriam formas de se estar belo e atraente nos povos selvagens, assim como os relatos dos navegadores que apontam que, por já estarem acostumados com a nudez um dos outros, os corpos nus entre os selvagens não pareceriam nada indecentes, a única conclusão plausível seria:

Parece totalmente improvável que tais "vestes" devam sua origem ao sentimento de vergonha. A ornamentação tem um caráter óbvio, não pode haver dúvida de que os homens e as mulheres inicialmente, pelo menos em muitos casos, ficam cobertos, não por vergonha, mas, pelo contrário, cobrem-se a fim de tornarem-se mais atraente para os outros – os homens para as mulheres e as mulheres para os homens (Westermarck, 1892 p. 192).¹²

Retomando a ideia apresentada anteriormente sobre o aparecimento da moral sexual, os argumentos de Westermarck e Krafft-Ebing parecem conflitantes, pelo menos numa

¹² Essa última citação do livro de Westermarck aparece integralmente apenas na tradução inglesa da *Psychopathia Sexualis*, pois é fornecida pelo tradutor. Ela não consta na edição alemã original e, tampouco, na tradução francesa.

primeira análise. Para Krafft-Ebing, a moralidade sexual faria com que o homem precisasse cobrir o corpo por vergonha e, ao proceder dessa maneira, perderia a excitação causada pela visão do corpo nu e o ato sexual seria relegado à esfera privada. Provavelmente, os outros iriam aos poucos adquirindo esse mesmo hábito, e o sexo em público passaria a ser encarado como um ato vexatório. O vestuário ajudaria, então, a aplacar a satisfação do desejo sexual. No argumento de Westermarck, o vestuário favoreceria a apreciação de atributos em pessoas acostumadas com a nudez e, por consequência, a roupa marcaria uma diferença no que seria natural e ajudaria na aproximação e na futura satisfação sexual. Mesmo que contraditórios, os argumentos não são necessariamente excludentes, uma vez que não seria o fato estar vestido ou não a fonte principal da falta de moralidade sexual, para Krafft-Ebing, mas sim o fato de manter relações na presença de outros e com qualquer pessoa que fosse vista como fisicamente atraente. A falta de vestimenta ou o adorno poderia cumprir o mesmo papel no argumento da falta de moralidade sexual: o de facilitador de relações sexuais de maneira promiscua e pública.

Curiosamente, um pouco mais adiante Krafft-Ebing criticou o contraste entre o pudor e as permissões da moda da época, que tornavam possíveis a valorização de certas partes femininas do corpo (como os seios evidenciados pelos corpetes), que levariam à uma excitação sexual de revelar o que estivesse escondido pelas roupas. Essa crítica poderia, talvez, levar o argumento de Krafft-Ebing (assim como o argumento de Freud) à concepção de que, em uma civilização em que as roupas esconderiam a nudez vergonhosa, parte do vestuário vai passar a evidenciar e atizar estrategicamente aquilo que a moral força a esconder. O mesmo vale para o argumento de Westermarck: o homem, mesmo que civilizado, nu ou vestido, na maioria das vezes vai tender a encontrar maneiras de transgredir ou adaptar as barreiras morais que se colocam entre ele e seu estágio inicial: a consumação desenfreada de seus instintos naturais mais primitivos. Mas, de qualquer maneira, “felizmente a menina pudica é muito pouco consciente delas [das razões sexuais em evidenciar alguma parte do corpo] bem como da razão para o modo ocasionalmente recorrente da moda de fazer certas partes do corpo mais proeminentes” (Krafft-Ebing, 1892, p. 15).

O texto segue aqui uma ideia consoante ao argumento de Mantegazza, que afirma a vantagem da mulher na psicologia amorosa em relação ao homem. O sexo feminino seria educado e naturalmente condicionado para o amor verdadeiro e para sentimentos refinados, ao passo que o homem, mesmo quando bem criado, frequentemente teria o comportamento mais parecido com o dos povos primitivos; mesmo assim, não poderia ser reprovado por enxergar as parceiras como um meio de satisfação de seu instinto natural. Porém, a partir do momento em

que escolhesse uma mulher, seria seu dever moral pertencer unicamente a ela, tornando o casamento uma obrigação social.

Na concepção de Krafft-Ebing discutida anteriormente, a mulher não desempenharia um papel ativo na corte amorosa. Ela não poderia demonstrar seus afetos e paixões através de ações, apenas aproveitando as ações masculinas da conquista e participando com oferta ou aceitação do amor, mas não o demonstrando ativamente. Essa passividade da corte não dependeria apenas de uma boa criação, porque seria parte da organização sexual própria da mulher. O pudor feminino seria um produto do desenvolvimento da civilização que se teria tornado hereditário.

Com tudo o que foi dito anteriormente sobre a vida sexual feminina, pode-se notar que, Krafft-Ebing estava atribuindo ao sexo feminino uma tendência constante e inata para manter a moralidade sexual alcançada já na civilização primitiva, após a superação do estado de nomadismo. A mulher, ao amar o homem primeiro como o pai de seus filhos e ao ser condicionada a amar apenas uma única vez em sua vida, estaria naturalmente predisposta a comportamentos que manteriam o ser humano sexualmente superior em termos de sentimentos nobres como pudor, fidelidade e moralidade.

O comportamento do sexo masculino, ao ser apontado como naturalmente mais sensual, procurando e conseguindo manter diversas parceiras amorosas ao mesmo tempo e capaz de acumular parceiras amorosas mesmo quando obrigado por contrato social a ser monogâmico, está naturalmente inclinado a manter o comportamento sexual como o dos estágios sexuais das civilizações, quando elas ainda não tinham despertado o senso de moralidade – estágios anteriores, portanto, ao fim do nomadismo sexual. Dessa maneira, seria possível dizer com segurança que, ainda que de maneira não intencional, Krafft-Ebing afirma que nas mulheres, a moralidade sexual não precisaria ser alcançada, mas seria antes a condição natural da psicologia e da fisiologia sexual feminina. Os seres do gênero feminino não estariam apenas em vantagem na psicologia sexual (como apontam Mantegazza e Krafft-Ebing), mas seriam biologicamente condicionados a proceder sexualmente nos moldes de uma sociedade cristã e avançada que já superou o nomadismo sexual e o instinto sexual como um vício, enquanto que o sexo masculino ainda teria que adaptar-se, passando pelo primeiro estágio de primitivismo sexual, até o ponto de alcançar a moral sexual. Devido ao fato de o sexo masculino constituir o sexo socialmente dominante na civilização, a sociedade como um todo, por consequência, procederia da mesma maneira que os homens para alcançar a moralidade, tendo que passar ainda por estágios naturais de desenvolvimento.

Sociedades aborígenes, em que o papel social da mulher é muito mais igualitário do que nas sociedades cristãs ou mesmo superior ao papel social masculino, não levariam invariavelmente a um estado de primitivismo sexual poligâmico desenfreado como o que foi sugerido por Krafft-Ebing no começo do texto. Como demonstra Westermarck (1904), em um artigo que compila diversos estudos anteriores à sua publicação, há uma quantidade expressiva de casos apresentados em publicações expressivas sobre civilizações primitivas em que as mulheres têm igualdade social com os homens ou um papel mais importante que os indivíduos do sexo masculino. Ao contrário do que se poderia pensar a partir desses inúmeros exemplos, a maioria desses povos selvagens dominados por mulheres não teriam vivido uma configuração social nômade em nenhum momento, mas sim estritamente monogâmica. Povos da região norte de Queensland – uma sociedade em que as mulheres poderiam infligir castigos aos homens que lhes tivessem feito alguma injúria – ou os Savaras, um povo do sul da Índia que teria por costume deixar que a mulher abandonasse o marido sempre que esta sentisse vontade, estariam muito mais evoluídos do que as outras tribos.

A poligamia apareceria apenas em algumas dessas civilizações e, na maioria dos casos, chegaria a constituir uma prática cultural com regras delimitadas, incentivada pela parcela feminina da população:

[...] as próprias mulheres, por vezes, aprovam o costume. Livingstone nos diz que algumas mulheres Makalolo, ao ouvir do entrevistador que um homem na Inglaterra poderia se casar apenas com uma só mulher, exclamaram que não gostariam de viver em um país como esse; elas não poderiam imaginar como as damas inglesas seriam capazes de concordar com esse costume, porque, em seu modo de pensar, todos os homens de posição deveriam ter certo número de esposas, como uma prova de sua riqueza. Na África equatorial também, de acordo com o Sr. Winwood Reade, as mulheres são as mais intrépidas defensoras da poligamia: "Se um homem se casa e sua esposa pensa que ele pode pagar por outro cônjuge, ela vai importuná-lo a se casar novamente e chamá-lo de um companheiro mesquinho, se ele se recusa a fazê-lo" (Westermarck, 1904, p. 416).

Como aponta Westermarck, a noção de poligamia nas culturas aborígenes poderia ser totalmente separada da questão moral e pensada como uma necessidade funcional desses povos, pois, por causa da guerra e outras atividades cotidianas de caça e lutas, a quantidade de mulheres seria muito superior à quantidade de homens. Apenas uma mulher para cada homem poderia representar um obstáculo para a procriação e para a manutenção da sociedade. Por causa da necessidade de procriação, um mesmo homem poderia, com diversas esposas, ter mais filhos e evitar que a sociedade se extinguisse.

Dessa maneira, Krafft-Ebing restringiu o alcance de todas suas argumentações na Psicologia Sexual porque claramente ignorava outras interpretações sobre a poligamia e o

nomadismo sexual nas formas de estruturação social, bem como a condição moral sexual superior das mulheres (condição essa que ele mesmo sugere).

Krafft-Ebing focou a segunda parte da introdução da *Psychopathia Sexualis* em relatar a fisiologia da vida sexual, ou seja, em como as funções sexuais do instinto sexual (a relação sexual, a ejaculação, o desejo sexual) aconteceriam e seriam reguladas nos processos biológicos do organismo.

A primeira argumentação abrange os processos ambientais de regulação do desejo sexual.

Para Krafft-Ebing o desejo sexual representaria uma lei fisiológica comum a todos os sujeitos. Assim como a legislação social nas diferentes sociedades humanas, a *lei do desejo sexual* variaria de acordo com os muitos contextos nos quais os indivíduos estivessem inseridos. Fatores como raça, clima, hereditariedade e circunstâncias sociais influenciariam a fisiologia do sexo.

Sendo assim o autor propôs que os habitantes dos países do sul (anteriormente apresentados como os últimos a atingir a moralidade sexual) quando comparados aos habitantes do norte, seriam os primeiros a atingir o desenvolvimento sexual.

As razões para esse aparecimento precoce não são explicitadas por Krafft-Ebing. O mais próximo do argumento de Krafft-Ebing para esclarecer o aparecimento dessa relação está, novamente, na primeira *Psychopathia Sexualis*. Kaan (1844, p.48) apresenta, em ordem crescente, o momento em que as diversas espécies atingiriam a sexualidade: No pólipó esta faculdade apareceria depois do nascimento. Nas conchas, apareceria no terceiro ano de vida. Nos peixes, apareceria mais rápido que nos anfíbios. E assim sucessivamente até a espécie humana. Pelo texto, ele parecia acreditar que a faculdade de procriação irromperia nos animais inferiores cada vez mais cedo, quanto mais simples fosse a constituição corporal e neurológica. Dessa maneira, e sabendo que algumas colônias do sul ainda seriam consideradas selvagens pelos estudiosos nortistas e que mesmo quando já estivessem colonizadas, teriam sido civilizadas tempos depois das sociedades do norte, os habitantes dessas colônias seriam considerados menos evoluídos que os habitantes do norte, logo, alcançariam primeiro a faculdade de procriar.

A fase da puberdade seria agitada por uma inquietude secreta, por pensamentos constantes e marcada por certa característica de sensibilidade incerta. Nessa fase o ânimo se comoveria fortemente e uma sensualidade apazível apareceria. Neste período, o jovem desenvolveria devaneios, teria desagrado em realizar as ocupações ordinárias, fugiria da

companhia de outras pessoas e procuraria a solidão. As meninas seriam as que primeiramente ficariam atormentadas por tal emoção da mente por causa do sistema nervoso mais evoluído e mais suscetível do sexo feminino.

O instinto sexual convidaria o homem ao coito. O coito seria um ato que a natureza humana exigiria, e nem a moralidade nem a religião seriam capazes de contradizer, pois neste ato a propagação do gênero humano aconteceria. No entanto, alguns tipos de cópula não seriam conveniente aos homens, entre eles a pantogamia¹³ e a poligamia, que ocorreriam no reino animal e ainda existiria em povos primitivos da África e da Ásia. Deles podemos notar alguns traços, para desonra do gênero humano em cidades bem organizadas, mas tão somente a monogamia, que conduz ao matrimônio.

Em termos fisiológicos, de como tal relação se daria até o desenvolvimento da moral sexual, a partir das leituras dos autores dos séculos XVIII e XIX, já se faz presente a noção geral de que quanto mais cedo as glândulas sexuais se desenvolveriam, mais cedo a pessoa estaria fisiologicamente madura para manter relações sexuais. Sendo assim, a sexualidade precoce favoreceria a consumação sexual dos amores da puberdade. Quando os argumentos da psicologia da sexualidade de Krafft-Ebing são retomados, a maturação sexual (quando precoce) completa coincidiria com o período psicológico do aparecimento dos amores idealizados e primordialmente sensuais. Esses sentimentos precoces, além de correrem o risco de serem dedicados a pessoas indignas, seriam impossíveis de serem mantidos até o ponto em que seriam convertidos em amores nobres. Dessa maneira, logo o amor e o desejo sexual por um sujeito cessariam e passariam a ser dedicados para outra pessoa. O ato sexual seria consumado com cada novo objeto de amor, levando o indivíduo ainda muito jovem à um comportamento que favoreceria a promiscuidade sexual e o manteria cada vez mais afastado da evolução necessária para atingir a moralidade. Seguindo a mesma linha de raciocínio é possível dizer que o argumento de Krafft-Ebing pode ir além, pois, caso aprendido muito cedo, o comportamento promíscuo assumiria a mesma forma de um mau hábito precoce e quando em conjunto com as degenerações cerebrais que apareceriam em alguns seres humanos (e seriam hereditárias), possivelmente formariam as primeiras ocorrências das perversões sexuais do instinto entre a espécie humana.

¹³ O termo Pantogamia significa o modo reprodutivo em que a individualidade não desempenha nenhum papel, o macho e a fêmea acasalam indiscriminadamente com todas as pessoas do sexo oposto a eles, desde que a necessidade surge em produzi-las (Nysten, 1845, p.615), o mesmo que nomadismo sexual.

Os habitantes de lugares (caso de muitos países do Sul) com clima tropical alcançariam essas características fisiológicas do início do desenvolvimento sexual (menstruação, pelos pubianos, engrossamento da voz, ejaculação) aproximadamente aos oito anos de idade, ou às vezes até mais cedo nas mulheres. Essas idades representariam uma faixa etária muito menor do que os quatorze ou quinze anos dos nortistas, e menor do que a própria faixa etária da puberdade, período que marcaria o início da vida sexual. Sendo assim, o argumento que Krafft-Ebing endossava (de que a vida sexual, os primeiros amores e desejos começariam exclusivamente na puberdade quando a sexualidade fosse normal) não é correspondente. A Psicologia Sexual compreende um enunciado universal para todos os seres humanos em todos os tempos, já o autor assume que o início das características fisiológicas sexuais, e, por conseguinte, da sexualidade em si também estaria influenciado por fatores não biológicos e externos, que poderiam alterar qualquer determinação de um momento fixo para o início da sexualidade. Fato que corrobora essa contradição apresentada acima seria a ideia no texto em que meninas que vivem nas cidades desenvolvem-se antes que meninas que vivem no interior e, que quanto maior a cidade, mais cedo o desenvolvimento sexual da menina ocorreria.

A hereditariedade teria um papel equivalente ao do clima e ao das raças na fisiologia da sexualidade. Pessoas que nasceram em famílias ativas sexualmente e longevas teriam maior tendência a ser sexualmente ativas, ter mais filhos e viver mais que pessoas que não possuíssem tais características familiares.

A atividade das glândulas reprodutoras também seria diferente entre os gêneros sexuais. A função sexual das mulheres cessaria antes da dos homens. A ovulação feminina duraria até trinta anos depois do início da primeira menstruação, ou seja, a “potência” da mulher duraria no máximo até os quarenta e quatro anos de idade, dando início ao climatério. Entre a menarca e a última menstruação, o período do climatério representaria um acontecimento biológico que acarretaria uma atrofia dos órgãos reprodutores femininos e uma mudança em todo o organismo da mulher. Por essa razão, esse período também seria chamado de “período da mudança da vida”. Na maioria dos homens da Europa, a maturidade sexual começaria aos dezoito anos de idade, chegando ao ápice por volta dos quarenta anos e começando a declinar lentamente a partir daí.

Krafft-Ebing assume a divisão do jurista Paollo Zachia (1726, p. 124) que separa a potência sexual em dois tipos, cada um com funções distintas: a *potentia generandi*, potência que propicia a procriação, a continuação da espécie, que duraria até os sessenta e dois anos no

máximo em um homem e até a menopausa na mulher; e a *potentia coeundi*, potência de coabitar, de conseguir manter relações sexuais poderia ser encontrada até em pessoas idosas.

O instinto sexual existiria durante toda a vida sexual do sujeito, mas teria variação no nível e na intensidade ao longo desse período e seria completamente inativo em crianças e idosos. Apesar de não ser totalmente periódico como nos animais, o instinto sexual humano teria picos periódicos de maior atividade: nos homens seria de acordo com a variação da economia e do ato de expelir o esperma e as mulheres teriam um aumento do desejo sexual na época da ovulação, logo após o fim da menstruação. A duração da *potentia coeundi* representa um ponto de contradição na teoria, uma vez que, dentro das patologias gerais fato de ter o desejo de manter relações sexuais durante o período da velhice, incluiriam o indivíduo entre os doentes com o instinto sexual pervertido. Ao longo da leitura integral do texto pode-se dizer que para Krafft-Ebing a variação normal sofrida pelo instinto sexual chegaria a um ponto que diminuiria até tornar-se a sexualidade nula. Mas ainda assim, a *potentia coeundi* inevitavelmente teria que ter um final antes da velhice. Esse final não é apresentado abertamente, mas existe, devido a uma afirmação posterior de Krafft-Ebing que diz que é válida a suposição de alguma anormalidade em uma pessoa que sente vontade de manter relações sexuais depois de muito velha, entre os 70 ou 80 anos (de acordo com os casos que ele seleciona). Provavelmente a *potentia coeundi* seria uma patologia quando encontrada além da duração da *potentia gerenrandi*.

Ao assumir a periodicidade do instinto sexual Krafft-Ebing estava advogando pela inexistência da sexualidade infantil. Krafft-Ebing cita crianças com desejo de fazer sexo apenas nas paradoxias sexuais, ou seja, neuroses sexuais cerebrais que faziam com o desejo sexual estivesse ativo em crianças e idosos. Krafft-Ebing considerava a criança como um ser além de ser biologicamente incapaz de gerar descendentes era psiquicamente incapaz de desejar o coito.

Como será visto posteriormente nessa tese, quando da primeira edição da *Psychopathia Sexualis*, a ideia de que crianças teriam a sexualidade a florada já estava tomando forma na teorização de psiquiatras. Mas a ideia ainda era a de que expressões dessa sexualidade seriam muito difusas e sem maiores significados ou mesmo seriam manifestações patológicas. Krafft-Ebing até a última edição em vida da obra, contrariou esses estudos e continuou com a ideia de que crianças não teriam nenhuma forma de sexualidade.

O autor estava ciente da constatação até certo ponto comum na época de que crianças desde muito pequenas tinham o hábito de tocar os próprios genitais. Raramente um autor colocava esse hábito como masturbação. A ideia era de que essa seria uma estimulação

mecânica, por irritações ou excitações na pele, e acidental, pois a criança descobria que aquele toque causava uma sensação prazerosa na pele e continuaria com o hábito. A ideia do ato sexual não estaria presente para que esse hábito em crianças mais novas fosse considerado masturbação. Krafft-Ebing cita essas estimulações mecânicas e atribui a presença das mesmas tanto em crianças mais novas quanto em crianças mais velhas (de 7 a 12 anos) a consequências de alergias na pele, fimose ou vermes que as crianças pegavam por se sentar no chão ou na areia. E essa era toda a manifestação sexual não patológica que a criança teria.

Seguindo na ideia de Krafft-Ebing sobre a fisiologia do instinto sexual nota-se uma forte influência das teorias localizacionistas cerebrais que surgiram no século XIX. Por essa razão, torna-se necessário iniciar o tópico contextualizando o momento intelectual do qual Krafft-Ebing fazia parte.

Para falar brevemente sobre o localizacionismo, este trabalho tomará como ponto de apresentação a progressão das visões localizacionistas a partir do estudo de três autores: O francês Franz Gall, por ser considerado o pioneiro nos estudos sobre localização cerebral; o médico Paul Broca e, por último, o médico inglês David Ferrier, por ser o localizacionista de maior expressão diretamente contemporâneo de Krafft-Ebing. A proposta de Franz Joseph Gall (1758-1828) para a divisão das funções do cérebro, que marca o início da apropriação científica do localizacionismo, ficou conhecida como frenologia. As ideias da frenologia teriam alcançado relativa popularidade entre os médicos da época, com certo reconhecimento imediato, como demonstra a citação de Combe: “Tão superior e natural é o método de demonstrar a estrutura do cérebro, que ele agora é adotado por alguns dos professores ilustres da Europa, e não duvido que em breve se torne geral” (Combe, 1822, p.VII).

Para Combe (1822) como um entrave ao sucesso da adesão às ideias frenológicas estaria à concepção errônea de que a ciência da frenologia seria geralmente concebida para ser apenas uma teoria que teria como maior utilidade satisfazer a curiosidade de adivinhar as propensões e capacidades futuras dos outros. Na verdade, a frenologia representaria um sistema da filosofia do homem, abraçando a consideração de sua moral, de suas faculdades intelectuais e da conexão aparente dessas faculdades com a sua constituição orgânica. Ao contrário da ideia geral, não teria nenhum poder de prever as ações dos outros e trataria apenas de capacidades humanas em geral.

A circunstância que levaria Gall à dedicação aos estudos das partes do cérebro teria começado graças a sua observação de pessoas com notável poder de observação, reflexo e memória. Gall primeiramente formularia a hipótese de que as pessoas que apresentassem tais

faculdades teriam olhos proeminentes quando comparadas com outras pessoas que não possuíssem essas habilidades. Em mais uma de suas observações acuradas, teria percebido que alguns homens igualmente brilhantes ou superiores não possuiriam nenhuma alteração parecida nos olhos. Rapidamente começaria a pensar que deveria haver alguma outra parte que marcasse os dotados daquela capacidade. Através de mais observações encontraria uma protuberância na parte superior do interno de cada globo ocular. Haveria uma maioria considerável dessa diferenciação cranial entre as pessoas que ele observou e que eram possuidoras dessa característica. Uma mulher em Viena tinha essa parte tão proeminente que chegava a produzir uma deformação na face. Interrogado sobre as inclinações da senhora, Gall descobriria o grande prazer da dama por viajar. A experiência confirmou que o grande prazer por viagens, bem como a acurácia para lembrar-se de lugares e cenas dependeriam do desenvolvimento desse órgão.

Gall continuaria a expandir suas observações até descobrir a parte da cabeça mais protuberante naqueles que costumariam ser tomados por paixões e sentimentos fortes. Da observação de um mendigo que teria reconhecido que o seu orgulho o havia reduzido a indigência – e, que a partir de sua própria infância, pensou-se superior aos outros, e nunca mais aprendeu qualquer coisa – perceberia que a parte posterior e superior da cabeça, onde o cabelo normalmente divide, seria muito proeminente, e a mesma configuração seria encontrada em outros notáveis por seu orgulho:

Assim, equipado com tantas provas de coincidências entre o desenvolvimento de diferentes partes do cérebro e da exibição da natureza intelectual e moral do homem, Gall foi obrigado a renunciar às doutrinas obscuras e incompreensíveis das escolas, e aplicou-se ao estudo das faculdades primitivas (Combe, 1822, p. V).

O aumento das evidências observacionais levaria Gall a entrar em associação com o Dr. Spurzheim e ampliar mais ainda suas observações para diferentes cidades da Alemanha e França e, ao recolher diversas evidências para corroborar seus argumentos. Depois de uma visita a Grã-Bretanha e de entrar em conflito com alguns opositores às suas ideias, Gall e Spurzheim encontrariam apoio junto a Combe, Mackenzie, Lockhart e outros para estabelecer a Sociedade Frenológica de Edinburgh.

Sobre sua própria teoria, Gall afirma em *Sur l'origine des qualités morales et des facultés intellectuelles de l'homme, et sur les conditions de leur manifestation* (1822) que pretendia provar que:

Cada órgão cerebral apresenta uma tendência determinada, cada órgão desfruta de uma apreensão interior, de uma força, de uma faculdade, de um impulso, de uma inclinação, de um sentimento particular. Aqui nada é o resultado vago e incerto, nem de uma influência externa, nem de uma abstração interior. Assim que os órgãos relativos

adquiriram seu desenvolvimento perfeito e sua inteira atividade, as funções que deles resultam são tão determinadas quanto as próprias disposições das quais esses órgãos são os depositários (Gall, 1822, p. 63).

Head (1926, p.23) separou alguns pontos que teriam sido usados por Gall como princípios da teoria e, que foram reafirmados como tais em várias publicações: a massa uniforme aparente do cérebro seria formada por órgãos que seriam úteis para a manifestação de nossas faculdades vitais e morais. Esses órgãos constituiriam três grandes grupos distintos: (a) aqueles que seriam úteis para as faculdades da força vital; (b) os úteis para inclinações e afetos da alma e (c) os para qualidades intelectuais da mente. Cada um desses grupos ficaria localizado em uma parte distinta do cérebro. As forças vitais ficariam na parte do tronco cerebral entre o fim do cordão espinhal e dos gânglios basais; inclinações e afetos da mente pertenceriam a parte dos gânglios basais e as qualidades intelectuais da mente seriam situadas nas várias partes do hemisfério; as capacidades morais e intelectuais seriam deduzidas a partir das medidas do crânio.

Apesar da popularidade que a teoria de Gall alcançou e da confiabilidade que alguns dos estudiosos da época enxergavam nas tentativas de localizar as funções do cérebro, muitos médicos rejeitaram as localizações que a frenologia propôs.

Um dos médicos que reconhecia as contribuições de Gall para a medicina, mas que discordava das aplicações frenológicas foi o neurologista francês Pierre Paul Broca (1824 - 1880), participante da Sociedade de Antropologia de Paris. Em uma das reuniões da Sociedade ele falou sobre o valor da medição do cérebro como parâmetro para avaliar a inteligência. Definia-se na época como adepto do localizacionismo, insistindo em um estudo preciso do cérebro em si, em vez da dependência em relação à medição das protuberâncias do crânio e, também argumenta que o discurso era uma faculdade intelectual, e não uma função motora. (Head, 1926 p. 30).

Seu trabalho constituiria em uma continuação dos estudos das afasias e da localização cerebral que decorreria diretamente das influências de Gall, mas que rejeitaria a cranioscopia na pesquisa localizacionista. Broca (1861) discute que a maior dificuldade para o progresso na área do localizacionismo seria a insuficiência e a incerteza da análise funcional, que deveria necessariamente preceder a investigação sobre os órgãos relacionados a cada função:

A ciência está tão pouco avançada sobre esse ponto que ela sequer chegou ainda a encontrar sua base, e o que é contestado hoje em dia não é esse ou aquele sistema frenológico, mas o princípio mesmo da localização, isto é, a

questão prévia de saber se todas as partes do cérebro que se dedicam ao pensamento têm atribuições idênticas ou atribuições diferentes (Broca, 1861, p. 337).

Em 1861, mostra, por meio de análise *post-mortem* de pacientes que perderam a capacidade de falar, que tal perda estaria associada a danos a uma área específica do cérebro. Em 1865, baseando-se em vários estudos anatomopatológicos de pacientes com amnésia verbal, estabelece o centro responsável pela linguagem articulada, a parte posterior da terceira circunvolução frontal do hemisfério esquerdo. Essa parte é conhecida pelo nome de *área de Broca*. Broca denomina o distúrbio da linguagem como *afemia* (que posteriormente passaria a ser chamada de afasia). Anos depois, consegue localizar a função da fala no hemisfério esquerdo do cérebro “nous parlons avec l’hémisphère gauche”. Esse fato se tornaria um marco na história do localizacionismo cerebral. Ao localizar a faculdade de expressão oral no hemisfério esquerdo, além de aceitar uma assimetria funcional dos hemisférios cerebrais o estudo de Broca aceita também que cada hemisfério do cérebro seria responsável por tipos de funções localizada, distintas e específicas.

Broca usualmente era creditado como o pioneiro da doutrina moderna do localizacionismo cerebral. Young (1968) criticava esse apontamento e afirma que a real grande contribuição de Broca teria sido falar sobre o localizacionismo numa época em que os médicos estariam preparados para receber tal discurso e que seu crédito na verdade deveria ser o de promover um importante suporte patológico para a credibilidade de algumas formas de localizacionismo.

O médico alemão David Ferrier reconheceria anos mais tarde que as observações de Broca representariam um importante passo para o localizacionismo, a ponto de se mostrarem amplamente confirmadas pelas pesquisas clínicas e patológicas e, pela própria experiência fisiológica.

As localizações encontradas por Ferrier teriam sido classificadas pelos seus contemporâneos entre os maiores avanços na fisiologia do sistema nervoso. Em 1874, estava convencido de investigar, a partir de seus experimentos com animais, não apenas artefatos e contrações induzidas, mas toda a base voluntária dos movimentos. Sendo assim, suas inferências passaram de contração para o movimento intencional de funções biológicas. Esse raciocínio levou-o a afirmar que ele poderia "estimular artificialmente condições semelhantes aos estímulos psíquicos ou volitiva normais" e de "traduzir em sua significação psicológica e localizar frenologicamente os centros orgânicos para vários dotes mentais (Young, 1968, p. 265).

Ferrier (1886) em suas obras referiu-se à interpretação psicológica de suas descobertas como "frenologia científica". Dentro da frenologia científica seria essencial ter em mente que as funções e as doenças do cérebro seriam manifestadas sob dois aspectos: (a) o psicológico e (b) fisiológicas: fenômenos que apelar para dois distintos métodos de investigação: o subjetivo e o objetivo. Para mostrar que não há localização da função mental seria necessário demonstrar que as mesmas peças poderiam ser destruídas em ambos os hemisférios, sem produzir perturbação mental. Caso contrário, as provas apontariam para a localização entre as regiões do cérebro.

Para Ferrier (1886, p. V) a descoberta da excitabilidade elétrica cerebral teria dado um novo ânimo para as pesquisas das localizações do cérebro e parecia bem mais confiável do que as antigas maneiras usadas por outros localizacionistas. Ferrier apresenta essa justificativa para usar a descoberta como principal método de seus experimentos. A partir dessas investigações produz a topografia de localização das funções do cérebro em várias espécies. Com a remoção do giro pré-central, ele encontra uma paralisia e uma posição hemiplégica dos membros contralaterais. As localizações apresentadas por Ferrier são citadas diretamente por Krafft-Ebing para falar sobre alguns centros cerebrais.

Daqui em diante, Krafft-Ebing define que o instinto sexual, ao ser entendido como uma ideia, uma emoção, seria uma função do córtex cerebral, estaria localizado precisamente em uma área específica do córtex cerebral que a medicina da época ainda não haveria reconhecido ao certo¹⁴.

O início da vida sexual de um sujeito surgiria a partir das sensações orgânicas despertadas pelas glândulas sexuais em desenvolvimento. Essa estimulação chamaria a atenção do sujeito, pois as sensações causariam estímulos prazerosos no corpo. Com os acontecimentos da vida cotidiana e o material que abordaria o sexo disponível na sociedade, a noção da estimulação sexual puramente orgânica seria convertida em ideias claras sobre os atos sexuais. A acentuação dessas ideias eróticas e a vontade de experimentar as sensações orgânicas prazerosas levariam a um impulso de provocar o desejo sexual e finalmente de coabitar com outra pessoa.

Essa relação entre excitação da glândula corporal e conversão em ideias claras seria o fator que estabeleceria a dependência mútua entre os órgãos reprodutores e a suposta área

¹⁴ Na edição da *Psychopathia Sexualis* usada como referência principal neste trabalho (1892 - em suas versões em inglês, francês e alemão) o parágrafo em que Krafft-Ebing fala sobre a localização é denominado no sumário como Localização, seguido de um ponto de interrogação: [Localização (?)].

específica do córtex cerebral, porque o córtex seria, de acordo com as comprovações dos estudos da época, o local no cérebro que regularia as ideias e sensações. Por meio dessas ideias e emoções, o cérebro induziria o corpo à processos fisiológicos que resultariam na ereção e excitabilidade e, posteriormente na ejaculação, dilatação vaginal e orgasmo, por meio de centros de inervação e ejaculação vasomotora, que estariam situados na parte lombar da medula e se encontram próximas umas das outras. Ambos seriam centros reflexos.

O cérebro também possuiria uma área que regularia a função da ereção masculina, o centro da ereção, descoberto por Eckhard e Goltz constituindo em uma porção intermediária entre o cérebro e o aparato genital. Essa parte formaria uma estação nervosa que liga, através da ponte e dos pedúnculos cerebrais, o cérebro e os órgãos genitais. Não estaria diretamente subordinada à vontade, apesar de que, como será abordado posteriormente, a vontade pode influenciar na manutenção e na ocorrência da ereção. A excitação nesse centro seria resultado dos estímulos dos nervos periféricos ligados aos órgãos reprodutores ou de um estímulo direto da ponte e dos pedúnculos (os *nervi erigentes*) que circundariam os três primeiros nervos sacrais. Uma vez excitados, os nervos erigentes, através do corpo cavernoso, transportariam o estímulo ao longo dos demais nervos sacrais. A ação dos nervos erigentes inibiria a ação dos músculos lisos do mecanismo nervoso dos gânglios do corpo cavernoso. Sobre a influência da ação dos nervos erigentes essas fibras do corpo cavernoso ficariam relaxadas, dilatadas e cheias de sangue. Como resultado da pressão exercida sobre as veias dilatadas do pênis, o sangue ficaria impedido de circular. A contração do bulbo cavernoso e dos músculos isquio cavernosos potencializaria a pressão exercida no pênis, causando a ereção.

O centro de ereção estaria sob a influência da inervação excitante e inibidora do cérebro. Como influências excitantes, as ideias e senso-percepções de conteúdo sexual teriam um efeito sobre o centro de ereção. A excitação reflexa do centro seria possível e frequente, nas seguintes formas:

Da irritação periférica dos nervos sensoriais dos órgãos genitais e órgãos em torno através da fricção; pela irritação da uretra (gonorreia), do reto (hemorroidas) da bexiga (distensão com urina, especialmente na parte da manhã, irritação de cálculos renais); pela distensão das vesículas seminais cheias de sêmen; por hiperemia dos órgãos genitais, ocasionados por dormir deitado de costas, e induzindo, assim, a pressão do intestino sobre os vasos sanguíneos da pelve. A ereção do centro também pode ser excitada pela irritação dos gânglios nervosos que são abundantes no tecido prostático (prostatite, a introdução de cateter, etc) (Krafft-Ebing, 1892, p. 25).

De acordo com as observações científicas feitas em homens que foram enforcados, seria evidente que o centro de ereção poderia ser animado através da pressão sob o trato da

medula espinhal. Observações de homens que sofrem com alguma doença cerebral mostraram que a excitação também seria possível como resultado da irritação orgânica no córtex cerebral. Doenças da coluna vertebral que afetariam a porção lombar da medula, em seus estágios iniciais, poderiam excitar diretamente o centro de ereção. A inervação inibidora do cérebro teria sido comprovada pelo experimento de Goltz com cães, segundo o qual, quando a porção lombar do cordão fosse cortada, a ereção poderia ser mais facilmente induzida.

Nos homens, o fato de a vontade e emoções (como medo de coito infrutífero, alguma surpresa durante a relação sexual entre outras), poderem inibir a ocorrência de ereção, ou causar o desaparecimento da mesma, também indicaria a influência de agentes inibidores. A duração da ereção dependeria da duração do estímulo de excitação do sistema nervoso, da presença ou ausência de influências orgânicas ou psicológicas que inibiriam o processo, da energia nervosa que excitou o centro e do tempo que o homem levaria para ejacular.

Apesar da ciência da época não ter demonstrado em que ponto específico do córtex estaria a localização da região que regula as motivações sexuais, Krafft-Ebing acreditava que seria justo considerar que haveria essa região no centro do córtex cerebral que além de reger as funções orgânicas, também seria responsável pelo instinto sexual e pelo processo psicossomático que constitui a vida sexual e o desejo sexual. Essa porção cerebral seria excitável por estímulos do sistema nervoso central e por estímulos do sistema nervoso periférico.

As excitações que os processos dos órgãos reprodutores causariam no córtex seriam resultado das influências nervosas e, também de influências externas como, por exemplo, uma vida luxuriosa e sedentária, exposição ao clima muito quente, vestuário, consumo de pimenta e outras especiarias orientais. Fisiologicamente esses estímulos constituiriam percepções sensoriais, memórias visuais e impressões táteis.

A libido sexual apontaria para uma relação do estímulo sexual com as sensações dolorosas (chicotadas, tapas e outras sevícias usadas como estimulação da região glútea), essa relação seria a raiz natural da qual a perversão do masoquismo – que será estudada posteriormente – seria originada. A relação entre sensações dolorosas e a sexualidade pronunciaria a ocorrência dos certos casos de patologias sexuais: algumas crianças poderiam conhecer o primeiro estímulo sexual como decorrência de surras ou castigos físicos. Por isso, na visão do autor, os cuidadores, pais e enfermeiras deveriam evitar ao máximo esses tipos de castigos na educação das crianças.

Dentro do contexto da relação entre sexo e dor, a flagelação passiva apontaria para a percepção das sensações dolorosas como estímulos sensuais e para a íntima relação entre religiosidade e sexualidade. Os rituais de flagelação teriam começado e sido incentivados dentro das práticas cristãs, por representarem a expiação dos pecados pela dor do corpo e a morte da carne e dos desejos carnis. Mas o componente inegável que o estímulo doloroso tinha para aflorar a sensualidade teria feito com que a Igreja coibisse a prática. A flagelação seria um ato extremamente perigoso porque além de encerrar um componente sexual que poderia vir a ser patológico, poderia levar a demência mental. Alguns dos exemplos que Krafft-Ebing cita são: Maria Madalena de Piazza. A jovem freira seria adepta de rituais de flagelação. A prática teria deixado sequelas na moça, e ela, durante o resto de sua vida, passou a ter diversas alucinações e por vários momentos esteve perto de perder a virgindade. O mesmo teria acontecido a Elizabeth de Genteon, que ao ser chicoteada, acreditava estar unida com seu “ideal” e gritava nos mais altos tons das alegrias do amor: “Como uma regra geral, ela descansava quando, animada por flagelação incomum, acreditava-se unida com seu "ideal". Esta condição era tão primorosamente agradável que ela com frequência gritava: “Oh! Amor, meu amor eterno, amor, você, criatura! Grite comigo, amor, amor!” (Krafft-Ebing, 1982, p. 29).

Dentre todos os estudos apresentados, Krafft-Ebing garante ao livro de Franz Paullini *Falgellum Saltuis* (1698) o grau de confirmação da relação entre flagelação e excitação. Trata-se de “um livrinho velho e estranho”, nas palavras de Baring-Gould (1869). Paullini começa o livro falando sobre as sevícias corporais como mandamentos das Escrituras e utilizados nas igrejas (*Castigo corpus meum et in servitute redigo*). Logo após a introdução dedica as primeiras dez páginas a retomar casos de santos e beatos (Santa Rosa de Lima, Frei Inácio Loyola, Madalena de Piazza) que praticavam a flagelação como maneira de expiação dos pecados. Dessa parte em diante o livro torna-se um tratado sobre os benefícios da aplicação de castigos corporais para curar doenças ou condutas ruins. Para afirmar seu ponto de vista Paullini apresenta vários casos em que depois de severos castigos corporais, a pessoa teria endireitado para sempre seu comportamento: numa criança que diz aos pais que não obedeceu aos seus comandos, diz o autor, o melhor remédio seria o castigo de ficar por algumas horas exposto a sons altos nos ouvidos; para dores de dente, pular exaustivamente no momento do sofrimento até desviar o foco da dor, como teria feito um professor conhecido:

Uma das causas predisponentes de melancolia, observa Paullini, é o amor. E acaba por resultar na imbecilidade ou insanidade. Para os pais e encarregados da educação, o nosso autor dá o conselho: quando os primeiros sintomas dessa queixa aparecerem nos jovens a seu cargo, o

melhor é deixá-los contemplar a vara com firmeza, batendo com vigor e rapidez. O remédio é infalível (Baring-Gould, 1869, p. 130).

Krafft-Ebing transcreve dois longos casos do livro, em que pessoas, através de torturas corporais tiveram alterações no comportamento sexual. O primeiro caso é o do rapaz alemão, que estabeleceu casa e matrimônio em uma região da Rússia. O jovem fazia de tudo por sua esposa, mas ela permanecia fria com ele. Um dia, ao ser questionada da razão, a moça responderia que o rapaz não lhe concedia o sinal de amor comum naquela região do país, o chicote. O rapaz passou a bater na esposa e ela começou a agir com paixão e gentileza. O outro caso relata o conde da Marindula, que dizia ter sido um rapaz muito sensual e rápido para as paixões, porém lento para o amor e sentimentos nobres. Seu comportamento mudaria completamente, de um filisteu para um homem capaz de amar com nobreza, depois de ter sido submetido a surras com o chicote que se tornavam mais severas na proporção em que seus atos lascivos ficavam mais frequentes.

A excitação cerebral sexual poderia também ocorrer por estimulação de algumas partes do corpo. As zonas erógenas seriam as regiões da pele e mucosa com maior propensão a estimular o processo de excitação do córtex cerebral. As zonas erógenas na mulher não seriam sempre as mesmas durante toda a vida. Uma moça virgem teria como zona erógena principal o clitóris. Depois da primeira relação sexual, os lugares que proporcionariam maior excitação sexual seriam a vagina e o colo do útero.

Os mamilos femininos representariam uma fonte de grande excitação sexual. A excitação anormal dessa parte do corpo feminino consistiria em uma perversão que teria sido nomeada por Val. Hildebrand¹⁵¹⁶ como *suctusstupratio*. Essa perversão teria sido descoberta depois do autor ter observado o caso de uma moça que teve os seios sugados pelo amante como forma de carícia sexual. A moça sentiu tamanho prazer com o gesto que teria aprimorado uma maneira de conseguir sugá-los ela mesma, atingindo a cada vez, um orgasmo intenso com a prática. O ato de sugar as mamas como uma fonte de estímulo sexual poderia apresentar outra

¹⁵ O único Val. Hildebrandt que publicou alguma obra até o ano da morte de Krafft-Ebing foi Valentin Hildebrandt. Nenhuma biografia de alguém com esse nome foi encontrada. Um único livro de um autor homônimo foi encontrado. Chame-se *Epicedia carmina duo ...de morte clariss. V. Hieronymi Heroldi, eximi medici, et ... Annae Mecelinae filiae ipsius* (1567), escrito totalmente em latim e que não está disponível para a leitura. Em uma pesquisa com a definição *suctusstupratio* um único livro foi encontrado *La répression sexuelle par les psychiatres (1850-1930): Corps coupables* (2011). P.A.C Pognant, autor desse livro, referencia Krafft-Ebing no verbete sobre o termo. No verbete do *Nouveau dictionnaire de sexologie* (1972) o verdadeiro autor do termo é creditado, mas também sem biografia ou referencia. Por isso essas obras não foram utilizadas aqui como bibliografia.

¹⁶ Uma pesquisa durante a visita à Universidade de Durham foi feita novamente e os resultados permaneceram os mesmos da nota anterior.

faceta mais nobre ao ser expandido para um ato de amor mais profundo e abnegado, o da mãe que amamenta o filho. Mas a relação da amamentação como ato de prazer amoroso maternal aconteceria apenas durante o período em que o bebê precisa ser amamentado. Nas mulheres com alguma condição mental anormal, outras partes das mamas e dos genitais poderiam funcionar como zonas erógenas.

O homem normal teria apenas uma zona erógena: a glândula do pênis. E talvez a pele que recobre os órgãos genitais externos. Homens afetados por patologias poderiam sentir excitação sexual no ânus, o que explicaria as masturbações anais e pederastia passiva. Krafft-Ebing, na página 32, faz uma citação à Moll, *Conträre Sexualempfindung*, p. 163 e não apresenta a ideia contida nela. A citação da versão francesa da mesma obra de Moll contém a mesma ideia, que ilustra o pensamento exposto:

Eu penso principalmente que a tendência à pederastia passiva, em um grande número de casos ao menos, não se deve à depravação. Admito, ao contrário, que a tendência à pederastia passiva seja favorecida por uma predisposição particular do indivíduo. Talvez se trate, nesse caso, de um fenômeno análogo àquele que encontramos na flagelação, da qual se tratará mais adiante, e na qual os golpes dados sobre as nádegas provocam, no homem heterossexual, a excitação genital, a qual lhe permite realizar o coito. Da mesma forma, o pederasta passivo, além de sua inclinação pelo homem, tem necessidade, para que haja satisfação completa, de uma irritação particular dos nervos do ânus e do reto, que ele só obtém através de uma relação com outro homem (Moll, 1893 p. 138).

Nessa mesma obra Moll aponta que Krafft-Ebing teria uma ideia parecida com a apresentada anteriormente e, que essa concepção teria vindo do grande esforço de Krafft-Ebing para combater a teoria de Mantegazza. De acordo com essa teoria do neurologista italiano, a pederastia passiva seria causada por uma anormalidade anatômica no curso dos nervos. Nos pederastas passivos, os nervos que deveriam ser para a estimulação dos genitais, apresentando as terminações no pênis e no saco escrotal, terminariam na mucosa anal e nas terminações nervosas retais e, a estimulação sexual passaria imediatamente a excitar essas áreas. De acordo com os dois, a teoria de Mantegazza apresentava uma explicação muito insatisfatória para a pederastia passiva.

A ideia de instinto sexual compreenderia um processo psicofisiológico composto por conceitos sexuais despertados pelos sistemas nervosos descritos anteriormente e pelos sentimentos prazerosos associados a esses conceitos. Como resultado desse processo que une a excitação do centro de ereção e os conteúdos mentais, o desejo de satisfação sexual surgiria e cresceria mais intenso na proporção que a excitação da esfera sexual fosse associada com os conceitos e imagens da memória:

Este desejo se torna mais forte constantemente, na proporção em que a excitação da esfera cerebral acentua a sensação de prazer por conceitos e atividades apropriadas da imaginação. As sensações prazerosas são aumentadas com o sentimento luxurioso pela excitação do centro da ereção e a conseqüente hiperemia dos órgãos genitais (entrada de líquido prostático na uretra, etc.) (Krafft-Ebing, 1892, p. 32).

O centro de ereção seria ativado e o sujeito estaria fisiologicamente pronto para consumir a relação sexual, caso as condições externas tornassem a realização do coito possível. Caso os fatores externos fossem desfavoráveis para consumir a relação sexual, os processos de inibição da ereção seriam ativados e o ato sexual seria evitado. Seria muito importante para o homem civilizado conhecer as condições que poderiam inibir o ato sexual. Em uma nota de rodapé no capítulo da Psicologia da Vida Sexual, Krafft-Ebing diz que a excitação sexual poderia ser induzida por processos externos e internos, mas que excitação sexual seria diferente de um verdadeiro prazer sensual como consequência de um ato de amor. Enquanto a excitação sexual e o prazer corporal seriam processos fisiológicos e poderiam ser induzidos independente da vontade, a satisfação psíquica que o sexo causaria seria um truque mental, da mesma maneira que a imaginação serviria como meio para que o onanista conseguisse atingir real satisfação de alma com sua masturbação solitária. Poder realizar o ato de amor e ter prazer corporal não garantiriam ao ser humano atingir o prazer amoroso. Exemplo disso seriam os uranistas (sexualmente invertidos) que mesmo insatisfeitos por não amarem suas parceiras e preferirem outros homens, seriam capazes de casar, cumprir suas obrigações maritais e produzir descendentes: “Como regra geral, o grau de orgasmo necessário para a obtenção de prazer sensual parece atingível apenas quando intervém imaginação. Onde existem impedimentos mentais (indiferença, repugnância, nojo, medo de infecção ou gravidez, etc), o prazer sensual parece geralmente não acontecer.” (Krafft-Ebing, 1892, p. 20).

A liberdade moral do indivíduo e seu julgamento próprio dependeriam, por um lado da intensidade dos conceitos instintivos e das sensações orgânicas e por outro, dos conceitos de inibição. Os processos fisiológicos teriam uma parcela significativa sobre os impulsos instintivos, e fatores mentais, como educação, cultura e autocontrole teriam uma parcela decisiva sobre os conceitos inibidores.

Fatores fisiológicos como conceitos de inibição e o impulso sexual e fatores mentais são variáveis no indivíduo dependendo das condições internas e externas, por isso o alcoolismo deveria ser especialmente evitado pelos homens civilizados, pois seriam substâncias capazes de aumentar a libido sexual e de diminuir as barreiras de julgamento moral.

A condição suficiente para que um sujeito do sexo masculino possa realizar o ato sexual é a ereção:

A excitação neural é distribuída para o sistema vasomotor inteiro. A prova disso é a turgescência dos órgãos no ato sexual, a injeção da conjuntiva, a proeminência dos olhos, a dilatação das pupilas, e a palitação cardíaca (resultante de paralisia dos nervos vasomotores do coração, que surgem a partir da cervical, a conseqüente dilatação das artérias cardíacas, e o aumento da estimulação dos gânglios cardíaca induzida pela conseqüente hiperemia das paredes cardíacas) (Krafft-Ebing, 1886, p.33).

O evento da ejaculação, que no homem representa o momento decisivo da relação sexual, dependeria de um centro reflexo que Budge localizou na região da quarta vértebra espinhal da lombar. De acordo com Budge, a ejaculação seria a conseqüência direta da estase passageira do fluxo sanguíneo no pênis. A estrutura do pênis promoveria essa estagnação de sangue:

As trabéculas que revestem a parede interna da túnica formam uma rede cujas malhas se estendem através dos corpos cavernosos e no interior da qual se vê um grande número de espaços venosos; os revestimentos de veias se confundem com o revestimento de trabéculas e, nessas, há fibras musculares cujas contrações podem exercer uma pressão sobre os espaços venosos e reter o sangue venoso (Budge, 1874, p. 519-520).

As veias profundas do pênis perfurariam o músculo perineal transverso e ao mesmo tempo ocorreria a contração desse músculo, facilitando a estagnação. O fluxo de sangue aumentaria após a irritação nervosa produzida pelos nervos eretores. A ereção seria geralmente o resultado de uma ação reflexa entre os nervos do pênis e os nervos eretores.

O prazer seria devido à sensação agradável que a passagem do sêmen pelo canal ejaculatório até a uretra causaria e que por meio de um processo reflexo iria estimular a glândula do pênis. A excitação convulsiva do músculo do bulbo cavernoso, enervado entre a quarta e a quinta vértebras da lombar, regularia o ato de expelir o sêmen.

De acordo com Krafft-Ebing, a sensação de prazer masculina chegaria mais rápido que a feminina durante a relação sexual. O prazer aumentaria quando o corpo chegasse próximo ao momento da ejaculação, atingiria seu ápice no momento que o esperma seria expelido e cessaria completamente logo após a ejaculação.

Na mulher, o orgasmo demoraria um pouco mais e geralmente aconteceria depois do momento da ejaculação masculina. No auge da excitação sexual feminina a estimulação dos nervos sensoriais genitais causaria um movimento reflexo que teria origem nos movimentos

peristálticos das trompas e do útero e chegaria até a vagina, pressionando para fora as secreções do útero.

Quando o ato sexual acabasse, a ereção terminaria, o orgasmo feminino chegaria e a excitação sexual daria lugar a uma agradável sensação de cansaço físico.

A partir da edição de 1899 a editora inglesa Rebman começou a publicar traduções em inglês da *Psychopathia Sexualis*. Além da tradução do primeiro tradutor (e responsável pelo mais completo trabalho de tradução inglesa de diversas obras de Krafft-Ebing), o médico C.G. Chaddock, as edições posteriores à data passam a contar com as traduções do especialista em língua inglesa e tradutor J.Rebman, diretor da nova editora responsável pela publicação da obra em língua inglesa. (Krafft-Ebing, 1899, décima quarta página não numerada).

Na décima primeira edição alemã, Krafft-Ebing acrescentou o capítulo Antropologia Sexual ao texto. Dessa maneira o texto integral da *Psychopathia Sexualis* passa a contar com uma parte separada que trataria da antropologia da sexualidade¹⁷. Sendo assim uma única parte do texto integral conta exclusivamente com a tradução de J. Rebman.

A antropologia sexual trata da forma como as características sexuais primárias e secundárias da sexualidade influenciariam a diferença entre os gêneros sexuais. Segue o mesmo formato das obras anteriores, mas é uma parte muito menor que as primeiras, contando com apenas oito páginas.

O primeiro assunto a ser tratado na parte da antropologia sexual será a conceituação das características sexuais primárias e secundárias. Essa conceituação é a mesma seguida por todos os autores que fazem parte da bibliografia dessa tese. Essas características variariam de acordo com cada sexo, pois todo indivíduo que teria um desenvolvimento normal apresentaria um conjunto de características físicas e metafísicas que manifestariam atributos de acordo com o gênero sexual ao qual aquele sujeito faria parte.

As características primárias compreenderiam características físicas e corporais de ordem exclusivamente fisiológica, como por exemplo, as glândulas sexuais e os órgãos reprodutores.

As características secundárias se refeririam àquelas características que representariam as diferenças entre os gêneros sexuais, em um sentido mais profundo que a fisiologia do funcionamento orgânico. As características secundárias diferenciariam os dois

¹⁷ J. Rebman mudou os nomes das duas primeiras partes que de Psicologia da Sexualidade e Fisiologia da Sexualidade passaram a ser denominadas como: Fatos Psicológicos e Fatos Fisiológicos. Dessa maneira essa parte apresenta-se, em uma tradução literal, como Fatos Antropológicos.

sexos, os maiores contrastes entre homens e mulheres e o caminho do desenvolvimento antropológico de cada gênero. Incluiriam os signos das diferenças antropológicas sexuais, desenvolvimento da raça e características metafísicas de cada sexo e de cada singularidade entre as pessoas de um mesmo sexo. Seriam desenvolvidas somente durante a puberdade, em acordo com o gênero sexual que as características primárias manifestassem em um sujeito.

A medicina contaria com relatos de casos em que essas características secundárias teriam se desenvolvido antes ou depois do período da puberdade. Esses casos não ocorreriam em seres humanos com o desenvolvimento normal, apenas em condições patológicas graves ou de severas neuroses nervosas.

As características secundárias somáticas mais importantes seriam esqueleto, crânios, voz, tipos faciais, cabelos. As características secundárias psíquicas seriam a consciência da diferenciação sexual (o conhecimento de uma individualidade sexual que separa homem e mulher); as peculiaridades de cada indivíduo dentro de um mesmo sexo (preferências físicas e inclinações românticas).

Krafft-Ebing assume a ideia de que o desenvolvimento da diferenciação entre os sexos e o desenvolvimento das diversas características sexuais secundárias e primárias obedeceria a estágios intermediários de evolução: o ser humano parte de uma organização sexual bissexual para uma organização sexual normal monossexual.

O termo bissexualidade, durante o século XIX, era um termo biológico e fisiológico usado para fazer referência às formas de vida que são sexualmente indiferenciadas ou que exibissem características fisiológicas de ambos os sexos. Esse termo passou a contar com larga adesão dos médicos da época graças à descoberta de que o embrião humano não mostraria características sexuais masculinas ou femininas até a 12ª semana de gestação¹⁸.

A teoria que Krafft-Ebing defendia sobre estágios evolutivos para o desenvolvimento sexual foi proposta anteriormente por Darwin. Na teoria darwinista a bissexualidade marcaria o estado inicial da sexualidade na jornada evolutiva da espécie humana. Provavelmente algum progenitor remoto das espécies do reino dos animais vertebrados teria sido hermafrodita ou andrógino: “No reino dos vertebrados um sexo carrega rudimentos de diversas partes acessórias referentes ao sistema reprodutivo, que propriamente pertencem ao sexo oposto. Agora foi constatado que em um período embrionário muito precoce,

¹⁸ Posteriormente, com as adesões de Karl Maria Kertbeny e a psicanálise freudiana o termo bissexualidade tomaria outras conotações até as usadas nos dias de hoje que se referem à bissexualidade como a atração sexual por indivíduos dos dois sexos.

o embrião possui glândulas masculinas e feminina verdadeiras” (Darwin, 1871, p.161). Conforme os seres humanos se desenvolveriam, os órgãos sexuais masculinos e femininos tornar-se-iam diferenciados e especializados em sua função própria. Mas, ambos os sexos ainda manteriam algumas características atávicas associadas com o outro sexo por causa da raiz bissexual da vida evolutiva.

Seguindo a mesma linha teórica, Krafft-Ebing afirmava que a bissexualidade ainda seria encontrada em classes menores de animais e nas primeiras semanas da vida fetal do humano. Com o desenvolvimento fetal e o aparecimento das características sexuais primárias, fisiologicamente um gênero sexual seria desenvolvido. Durante a puberdade as características secundárias começariam a ser desenvolvidas de acordo com o gênero sexual que as glândulas e órgãos reprodutores assumissem. Dessa maneira, uma vez que a raça humana haveria atingido o desenvolvimento congruente das características sexuais físicas de acordo com o sexo das pessoas o estágio sexual final da presente evolução do homem seria a monossexualidade, ou seja, cada indivíduo possuindo características sexuais primárias e secundárias de apenas um único gênero sexual.

Apesar da monossexualidade entre os humanos civilizados, os estudos científicos observacionais demonstrariam que os tipos sexuais masculino e feminino não seriam encontrados em sua forma pura¹⁹ na natureza. Algumas características secundárias de um sexo poderiam ser encontradas em seu oposto. Homens que acabariam preferindo exercer profissões femininas como os camareiros e costureiros, e mulheres com uma preferência clara por esportes masculinos, mesmo quando não tivessem vindo de famílias tradicionais em tais atividades seriam exemplos de casos em que a elevação da inversão das características sexuais seria noticiada. Nessa categoria estariam inclusos os homens castrados, mulheres com vozes grossas e mamas pouco desenvolvidas, etc.

¹⁹ No texto não fica claro se Krafft-Ebing utilizou a palavra “puro” em referência a um ser que teria completa ausência de características rudimentares do outro sexo, ou, em outras palavras, um ser completamente monossexual. Nesse parágrafo, a conotação parece falar que qualquer presença de características sexuais do sexo oposto no indivíduo sexualmente seria possível, mas posteriormente o aparecimento dessas características. Dessa maneira Krafft-Ebing assume que a normalidade exigiria que os gêneros sexuais não comportassem nenhuma característica secundária oposta. Isso parece uma contradição uma vez que ele, (apesar de não citar em nenhum momento que a ideia que usa já teria sido defendida por Darwin), provavelmente conhecia o fato de que a teoria evolutiva darwinista assume claramente que no caminho evolutivo natural os gêneros sexuais sempre carregariam algumas características do outro sexo, ainda que atrofiadas ou inutilizadas (o principal exemplo do livro de referência de Darwin é justamente a presença de glândulas mamárias em seres do gênero masculino). Na falta da referência à Darwin, não existe nenhum apontamento de que talvez Krafft-Ebing estivesse discordando de um ponto da teoria evolucionista. Como em um momento próximo ele fala sobre possíveis gradações entre o tipo puro e, de acordo com a leitura do texto em alemão, essa contradição é provavelmente um problema da nova tradução.

Uma dessas ocorrências normais de características secundárias incongruentes com o gênero sexual que estaria sendo mais estudada na época seria a *ginaecomastia*, uma manifestação degenerada anatômica e funcional que provocaria o desenvolvimento de glândulas mamárias e outras características femininas em homens. Um homem ginecomasta teria uma estrutura corporal mais esguia, rosto com traços femininos, testículos atrofiados. Muitas das características secundárias masculinas não seriam encontradas nesses sujeitos ou, caso presentes, seriam muito pouco acentuadas. Sentiria muito pouco desejo sexual pelo sexo feminino e seria metafisicamente inferior tanto quando comparado ao sexo masculino quanto ao sexo feminino. De acordo com Krafft-Ebing, a ginecomastia ocorreria unicamente em pessoas provenientes de famílias que apresentassem algum tipo de degeneração neurótica.

O momento específico da determinação sexual permaneceria desconhecido, mesmo com todos os avanços científicos dos séculos XVIII e XIX. Para responder à questão de qual o momento e quais os fatores definiriam qual o sexo que dominaria o feto bissexual, o desenvolvimento dos órgãos genitais seria o primeiro fator a ser considerado. As características sexuais primárias, através das glândulas sexuais, estariam presentes mesmo no feto bissexual e seriam acentuadas durante a puberdade junto ao desenvolvimento das características sexuais secundárias.

Mesmo com seu papel importante para o desenvolvimento sexual, Krafft-Ebing acredita que as glândulas e órgãos sexuais não seriam o fator determinante da diferenciação entre os sexos. A experiência que ele adquiriu de colegas ginecologistas demonstraria que, muitas vezes, mesmo em condições anormais da psicologia ou da fisiologia sexual, as características sexuais primárias poderiam ser mantidas. O texto cita duas observações: (1) mesmo mulheres com defeitos congênitos apresentam um desenvolvimento dos ovários preservado, mesmo que seja um desenvolvimento rudimentar quando comparado com mulheres normais; (2) características femininas seriam independentes dos ovários em alguns casos, como demonstrariam os casos de hermafroditismo. As características secundárias (sensações sexuais, atração pelas qualidades físicas e psíquicas do sexo oposto, e o instinto de ter relações sexuais com pessoas do sexo oposto) por outro lado, poderiam ser invertidas, mesmo no início do desenvolvimento sexual.

O cérebro conteria domínios centrais do plexo nervoso que dominariam a função sexual e que tornariam as gradações sexuais intermediárias entre o tipo puro do homem e da mulher possíveis, em acordo com a predisposição bissexual original do feto. As classes sexuais que não corresponderiam ao sexo masculino e feminino em suas formas puras, poderiam ter

aparecido devido à alguma interferência na evolução entre os estágios da bissexualidade até a monossexualidade com base em condições especialmente hereditárias e degenerativas.

Krafft-Ebing acreditava que a ciência da época ainda teria pouco conhecimento positivo sobre a influência evolutiva na diferenciação entre os sexos que os vários departamentos de exercício do aparelho sexual teriam mediante uns aos outros, mas que no instinto sexual e nas sensações sexuais residiriam as determinações do sexo em um sentido mais amplo e antropológico. Porém, com a dificuldade científica, a maneira mais natural e eficiente, mesmo que imperfeita, seria estudar as maneiras que a fisiologia sexual influenciaria na separação dos gêneros sexuais seria através dos sintomas decorrentes da remoção ou perda total das glândulas sexuais no desenvolvimento ou curso da vida sexual dos indivíduos.

A real extensão do poder de controle dos fatores periféricos sobre a sexualidade pode depender muito se a eliminação das glândulas sexuais ocorreu antes ou após o desenvolvimento da puberdade. Dependendo do momento de inibição glandular, o aumento das características sexuais psíquicas poderia ter precedido consideravelmente o desenvolvimento físico, afetando os sintomas das anomalias consequentes da contenção das funções dessas glândulas. Alguns dados empíricos comprovariam que quando a perda das glândulas genitais seria anterior à puberdade, o desenvolvimento de características sexuais somáticas e psíquicas seria atrofiado de maneira que o indivíduo alcançaria um estágio evolutivo diferenciado e permanente: a assexualidade. Quando a retenção glandular ocorreria posteriormente ao período da puberdade, as características físicas e mentais de um sexo estariam presentes, mas entrariam em um estado permanente de atrofia. A maneira pela qual essas glândulas sexuais sucumbiriam (por doença ou interferência cirúrgica) e o próprio gênero sexual do sujeito não seriam de nenhuma importância para a maneira como a manifestação da lesão se apresentaria. A única condição necessária é que o desenvolvimento de características sexuais secundárias já tivesse começado.

Até que ponto, em seguida, o desenvolvimento sexual vai, em ambos os casos apresentados acima, depender principalmente da condição e as potências em desenvolvimento desses fatores centrais [características primárias e secundárias], ao passo que a direção pela qual o organismo bissexual seguiria seria regida pela energia biológica para os quais esses centros bissexualmente predispostos seriam inclinados.

Em alguns casos o desenvolvimento do sujeito ainda em estado de bissexualidade ocorreria nos canais heterossexuais, mas o vigor para alcançar a monossexualidade por alguma razão ainda não conhecida pela ciência seria deficiente. Dentro desse cenário, caso a

predisposição bissexual original não tivesse ainda recebido uma direção sensual definida, e, características sexuais do sexo oposto, ou ainda uma de natureza sexual invertida, poderiam se desdobrar.

Relatos de anomalias na apresentação das características sexuais descritas acima seriam análogas às encontradas nos casos de perda ou decréscimo das funções dos órgãos e glândulas sexuais depois do período de maturidade: mulheres que estariam passando pelo climatério poderiam apresentar barba e uma voz mais grossa. Caso o climatério ocorra de maneira intensa e muito cedo na vida de uma mulher, características mais acentuadas do sexo oposto poderiam se manifestar.

Os eunucos também teriam o desenvolvimento das características sexuais dependo do momento em que a castração tivesse ocorrido. Caso tivesse ocorrido depois do aparecimento das características secundárias a inclinação sexual continuaria voltada para o sexo oposto, embora as características físicas e psíquicas entrassem em estado de atrofia e algumas características do sexo feminino fossem gradativamente se desenvolvendo. Somente em casos extremos de degeneração nos quais a manutenção da inclinação para o estágio de bissexualidade fosse mantida é que a inversão sexual apareceria em um eunuco.

Esses fatos apresentados anteriormente, na visão de Krafft-Ebing não seriam apenas representações de efeitos exclusivos exercidos pelas glândulas sexuais no desenvolvimento da vida sexual de um sujeito, mas também poderiam advogar sobre algumas manifestações das características sexuais psíquicas, que sem dúvida pertenceriam a essas esferas centrais cerebrais que normalmente entram em vigor funcional, com chegada a puberdade e, assim, determinariam o critério essencial do sexo, ou seja, o instinto sexual propriamente dito.

I.II - O Objeto sexual na teoria de Krafft-Ebing

A teoria de Krafft-Ebing situa o instinto sexual e sua função primordial a partir da sexualidade dita desviante. Não existe na sexologia de Krafft-Ebing um conceito de objeto sexual estabelecido ou, pelo menos, não no sentido que a teoria freudiana emprega para o conceito. A noção de objeto sexual a ser definida aqui foi retirada da contextualização de parestesias sexuais de Krafft-Ebing. Ao reafirmar o sentido do instinto sexual como a propagação da espécie, Krafft-Ebing fixa um próprio componente biológico e objetal no instinto sexual: naturalmente, o objeto sexual é o par do sexo oposto.

Uma das hipóteses que essa tese defende é a de que as perversões sexuais, do jeito que são estruturadas por Krafft-Ebing, seriam perversões do instinto sexual em relação ao objeto sexual, ou seja, o instinto sexual teria como objeto coisas distintas do par sexual do sexo oposto. A implicação maior desses casos seria que as perversões tornariam impossível ou muito difícil que a finalidade do instinto sexual fosse alcançada. Sendo assim as perversões sexuais, através da troca de objeto sexual, perverteriam o instinto sexual em sua essência.

O conceito de *psychopathia sexualis* apareceu anos antes, em 1844, no livro homônimo de Heinrichi Kaan. Para Kann (1844), o instinto sexual seria passível de apresentar os mais variados desvios na norma e na qualidade, com manifestações perigosas que se apresentariam para substituir o coito. As primeiras citadas antes que as psicopatias sexuais sejam apresentadas são: a masturbação, o amor infantil, o amor lésbico, a necrofilia, a pederastia, prática de coito com animais e a satisfação lasciva com estátuas.

A noção de que perversões sexuais parte de bases que na verdade são anteriores à 1866.

Como aponta Hare (1962) ainda nos escritos médicos da antiguidade, tais como os de Hipócrates, a ideia de que esforcassem o corpo humano, tais como a relação sexual, que geraria um gasto de sêmen, seriam vistas como atividades que precisariam de um limite para ocorrer. O engajamento excessivo em atividades sexuais era visto como danoso para a saúde geral do homem.

Nos textos clássicos e alguns séculos adiante não era muito definido quais seriam esses males e qual seria a medida do engajamento exacerbado. Conceitos como adultério, fornicação, sodomia, apareciam entre atos que provocariam um engajamento exacerbado, mas não existia um foco de estudos específicos para a questão da sexualidade.

Stolberg (2000) relata que a partir do século XVII, principalmente os de tradição moralista- teológica dentro de escritos de teóricos ligados ao cristianismo puritano inglês, a sexualidade começou a tomar o foco dos estudos, sendo a masturbação como o desvio de maior destaque e de maior causas de condenação nas monografias.

Em 1716 com a publicação do livro *Onania: or, the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences* a masturbação ascendeu para o olhar público e médico como uma manifestação sexual extremamente danosa.

Com o termo onanismo, o autor fazia alusão ao personagem bíblico Onã, que se recusou a ter filhos com Tamar, viúva de seu irmão mais velho. O autor do livro Onania

escolheu Onã para nomear o conceito uma vez que o personagem interrompia o coito e finalizava sozinho o encontro sexual ejaculando fora do corpo da mulher, portanto, desperdiçando o próprio sêmen. Atos que não envolvessem trocas sexuais com outras pessoas e de estimulação própria dos genitais passaram a ser listados como onanismo, naquela época, sinônimo para masturbação.

Anônimo explica que, apesar de existirem outros atos sexuais também pecaminosos o onanismo seria especialmente maléfico e a masturbação, porém, não poderia ser justificada. Ela seria um pecado contra a própria natureza porque prejudicaria a ação sexual que deveria ser investida na propagação da espécie: “quem se engaja neste pecado está participando da destruição de sua própria espécie, e de certa maneira, está atacando a própria Criação” (Anônimo, 1756, p. 7). Ainda de acordo com o texto, todos os seres humanos seriam capazes de praticar a masturbação e não apenas os que apresentassem caráter imoral, tornando o perigo desse pecado algo constante (1756).

Hare (1962) e Hall (1992) apontam que, de fato, mesmo com o tom não científico perceptível, a *Onania* representou um livro bastante lido, devido suas inúmeras edições. Seu alcance entre a comunidade médica, porém, não foi tão expressivo, com apenas sete referências sobre os malefícios da masturbação citados no livro em obras entre 1716 e 1758 (Hare, 1962, p. 3). Hare (1962) aponta também que um livro principal teria contestado as afirmações feitas por Anônimo: *Onania Examined and Detected* (1723), escrito por um autor de pseudônimo Philo-Castitatus. Não consta nos registros históricos que esse livro tenha conseguido algum efeito duradouro ou que tivesse sido citado diretamente por alguma obra médica da época Hare (1962, p.3).

O livro de contra argumento, apesar de ser extremamente crítico ao primeiro, ainda mantinha o tom quase-médico da *Onania* (1723). A tese contra *Onania* em momento algum lançou dúvida sobre o fato de a masturbação ser danosa. Para Philo-Castitatus a prática era nociva para o corpo e mente humana e sua argumentação se preocupava em demonstrar que o pecado que levou Deus a condenar Onã tinha menos relação com a autogratificação e desperdício de sêmen fora do corpo da mulher, e mais com o fato de Onã ter negado à sua cunhada a possibilidade de ter um herdeiro do sexo masculino para continuar a linhagem do marido morto e herdar os bens de Judá, tal como exigiam as Leis dos hebreus. Sendo assim, a própria denominação do conceito e sua razão filosófica estariam erradas, invalidando qualquer outro argumento do livro *Onania* sobre o estatuto de pecado do ato. Philo-Castitatus discorre também sobre o erro em afirmar que para um casamento a masturbação seria mais danosa que

a fornicação e sobre as razões bíblicas que tornavam pecados como bestialidade, estupro e incesto muito mais danosos que o onanismo (1723, p.40-74). A última parte do livro (p. 74-131) se ocupa em apontar algumas inconsistências no conteúdo das cartas dos onanistas. Nessa parte, algumas das manifestações físicas das doenças são confrontadas com estudos e relatos de outros médicos sobre os mesmos sintomas em pacientes, todos sem a relação com a masturbação, mas mantendo ainda um tom considerado para a época mais ensaísta que científico.

Ambos os livros e seus argumentos continuaram com certa obscuridade científica até a publicação da tese de Samuel Tissot, *L'Onanisme, or a Treatise upon the Disorders produced by Masturbation*, em 1756.

Tissot conferiu o que faltava para legitimar estudos sobre os perigos da masturbação e assim, estudos sobre as manifestações da sexualidade que não fossem o par do sexo oposto: credibilidade científica. Tissot era um médico reconhecido, conselheiro do Vaticano extremamente respeitado.

Tissot (1769) foca sua argumentação em explicar que a importância do líquido seminal para o corpo humano estaria na raiz do aparecimento de todos esses males. A natureza teria constituído os corpos humanos com uma quantidade de líquido seminal para ser liberada durante o êxtase sexual. Essa quantidade, após a ejaculação, seria repostada pelo próprio organismo, deixando o sujeito no estado natural até o momento de outra relação sexual. Os males causados pela masturbação seriam provenientes das excreções de sêmen numerosas e antinaturais.

O líquido seminal seria importante para a força vital e o equilíbrio de todos os humores do homem, incluindo a quantidade de sangue irrigado para que o pênis ficasse ereto e pudesse manter a relação sexual e a quantidade de sangue e estímulos nervosos enviados a todos os órgãos. A excreção do líquido seminal demandaria um tempo e certa necessidade de repouso para o organismo do homem retornar ao estado normal, por isso a ejaculação seria seguida por um estado de cansaço, fome e fraqueza corporal. Essa seria a regra para todos os atos sexuais, inclusive o coito. Ejaculações frequentes iriam tornando cada vez mais difícil para que o líquido seminal fosse repostado de maneira satisfatória pelo organismo. Essa falta de reposição dificultaria que o sangue e outros estímulos retornassem ao seu estado natural. Como a experiência da clínica da medicina e outras teorias já teriam demonstrando, a falta de irrigação do sangue no cérebro e estímulos corporais insuficientes seriam a causa principal das manias,

insanidades e das doenças corporais. Sendo assim, ejaculações frequentes demandariam muito esforço do organismo causando uma espécie de congestão cerebral que acarretaria a impossibilidade do retorno normal do fluxo sanguíneo e a recuperação das forças físicas do homem, causando danos permanentes a todo o organismo e, conseqüentemente, o aparecimento de muitas doenças físicas e mentais (Tissot, 1769, p. 70-79). O processo seria análogo nas mulheres, mesmo que estas não ejaculassem. O esforço continuado do organismo para o êxtase sexual causaria uma desorganização e, conseqüentemente, os males e doenças descritos. A masturbação, por suas características de solitude e facilidade de repetição, seria um exercício do organismo com danos muito mais potenciais para adoecer o organismo, mas não seria o único²⁰.

Aqui então, estariam incluídas as outras manifestações e possibilidades de uma sexualidade que não tivesse o alvo da propagação da espécie.

Dentro dessa valorização do estudo do Onanismo, é importante ressaltar que as perversões sexuais seriam manifestações de caráter egoísta. A palavra egoísta aqui tem sentido de destacar a falta de necessidade do envolvimento de outra pessoa para que qualquer ato sexual fosse realizado, pois, os atos sexuais mais satisfatórios seriam, na maior parte dos casos, constituídos por onanismo e gasto exacerbado de *vita sexualis* com atividades sem possibilidade de procriação. Essas concepções estão presentes em autores como Tissot (1756) e o autor da Onânia (1716) que enfatizavam que a masturbação era mais perigosa que as outras atividades desviantes pelos componentes solitários das mesmas.

A gratificação corporal do sexo seria uma maneira da natureza para animar os seres à propagação da espécie, sendo o próprio instinto sexual de caráter altruísta (Maudsley, 1876, p. 398). Esse era, na história da medicina, um pilar central da ideia de comportamentos sexuais desviantes. O autor da Onania, destaca que “pecados” como adultério e promiscuidade poderiam ser justificados pela fraqueza humana perante a potente força da necessidade sexual. O onanismo, o ato de procurar em si mesmo um prazer que a divindade teria criado para ser compartilhado com outro, seria uma corrupção muito maior (Anônimo, 1716).

²⁰ Esse assunto será retomado posteriormente.

Nos discursos sobre sexualidade desviante no século XVIII – majoritariamente explicando os males da masturbação e ainda carregados de uma relação limítrofe entre o que era considerado ciência e questões religiosas e sociais – acreditava-se que o desperdício do líquido seminal eventualmente tornaria impossível a procriação, sendo uma ação, em última instância, egoísta com a própria espécie. Por desperdício entende-se, novamente, engajamento em atividades que jamais poderiam resultar em prole. O perigo da decadência à essas atividades eram tão petrificante que esses autores sempre deixavam claro que qualquer ato desviante seria possíveis a todos. Vigilância e força moral eram importantes.

Junto à teoria darwinista, que afastou de vez qualquer dúvida sobre a raiz teológica dos estudos psiquiátricos, o quadro para estudos sobre a sexualidade desviante estava formado: com verniz de fundamentação biológicas atividades sexuais seriam um desvio de componentes sensíveis e importantes, não só para o homem, mas para a espécie e para a evolução humana em geral, pois poderiam causar danos graves à mente e ao corpo, sendo assim, a psiquiatria teria um dever de se debruçar sobre esse assunto

O caráter egoísta das formas de perversão sexual, acredita-se, poderia, portanto, se revelar em duas facetas: procurar em si mesmo um prazer que deveria ser usufruído com outra pessoa e privar a espécie de continuidade e pelo sujeito, mesmo dotado de conhecimento e aparatos psicológicos para resistir, que escolhia perverter prazer físico do ato sexual.

Kaan, em sua *Psychopathia*, (1844, p. 46) acreditava que a razão pela qual os homens (mesmo que estudados e em pleno conhecimento das leis), desde os primórdios dos tempos, poderiam sucumbir à atos condenáveis como os descritos acima, deveria ser procurada nos próprios homens na forma de uma fantasia sexual doentia e prematura que causaria desejo e criaria meios para ser sexualmente saciada. Essa fantasia poderia ser denominada como uma fantasia mórbida, a causa inicial das perversões sexuais. Em todas as aberrações sexuais prevaleceria a fantasia morbidamente excitada que ofuscaria o raciocínio. O esforço sexual encontraria outros meios de satisfação diferentes do modo natural, e a partir do sucesso desses meios anormais os estímulos lascivos e reprováveis seriam repetidos no imaginário pessoal de

cada um: “Assim a fantasia prepara o caminho em todas as aberrações do impulso sexual, e por ela (a fantasia) ele (o impulso) é realizado contra as leis da natureza” (Kaan, 1844 p. 47). Todos os tipos de aberrações sexuais que pudessem acontecer seriam apenas formas diversas da mesma matéria. Uma fantasia se converteria em outra, mas seria sempre de raiz única.

A influência do hábito não escapou à primeira apreciação sobre as patologias sexuais. Para Kann, meninos que se entregassem ao onanismo, mesmo que depois de uma idade mais avançada abandonassem a prática, cairiam com muita facilidade em outra aberração do impulso sexual:

Não me parece inadequado ou falso se tomo todas estas afecções por enfermidade da fantasia, enfermidade que nasce do sistema sexual e nele tem seu auge, ou em uma palavra, se a todas estas afecções faço abranger, em sentido muito amplo, sob o nome genérico de psicopatia sexual (Kann, 1844, p.48).

As patologias sexuais também teriam um sentido estrito, menos geral e que não corresponderiam a enfermidades da fantasia propriamente ditas: nas pessoas adultas, nas quais a vida sexual goza de vigor normal, produzir-se-iam como incitação voluntária da fantasia com ajuda do sistema sexual e, de acordo com a constituição da mente daquela pessoa (e na verdade seriam muitas as incitações que, segundo a compleição da mente, inflamariam as fantasias), completariam o coito.

Krafft-Ebing forneceu uma causa mais fisiológica para a perversão sexual, mas não abre mão da importância que o mau hábito teria para os quadros clínicos. As patologias sexuais seriam danos conjuntos derivados do uso frequente dos órgãos sexuais para outras funções além das fisiológicas e da procriação, e de uma constituição anormal e muitas vezes hereditária do sistema nervoso. Os órgãos reprodutores estariam em ligação direta com o sistema nervoso central. Por isso, seria fácil entender por que as neuroses e psicoses regulares causariam distúrbios sexuais. O autor esquematiza as neuroses sexuais em três grandes grupos:

(a) Periféricas: subdividas em sensórias (neuralgias, anestesia e hiperestesia), secretoras (aspermia e poliespermia) e motoras (espasmos e paralisias);

(b) Espinhais: subdividas em afecções dos centros de ereção e afecções do centro de ejaculação;

(c) Cerebrais: paradoxia (aparecimento do instinto para além do período fisiológico), anestesia (ausência do instinto sexual), hiperestesia (aumento excessivo do instinto sexual) e parestesia (perversão do instinto e sua excitação por estímulos inadequados).

As que são parte integral para este trabalho, as parestesias correspondem às perversões do instinto sexual propriamente ditas. O sujeito tem excitabilidade das funções e prática sexuais completamente dependentes de estímulos inadequados. Essas anomalias cerebrais seriam no âmbito da psicopatologia. As anomalias na coluna e periférica poderiam ocorrer em combinação com as patologias gerais, mas essas pessoas geralmente estariam livres de qualquer outro tipo de doença mental ou degenerações similares.

As parestesias ocorreriam muitas vezes de maneira concomitante à hiperestesia. O sentido da inclinação sexual poderia ser direcionado para o mesmo sexo ou para o sexo oposto. Dessa maneira, as parestesias e suas ocorrências poderiam ser divididas em dois grandes grupos: o grupo do instinto sexual pervertido, mas com direção normal, ou seja, com o impulso sexual direcionado para o sexo oposto; e o grupo dos instintos sexuais pervertidos e com a direção do impulso sexual também anormal.

Nas neuroses sexuais parestésicas o próprio colorido emocional sobre as ideias sexuais seria pervertido em sua natureza. As ideias sexuais que em pessoas normais causariam desgosto ou nojo, provocariam, nas pessoas acometidas por essas afecções, emoções incontroláveis, prazerosas e excitadoras. A causa dessa inversão nas emoções que as ideias sexuais deveriam despertar poderia ocorrer por dois motivos: (a) a inibição mental das sensações de nojo e desprazer perante o estímulo inadequado; (b) porque expressar tais conceitos opostos poderia ser impossível por causa da ausência ou perda de todas as ideias de moral, estética e lei. Este segundo caso seria muito frequentemente encontrado em pessoas nas quais as ideias éticas e sentimentos sexuais (o instinto sexual normal) teriam sido envenenados desde o início da vida. Os atos sexuais perversos resultantes de parestesia seriam da maior importância clínica, social e forense, e, portanto, eles receberam no texto da *Psychopathia Sexualis* uma consideração cuidadosa e detalhada.

Neste ponto do texto, Krafft-Ebing insere a diferença vista anteriormente neste trabalho através de uma citação de Moll sobre a diferença entre perversidade e perversão, e faz um adendo de que a ocorrência do ato perverso não seria o fator decisivo na prática clínica para diagnosticar os casos médicos. Contrastando com muitas de suas outras afirmações, Krafft-Ebing, pela primeira vez, confere algum sentido de importância da singularidade e personalização para o tratamento das perversões acima das observações do fenômeno científico. Para ele, antes de o médico pensar em alguma classificação para diagnosticar seu paciente como

um doente mental, deveria primeiro, e a partir de um contato clínico, avaliar aquele sujeito que estava à sua frente como sendo um sujeito que existia anteriormente e para além da ocorrência daquele ato perverso: “Para diferenciar entre a doença (perversão) e vício (perversidade), é preciso investigar toda a personalidade do indivíduo e do impulso inicial, que levou ao ato perverso. Aí será encontrada a chave do diagnóstico” (Krafft-Ebing, 1892, p. 58).

Nesse ponto, é impossível fugir de uma apresentação mais criteriosa da teoria de Krafft-Ebing, uma vez que os argumentos para sustentar a hipótese apresentada aqui estão na análise de como o autor explica as parestesias sexuais. Além disso, essas conceituações serão exaustivamente referidas nas obras de Moll e Freud. Portanto, serão apresentadas as quatro parestesias gerais.

I.II.I- O Sadismo

Krafft-Ebing foi o primeiro a nomear a categoria de comportamentos sexuais anormalmente agressivos como sadismo. O nome da perversão deriva do escritor Marquês de Sade, em referência ao caráter violento e sexual contido em todas suas obras.

Apesar da nomeação de Krafft-Ebing, é possível encontrar compilações médicas do século XIX e começo do século XX que trazem os termos sadismo e masoquismo dentro das categorias de algolagnia ou desejo por dor (*pain-craving*). Estas expressões foram cunhadas pelo médico Schrenck-Notzing:

(...) o termo algolagnia ou algolagny, derivado de *alyoq* = dor (aprovada medicamente neste sentido, como na analgesia, cefaléia e neuralgia) e *kayvog* = luxúria sexualmente animada, um derivado, utilizado por Hipócrates e Aristóteles, no sentido da emissão seminal, e por Xenofonte, no sentido de luxúria. Enquanto algolagnia iria designar a combinação de crueldade e luxúria como uma variedade especial de perversão sexual, algolagnia ativa significaria sadismo, e o masoquismo seria a algolagnia passiva [...] (Schrenck-Notzing, 1895, p. 121).

O autor diz que os termos sadismo e masoquismo não aplicariam a terminologia científica correta e deveriam ser usados como designações específicas. Os termos algolagnia e *pain-craving* foram referenciados por Krafft-Ebing nas edições posteriores às de 1898.

Apesar de o termo sadismo ter aparecido somente em 1890, a ligação entre luxúria e crueldade excessiva era muito conhecida na literatura e medicina. O primeiro reconhecimento de um caso que liga diretamente práticas de flagelação para experimentar satisfação sexual foi feito pelo autor Mirandola em 1495 (1946, p.412-413), que conta a história de um homem que

só conseguia sentir excitação sexual quando chicoteado. Nos encontros amorosos, ele levava um chicote embebido em vinagre e pedia para as parceiras sexuais baterem nele. Quanto mais dor, mais prazer sexual ele alcançava. O homem reconhecia e abominava a anormalidade de seu desejo.

Em uma carta endereçada a um amigo no ano de 1630, o médico Johann Heinrich Meibom cita diversos exemplos retirados de textos médicos e filósofos antigos que já haviam abordado o tema da flagelação. Essa carta posteriormente foi publicada em forma de ensaio, sendo a primeira compilação médica sobre a relação entre sofrimento e excitação sexual (Simião, 2015).

Meibom (1665) liga a excitação sexual pela flagelação com a sensação que as surras causariam nos nervos. Essas irritações táteis seriam levadas aos genitais, desencadeando o processo de excitação e ejaculação:

Adicionalmente conluo que tiras nas costas e quadris – sendo estas as peças adequadas para a geração da semente e para transportá-la para os órgãos genitais – aquecem e inflamam as partes e contribuem muito para a irritação da luxúria. De tudo isso, não é de admirar que esses infelizes desavergonhados, vítimas de um apetite detestável, como já mencionamos, ou por estarem, pela frequente repetição, com os rins e vasos sendo drenados, têm procurado por remédio a flagelação. Pois é muito provável que as partes esmurradas fiquem quentes por tal flagelação e particularmente a dor nas partes açoitadas excita um calor na matéria seminal, a razão pela qual o sangue e destilados são atraídos em maior quantidade, até que o calor é comunicado aos órgãos reprodutores e o apetite perverso e frenético fica satisfeito, e a natureza, embora relutante, é conduzida além da extensão de seu poder comum para o cometimento de um crime tão abominável (Meibom, 1665 p. 72).

O médico termina a carta se questionando se seria possível existirem pessoas que “a fim de satisfazerem seus desejos vergonhosos não poderiam, também para agradarem a si mesmas, infligir o mesmo tratamento para os outros?” (Meibom, 1665, p.75).

Antes dos termos sadismo e masoquismo, a *Psychopathia Sexualis* nomeava estas duas categorias como assassinato por luxúria, crueldade, antropofagia e flagelação passiva e ativa (Krafft-Ebing, 1888).

Os termos aparecem pela primeira vez no texto *Neue Forschungen auf dem Gebiet der Psychopathia sexualis: eine medicinisch-psychologische Studie*. Este texto foi publicado como um livro independente pela primeira vez em 1890, e com uma segunda e última edições em 1891. As informações do anexo foram unidas aos textos das edições da *Psychopathia Sexualis* a partir da sexta edição (Krafft-Ebing, 1891).

Para Krafft-Ebing, o sádico sentiria um impulso incontrolável de ferir e machucar o sexo oposto. Esse impulso seria acompanhado por sentimentos e sensações de luxúria e excitação, resultando em um impulso ainda mais poderoso para cometer os atos imaginados. O sádico poderia ou não estar consciente de seu impulso: “quando o motivo real desse instinto é desconhecido para o indivíduo, os atos sádicos têm o caráter de atos impulsivos” (Krafft-Ebing, 1892, p. 60).

Nas edições posteriores a 1898, o termo ganha uma definição mais específica: o sadismo seria a anomalia sexual do instinto que criaria a experiência de sensações de prazer sexual (incluindo o orgasmo) produzidas por atos de crueldade e castigo corporal infligido pelo próprio doente em outro ser ou quando testemunhado em outros - fossem eles animais ou humanos. Também poderia consistir em um desejo inato de humilhar, ferir, machucar ou mesmo destruir os outros para, assim, criar o prazer sexual em si mesmo (Krafft-Ebing, 1906, p. 80).

Nessas mesmas edições mais recentes acrescentou-se também uma parte que traça melhor a diferença entre crueldade inata e a perversão sádica. A crueldade surgiria no ser humano oriunda de várias fontes psíquicas inatas, e o homem primitivo seria cruel por natureza, pois os instintos de luta e destruição seriam essenciais para a adaptação e sobrevivência em um ambiente selvagem e hostil. A compaixão, porém, seria um sentimento mais apurado, secundário e adquirido posteriormente com os avanços civilizatórios. Mas mesmo ativada a compaixão, a crueldade continuaria sempre operativa em todos os seres humanos, só que em novos objetos e de acordo com os novos moldes sociais.

Por isso, as pessoas, mesmo com a compaixão animada em maior e menor grau, sentiriam curiosidade por tudo o que está relacionado à morte e ao sofrimento. Em certos sujeitos essa curiosidade exerceria uma atração um pouco mais pronunciada que em outros e, por vezes, essas pessoas, ocupar-se-iam com tais coisas ou pelo menos com representações delas.

Uma vez que a crueldade seria natural ao ser humano, ela apareceria relacionada à diversas facetas da vida, incluindo, como visto nos capítulos anteriores, a faceta do sexo, daí a relação entre crueldade e luxúria. Não seria anormal que durante as atividades amorosas os amantes acabassem por morder ou arranhar o parceiro, causando prazer no outro.

O sadismo só poderia ser considerado como uma perversão quando o componente sexual estivesse presente nos atos cruéis. A continuação do desenvolvimento desses traços

sádicos seguiria ao se usar a violência sexual para oferecer uma oportunidade para o homem mostrar a sua superioridade sobre a mulher, para provocar sua defesa e ter prazer em sua confusão e embaraço subsequentes.

No adendo de 1891, Krafft-Ebing aborda o sadismo infantil, já que ele mesmo considera o traço agressivo como inato. Mas dentro de sua ideia de que o instinto sexual seria inexistente nas crianças, apenas diz que este não poderia ser atribuído a fatores externos nem ao temperamento sexual. Sua argumentação leva a crer que esses traços sádicos seriam naturais e bem acentuados nas crianças. Dentro da ideia de sexualidade ligada à evolução, pessoal e cultural na teoria de Krafft-Ebing que essa tese defende, o aparelho psíquico infantil ainda não estaria maduro o suficiente para compreender perfeitamente a compaixão ou, ainda em uma escala maior, pela criança ser, entre os humanos civilizados, aquela que psiquicamente mais se aproximaria do funcionamento psíquico do ser humano primitivo. (Krafft-Ebing, 1891, p. 145)

Em todas as edições analisadas, o sadismo seria uma parestesia masculina e mais comumente observada em homens devido ao caráter ativo da neurose sexual. O próprio ato sexual envolveria a necessidade de um grau de submissão do sexo feminino, por isso a posição ativa seria inata aos machos, e esta posição ativa sexual seria, de certa maneira, agressiva pelo próprio ato da penetração. Novamente, a transculturalidade do instinto sexual entra em jogo na teoria: Krafft-Ebing acredita que os atos de sadismo, bem como as tendências para os atos considerados perversos, seriam atávicos e teriam suas raízes nos métodos de sedução dos povos selvagens. Entre os aborígenes, a conquista da mulher, muitas vezes, seria alcançada através de força bruta, golpes, raptos e outros atos violentos. Em um indivíduo psicopata, essa característica natural da psicologia sexual masculina seria levada ao extremo²¹.

Quando Krafft-Ebing falava sobre uma parestesia de caráter masculino ele não está falando sobre uma parestesia que ocorre mais comumente em homens. O autor estava separando a patologia dentro da dicotomia dos sexos biológicos, o feminino e o masculino. Para o autor sadismo e masoquismo seriam perversões complementares, sendo o sadismo análogo às características psíquicas do sexo masculino – a saber, mais ativas dentro da sexualidade – e o

²¹ Como apresentado em uma nota de rodapé por Krafft-Ebing, o fisiologista Edvard Schafer (*Jahrbücher für Psychologie*, Volume II, sem data) achava-se capaz de mostrar que, mesmo em homens que são absolutamente normais mental e fisicamente, os primeiros precursores da excitação sexual indefinida e incompreensível poderiam ser induzidos pela leitura de cenas de emocionantes caçadas ou guerras. A excitação sexual no sexo masculino daria origem a desejos inconscientes para um tipo de satisfação em jogos bélicos, nos quais o impulso sexual fundamental para o contato mais perfeito e intenso com um companheiro seria expresso com o pensamento secundário, mais ou menos definindo a conquista.

masoquismo análogo às do sexo feminino. O próprio ato sexual envolveria a necessidade de um grau de submissão do sexo feminino, por isso seria a posição ativa seria inata aos machos e essa posição ativa sexual seria de certa maneira agressiva pelo próprio ato da penetração. O fato de o sadismo ser observado com mais frequência no sexo masculino que no feminino seria uma consequência do caráter ativo da patologia.

O mecanismo do sadismo não seria simplesmente uma excitação artificial ou produzida pela inervação dos músculos (que também ocorre, por vezes, na forma de violência cega). Envolveria excitação sexual inconsciente que teria como base o sentimento de crueldade e seria acompanhado de uma verdadeira hiperbulia, ou seja, um desejo forte de exercer o efeito mais intenso sobre outra pessoa. A hiperbulia seria o meio que possibilitaria a eclosão do estímulo anormal; os meios mais intensos de agir no outro sujeito seriam, nessas anomalias, a imposição da dor. Quando a associação de luxúria e crueldade estivesse presente, não só a emoção luxuriosa despertaria o impulso de crueldade, como também as ideias cruéis causariam excitação sexual.

Os casos de prazer através da imposição da dor, durante a emoção mais intensa da luxúria, poderiam culminar em lesões graves, feridas ou até mesmo morte. A imposição de dor que seria infligida ao outro sujeito surgiria a partir - além do impulso sádico - de defeitos nos sentimentos da moral e da incapacidade de resultado satisfatório das ideias inibitórias em indivíduos psicopatas.

O sadismo, originalmente, seria uma parestesia inata ao indivíduo perverso. Caso existissem casos adquiridos, seriam muito difíceis de serem identificados e, muitas vezes, a identificação seria advinda de um erro de diagnóstico: muitos indivíduos perversos seriam capazes de, por um longo tempo, fazer de tudo para barrar esse instinto. Na hipótese de serem sexualmente potentes, em um primeiro momento seriam capazes de levar uma vida sexual normal (muitas vezes com a ajuda de ideias subjetivas de natureza anormal para alcançar a plenitude sexual).

Mais tarde, caso em alguma ocasião não conseguissem controlar sua anormalidade, após a superação dos impedimentos éticos e da experiência constantemente repetida de que o ato natural não traria satisfação completa, o instinto anormal irromperia até o momento em que seria concretizado. Devido a essa concretização tardia do instinto em atos, de uma disposição originalmente perversa, as aparências levariam à crença de uma perversão que teria sido adquirida.

Os atos sádicos seriam diferentes nos indivíduos, ou seja, de acordo com a variação do poder do instinto perverso sobre o indivíduo aflito e da força das ideias que poderiam estar presentes.

Atos sádicos poderiam ser diferenciados em relação à sua natureza: como atos ativados após o coito já ter sido consumado (maneira essa que deixaria a libido excessiva insaciada); ou como expressão de virilidade diminuída, uma vez que seriam utilizados para estimular a potência perdida; ou quando a virilidade fosse completamente ausente, e o ato sádico seria a única maneira de alcançar a ejaculação, o equivalente para o coito impossível. Nos últimos dois casos, não obstante, ainda existiria uma libido intensa por isso a hiperestesia seria sempre o motor fundamental da inclinação sádica. A impotência que ocorreria frequentemente em casos de sadismo seria, em parte, consequência dos excessos sexuais saciados na juventude aliados a uma condição fraca da coluna vertebral, acarretando outros tipos de neuroses sexuais. As outras causas da impotência seriam psicológicas, resultando em uma impotência psíquica, consequência da concentração do pensamento no ato perverso simultaneamente à um desvanecimento da ideia de satisfação normal.

Krafft-Ebing apresentou algumas categorias do sadismo que serão apresentadas a seguir.

1. *Assassinatos de luxúrias (luxúria potencializada por crueldade e luxúria ampliada para antropofagia e a questão dos estupros)*: Para Krafft-Ebing (1892, p. 59-62), assassinatos por luxúria seriam as expressões mais doentias do sadismo, pois além da própria parestesia, uma hiperestesia de sentidos apareceria nesses casos, maximizando a potência e impulsividade dos atos sádicos. É uma categoria muito abrangente envolvendo desde humilhação sexual e sodomia a canibalismo e mutilação.

A excitação sádica e a necessidade de causar dor seriam as causas dos atos de sodomia. A inversão sexual não teria papel nessa necessidade. Nos casos de assassinato por luxúria em que o sádico fosse impotente sexual, o próprio ato de matar, mutilar ou praticar canibalismo serviriam como substitutos equivalentes ao ato sexual.

Os assassinatos motivados por crueldade e luxúria e os atos sádicos nem sempre envolveriam estupros, apesar de não serem incomuns os relatos de violência sexual nos casos julgados como assassinatos por luxúria, e ainda menos incomuns sádicos de outras categorias que também fossem estupradores.

Por isso os crimes de estupro simples deveriam ser avaliados como um caso à parte na categoria do sadismo, mesmo quando não seguidos de morte. Ainda que o estuprador não fosse um sádico por definição, todos os estupradores sempre conteriam sinais de degenerações mentais ou perversidade, por isso seriam criminosos muito perigosos para a sociedade em todos os casos que pudessem aparecer nos tribunais.

Os estupros seriam criminalmente definidos como: o coito fora da relação matrimonial, executado por um adulto por meio de ameaças ou violência; ou pelo adulto contra alguém que apresenta uma condição de impotência ou perda de consciência; ou quando a vítima fosse uma garota com idade inferior a 14 anos (Krafft-Ebing, 1898, p.115).

O estupro simples poderia culminar no ato de assassinar a vítima, fosse para que a vítima (a única testemunha do crime) nunca pudesse falar sobre o ocorrido, ou por um ato involuntário cometido no calor do crime sexual. Nesses dois casos, estupros seguidos de morte jamais deveriam ser caracterizados criminalmente como assassinatos por luxúria ou, na esfera médica, como sadismo, pois outros interesses teriam motivado os atos violentos.

Para diferenciar os estupros regulares seguidos de morte dos assassinatos por luxúria e recomendar as sentenças justas, Krafft-Ebing recomenda que o médico legista deve examinar atentamente o cadáver da vítima de um estupro seguido de morte. A presunção de um assassinato por luxúria seria sempre dada quando fossem detectadas lesões nos órgãos do corpo. O caráter e a extensão das lesões deveriam ser avaliados com cuidado. Para casos de lesões genitais, o cuidado deveria ser redobrado e focado na avaliação se estas poderiam ou não ser explicadas apenas pela tentativa brutal de coito. O sinal mais evidente de que se trataria de um assassinato por luxúria seria nos casos em que, além da violência sexual, o corpo tivesse sido aberto ou cortado em partes, com intestinos e órgãos genitais arrancados.

2. Mutilação de cadáveres e a necrofilia: Para Krafft-Ebing, a mutilação de cadáveres segue o mesmo esquema da categoria anterior, pois funcionaria como uma subcategoria dos assassinatos por luxúria. Também consistiria em uma ideia que deveria, em pessoas moralmente bem ajustadas, causar horror. Mas, pelas degenerações causadas pelo sadismo, acabariam despertando uma luxúria intensa.

Krafft-Ebing entendia a necrofilia como uma patologia específica separada e como uma ocorrência associada ao sadismo. Ambas não ocorreriam juntas na mesma pessoa, ou seja, um sádico não poderia ser ao mesmo tempo um necrófilo. O sádico poderia apenas cometer o

ato de se relacionar sexualmente com um cadáver dentro das circunstâncias criminosas do seu instinto.

O termo necrofilia foi cunhado por Joseph Guislain:

É dentro da categoria dos loucos destrutivos que é preciso situar certos pacientes a quem eu gostaria de dar o nome de Nekrophiliacos [necrófilos]. [...], No entanto, não acho que temos aqui uma forma de frenopatia (doença mental) que aparece pela primeira vez. Os antigos, ao falar sobre a licantropia,²² citaram exemplos de que se pode mais ou menos relacioná-los com o caso que acaba atraindo a atenção do público com tanta força (Guislain, 1852, p. 257).

A literatura francesa aderiu rapidamente ao novo termo de Guislain para categorizar pessoas que manteriam relações sexuais com cadáveres.

A necrofilia associada ao sadismo seria expressa apenas como consequência dos atos sádicos. O desejo seria apenas a satisfação do impulso sádico regular (caso de mutilar os corpos ou foçar o coito), e o ato de matar a pessoa significaria nada mais do que a garantia do fim de qualquer obstáculo entre o sujeito e a realização do impulso perverso sádico.

O desejo pela relação sexual com cadáveres - a necrofilia que Guislain definiu como sendo uma patologia específica - para ser entendida como uma perversão própria e dissociada do sadismo, precisaria apresentar a seguinte base: a dos casos em que, sem dúvida, existiria uma preferência sexual direta por um cadáver em detrimento da atração sexual por uma parceira viva. Quando nenhum outro ato de crueldade e violência fosse praticado contra o corpo além da violação, seria muito provável que a própria condição sem vida do cadáver constituiria o estímulo para o indivíduo perverso.

De acordo com Krafft-Ebing (1892, p. 71), seria possível que o gatilho do desejo anormal do necrófilo fosse a ideia de subjugação absoluta da mulher. Esse desejo, de acordo com o autor, seria também uma das raízes do sadismo. Provavelmente na necrofilia, apesar de compartilhar a mesma raiz dos traços sádicos, o instinto anormal ficaria fixado apenas na subjugação sexual absoluta, levando o indivíduo a consequência extrema: procurar uma mulher morta para satisfazer esse impulso, visto que uma mulher viva dificilmente ofereceria o nível de passividade fantasiado. Na necrofilia como perversão sexual pura não apareceria o componente principal do sadismo: o de ferir a mulher e ver sua agonia. O objeto de desejo

²² Licantropia era um antigo nome da mitologia para a maldição que transformaria homens em lobisomens nas noites de lua cheia. Licantropia médica fazia alusão à insanos que, assim como os homens lobos (ou acreditando ser lobisomens), vagavam pela noite profanando sepulturas e cometendo atos de canibalismo (Morel, 1860, p.61).

principal do necrófilo seria somente o coito com o corpo humano feminino, mas desde que este corpo fosse completamente disposto de vontades, reações e desejos.

Os casos em que os ferimentos e mutilações fossem infligidos em corpos que já estivessem mortos não deveriam ser categorizados como necrofilia, mas viriam junto aos casos de sadismo, nos quais a crueldade, ou pelo menos um impulso de atacar o corpo feminino, seria conectada com a luxúria. Quando os atos sádicos fossem praticados em cadáveres, seria possível afirmar que um resto de sentido moral ainda existiria no sádico, e dissuadiria a ideia de cometer o ato cruel em uma mulher viva. A atenção do instinto anormal teria que ultrapassar a ideia de assassinar por luxúria e repousar sobre o resultado de um homicídio: o cadáver. Aqui, também, seria possível que a ideia de desproteção do corpo e conseqüentemente a facilidade para feri-lo desempenhasse um papel.

3. *Outras Categorias do Sadismo:* Entre as outras categorias do sadismo presentes na *Psychopathia Sexualis* que não foram separadas por serem casos diferenciados como a necrofilia e o estupro, estão:

a) *Injúrias contra mulheres:* seriam os casos que forneceria a ilustração mais clássica sobre a ideia de um sádico sexual. De acordo com Krafft-Ebing (1892, p.60) caso fossem catalogar o próprio Marquês de Sade em algumas categorias, esta seria, com certeza, uma das quais ele se enquadraria. Os homens catalogados nesta seção ficariam excitados sexualmente com os ferimentos que eles infligiriam às suas parceiras e, em muitas vezes, com a visão desses ferimentos sangrando.

b) *Contaminação e humilhação das parceiras sexuais:* Uma variação do sadismo clássico apresentado acima seria que, com a finalidade de ferir e humilhar a mulher, sádico contaminava a parceira com excrementos, urina e outros tipos de substâncias nojentas e imundas. Esta categoria específica levaria a conclusão de que atos em que criminosos usariam tintas e ácidos para mutilar as mulheres teriam raiz em um impulso perverso sádico.

c) *Sadismo simbólico (outros tipos ataques contra mulheres):* Esta categoria compreenderia os outros casos não contemplados pelas divisões anteriores. Nesta categoria o impulso sádico não seria tão avassalador, e os impedimentos morais não seriam tão comprometidos. Dessa maneira, o sádico simbólico se contentaria com um ato que tenha

alguma carga de significado para ele, fazendo alusão ao impulso sádico presente. Na maioria das vezes, esses atos seriam inofensivos criminalmente, pois não implicariam injúrias físicas contra as mulheres.

d) Sadismo contra outros sujeitos (chicoteamento de rapazes e atos sádicos contra animais): Krafft-Ebing (1892, p. 80-82) afirmava que o sádico – em sua maioria pessoas do sexo masculino – mantém a parceira do sexo oposto como alvo de seu instinto de violência. Mas seria possível que, em certas circunstâncias e ocasionalmente, o sádico satisfizesse seu instinto em outros seres vivos. Estes outros alvos do impulso seriam o tipo de constituições mais sensíveis que se poderia achar na sociedade: crianças e animais. Somente em alguns casos dessa divisão o sádico teria a plena consciência de que seu impulso perverso seria dirigido às mulheres. A condição do autor do crime poderia ser tal que o impulso para cometer os atos cruéis entraria na consciência acompanhado apenas de uma forma de excitação lasciva, enquanto seu objeto real, a violência (único que poderia explicar a raiz da coloração luxuriosa de tais atos) permaneceria inconsciente. Sendo assim, qualquer visão de um ser sendo ferido poderia incitar a satisfação sensual mesmo que o sádico não fosse o autor dos ferimentos. Seria impensável para Krafft-Ebing que o sadismo pudesse vir acompanhado do que ele chama de instinto sexual contrário, ou seja, a homossexualidade ou ainda, inversão sexual. Na inversão sexual, faltariam os componentes dados pelas características positiva e ativa que seriam essenciais para o instinto perverso do sádico, pois o invertido teria uma organização psíquica que o aproxima mais da passividade. A causa da excitação do sadismo não seria o gênero sexual em si (sendo que o corpo masculino seria objeto principal do desejo na inversão sexual), e sim a injúria e humilhação de um corpo. A escolha de um sádico por um corpo masculino seria uma questão de oportunidade. Nos casos de maus tratos contra animais seria consciente que o impulso seria direcionado ao sexo feminino, mas o medo de machucar o outro ser humano ou o temor por ser pego faria com que o ato fosse consumado com animais indefesos para satisfazer o instinto, ou para animar o coito com a parceira do sexo feminino.

4. Sadismo em mulheres: Além do caráter ativo da perversão, que destoaria do caráter passivo, natural da mulher, a maior dificuldade física que mulheres experimentariam quando tentassem cometer os atos criminosos para satisfazer seus instintos, faria com que relatos da perversão fossem sempre escassos.

Os maiores casos em que traços sádicos poderiam ser rastreados estariam em figuras históricas, como Catarina de Médici e Messalina, ou em personagens da mitologia e literatura, como Medéia e Penthensileia. Mas ainda assim, nessas personagens, seria possível dar como causa às características sádicas o caráter anormal e masculinizado parcial conferido pelos autores às personalidades das heroínas, isso devido aos graus de reversão do caráter sexual feminino descritos. Somente dois casos de traços de sadismo em mulheres teriam sido estudados até então, e estes casos só poderiam ser explicados por um elemento constituinte primário: a hiperexcitação geral da esfera motora. Mas os casos estudados até então apresentariam mais características de anestesia e masoquismo do que a predominância de alguma das categorias do sadismo. Os três casos de traços sádicos femininos foram praticados por mulheres sem traços de viraginite ou inversão sexual, e tendo como vítimas sujeitos do sexo masculino.

Após apresentar todas as categorias e subcategorias, Krafft-Ebing assume ao longo de sua explicação sobre o sadismo que um sádico jamais teria prazer total no coito natural ou em outros tipos de relações de conteúdos sexuais tais como cunilingus ou estimulação manual dos genitais. E em várias outras passagens, afirma que o sádico poderia se satisfazer plenamente em flagelar ou machucar um parceiro do mesmo sexo ou ainda animais para satisfazer seu desejo e assim sentir a completude do prazer sexual. Não é possível, portanto, considerar que o objeto sexual no sadismo e no masoquismo é a pessoa do sexo oposto, pois a própria perversão assume uma indiferença ao gênero da pessoa e a maneira como o ato sexual vai acontecer em relação à possibilidade de ferir a pessoa. O objeto sexual do sádico e do masoquista seriam, então, os atos de crueldade em detrimento do objeto natural, o sexo oposto. Assim como nas outras patologias gerais, o sadismo e masoquismo impediriam a finalidade do instinto sexual, principalmente o sadismo, já que em sua fantasia perfeita a outra pessoa do sexo seria completamente destruída, nunca podendo gerar nada.

I.II.II- *Masoquismo*

Krafft-Ebing nomeava a associação entre o ato de suportar passivamente torturas e sentir lúxuria durante a sevícia de masoquismo. O nome da categoria deriva do nome de Leopold Sacher-Masoch, pelos exemplos de masoquismo apresentados em seu romance *A Vênus das Peles*.

A homenagem de Krafft-Ebing não foi bem vista por familiares e simpatizantes de Sacher-Masoch e pelo próprio homenageado (Deleuze, 1983, p.8). Ellis (2001, p. 96), anos

antes, também contava sobre o desagrado do escritor: “Sacher-Masoch em pessoa não estava preparado para admitir a justiça do uso de seu nome de uma maneira alienista”. O biógrafo oficial de Sacher-Masoch teria dito a Havelock Ellis que a ideia central de *Vênus das Peles* não era demonstrar papéis sexuais passivos e ativos daquela maneira como Krafft-Ebing teria imaginado.

Para se defender dos desagradados, Krafft-Ebing (1906) diz que várias provas biográficas estavam surgindo para corroborar a ideia de que Sacher-Masoch era de fato um masoquista em sua vida particular. Sua intenção nunca teria sido ofender o escritor ao ligar seu nome a uma doença sexual. Em sua opinião o fato de Sacher-Masoch ter sofrido de uma perversão sexual em nada abalaria seu prestígio, já que seus impressionantes dotes literários e produção cultural rica eram as maiores provas do valor do autor. Sacher-Masoch na verdade, seria um grande exemplo de como, para o bem ou para o mal, a sexualidade teria uma poderosa influência na vida mental dos homens.

Krafft-Ebing explicou que os nomes das duas patologias, sadismo e masoquismo, seguiriam o mesmo mecanismo que batizou de Daltonismo a anomalia descoberta por Dalton.

Como uma das maiores consequências dessa perversão, o instinto sexual seria mais ou menos insensível ao estímulo normal vindo do sexo oposto, incapaz de uma vida sexual normal: “Mas essa impotência psíquica não depende, de maneira alguma, de um horror ao outro sexo, mas do fato de que esse instinto A nomeação, porém, não foi universalmente aceita. Eulenburg preferia usar o termo *algolagnia* e não masoquismo ou sadismo, porque concordava que a grande adesão aos termos de Krafft-Ebing se devia ao fato da grande popularidade que sua obra teria alcançado no mundo. O uso dos termos sadismo e masoquismo aumentavam algumas preocupações empíricas que poderiam surgir dessas nomeações de suas definições, como a falta de uma designação científica dos fenômenos. Sadismo e masoquismo seriam termos complementares e isso justificaria a inclusão de um termo mais abrangente como *algolagnia*, que em si mesmo conteria as explicações de etimologia científicas corretas (1902, p. 3-5). Outros autores como Schere e Rholleder também traziam os termos *algolagnia* em suas obras.

Krafft-Ebing (1891) apresentava o masoquismo como a posição comum a todos os indivíduos acometidos por sentimentos de luxúria durante sessões de tortura. A direção do impulso sexual seria guiada para um círculo de subjugação e abuso pelo parceiro do sexo oposto. Essa necessidade de ser humilhado apareceria na vida psíquica como uma ideia que foi colorida por sentimentos sexuais. Os indivíduos afetados pelo masoquismo teriam fantasias

com situações em que estariam sendo humilhados e torturados, e muitas vezes tentariam realizar essas fantasias. Seriam no geral indivíduos fracos e impotentes psiquicamente, de maneira que seria moralmente fracos e indecisos. Alguns casos ainda mais prejudicados pelo masoquismo seriam os de impotência que não é puramente psíquica, mas física. Os sujeitos dessas ocorrências sofreriam as consequências pela entrega aos excessos, especialmente a masturbação. A inabilidade causada pela impotência física de manter relações normais, ou ainda, de alcançar o que as fantasias perversas criariam, os jogariam novamente aos maus hábitos. Contudo existiriam os casos de masoquistas, que também teriam a sensibilidade, em certa medida, a estímulos psíquicos naturais, e as relações sexuais, sob condições normais seriam possíveis, ainda que não satisfatórias.

Na clínica das perversões o número de casos de masoquismo seria muito grande quando comparado com outras patologias, inclusive com o sadismo. Krafft-Ebing, na verdade, usou o masoquismo como a centralidade de suas quatro perversões gerais. É a partir dele que todas as outras perversões são explicadas.

A maneira como o masoquismo dominaria a possibilidade de haver ou não uma vida sexual normal – bem como em qual medida o sujeito se esforçaria para realizar suas fantasias, o quanto sua virilidade estaria prejudicada e como as fantasias seriam postas em prática – variaria de acordo com a intensidade do instinto anormal patológico, com a presença da força dos motivos éticos e estéticos e com o poder relativo da organização física e mental do indivíduo afetado. No masoquismo haveria também uma gradação de atos perversos entre manifestações realmente repulsivas e monstruosas e situações ridículas.

O essencial para o diagnóstico comum, mesmo com todas as diferenças citadas acima, do ponto de vista psicopatológico, seria que o elemento chave em todos esses casos fosse o fato de o instinto sexual ser, de alguma forma, dirigido para as ideias de dominação e abuso por parte do sexo oposto.

A ideia de que o masoquismo e sadismo seriam contrapartes foi repetida por Krafft-Ebing constantemente nas considerações sobre as duas patologias. Se o sadismo era a perversão de caráter ativo, o masoquismo era a perversão de caráter passivo. Assim como os homens sádicos sentiriam prazer em maltratar suas mulheres e os homens masoquistas sentiriam prazer em serem maltratados por suas mulheres: o sádico teria a exaltação máxima de sua patologia no ato de matar a parceira (assassinatos de luxúria) o masoquista teria sua exaltação máxima no ato de ser morto pelo parceiro. Novamente, a incidência maior em homens ou mulheres seria apenas uma consequência do caráter da patologia. Por ter o caráter análogo ao feminino,

obviamente o masoquismo seria mais comum em mulheres que o sadismo. Mas ainda assim as considerações de Krafft-Ebing são centradas no sexo masculino, pois o autor considerava a sexualidade feminina ainda muito misteriosa e pouco conhecida.

O que quer que tenha sido dito com referência ao caráter impulsivo (crimes sem distinção de motivo) do ato e com referência à natureza original (somente existiriam casos congênitos, nunca adquiridos) da perversão no sadismo, também poderia ser seguramente dito sobre o masoquismo. Mas a exaltação máxima do masoquismo, diferentemente do sadismo, seria barrada pelo instinto natural de autopreservação dos seres humanos, portanto, assassinato e lesões graves, que poderiam ser facilmente cometidos em excitação sádica (até o momento da literatura e experiência clínica disponível na época) não encontrariam nenhum equivalente passivo. Porém os desejos perversos de indivíduos masoquistas poderiam, na imaginação, atingir essas consequências extremas.

Krafft-Ebing, assim como no sadismo, apresentou categorias para explicar essa patologia.

*1. O desejo de abuso e humilhação como forma de satisfação sexual ou o masoquismo clássico*²³: Essa categoria compreenderia o masoquismo que mais se aproximavam da primeira definição de Krafft-Ebing para a patologia. Pelos casos apresentados o masoquismo clássico faria referência aos homens que sentiriam intensa excitação sexual com o desejo de serem abusados e humilhados de diversas maneiras por suas parceiras sexuais durante o coito. Esses homens se submeteriam a serem estapeados, amarrados, chicoteados e a sofrerem humilhações morais para atingir o máximo de prazer sexual. Todos os casos relatados do masoquismo ideal são de homens heterossexuais. Normalmente, eles conseguiriam ter ereção e manter relações sexuais naturais durante os atos de abuso. A existência da possibilidade de manter atos sexuais normais sem a presença do jogo masoquista variaria caso a caso e não constituiria em si uma regra para categorizar o masoquismo clássico. Todos os casos apresentados nas edições seguem esse formato. Sobre a existência de traços sádicos em masoquista, Krafft-Ebing acreditava serem muito frequentes. Em alguns casos (próprios e de

²³ Essa nomeação não é utilizada por Krafft-Ebing. Ele apenas apresenta uma definição de masoquismo e às vezes diferencia essa definição como o masoquismo em geral, e subdivide as outras categorias. Para evitar problemas de compreensão, neste trabalho o masoquismo em geral será chamado de masoquismo clássico, assim como ele se refere à sadismo clássico durante o texto.

outros autores) em que o diagnóstico entre a perversão masoquista e atos cruéis poderia ser difícil, ele estabelece, como regra, que traços rudimentares de sadismo nos fenômenos descritos poderiam definir se o quadro realmente era masoquismo. Mas o autor mantém uma tendência que não se modifica ao longo de toda sua obra, de não ser possível que duas patologias gerais ocorressem na mesma pessoa.

Dentro da ideia de masoquismo clássico, a flagelação passiva poderia aparecer, de acordo com o que foi demonstrado no caso acima, como uma forma de submissão do masoquista à sua *senhora*.

Por outro lado, a flagelação passiva também seria uma perversidade cometida por libertinos unicamente para atingir a meta aliviar a impotência sexual, pois como explicado anteriormente, era um conceito geral entre os médicos da época de Krafft-Ebing que a flagelação das nádegas teria um efeito de irritação reflexo para excitar os órgãos sexuais.

Estabelecer a distinção entre uma parestesia sexual e apenas uma perversidade não seria muito complicada de ser feita para o médico perito que mantivesse as seguintes definições em mente: (a) em primeiro lugar, o impulso de flagelação passiva existiria *ab origine* no masoquista. O desejo de humilhação e submissão seria sentido antes que o masoquista conseguisse associar a experiência de ser surrado a um efeito reflexo de excitação fisiológica. Haja vista os inúmeros casos de masoquismo em que os sonhos de ser flagelado apareceriam na infância; (b) em segundo lugar para o masoquista, a flagelação passiva seria apenas uma das muitas e diversas punições que vêm à mente como fantasias. Na flagelação passiva e nas outras punições, os atos seriam as expressões simbólicas da alegria da humilhação perante a *senhora*, sem a presença de um pensamento para o efeito irritativo físico-reflexo; (c) em terceiro lugar, seria muito significativo que, no masoquista quando a flagelação desejada fosse levada a cabo, o ato não necessariamente teria quaisquer efeitos afrodisíacos em si mesmo. A base da perversão masoquista seria a de que o mais importante seria o jogo fantasioso de estar se submetendo totalmente ao poder da mulher tirânica amada do que o ato de apanhar ou ser humilhado em si. Muitas vezes, de fato, nos casos de masoquismo haveria a falta de sensação de plenitude do masoquista durante o ato de ser surrado e humilhado, caso a criação da fantasia da situação desejada entre homem e a mulher por alguma razão não fosse bem sucedida.

A relação entre flagelação passiva e masoquismo seria análoga à relação existente entre a pederastia adquirida e o sentimento sexual contrário. Da mesma maneira que a flagelação

poderia ser encarada como um efeito conseqüente do masoquismo, os atos de pederastia desempenhariam o mesmo papel na homossexualidade²⁴.

2. *O masoquismo simbólico*: Da mesma maneira que os sádicos simbólicos, os masoquistas dessa categoria ficariam satisfeitos apenas com a representação simbólica de situações que corresponderiam à sua perversão. O masoquismo simbólico seria categorizado pelo desejo transformado em um ato que representaria os atos cruéis do masoquismo clássico.

O masoquismo simbólico teria, psicicamente, o mesmo mecanismo das fantasias imaginárias, como por exemplo, de ser a vítima do assassinato de luxúria. Enquanto ser vítima de um crime ficaria apenas na imaginação, atos simbólicos poderiam facilmente oferecer uma vaga sensação da maior exaltação masoquista.

3. *Masoquismo ideacional*²⁵: Nessa categoria a perversão psíquica seria confinada ao plano das ideias, sem que existisse alguma tentativa de transformar essas ideias em atos. Via de regra o masoquista ideacional seria conseqüência de impotência psíquica, masturbação e do impulso intenso de preferir indulgência solitária.

O masoquismo ideacional seria uma perversão incomum, mas que teria sido suficientemente demonstrado pelo número relativamente grande de casos que a literatura da época demonstraria, bem como pelo acordo das várias declarações relatadas.

As atenuações do masoquismo ideacional representariam, para Krafft-Ebing, a certeza de que para os masoquistas a base fundadora de sua perversão não seria sentir a dor física e sim ser subjugado pela senhora sádica perfeita. O termo geral *algolagnia* (ou *pain-craving*), portanto, tal como aplicado por Schrenck-Notzing para designar a anomalia do masoquismo, não conseguiria compreender a essência psíquica do elemento do sentimento e imaginação dos masoquistas, por isso Krafft-Ebing não estava certo da utilidade do uso desses termos.

²⁴ Krafft-Ebing diz em certo momento do texto que existiriam sim casos em que somente a flagelação passiva seria o ato principal da perversão sem a relação clara entre submissão. A única maneira de diferenciar esses casos seria o conhecimento desses desejos de uma maneira primária, sem a experiência de que essa flagelação pudesse causar excitação reflexa. O masoquista teria esses desejos desde a juventude, portanto dificilmente teria problemas para atingir a ereção. Esse pequeno parágrafo some nas edições posteriores.

²⁵ Em alemão *Ideeller Masochismus* (Krafft-Ebing, 1892b, p.116; 1894, p.113; 1898, p. 102) traduzido em inglês por ambos os tradutores como *Ideal Masochism*. Para evitar que a palavra ideal seja pensada no sentido de forma mais adequada, o que o aproximaria a categoria da mesma definição que masoquismo clássico, neste trabalho optou-se por traduzir como ideacional.

4. *Masoquismo latente – fetichismo por pés femininos e sapatos femininos:*

Esse grupo seria formado pela transição entre os masoquistas ideacionais e o fetichismo patológico, categoria a ser apresentada a seguir. Por acreditar que essa categoria se aproxima mais do masoquismo ideacional que do fetichismo, Krafft-Ebing englobou essa transição como uma das classes do masoquismo.

Seria altamente provável que a maioria dos casos de homens para esta categoria tivesse todo seu desejo sexual direcionado para a contemplação ou contato com o pé ou sapatos femininos. Há também os casos em que ambos os fetiches estariam presentes com suas bases em um sentimento masoquista de auto-humilhação, pois a forma de se satisfazer com os pés e sapatos seria expressa em relações que remeteriam à humilhação e ao servilismo. A ideia de ser pisado, chutado, permaneceria nas profundezas da vida inconsciente do masoquista latente, e apenas a ideia do sapato ou pé (os meios para tais atos) seria erguida na consciência. Os casos de masoquismo que não poderiam ser explicados de outra maneira seriam, portanto, suficientemente explicados por essa categoria.

5. *Masoquismo latente - atos repugnantes para o propósito de auto-humilhação e gratificação sexual ou Kropolagnia*²⁶: Nessa categoria estariam os sujeitos que frente a impressões obtidas pelos sentidos de olfato e paladar de secreções humanas como fezes e urina, que em um homem normal causariam sentimentos de repugnância e asco, sentissem o mais intenso desejo sexual. Representa a contraparte da categoria de sádicos que sentiria prazer em contaminar mulheres.

Essa categoria poderia ter uma relação com alguns casos de religiosidade extrema. Krafft-Ebing citou alguns casos de religiosos que, como punição ou tentativa de mortificar os sentidos, lambiam ou ingeriam esses fluidos corporais. A mesma relação poderia ser traçada entre esses sujeitos citados anteriormente e os sujeitos que apresentam impulsos sádicos que levam a cometer atos como os de antropofagia que revelariam um gosto para experimentar órgãos humanos.

²⁶ Kropolagnia, de acordo com a *Psychopathia Sexualis*, foi um termo cunhado por Krafft-Ebing. Parece ter derivado do termo coprofagia, creditado ao zoologista francês Pierre Latreille em 1802 que uma espécie de escaravelhos da família Scarabaeidae que formavam treliças com estrume e esterco para se alimentar de *coprophages* (Latreille, 1806, p.214).

Provavelmente, nesses casos, haveria quase sempre um impulso inconsciente masoquista de experimentar o prazer na humilhação mais extrema de si mesmo ao ser contaminado com substâncias repugnantes. Seria provável também que muitas vezes o impulso em sua significância verdadeira (de atos masoquistas de humilhação) não estivesse claro na consciência do indivíduo, por isso esses casos seriam categorizados também como masoquismo latente. Nesses casos poderiam ser observados sujeitos invertidos sexuais coprófagos. Para Krafft-Ebing, esses casos não seriam infrequentes e outros tipos de secreções (como muco nasal, cera dos ouvidos, secreções vaginais, saliva e esperma) além de urina e fezes poderiam fazer parte do desejo anormal.

A perversidade da prática sexual de lambe vagina das mulheres ou sugar o pênis dos homens durante o ato sexual teria suas raízes nas associações mentais de mesmo mecanismo que essa categoria do masoquismo.

6. Masoquismo nas mulheres: Nas mulheres a ideia de um papel sexual submisso perante o sexo oposto seria a forma natural das conexões sobre a ideia biológica e a ideia social do papel feminino na relação sexual.

A história da civilização provaria que, principalmente na esfera social, o estado de absoluta sujeição da mulher sempre foi mantido até que um grau relativamente elevado de civilização fosse alcançado. A própria natureza teria designado ao sexo feminino um papel passivo nas relações sexuais, que daria à mulher uma inclinação instintiva a subordinação voluntária ao homem, por isso o exagero de galanteria habitual de um rapaz na hora da conquista seria muito desagradável para as mulheres. Um desvio desse cavalheirismo masculino na direção do comportamento mais autoritário por parte do homem, embora muito repreensível, muitas vezes seria aceito pela mulher com certa satisfação secreta. Sob o verniz da sociedade educada o instinto de servidão feminina estaria discernível em toda parte. Certo grau de sujeição feminina perante o homem seria uma manifestação normal.

Partindo dessa passividade natural do sexo feminino seria fácil perceber o masoquismo como um crescimento patológico de elementos mentais especificamente femininos e um aumento anormal de certas características que fariam parte do estado original do sexo feminino na seleção sexual.

Casos de aumento patológico deste instinto de sujeição por parte das mulheres, a fim de configurar a patologia do masoquismo feminino, seriam, provavelmente, bastante frequentes, mas o costume social reprimiria sua manifestação. Dizia-se que entre todos os

eslavos das classes mais baixas, as mulheres ficariam muito mal caso não fossem espancadas por seus maridos: “Um oficial da Hungria me informou que as mulheres camponesas dos Comitatos Somogyer não acham que são amadas por seus maridos até que tenham recebido a primeira bordoadada na orelha como um sinal de amor” (Krafft-Ebing, 1892, p. 138).

Na clínica médica e na medicina pericial seria difícil para o psiquiatra se deparar com casos de masoquismo feminino, por causa do pudor natural que colocaria obstáculos extremamente difíceis para que as mulheres de realizar os atos cruéis.

Em um comentário sobre esse caso, Krafft-Ebing (1892, p. 138-140) afirmou que excluiu a possibilidade de tendências para inversão sexual. O fato de o algoz nas fantasias ser uma das amiguinhas não significaria um desejo homossexual, mas queria dizer que o instinto masoquista já estava presente na mente da criança antes da puberdade o do desejo sexual aparecerem. A amiga representaria um ser querido e próximo.

Ao apresentar as cateogiras, Krafft-Ebing tenta explicar a perversão, Krafft-Ebing primeiro retoma as duas bases principais do masoquismo: a vontade de se sujeitar completamente ao parceiro do sexo oposto, vontade essa expressa em atos cruéis ou atos simbólicos de humilhação e a degeneração patológica das distintas peculiaridades psíquicas da mulher.

Assim como o sadismo, o masoquismo poderia ter pequenos traços na sexualidade normal dos sujeitos. O primeiro traço seria que, no estado de excitação lasciva, cada impressão feita pela pessoa que deu origem ao estímulo sexual, independentemente da natureza de sua ação, seria agradável ao indivíduo animado, por isso seria inteiramente fisiológico que toques, tapas brincalhões, e outros golpes leves fossem entendidos como carícias nas relações de amor.

O segundo traço, e mais importante, seria o fato de que, mesmo com toda a surpresa que tal postura a ser descrita poderia causar, não seria difícil encontrar uma pessoa que fosse tão dedicada ao outro indivíduo da relação que acabasse ficando totalmente dependente dele e do laço estabelecido. Esse traço de dependência apesar de ser anormal à moralidade das relações, não seria perverso. Essa dependência seria muito interessante de um ponto de vista forense, e Krafft-Ebing nomeia esse traço de *escravidão sexual*.

Entre os motivos para que uma pessoa se submetesse a assumir um papel análogo ao de um escravo na relação com o outro seriam: medo de perder o companheiro e desejo de mantê-lo sempre satisfeito. Um grau extraordinário de amor que, particularmente na mulher, não indica sempre um grau incomum de sensualidade e um caráter fraco são os elementos simples deste processo extraordinário. O motivo do indivíduo dominante seria o egoísmo

natural, que encontraria no outro espaço ilimitado para a ação. Para que esse processo anormal ocorresse não seria necessário um caráter sexualmente desenvolvido, apenas um grau extraordinário de amor pelo outro e um caráter fraco poderiam montar o cenário para que a relação fosse transformada em escravidão sexual.

Os casos de relações que caíram na escravidão sexual seriam infinitos. Várias vezes Krafft-Ebing já havia se deparado com histórias de homens que seriam incondicionalmente submissos a suas esposas; homens mais velhos que, por medo de perder as amantes e por acharem que aquela seria sua última chance no amor, seriam propensos a satisfazer os caprichos mais absurdos das jovens; rapazes que se deixariam ser persuadidos ao casamento com notórias prostitutas; homens casados e com filhos que deixariam a família para se aventurar com outra mulher.

Mas ainda assim, os casos de escravos masculinos do relacionamento estariam muito longe de se igualar em número e importância dos casos de mulheres que se colocariam nessa situação. Isso seria facilmente explicado pela psicologia sexual das mulheres que tornam o amor um fator essencial em sua vida mental. A dificuldade que uma mulher teria em se aventurar em outras relações amorosas e conhecer outros homens depois de comprometida também facilitaria que ela se tornasse uma escrava do relacionamento. A própria relação de casamento estabelecida pela lei e pelos costumes, de acordo com Krafft-Ebing, seria desigual para ambos os cônjuges, jogando imediatamente a mulher em uma posição mais submissa em relação ao homem.

A escravidão sexual poderia ser uma das formas pela qual o masoquismo se manifestaria em indivíduos perversos, mas ao contrário do sadismo, o masoquismo por si só não corresponderia a um ato criminoso. Em algumas circunstâncias os atos cruéis de masoquismo poderiam se tornar alvo dos artigos, principalmente porque a legislação austríaca já reconheceria que crimes seriam cometidos quando mesmo a pessoa pediu para ser vítima daquele crime.

Os casos que mais pareceriam nas cortes e que envolveriam a escravidão sexual seriam os casos movidos por ciúmes exagerado e medo de perder o parceiro; decepção que a parte dominante poderia ter causado; manipulação da parte dominante para que a parte passiva satisfizesse seus desejos; instigação da parte dominante para que o passivo cometesse crimes graves a fim de manter a relação de escravidão (esses casos seriam especialmente causadores de tragédias quando os agentes fossem pessoas que tivessem família e que fossem manipulados

pelo amante a se livrar do consorte e dos filhos usando a desculpa de não haver mais impedimentos para que os dois vivessem juntos).

O médico deveria saber diferenciar os casos a partir da noção de que no masoquismo a tirania, mais do que o laço de amor, seria o atrativo principal para estabelecer o encanto entre as partes. O masoquismo também existiria antes de existir um objeto de amor.

A contrapartida perfeita do sadismo seria o masoquismo. O paralelismo entre as duas perversões seria absolutamente perfeito:

Todos os atos e situações utilizadas pelo sádico no papel ativo tornar-se o objeto do desejo do masoquista no papel passivo. Em ambas as perversões esses atos podem avançar de atos puramente simbólicos para atos de maus-tratos graves. Mesmo assassinato, em que o sadismo atinge seu ápice, encontra [...] - é claro, só na fantasia - o seu homólogo passivo (Krafft-Ebing, 1892, p. 151).

A analogia entre as duas perversões também poderia ser extensiva aos caracteres internos psíquicos. Ambas devem ser consideradas psicopatias congênitas em indivíduos mentalmente anormais que, em particular, são afetados com hiperestesia psíquica de natureza sexual como uma regra e também com outras anormalidades. E para cada uma dessas perversões dois elementos constitutivos podem ser demonstrados. Esses elementos teriam suas raízes na verdade psíquica normal que se encontraria dentro dos limites fisiológicos. No masoquismo esses limites seriam transpostos quando: (1) no estado de emoção sexual cada impressão produzida pelo consorte, independentemente da forma de sua produção seria, por si só, entendida com prazer lascivo. Mas quando acompanhadas hiperestesia, a impressão poderia ir tão longe a ponto de compensar toda sensação dolorosa; (2) na escravidão sexual, quando o prazer encontrado na submissão acabasse, por causa da hiperestesia congênita, tomando um colorido perverso. Na verdade a própria escravidão sexual em si demonstraria uma degeneração anormal da personalidade do instinto de subordinação fisiológico.

No sadismo a ultrapassagem dos limites do normal se daria quando: (1) a excitação sexual causada pelo contato com outra pessoa causaria um desejo de influenciar de alguma maneira a vida sexual do amado. Quando unido a uma condição hiperestésica, esse desejo de influência poderia ser expandido ao máximo. (2) quando o papel normal da seleção sexual do homem (ser mais ativo na corte e conquistar a mulher) fosse, pela agitação psíquica, transformado em um desejo intenso de subjugação.

Binet (2001), em uma explicação sobre a patologia que ele enxergou em Rousseau na leitura da biografia *Minhas Confissões*, acreditava que a vontade que Rousseau demonstrava de ser maltratado pudesse ter suas razões no fato de que o jovem filósofo teria apanhado

algumas vezes. Sendo assim a flagelação passiva e a irritação física que ela causaria, por associação de ideias, faria com que as surras fossem percebidas como prazerosas, e o desejo de ser maltratado apareceria. Binet acreditava que essa esse acidente de associação de ideias poderia enquadrar a patologia como um fetiche por maus-tratos.

Krafft-Ebing discordava de Binet, pois usando novamente a relação entre o sadismo e masoquismo, o sadismo, sendo uma flagelação ativa, não teria causado nenhuma irritação sensorial física, então não poderia ser possível que o sadismo tivesse uma origem física. A correlação entre sadismo e masoquismo seguramente provaria que ambos não poderiam ter qualquer origem fisiológica, apenas psíquica.

Sadismo e masoquismo seriam, então, duas facetas diferentes de uma mesma perturbação psíquica: prazer com os atos de crueldade. Os atos de crueldade seriam a expressão patológica tanto da subordinação a uma pessoa (em sua faceta normal a doçura e cavalheirismo entre os amantes) e do desejo de ser senhor daquela pessoa (em sua faceta normal a vontade de ser o mais importante para o outro). Se a associação mental anormal dessas manifestações normais seria percebida como passiva ou ativa seria a verdadeira essencialidade da definição da patologia. A associação entre luxúria e crueldade seria apenas o segundo plano.

Fisiologicamente, no êxtase masoquista, a pessoa não perceberia o estímulo da dor como dor em razão de seu estado emocional, que faria com que o efeito do estímulo nos nervos cutâneos não fosse percebido (mesma analogia pode ser feita entre um soldado no campo de batalha, que mesmo ferido, pela exacerbação das emoções ao qual está exposto consegue realizar feitos físicos sem se dar conta da dor das injúrias). Mentalmente a falta na percepção do estímulo doloroso seria devido à luxúria tomar uma reação tão forte na consciência que os maus tratos permaneceriam apenas como um símbolo daquela exacerbação sem a qualidade de dor física. Em certa medida, haveria um excesso de compensação da dor física com prazer psíquico, e apenas o excesso compensado permaneceria na consciência como luxúria psíquica. Esse excesso sofreria um aumento, uma vez que, através de influência espinhal reflexa ou através de uma coloração peculiar no sistema nervoso uma espécie de alucinação do prazer corporal ocorreria, com uma localização vaga da sensação objetiva projetada.

A observação empírica teria provado que as duas patologias poderiam ocorrer no mesmo indivíduo, mas Krafft-Ebing acreditava que a explicação para isso seria complexa demais para ser detalhada. O que precisaria ser entendido era que nesses casos o núcleo da perversão seria formado pela associação geral das duas finalidades do ato de violência. Mas o fato seria que nas pessoas afetadas pelas duas formas, uma das facetas, ativa ou passiva, seria

sempre mais predominante que a outra. Em uma parte, que foi excluída posteriormente da sétima edição, Krafft-Ebing dizia que como uma das patologias seria a predominante, essa faceta seria a congênita. A outra faceta, por sua vez, teria que ter sido adquirida. A parte excluída segue dizendo que seria normal que em alguma hora surgisse a vontade de experimentar o papel invertido nos jogos sádicos e masoquistas. Essa vontade passaria logo, pois iria contra a inclinação natural patológica.

Da mesma maneira que o sádico, que teria as características típicas do gênero sexual masculino exacerbadas a ponto de transcender para o campo patológico, o masoquista teria a exacerbação patológica das características femininas. A dificuldade de Krafft-Ebing em aceitar que existiriam casos de invertidos sádicos residiria no fato de que o sadismo seria uma patologia de natureza positiva, que corresponderia à naturalidade da vida mental e biológica do homem. Logo, a contraparte perfeita do sadismo teria que ser uma patologia negativa, que corresponderia à naturalidade da vida mental e biológica da mulher, podendo ocorrer com mais facilidade na inversão. Dessa dedução emanaria a ideia de que o masoquismo seria, propriamente falando, apenas uma forma rudimentar de instinto sexual contrário, uma efeminação parcial que faria com que só as características sexuais secundárias da vida sexual psíquica fossem em conta.

Ao contrário do atestado na primeira versão desse texto em 2015, após a leitura de mais edições da obra de Krafft-Ebing durante a pesquisa da tese, o que o autor assume que poderiam ser encontrados traços sádicos e masoquistas em homossexuais. Apesar disso, Krafft-Ebing continuava afirmando nas edições dos seus textos que duas patologias gerais não poderiam ocorrer na mesma pessoa. Então, o correto seria falar que manifestações características de algumas categorias de sadismo e masoquismo aconteceriam em homossexuais, não a patologia geral ainda que associada a outra. A *Psychopathia Sexualis*, apesar de apresentá-los como complementares, não fala sobre a possibilidade do sadismo e do masoquismo aparecerem ao mesmo tempo em um único indivíduo²⁷, por isso adota-se nessa tese a noção de *tendências*. Uma patologia poderia apresentar tendência e manifestações clínicas da outra. Mas duas patologias jamais concorreriam como a principal

Elementos masoquistas seriam encontrados com facilidade em homossexuais masculinos e femininos. Krafft-Ebing no adendo de 1891, terminou a conceituação sobre as

²⁷ A primeira dimensão dessa ideia aparece em ainda no século XVI com Meibom, e posteriormente seria o chamado de sado-masoquismo, a partir do trabalho de Freud em 1905).

perversões sadismo e masoquismo dizendo que tanto traços de sadismo quanto traços de masoquismo poderiam ocorrer associados a casos de inversão sexual. A observação empírica de outros casos ao longo dos anos teria demonstrado que isso seria uma verdade científica.

Isso reforça a tese apresentada aqui de que as perversões que Krafft-Ebing conceituou são perversões a partir da mudança do objeto sexual. Deve-se atentar que na visão de Krafft-Ebing, assim como o instinto tem seu único objeto natural, quando pervertido ele também terá um único objeto, por isso apenas uma perversão poderia ser encontrada na mesma pessoa.

Quanto aos alvos sexuais, seriam possíveis diversos para uma mesma pessoa, dependendo do contexto social e particular de cada uma, principalmente nos casos de sadismo e masoquismo.

I.II.II- *A Inversão Sexual*

Sendo tão antiga quanto a humanidade, como diz a frase atribuída a Goethe, até o século XIX, não existia o termo *homossexualidade* propriamente dito para designar as pessoas que sentem desejo sexual por pessoas do mesmo sexo. As designações para homossexualidade surgiram apenas em decorrência do advento do discurso científico, preocupado com as classificações. Ao longo do século, vários termos foram usados para designar pessoas que se sentem sexualmente atraídas por sujeitos do mesmo sexo.

Normalmente a homossexualidade era referida como *pederastia*, e o homossexual como *pederasta*. O termo pederastia servia para nomear o homem que manteria relações sexuais com meninos e também designava um crime previsto no código penal.

Karl Heinrich Ulrichs em 1860 criou o termo *uranismo* para designar a si mesmo e a outros homens que mantinham relações homossexuais com homens e diferenciar essa classe dos pederastas criminosos.

Ulrichs retirou o termo *uranismo* de um dos diálogos do livro O Banquete de Platão, em que são explicadas as diferenças entre Afrodite Pandemia, no mito, filha de Zeus e Dione e Afrodite *Urânia*, filha do esperma de Urano que caiu no mar quando o titã foi castrado pelo irmão Cronos. Considerando que existissem duas Vênus, existiriam também dois tipos de amor. O amor que Afrodite Urânia representaria, por ela própria não ter uma mulher envolvida em sua concepção, seria de participação inteiramente masculina. Aqueles inspirados por esse amor procurariam mais as características de maior excelência do corpo e da mente, e desde a juventude escolheriam como objeto de amor seus semelhantes (outros homens) mais

experientes, nos quais o caráter e as qualidades físicas masculinas já estivessem totalmente formadas (Ulrichs, 1864, p.20; Platão, 1895, p. 33). Para Ulrichs, os uranistas seriam aqueles que, assim como no amor de Afrodite Urânia, escolheriam como objetos de afeição outros homens. Os uranistas seriam pessoas em que uma alma feminina habitaria um corpo de forma masculina. Não seriam doentes nem criminosos, pois não teriam escolha nem escapatória de sua condição inata e amariam homens que já tivessem atingido sua plena forma masculina, nunca as crianças, tal como os criminosos pederastas (Ulrichs, 1864, p. xxi).

O termo uranismo foi amplamente aceito até que os termos homossexualidade e heterossexualidade fossem cunhados por Karl Maria Kertbney, em 1868, em carta endereçada à Ulrichs. O primeiro termo designava atos eróticos praticados por pares do mesmo sexo; e o segundo, junto ao termo não sinônimo sexualidade normal, formavam a forma natural de satisfação sexual da maioria populacional. Dessa maneira homens e mulheres heterossexuais:

Praticam o coito dito natural [procriador], assim como, o coito contra natureza [não procriador]. Eles são igualmente capazes a entregar-se aos excessos com pessoas do mesmo sexo. Além disso, as pessoas que possuem uma sexualidade normal não são menos suscetíveis de se masturbarem, caso as ocasiões para satisfazer suas pulsões sexuais sejam muito raras. Elas [as pessoas normais], também, são predispostas ao incesto e a bestialidade (...); e até mesmo, a se renderem a atos depravados com cadáveres, caso seus princípios morais não se sobreponham aos seus desejos sexuais. É unicamente nos indivíduos sexualmente normais que achamos o chamado "sanguinário" que é sedento por sangue e só pode satisfazer sua paixão ferindo e torturando os outros (Kertbeny, *apud* Katz, 2001, p.53).

Em 1869, Carl Westphal (1869, p. 73-95) retratou detalhadamente o caso de uma paciente do sexo feminino que tinha desejo por manter relações sexuais com outras mulheres. A moça, cujo pai se suicidou e a mãe era profundamente melancólica, mantinha relações de masturbação mútua com as amigas e sempre foi apaixonada apenas por moças. Tinha o costume desde muito cedo de praticar o onanismo, tinha pouco de feminino nos modos e sofria de comichões nervosas. O caso dessa moça parecia da mesma ordem que os diversos casos de rapazes que desde o início da vida prefeririam manter relações sexuais com outros rapazes, os uranistas, como Ulrichs os denominou. Essas pessoas seriam vítimas da patologia *instinto sexual contrário*, os casos de perversão congênita do instinto sexual que fariam com que a sexualidade fosse *invertida*. O instinto sexual contrário seria uma patologia mórbida e inata de causas principalmente hereditárias. Westphal acredita que a inversão sexual do instinto tivesse mais raízes em perturbações do sistema nervoso e associações defeituosas mentais do que causas mentais puras.

Krafft-Ebing definiu a categoria da inversão sexual como grande diminuição ou ausência completa de sensação sexual para o sexo oposto, com a substituição do desejo sexual e instinto sexual para o mesmo sexo. Para ele, tanto os termos homossexualidade quanto o termo sentimento sexual contrário seriam convenientes para designar a inversão sexual.

Em todos os seres humanos, o instinto sexual e o desejo permaneceriam latentes até o período de desenvolvimento dos órgãos sexuais. A criança seria, psiquicamente, de gênero neutro durante o período da sexualidade infantil (período de latência), pois a ideia da sexualidade ainda não teria subido para a consciência. Sendo assim, o instinto sexual estaria presente na criança, porém as sensações e ideias orgânicas e poderosas que ele representaria ainda não estariam coloridas pela ideia de libido sexual, por isso a criança teria apenas uma ideia virtual e fisiológica de instinto sexual.

A excitação dos genitais poderia ocorrer em crianças pequenas, mas nunca por desejo sexual, apenas por irritações espontâneas ou como resultado de alguma irritação por influência externa. A criança poderia, inclusive, encontrar satisfação corporal e psíquica na masturbação, todavia, a relação entre a masturbação e a ideia psíquica de relações sexuais com pessoas do sexo oposto ainda não estaria presente e os atos sexuais citados acima, durante o período da infância, seriam apenas de natureza espinhal reflexa.

Desde muito cedo, na educação, nas ocupações e nas vestimentas, a criança estaria sofrendo uma separação entre ela mesma e as outras do outro sexo, tendo a impressão de que seria diferente, de fato, daquele grupo de crianças designadas como de sexo oposto ao seu próprio. Essas impressões, no entanto, permaneceriam destituídas de significado mental, porque, aparentemente, estariam sem a coloração psíquica sexual dessas diferenciações, uma vez que o órgão central (córtex) responsável por emoções sexuais e por essa coloração ainda não seria capaz de atividade devido a sua condição não totalmente desenvolvida²⁸.

Se o desenvolvimento sexual da juventude seguisse seu curso natural de maneira imperturbável, um caráter definitivo – que corresponderia à percepção extra do próprio gênero sexual – seria desenvolvido. Certas inclinações e reações definidas visando manter relações sexuais com pessoas do sexo oposto surgiriam psicologicamente durante a puberdade. Nesse

²⁸ Por isso, a presença de pudor durante a infância, seria essencialmente uma exação incompreendida e incompreensível da educação e imitação e não o alcance completo de um estágio de moralidade. Na juventude, com a presença da ideia da sexualidade, o pudor tornar-se-ia uma exigência imperativa de autorrespeito e uma moralidade de fato. Caso de qualquer maneira fosse ofendido a reação intensa (rubor) e a emoção psíquica seriam induzidas provando que o sujeito alcançou plenamente a ideia da moralidade.

mesmo momento surgiria a *personalidade psicosexual* que daria ao sujeito a ideia e percepção completa de seu próprio sexo. Essa personalidade seria tão imutável e corresponderia harmoniosamente com o sexo biológico do indivíduo, que a perda subsequente dos órgãos reprodutores (como por castração, por exemplo), o climatérico ou a sensibilidade, essencialmente, não poderiam alterar a personalidade psicosexual.

A personalidade psicosexual, mesmo sendo um processo mental, estaria subordinada às questões fisiológicas. As glândulas periféricas geradoras (testículos e ovários) e as condições cerebrais centrais seriam os fatores determinantes no desenvolvimento psicosexual. O fato de que uma deficiência congênita das glândulas geradoras, ou a remoção delas, antes da puberdade, tem uma grande influência no desenvolvimento físico e psicosexual provariam essa teoria. As pessoas que tiveram alguma interferência no desenvolvimento de suas glândulas sexuais teriam uma personalidade sexual distorcida e assumiriam um tipo mais parecido com o sexo oposto (eunucos, viragos etc.).

Mesmo com a subordinação à fisiologia natural do corpo humano, os processos físicos que ocorreriam nos órgãos genitais seriam apenas cooperatórios para a obtenção da identidade psicosexual, e não os fatores exclusivos no processo de desenvolvimento. Não obstante, mesmo com um estado anatômico e fisiológico normal destes órgãos, poderia ser desenvolvido naquele sujeito um sexual instinto anormal, exatamente o oposto do que deveria ser a característica do sexo do indivíduo ao qual pertence.

A fundação dessa constituição anormal da personalidade psicosexual seria absolutamente desconhecida. Em quase todos esses casos, o sujeito mostraria uma predisposição neuropática em várias direções, que talvez pudesse ser posta em relação com condições de degenerações hereditárias. Esta anomalia psicosexual poderia ser clinicamente, um sinal de degeneração funcional. A sexualidade invertida perversa apareceria espontaneamente, sem causa externa, com o desenvolvimento da vida sexual, como uma manifestação individual de uma forma anormal do instinto sexual, que teria a força de um fenômeno congênito. A inversão sexual poderia se desenvolver também em cima de uma sexualidade cujo início foi normal, como resultado de influências prejudiciais muito definidas, e, assim, apareceria como uma anomalia adquirida.

Os casos adquiridos seriam divididos em: (a) quando o instinto homossexual aparece secundariamente e afetado por influências que causam distúrbios na satisfação sexual normal, (b) quando o instinto homossexual estaria presente, mas a inversão sexual não ocorreria e seria encarada como viciosa e anormal pelos indivíduos afetados; (c) o instinto heterossexual

continuaría dominante, mas a impossibilidade de satisfação acarretaria dor, levando a uma diminuição da heterossexualidade e aumento do instinto homossexual. Os casos congênitos seriam divididos de acordo com a ocorrência do instinto homossexual:

- (a) O instinto homossexual ocorre em primeiro lugar, e se torna dominante na vida sexual. Aparece como a forma natural de satisfação, e também domina o sonho de vida do indivíduo.
- (b) O instinto heterossexual falha completamente, ou, aparece durante a vida do indivíduo (hermafroditismo psicosexual), mas ainda é um fenômeno episódico e que não tem raiz na constituição mental do indivíduo, sendo essencialmente, nada mais que mais um meio de satisfação do desejo sexual (Krafft-Ebing 1892, p.320).

No fenômeno instinto sexual contrário, tanto congênito quanto adquirido, haveria gradações de severidade da patologia, que corresponderiam aos graus da predisposição inicial dos indivíduos. Assim, nos casos moderados haveria manifestações como, por exemplo, o hermafroditismo simples; em casos mais pronunciados existiria somente o instinto homossexual, mas limitando a vida sexual; nos casos mais completos, toda a personalidade psíquica, até mesmo as sensações corporais seriam transformadas para corresponder com a perversão sexual e, em casos ainda mais severos, também a forma física correspondentemente ficaria alterada de acordo com a perversão.

As categorias apresentadas por Krafft-Ebing para são extensas e muito subdividas. O autor dedicou grande parte de sua obra, principalmente a partir da terceira edição e o estudo da homossexualidade foi incorporado ao título da *Psychopathia*.

1. O sentimento homossexual como uma manifestação anormal adquirida em ambos os sexos: O fenômeno da homossexualidade adquirida seria ainda mais enigmático que o fenômeno da homossexualidade congênita. Existiriam apenas hipóteses do que poderia levar um indivíduo a mudar sua identidade sexual em algum ponto de sua vida. A melhor hipótese para o sentimento sexual contrário seria a de que também nesses indivíduos houvesse uma predisposição latente à homossexualidade ou a preferência pela *bi-sexualidade* dos alvos sexuais. Para que a homossexualidade latente viesse à tona, seria necessário algum relaxamento de consciência que permitiria que influência acidental de causas excitadoras acordasse a inversão latente.

Como atos sexuais com o mesmo sexo seriam atos perversos, e atos perversos poderiam ocorrer mesmo sem a presença da perversão, a condição para essa categoria seria a demonstração de sentimentos de amor profundo e desejo intenso pelo mesmo sexo, não a ocorrência ato sexual. Para que um homossexual fosse categorizado como adquirido ele

primeiro teria que ter tido, antes da homossexualidade, inclinação sexual para pessoas do mesmo sexo.

Situações de homossexualidade entre presos (homens e mulheres), homens que vivem em navios cargueiros; soldados em territórios de guerra ou treinamento e pessoas que vivem em escolas internas seriam casos de especial apreciação nessa categoria. Nesses ambientes, a necessidade poderia levar a casos de relacionamentos com pessoas do mesmo sexo. Regularmente, a conduta sexual assumida a partir da cessação desses obstáculos entre os sujeitos e o sexo oposto definiria se seria ou não um caso de homossexualidade adquirida.

Nada seria mais propenso a contaminar, principalmente no caso dos homens, a vitalidade sexual de um sujeito que a prática de masturbação durante os primeiros anos de vida. O onanismo levaria todas as boas inclinações do amor de deixaria para trás apenas o grosseiro da satisfação sexual:

[...] assim, o brilho da sensibilidade sensual diminui, e a inclinação para o sexo oposto torna-se enfraquecida. Este defeito influencia a moral, o caráter, a fantasia e o sentimento. O instinto do masturbador jovem, macho ou fêmea, de uma forma desfavorável, e, sob certas circunstâncias – permite que o desejo pelo sexo oposto afunde até zero – de modo que a masturbação fica sendo o meio preferido para o modo natural de satisfação (Krafft-Ebing, 1892, p. 188).

Quase todo o masturbador, assustado ou vivendo as consequências de seus vícios (ou por ter encontrado alguém do outro sexo com quem gostaria de manter relações), chegaria a um ponto da vida em que desejasse ficar livre do mau-hábito e recuperar a vida sexual natural. Para essas pessoas as condições físicas e morais não poderiam ser mais desfavoráveis. A masturbação teria destruído o fogo do instinto sexual normal e a autoconfiança do masturbador. Caso o sujeito chegasse a tentar manter a relação sexual natural com o parceiro, essa muito possivelmente seria desastrosa. O desastre da primeira tentativa dificultaria qualquer tentativa futura. Ao mesmo tempo a libido sexual necessitaria de satisfação e o sujeito seria levado à masturbação novamente. Nos casos mais graves, poderiam apelar até para a bestialidade.

Nesses quadros catastróficos, Krafft-Ebing dizia (1892, p.189) que o ato sexual com pessoas do mesmo sexo seria, para esses sujeitos, o mais próximo que eles poderiam chegar de uma vida sexual normal. A perversão latente, trazida à consciência pelos horrores consequentes da masturbação, faria com que o contato com pessoas do mesmo sexo acabasse desenvolvendo mais e mais a excitação sexual, colorindo as ideias sobre o ato sexual com a homossexualidade latente. Então a masturbação entre esses pares começaria e, caso houvesse um sedutor (principalmente um homem que gostasse de manter relações sexuais com pessoas

do sexo oposto, mas preferisse agir sexualmente em seu papel ativo) a pederastia (sodomia) aconteceria. O papel do pederasta seria o grau máximo de um ato perverso que uma pessoa sem perversão sexual poderia atingir. Não existiriam casos de uma pessoa que cometesse atos homossexuais sem nenhum traço de anormalidade psíquica ou biológica transformada em perversão adquirida.

As razões pelas quais uma moça seria levada a iniciar relações homossexuais seriam bem pontuais e mais fáceis de prever: além da neurastenia congênita agravada pela masturbação, a própria criação casta das meninas poderia levar algumas a sentir um medo extremo de pessoas do sexo masculino ou medo de engravidar. Nesses casos bastava apenas uma empregada, professora ou tutora de condutas sexuais promíscuas para seduzir essas jovens. Esposas de maridos impotentes, frequentemente recorreriam à masturbação solitária ou mútua com outras mulheres para compensar a carência sexual do marido. Por último, prostitutas, cansadas e enojadas de manter relações sexuais com diversos homens sem nenhum sentimento por elas, prefeririam manter relações amorosas com mulheres, tentando encontrar o carinho e o respeito que nenhum homem lhes havia devotado. Assim como os homens, uma mulher que mantém relações sexuais com outras por perversão de condutas jamais poderia ser considerada uma homossexual adquirida caso não tivesse nenhum traço de perversidade de instinto.

Para os homossexuais adquiridos, o instinto perverso acordado começaria um processo psicológico de transformação mental e física da personalidade psicosexual. Esse processo poderia dividido em graus.

a) Primeiro Grau: Reversão simples do sentimento sexual: Esse grau compreenderia pessoas que sentissem algum efeito afrodisíaco por pessoas do mesmo sexo. O caráter e o sentimento do sujeito com sua própria personalidade psicosexual, no entanto, ainda corresponder com o sexo do indivíduo. O sujeito sentiria o seu papel sexual de acordo com sua própria sexualidade; reconheceria seu impulso em direção a outros de seu próprio sexo como uma aberração, e, finalmente, procuraria ajuda. Com a melhora dos fatos fisiológicos e psicológicos a inversão sexual poderia ceder.

b) Segundo Grau: Efeminação e Masculinização: Na possibilidade de um caso de homossexualidade adquirida não sofrer intervenção a fim de restaurar a condição normal do indivíduo, transformações mais profundas e mais duradouras na personalidade psicosexual poderiam acontecer. No caso dos homens homossexuais, por exemplo, eles começariam a ter

pensamentos e inclinações cada vez mais femininos, inclusive passando a preferir sempre o papel feminino nas relações homossexuais com outros homens, chegando às vezes, ao nível de promiscuidade de uma prostituta. Nessas condições quanto mais esse processo de efeminação ou masculinização avançasse, mais o sujeito ia ascendendo na escala, e, na ocasião de chegar a um nível parecido com o da homossexualidade congênita, suas possibilidades de cura cessariam.

c) *Terceiro Grau: Estágio de Transição para Metamorfose Sexual Paranóica*²⁹: Nesse grau as sensações de transformação sexual psíquica que a pessoas sentiriam no corpo e nos interesses, como as do caso relatado acima, começariam a ser sentidas de fato como uma transmutação no próprio gênero sexual.

Krafft-Ebing, nas últimas edições ainda em vida (Krafft-Ebing, 1899, 1902), escreveu que durante esses anos continuou a se corresponder com o colega médico autor da carta acima, e que os sintomas dele pioraram ao longo dos anos. Atualmente ele estaria se sentindo completamente como uma mulher. Esse caso só não teria sido incluído no próximo grau, o da paranoia sexual, porque este homem teria conseguido preservar seu ego. Suas capacidades intelectuais e de senso crítico não haviam em momento nenhum sido prejudicadas pela perversão. Como em outras obras (Krafft-Ebing, 1888; 1094) Krafft-Ebing separava a paranoia sexual (com sensação de mudança de gênero) como outra manifestação de anormalidade sexual, a razão de quando esse tipo de manifestação seria causado por homossexualidade adquirida e não por paranoias originais não fica claro, uma vez que nem na *Psychopathia Sexualis* nem em seus manuais Krafft-Ebing explicou essa diferenciação. Krafft-Ebing (1899; 1902) explicou que com exceção de dois casos de Esquirol apenas três casos que ele próprio atendeu (mas não publicou) não haveria na literatura nenhum outro caso de metamorfose sexual derivada de paranoias originais. Esse fenômeno seria extremamente raro.

A razão aparente para que a paranoia geral fosse separada da paranoia na homossexualidade, seria que a de que até o primeiro momento da percepção da mudança de gênero, nos casos de homossexualidade adquirida, as faculdades mentais ainda não pareciam ter sido prejudicadas. Também pode ser assumido que nos casos de homossexualidade

²⁹ A *Psychopathia Sexualis* trata da paranoia sexual apenas como uma consequência associada com a homossexualidade adquirida. Na verdade, a *paranoia sexualis* consistiria em uma patologia sexual abrangente, contemplada em outras obras. No capítulo VI deste trabalho a paranoia sexual dentro da psiquiatria de Krafft-Ebing vai ser tratada como uma patologia específica.

adquirida, anteriormente à percepção de mudança de sexo não existiriam inclinação para relações amorosas com pessoas do mesmo sexo.

d) Quarto Grau: Metamorfose em Paranoia Sexual: Nesses casos, a degeneração seria muito avançada e com a percepção total da mudança de sexo, a pessoa perderia suas capacidades intelectuais e de julgamento completamente.

2. O sentimento homossexual como uma manifestação anormal congênita:

Nessa categoria a característica principal seria que o instinto sexual para pessoas do mesmo sexo estivesse presente desde sempre. A sensibilidade sexual pelo sexo oposto seria fraquíssima ou não existiria e o pensamento da relação sexual com pessoas do sexo oposto poderia causar um profundo asco. Ao mesmo tempo, os órgãos genitais seriam normalmente desenvolvidos, as glândulas sexuais desempenhariam as suas funções de forma adequada, e o tipo sexual seria completamente diferenciável.

Os sentimentos e o caráter do sujeito afetado, contudo, seguiriam de acordo com o instinto anormal. Seria muito fácil reconhecer um invertido sexual de maior grau, pois seus modos e seu vestuário sempre entregariam a condição de seu instinto.

Antropologicamente e clinicamente, esta manifestação anormal apresentaria vários graus de desenvolvimento: (1) Traços de heterossexualidade estariam presentes, mas com predominância da homossexualidade (hermafroditismo psicosexual); (2) Existiria apenas a inclinação para o mesmo sexo (homossexualidade); (3) Toda a existência mental seria alterada para corresponder com o instinto sexual anormal (efeminação e masculinização); (4) A forma do corpo se aproximaria da forma correspondente ao instinto sexual anormal. (androginia e ginandria).

A vida sexual dos indivíduos homossexuais congênitos se manifestaria anormalmente cedo, e, posteriormente, com intensidade extremamente anormal, por isso a manifestação do amor psíquico nesses sujeitos seria extremamente exaltada e exagerada.

Difícilmente a homossexualidade congênita viria desacompanhada de outros sinais de degenerações, entre eles, histeria, pequenos episódios epileptóides e principalmente a neurastenia geral. Essa neurastenia seria uma degeneração de raiz congênita, que conseguiu aumentar devido aos maus hábitos do onanismo ou abstinência do coito normal, levando à casos graves de neurastenia sexual.

Degenerações mentais também seriam encontradas associadas à homossexualidade congênita, por vezes imbecilidade e outras anormalidades intelectuais – ou aptidão extrema em alguma área de conhecimento – apresentariam casos de inversões sexuais.

Fisiologicamente haveria uma normalidade geral dos indivíduos invertidos congênitos, principalmente no que dissesse respeito às glândulas sexuais, por isso a explicação para o fato que causaria a homossexualidade seria tão complicada. A explicação que mais se enquadraria no que Krafft-Ebing pensava sobre a causa da homossexualidade congênita seria a que parte de bases da antropologia da sexualidade: A tendência da natureza no atual estágio de evolução da humanidade seria a reprodução de indivíduos monossexuais, mas ainda assim algumas características secundárias fisiológicas estariam presentes no homem. O aparato sexual, por sua vez, seria constituído por (a) glândulas sexuais e os órgãos da reprodução; (b) os centros medulares; (c) as regiões cerebrais, em que os processos psíquicos da vida sexual seriam promulgados. Uma vez que a predisposição original da (a) é a bissexualidade, o mesmo deve ser reivindicado para (b) e (c), logo se fisiologicamente algumas características sexuais secundárias ficariam presentes mesmo depois da diferenciação, o mesmo poderia ser dito das características psíquicas. Os homossexuais congênitos, assim como os hermafroditas e outros casos de perturbações fisiológicas sexuais, nasceriam com uma exacerbação desses restos evolutivos psíquicos devido a uma predisposição original a ocorrência de degenerações.

Krafft-Ebing acreditava que a porcentagem real de qual seria a frequência de homossexuais masculinos para cada homem normal seria muito difícil de ser apurada. Muitos homossexuais nunca procurariam ajuda médica, nem chegariam a cometer atos de pederastia, por isso muitos casos conseguiriam ficar longe das cortes e consultórios. Mas, pela sua experiência como médico e pelos estudos que ele acompanhava desde a época da faculdade, seria possível dizer, com toda certeza, que existiriam muitos homossexuais masculinos na sociedade.

A homossexualidade congênita em homens seria descrita em quatro estágios: Hermafroditismo psíquico, Uranismo, Efeminação e Androginia.

a) *Hermafroditismo Psíquico*³⁰: Do mesmo jeito que no hermafroditismo físico³¹ o indivíduo apresenta em seu corpo degenerações de ambos os sexos, a característica principal dessa categoria seria a que o sujeito apresentasse inclinação sexual e inclinação da personalidade psíquica para ambos os sexos. O instinto sexual pelo sexo oposto presente seria sempre muito fraco, e na hipótese de ocorrer, compreenderia episódios de maneira periódica apenas ou estaria presente apenas inconscientemente (na forma de alguns sonhos eróticos).

Nessa categoria instinto sexual para o sexo oposto poderia ser reforçado pelo exercício da vontade e autocontrole; por tratamento moral, e, possivelmente, por sugestão hipnótica; por melhoria da constituição psíquica geral por remoção dos sintomas da neurastenia; mas especialmente por abstinência da masturbação. No entanto, o perigo de que os sentimentos homossexuais se fortalecessem estaria sempre presente, na medida em que eles seriam os mais poderosos no sujeito. Quando esses sentimentos se fortalecessem ao máximo, os sentimentos homossexuais poderiam se tornar permanentes. A masturbação excessiva e experiências sexuais frustrantes com o sexo oposto poderiam contribuir para a diminuição do sentimento heterossexual. Por outro lado, seria possível que a estética e simpatia ética por pessoas do sexo oposto pudessem favorecer o desenvolvimento de desejos heterossexuais. Assim seria possível que a predominância de influências externas favoráveis ou desfavoráveis pudesse também interferir nos instintos. Essa categoria sofreria também algumas mudanças de caráter e ações que se aproximariam mais do sexo oposto.

Krafft-Ebing (1906, p. 357) acreditava que esses hermafroditas seriam bastante numerosos, mas uma vez que eles atrairiam pouca atenção socialmente por serem fisicamente de acordo com o seu próprio sexo – por conseguir, durante o convívio social, mascarar uma aparência psíquica também de acordo com o sexo de nascimento – conseguiriam ficar despercebidos por todos. Desde que os segredos da vida conjugal ficassem às escuras, seria muito raro que essa categoria chegasse ao conhecimento do médico ou de chantagistas. Essa seria a razão pela qual esse grupo importante ainda não tivesse sido estudado cientificamente em seu máximo.

³⁰ Hermafroditismo é um termo que pode ser encontrado em autores anteriores a Krafft-Ebing, tanto se referindo a uma doença biológica em que uma pessoa nasce com órgãos sexuais de acordo com os dois sexos; quanto mais próximo ao sentido de hermafroditismo psíquico. Tem o mesmo significado do mito grego.

³¹ De acordo com Krafft-Ebing e também Kraepelin (1904, p. 395) o hermafroditismo físico jamais ocorreria junto, derivado ou como causa da inversão sexual.

b) *Os Uranistas (Indivíduos Homossexuais)*: A inclinação sexual dos homens dessa categoria, como definiu Ulrichs, seria, durante toda vida, apenas por indivíduos do mesmo sexo. Mas, ao contrário da categoria anterior, essa preferência seria restrita apenas à vida sexual e os homens não teriam afetações mais profundas de caráter e gostos.

Os uranistas, amorosamente, agiriam da mesma forma que um homem heterossexual agiria quando verdadeiramente apaixonado por uma mulher. Eles sentiriam verdadeira adoração pelo homem objeto de seus afetos, seriam capazes de grandes sacrifícios por esse amor, sofreriam pela deslealdade do amado, sentiriam ciúmes. Assim como o heterossexual, que se excita facilmente quando visse uma mulher despida, o homossexual sentiria igual resposta corporal quando visse um homem nu.

O sujeito uranista seria naturalmente hiperestésico, por isso, o mero contato com um corpo masculino causaria uma emoção tão intensa que induziria um processo de ereção. Pela condição de neurastenia (que poderia ser causado por onanismo) ser congênita ou decorrente da privação de relações sexuais, essa ereção poderia também facilmente levaria à ejaculação. Essa exaltação do desejo seria inexistente caso o corpo apreciado fosse feminino.

Mesmo assim não seria completamente impossível para um uranista manter relações sexuais com mulheres, inclusive a observação clínica de Krafft-Ebing indicaria que um grande número de uranistas pertenceria ao grupo de homens casados. Por necessidades sociais, esse sujeito poderia se submeter ao casamento e manter uma vida de aparências com a esposa. Os uranistas, apesar da indiferença sexual para com as mulheres, não teriam horror a convivência com elas. Poderiam ser grandes amigos e encontrar prazer na companhia das senhoras. Apesar de conseguirem levar o casamento socialmente sem maiores problemas, o coito com as mulheres não causaria a mesma emoção que a relação sexual com um rapaz. Na hora das relações conjugais, pensariam que no lugar da esposa, era um homem que estava ali com eles. Essa falta de felicidade sexual, mais ou cedo ou mais tarde faria com que o uranista ficasse nervoso e se sentisse incompleto.

Para um observador com mais acuidade as inclinações para ocupações e tendências de gosto que não correspondessem ao sexo do indivíduo poderiam se manifestar de vez em quando. Mas ainda assim essas manifestações passariam a impressão de que tais sintomas seriam artificiais ao uranismo. Talvez aparecessem por ser o resultado de influências educacionais ou de degenerações adquiridas da anomalia original induzida pelas atividades sexuais perversas (masturbação), e análogas aos sinais de degeneração progressiva observada na inversão sexual adquirida.

Como já falado anteriormente, o caráter e a ocupação social seriam de acordo com o sexo masculino e nas relações sexuais com homens eles se sentiriam no mesmo papel que um homem heterossexual na relação com mulheres. No entanto, o desejo de participar do ato sexual como o passivo da relação estaria sempre presente e poderia ser realizado, porque o sentimento homossexual seria pensado ou desejado, ou pelo menos constituiria o assunto dos sonhos.

O uranista poderia até preferir rapazes mais jovens, mas dificilmente meninos sexualmente imaturos. O desejo por outros tipos de atos criminosos, como a pederastia ativa ou uso de força para conseguir sexo, poderia estar presente, mas somente em casos em que profundas degenerações morais – que nada tinham haver com a perversão sexual – também fizessem parte do quadro. Geralmente, seria muito raro que um uranista representasse algum perigo para crianças (Krafft-Ebing, 1906, p. 368-371).

c) Efeminação: Nessa categoria estariam os sujeitos caracterizados pelo grau em que a personalidade psíquica, especialmente na maneira geral de sentimento e inclinações, seria influenciada pelo sentimento sexual anormal. Neste grupo estariam casos totalmente desenvolvidos em que os homens seriam verdadeiras mulheres em sentimento. Esta anomalia do sentimento e do desenvolvimento do personagem seria muitas vezes aparente logo na infância. Os garotos efeminados desde muito pequenos prefeririam associação com as amiguinhas; ajudariam a mãe nas tarefas domésticas; iriam querer cozinhar, bordar e costurar; teriam muito gosto para roupas e se tornariam conselheiros das irmãs. Quando homens feitos, rechaçariam atividades masculinas e procurariam ser dançarinos, costureiros ou decoradores.

Agir como uma mulher para o efeminado seria o máximo da alegria por isso se esforçaria para se vestir com o mesmo bom gosto das mulheres, andar com a mesma leveza entre outras coisas. Para agradar o amante, procurariam ser o mais feminino possível na relação. Agiriam com a mesma modéstia e pudor de uma senhora, sempre doces e submissos. A aparência poderia variar, nem todos agiriam socialmente como mulheres, mas poderia acontecer que pequenos gestos traíssem sua condição.

Quanto ao instinto sexual, eles sempre sentiriam como se fossem a mulher. Por isso sentiriam muita atração pelos uranistas da categoria anterior ou por heterossexuais. Os efeminados ficariam satisfeitos sexualmente principalmente em sentir o pênis em contato com seus corpos, fazer sexo oral (unido a kropolagnia, pois muitos sentiriam prazer quando o amante ejaculasse na boca deles) ou masturbação passiva. Desejos por pederastia passiva também seriam frequentes. A curiosidade pelo papel ativo na penetração poderia até ocorrer, mas seria

mal sucedido, pois sodomizar outra pessoa os remeteria imediatamente ao coito. Nos casos de completa inversão sequer pensar em ter relações com uma mulher seria inconcebível e a imaginação sobre sexo heterossexual traria verdadeiro asco e impossibilidade de ter uma ereção³².

Os efeminados poderiam ter no máximo amores platônicos por rapazes mais jovens, mas em hipótese nenhuma teriam inclinação por meninos imaturos sexualmente.

d) Androginia³³: Essa categoria compreenderia os indivíduos homossexuais que além de apresentarem a personalidade psíquica de acordo com o sexo feminino, também apresentariam a estrutura corporal de acordo com o sexo oposto – como por exemplo homens com vozes finas, quadris mais avantajados, mulheres com vozes grossas e corpos mais musculosos – fazendo com que a androginia aproximasse o indivíduo doente antropológicamente do sexo oposto.

Os órgãos sexuais do andrógeno seriam completamente desenvolvidos e diferenciados de acordo com o sexo de nascimento (marca principal da diferença entre androginia e hermafroditismo físico), mas frequentemente apresentariam sinais de degeneração.

Os casos de homossexualidade em mulheres, quando comparado com os casos em homens, seriam ainda muito escassos na literatura científica. Krafft-Ebing, contudo, não acreditava que essa escassez seria pelo fato de existirem menos mulheres homossexuais que homens sexuais. A homossexualidade feminina apenas conseguiria ser escondida com maior eficácia que a homossexualidade masculina.

A homossexual feminina congênita seria – principalmente pela necessidade social do casamento e pela criação naturalmente mais casta que a educação dos filhos masculinos, forçada com mais frequência à ter relações heterossexuais e a encobrir seu desejo. No geral, existiriam cinco razões para a homossexualidade feminina conseguir se manter com mais facilidade longe do olhar médico do que a masculina:

³² Na verdade Krafft-Ebing diz que de todos os muitos casos que ele viu, apenas dois conseguiram fazer sexo com mulheres. E a condição para manter a ereção foi fornecer meios para facilitar a imaginação, pensando na mulher assumido o papel de homem na relação. Mas nenhum deles relatou ter sentido a menor alegria e encararam o fato como um grande sacrifício.

³³ Do termo andrógino, como apresentado em Platão (1959, p. 25), de um ser que tivesse tanto as características de homem, quanto as de uma mulher. De acordo com Kraepelin (1904, p. 315), Schrenck-Notzing (1895, p. 119), Krafft-Ebing iniciou o uso médico do termo androginia como uma forma de patologia sexual.

(1) É mais difícil ganhar a confiança da mulher sexualmente perversa; (2) a relação sexual entre mulheres, não é prevista (na Alemanha, de qualquer modo), sob o código penal, e, portanto, permanece escondido do conhecimento público; (3) a inversão sexual não afeta a mulher da mesma maneira que afeta o homem e a mulher não fica impotente sexualmente; (4) porque a mulher (não importa se for invertida sexual ou não) não é sensual e agressiva para cortejar seu amor como o homem, por isso as relações entre mulheres serão menos noticiáveis e para alguns passaria como mera amizade (Krafft-Ebing, 1906, p. 395).

As categorias da homossexualidade feminina congênita seriam todas análogas às masculinas. Os termos usados para nominar as subcategorias também se mantêm os mesmos que os dos homens, exceto Androginia e Efeminação, que são substituídas por Ginandria e Viraginite. Krafft-Ebing também usa o termo uranismo para mulheres, apesar de por definição Ulrichs não fazer o mesmo.

a) *Hermafroditismo Psíquico*: A patologia apresentada nessa parte não apresenta nenhum tipo de ressalva entre si ou entre as comparações com a mesma categoria nos homens (Krafft-Ebing, 1899, p. 394).

b) *Indivíduos Homossexuais /Uranismo*: Ao contrário de Ulrichs, Krafft-Ebing utilizou para a homossexualidade feminina o termo uranismo, pelo fato da analogia entre as ações dos sujeitos de ambas as categorias para com o objeto de amor e pela aparência externa correspondendo ao gênero sexual fisiológico. (Krafft-Ebing, 1899, p. 405).

c) *Viraginite*: Viraginite vem do termo *virago*, usado principalmente na literatura para descrever as personagens femininas que tinham características heroicas e masculinas. O termo apareceu na literatura pela primeira vez no poema *Cursor Mundi* como uma variação da palavra *vir* (homem): "Quando foi trazida diante de Adão, Virago foi o nome que ele deu a ela. Desde então ela é chamada Virago, porque foi feita do homem" (Morris, 1874, p.44). Krafft-Ebing foi o primeiro a usar a variação viraginite como uma patologia médica feminina de mesma definição que a masculina efeminação (Krafft-Ebing, 1899, p.408- 413):

d) *Ginandria* : De acordo com Kraepelin (1904, p. 315), Schrenck-Notzing (1895, p. 119) o termo *ginandria* como doença sexual foi cunhado por Krafft-Ebing. O termo é uma variação de *ginadromorfismo*, usado na biologia para designar insetos e borboletas que teriam características masculinas e femininas. Por definição androginia e hermafroditismo seriam sinônimos de ginandromorfia/ginandria. Apenas as raízes do primeiro termo seriam filosóficas e as do segundo, biológicas.

3. A homossexualidade em seu aspecto legal: Com a unificação da Alemanha finalmente bem-sucedida em 1871, os estados alemães concordaram em unificar seus sistemas jurídicos. Em 15 de Maio 1871, o novo código penal para os estados germânicos, o ReichStrafgesetzbuch, (ou a partir de então simplesmente Strafgesetzbuch: STGB) foi criado. Entre os artigos contemplados pelo novo código, o artigo 175 tratava da homossexualidade: “Atos sexuais não naturais, cometidos entre indivíduos do sexo masculino ou entre humanos e animais, devem ser punidos com prisão; infratores também podem ser punidos com a retirada de seus direitos civis”³⁴.

Esse código foi amplamente usado para combater o crime de pederastia – ou a introdução do pênis no ânus de outro homem, um tipo de abuso não natural – a maneira mais comum que a homossexualidade apareceria nas cortes criminais na época. Pela interpretação da lei, outros atos sexuais entre homens, desde que não ofendessem a decência pública, não seriam seguidos de punição criminal, salvo se esses atos (ainda que não cometidos em público) tivessem sido realizados por meio de coação de uma das partes ou contra meninos menores de 14 anos.

Além da severidade da pena para os homossexuais, judicialmente o § 175 fazia com que os suspeitos de cometer o ato ilegal respondessem a perguntas íntimas detalhadas dirigidas, para então serem declarados inocentes (porque não tinham realizado a sodomia) ou culpados.

Por mais que esses homens fossem posteriormente declarados inocentes, no momento em que fossem processados e interrogados, acabariam por ser rotulados publicamente como homossexuais. O interrogatório público poderia ser facilmente comparado a uma punição em forma de estigmatização burguesa. Essa estigmatização como homossexual levaria vários desses homens a terem suas vidas públicas completamente arruinadas, embora estivessem agindo dentro dos limites da lei.

Para Krafft-Ebing (1894b, p. 20) o artigo 175 seria baseado em raízes do senso comum e da opinião pública, desenhado para não escutar a ciência e agir por julgamentos do senso comum, da mesma maneira que o julgamento das Bruxas da Santa Inquisição. *A legi lata*

³⁴ Outros códigos penais também puniriam atos homossexuais: O código penal Austríaco também teria um artigo, o número 129, que tratava da punição para atos sexuais homossexuais. Porém, o artigo 129 criminalizava também os atos homossexuais entre mulheres. Na Rússia o acusado de pederastia seria punido com o confisco de todos os direitos éticos e profissionais e com deportação para a Sibéria (§ 1348), mas se a violência foi usada ou o delito vitimou menores e incapazes, a pena seria de 10 a 12 anos de trabalhos forçados (§ 1349). O Código Penal do Estado de Nova York a partir de julho 1881 também puniria a sodomia e exigiria a necessidade da comprovação da penetração do órgão sexual no corpo do outro (artigo 304). (Krafft-Ebing, 1984b, p.21).

seria muito injusta com esses indivíduos, pois além de não exigir uma prova material da pederastia real para condenação, não seriam recomendados médicos legistas e psiquiatras para acompanhar os casos e os atos homossexuais sexuais dificilmente envolveriam crianças. Além do mais, a pederastia entre os amantes uranistas seria consentida, não podendo caracterizar estupro.

Por isso Krafft-Ebing acreditava que a homossexualidade não poderia ser tratada judicialmente simplesmente como a pederastia:

O estudo do instinto sexual contrário colocou amor masculino pelo sexo masculino em uma luz muito diferente daquela em que ele, (e particularmente, a pederastia) situou-se, no momento em que os estatutos foram enquadrados. O fato de que não há nenhuma dúvida sobre a base patológica de muitos casos de instinto sexual invertido mostra que a pederastia também pode ser o ato de uma pessoa irresponsável, e faz com que seja necessário, em juízo, para examinar não apenas a ação, mas também a mental condição do perpetrador (Krafft-Ebing, 1892, p. 408).

Quando um médico perito fosse avaliar um dos acusados de cometer algum ato que os enquadraria na legislação, deveria mais do que o ato criminoso em si, atentar para o quadro clínico, hereditário, psicológico e antropológico do suspeito para diferenciar se o ato criminoso seria um ato cruel (passível de punição) ou uma perversão moral.

Caso a presença a presença do ato homossexual fosse detectada, o próximo passo seria saber se a ocorrência seria um caso congênito ou adquirido, porque em algumas manifestações a homossexualidade adquirida também seria um ato cruel e não uma insanidade moral³⁵.

Os uranistas da época queriam que os parágrafos sobre a homossexualidade fossem revogados das leis germânicas. Na opinião de Krafft-Ebing isso seria o justo a se fazer, uma vez que os uranistas seriam vítimas de uma perversão sexual, mas ele acredita que um jurista pensaria que a pederastia poderia aparecer em muitas circunstâncias e o ato em si seria repulsivo, por isso retirar uma lei que contemplasse a pederastia poderia acabar se revertendo em prejuízos para a sociedade.

Entre a edição de 1892 e a edição de 1898, Krafft-Ebing adicionou uma série de razões pelas quais ele pensa que a lei da homossexualidade da maneira como é descrita, deveria ser abolida.

³⁵ O termo insanidade moral foi cunhado pelo médico inglês James Cowles Prichard (1786- 1848). Prichard (1837) descreve a insanidade moral como “Insanidade moral, ou a loucura que consiste em uma perversão mórbida que altera a normalidade dos sentimentos, afetos, inclinações, temperamento, hábitos e disposições morais além dos impulsos fisiológicos naturais, sem qualquer distúrbio notável ou defeito do intelecto e conhecimento, nem do raciocínio e das faculdades mentais. Aparece particularmente sem qualquer ilusão ou alucinação”.

Antes de tudo, ele retomou as razões já citadas anteriormente, de que a inversão sexual seria uma patologia, portanto o ato seria irresistível para o indivíduo e ele não poderia ser responsabilizado judicialmente, pois muitos uranistas nem teriam a capacidade de entender que o ato que cometem seria uma violação às leis da natureza. Qualquer médico legista experiente estaria hábil a fornecer o diagnóstico exato para o juiz evitando qualquer temor sobre deixar um culpado livre.

Como próximo motivo, e não menos importante, o fato de que os textos das leis seriam extremamente defeituosos. Prova disso seria que, principalmente o texto do artigo 175, a cada dia seria interpretado de uma nova maneira e com novos elementos de condenação pelas cortes. Os juízes estariam livres para agir à vontade e adicionar maneiras de condenação. A lei também seria defeituosa na hora de provar o fato concreto da pederastia, pois não exigiria testemunhas, perícia médica.

Krafft-Ebing acreditava que uma lei como o artigo 175 causaria mais dano social que proteção. A existência dessa lei e a falta de modo criterioso para sua aplicação estariam aumentando os crimes de chantagens contra homens que poderia ser enquadrados no artigo. Os crimes de chantagem seriam tão cruéis quanto os crimes sexuais e pelo medo da vítima em ser prejudicada socialmente, talvez uma grande maioria dos casos nunca chegasse a receber a merecida punição.

Como última razão, a condenação prisional ou cerceadora dos direitos civis não teria nenhum efeito corretivo sobre os sujeitos doentes e outros artigos das legislações dos países germânicos seriam muito eficientes em regular as punições para os outros crimes sexuais cometidos por pessoas sãs. A *pederastia cultivada* (o ato cruel do pederasta)³⁶ deveria também já ser bem regulada entre esses artigos.

Os motivos que levariam um homem normal a cometer a pederastia cultivada seriam muito variados e possíveis de serem rastreados por um bom médico perito. Os pederastas cultivados cairiam nesse caminho por muitas razões, mas principalmente por estar em um ambiente com falta de mulheres e, em alguns casos, seriam pessoas que praticariam a bestialidade. Apesar de não apresentarem perversões do instinto, seriam sempre pessoas de baixa moral e hipersexuais. Os pederastas mais perigosos seriam, sem sombra de dúvidas, os

³⁶ A pederastia por perversidade algumas vezes é chamada *pederastia cultivada*, pois os pederastas pervertidos muitas vezes seriam homens que mantiveram, durante toda a vida, relações sexuais com mulheres ou pelo menos inclinações naturais, sem homossexualidade congênita, nem adquirida, mas que práticas de pederastia ocasionais seriam levadas, por neurastenia sexual, a perder o estímulo pelo coito normal e afundar em outros atos sexuais cruéis. Depois de ultrapassada essa barreira, a pederastia passiva e a prostituição seriam facilmente praticadas.

que praticavam sexo com rapazes mais jovens. Esses poderiam ser chamados de pederastas *roués*. Eles seduziriam meninos jovens por perversidade, muitas vezes porque já estariam enfadados ou impossibilitados de manter coito regular com mulheres.

A *pederastia* também poderia aparecer nas cortes em forma de crimes de prostituição. Nas cidades grandes da época de acordo com Krafft-Ebing, haveriam muitas casas de prostituição exclusivas para esse tipo de gosto.

No que diria respeito à homossexualidade feminina, Krafft-Ebing as chama de *amizades proibidas* e diz que a maioria floresceria nas cadeias femininas e entre prostitutas. Caso essas amizades fossem entre moças com capacidade para consentir, os atos sexuais entre homossexuais femininas raramente seriam relevantes judicialmente. Alguns casos poderiam aparecer na corte, mas ligados ao ciúme excessivo e escravidão sexual, e dificilmente passariam dessas ocorrências (Krafft-Ebing, 1906, p. 608).

Casos especialmente interessantes na inversão sexual feminina seriam aqueles em que uma das mulheres se passaria socialmente por um homem.

Esses casos foram destacados na literatura como o safismo³⁷, e os casos encontrados teriam como protagonistas principais mocinhas aristocratas e prostitutas.

O diagnóstico da homossexualidade seria muito complicado superficialmente, pois os sintomas seriam mais subjetivos do que físicos e muito vastos entre os casos, fazendo com que a diferenciação de perversão e perversidade fosse difícil.

O especialista teria, principalmente, que confiar na veracidade do discurso do paciente. Outros dispositivos discursivos (como autobiografias) deveriam ser tomados com muito cuidado, e quando possível deveriam ser abandonados em favor do relato falado.

Mesmo que confiar nas palavras do paciente fosse algo frágil e complicado para o julgamento leigo, com o tempo, o especialista iria ficando mais experiente e poderia, com mais facilidade, detectar o que naquele discurso seria verdade e o que seriam impressões do paciente.

O verdadeiro conhecimento sobre o diagnóstico da inversão seria mais fácil de ser apurado nos pacientes que demonstrassem desespero em sua existência, por isso, como um último recurso, procuraram o médico para o conselho. Aqueles que estariam sendo forçados a casar ou os que estariam com problemas de impotência, além, dos pacientes que viessem buscar conselho médico por estar enfrentando algum processo judicial também seriam mais confiáveis.

³⁷ Nomeado aparentemente pelo jornalista A. Coffignon. O nome foi criado em homenagem à poeta Sapho, da ilha de Lesbos.

Todos esses tipos estariam cada um a sua maneira, em extrema urgência, e isso os levaria a serem mais propensos a dizer a verdade ao médico.

Os pacientes mais difíceis de diagnosticar seriam, sem sombra de dúvida, os que viessem ao médico apenas por conta das fofocas e insinuações das pessoas ao redor sobre a possibilidade de serem homossexuais.

Cada caso de homossexualidade – bem como cada caso de todas as perversões sexuais – teria sua própria história, antropologia e variações. Para reduzi-los a uma anormalidade do instinto sexual, e convencer os juízes sobre sua veracidade, os médicos deveriam investigar minuciosamente a história pregressa do paciente, a anamnese de sua condição atual, o relato de seus sintomas e a evolução dos mesmos.

A primeira pista do diagnóstico favorável à perversão sexual seria a hereditariedade do indivíduo. Para que aquele paciente se tratasse de um caso de perversão do instinto sexual, seria regra que ele tivesse manchas de degenerações no histórico familiar, desde que as degenerações fossem de ordem sexual ou de perversões sexuais, ou que elas se repetissem entre os membros de uma mesma família.

Outros tipos de degenerações hereditárias por si só não teriam valor de diagnóstico, apesar de serem um indicativo das perversões sexuais. Uma vez discriminadas as manchas familiares, o próximo passo seria observar as próprias manifestações neuróticas e psicopáticas do sujeito, pois as mesmas exigiriam um escrutínio mais cuidadoso quanto ao seu significado. Não raro elas seriam sinais de mancha ou degeneração de valor equivalente à perversão em questão; poderiam ser reações provenientes de defeitos externos aos quais os indivíduos contaminados estariam mais sujeitas do que o normal homem; ou eles poderiam ser encontrados por terem brotado de gratificações perversas de suas necessidades sexuais (masturbação).

Outro fator importante seria a precocidade da vida sexual ou o retardamento anormal do aparecimento das sensações sexuais. Ambos os fatores seriam sinais de degenerações mentais. Alguns sinais precoces (principalmente no caso da inversão sexual, como uma menina preferir esportes masculinos, ou um menino gostar de se vestir com roupas femininas) seriam fatores a serem levados em conta para decidir se o caso se tratava de uma perversão sexual.

Atos homossexuais (como masturbação e carícias) antes da puberdade não seriam provas de inversão sexual. Atos homossexuais entre crianças seriam mais um desejo inconsciente de afeto e repetição de sensações prazerosas corporais do que de um desejo colorido pelo instinto sexual, por isso essas brincadeiras sexuais raramente levariam à

homossexualidade na vida adulta, salvo se o sujeito já tivesse predisposição para inversão sexual. Esses atos, quando muito, seriam sinais de hiperestesia sexual, outros tipos de patologias da sexualidade ou até mesmo outros tipos de causas externas. A direção explícita pela qual a sexualidade dos sujeitos seguiria apareceria na puberdade e os atos homossexuais praticados depois dessa fase teriam sempre a noção de sexualidade presente.

Os sonhos do paciente também seriam importantes para fins de diagnóstico. A frequência dos tipos de sonhos revelaria a verdadeira inclinação sexual. Quando esses sonhos fossem acompanhados de orgasmos, seriam mais fáceis ainda de serem analisados.

No caso da inversão sexual, as características físicas pronunciadas do sexo oposto – excluídos os casos de hermafroditismo biológico – seriam sinais de patologias sexuais.

As falas do paciente também indicariam o tipo de diagnóstico. Se eles pensam em si mesmos como pertencendo ao sexo oposto; se sentiriam envergonhados e estranhos na convivência com pessoas do mesmo sexo; que viveriam uma vida de mentira e similares, seriam sinais fortes de que o caso em questão se trata de inversão sexual.

De acordo com Krafft-Ebing as linhas gerais para o tratamento da homossexualidade, quando fosse possível ainda tratá-la, seriam:

1, Prevenção do onanismo e remoção de outras influências prejudiciais à vida sexual. 2. Cura da neurastenia. A cura da neurastenia seria decorrente das condições de higiene da vida sexual. 3. Tratamento Mental, no sentido de combater o ato homossexual, e incentivando atos heterossexuais, sentimentos e impulsos. A dinâmica do tratamento encontra-se em cumprir principalmente a terceira indicação, particularmente com referência a masturbação. Somente em alguns casos de homossexualidade adquirida que não prosseguiu muito, apenas vencidas as etapas 1 ou 2 seria suficiente. (Krafft-Ebing, 1892, p. 380).

Esses passos de tratamento, porém, mesmo nos casos possíveis de serem curados, se revelariam muito ineficientes e pouquíssimos eficazes. Por isso Krafft-Ebing acreditava que a sugestão hipnótica³⁸ prometia sucesso. Nesses casos, o objeto de sugestão hipnótica seria remover o impulso de masturbação e o impulso homossexual e encorajar emoções heterossexuais com um senso de virilidade. Porém ainda assim a hipnose para esses casos não

³⁸ Krafft-Ebing era um estudioso das práticas hipnóticas e costumava praticar hipnose em alguns de seus pacientes, principalmente os dos hospitais nos quais trabalhou. Para ele a hipnose teria mostrado seu valor como terapia, não só para a psicologia, mas também para a medicina legal e para o estudo das patologias médicas. Krafft-Ebing (1899b, p. 127-128) acreditava que os muitos estudos experimentais, inclusive os dele próprio, provavam perfeitamente que a hipnose dependeria de uma influência moral que o médico exerceria sobre o paciente. Seria uma pena que a hipnose, durante tantos anos, tivesse ficado nas mãos de pessoas charlatãs. Mas, de fato, a ciência medicina e a psicologia, sempre tão ansiosas por se tornarem exatas, deixaram passar quase cem anos de fatos psicológicos que estariam destinados a ganhar, no futuro, um lugar significativo.

deveria ser encarada como uma salvação milagrosa, pois seria muito difícil concentrar os pensamentos em casos de neurastenia sexual, devido ao sentimento vergonha e excitação que o quadro causaria. A hipnose seria mais eficaz nos casos em que a libido anormal fosse menos intensa ou nos casos em que a capacidade intelectual não tivesse sido prejudicada. Muitos casos de hipnose que Krafft-Ebing havia acompanhado teriam revelados suntuosos fracassos, principalmente naqueles em que outras condições mentais e biológicas estivessem associadas.

Algumas outras sugestões de contenção estariam surgindo nas côrtes, entre elas castrar o indivíduo para que os atos homossexuais cessassem. Para Krafft-Ebing era absurdo pensar em tal solução. Confinar os invertidos em asilos seria igualmente monstruoso e fora de questão.

Krafft-Ebing acreditava que o compromisso do médico deveria pesar a questão social da patologia, mas principalmente atentar para a questão de beneficiar o indivíduo. Se um invertido sexual, por motivos éticos, sociais ou por qualquer outra razão, chegasse até o médico dizendo que estava em sofrimento e que queria um tratamento, essa tentativa não poderia ser negada ao paciente, pois seria o dever ético do médico oferecer ajuda e conselhos, dentro do que lhe fosse possível, utilizando o melhor de seus conhecimentos e práticas.

As visões teóricas de Krafft-Ebing sobre a homossexualidade tiveram algumas variações. Um ano antes de sua morte, em 1901, Krafft-Ebing lançou um artigo no livro anual de Magnus Heirchifield sobre a homossexualidade. Neste artigo, Krafft-Ebing repete praticamente a mesma introdução da *Psychopathia Sexualis* sobre a inversão sexual, tanto para homens, quanto para mulheres, além de apresentar novamente algumas categorias de inversão sexual congênita. Também reafirma algumas ideias anteriores e atesta, com ainda mais certeza, que os homossexuais jamais representariam nenhum perigo para crianças. Mas ele apresenta uma nova consideração, sobre a homossexualidade tardia, aquela que apareceria muito tardiamente na vida do indivíduo, e que seria normalmente contada como homossexualidade adquirida, mas que em seus raros casos mereciam contemplação, pois poderia se tratar de casos congênitos, nos quais o sentimento homossexual seria mais fraco e a força de vontade da pessoa maior, por isso ela teria conseguido resistir por tanto tempo. As mudanças mais sensíveis estão no fato de que ele, por fim, admite que a homossexualidade não se tratava de uma doença, que em muitos casos nenhuma degeneração seria encontrada em homossexuais. A homossexualidade seria, portanto, uma variação do instinto sexual (Krafft-Ebing, 1901, p. 34). Oosterhuis (2000, p. 172) escreve que Krafft-Ebing teria sido reconhecido pelos seus contemporâneos como um homem de conhecimento e prestígio que apoiava os direitos dos

homossexuais. Ulrichs, Hirschfeld, De Joux teriam escrito sobre como Krafft-Ebing advogava pelos direitos dos homossexuais e como os uranistas já haviam, em mais de uma ocasião, agradecido publicamente através de panfletos, os esforços dele em ajudar a combater as injustiças do código penal. De fato, Krafft-Ebing em suas últimas correspondências teria expressado a vontade de continuar lutando pelos direitos dos homossexuais.

I.II.IV- O Fetichismo patológico: a perversão primordial do objeto

Além de ser uma perversão, Krafft-Ebing apresenta a noção do fetichismo como um dos estágios do desenvolvimento sexual natural do ser humano, e para psiquiatra, isso justificaria o exame dos fatores que atraem um homem e uma mulher e os mantêm juntos, mesmo com a possibilidade de atração por outros e de procura por parceiros diferentes.

Por isso, a tese vai discutir dois tipos de fetichismo na teoria de Krafft-Ebing, o fetiche fisiológico e o fetiche patológico.

A palavra fetiche nasceu do ‘afrancesamento’ da palavra portuguesa *fetisso*. O *fetisso* apareceu pela primeira vez em 1604, no compilado de Johann Bry sobre os relatos dos marinheiros portugueses na costa da África Ocidental, especialmente na região do Senegal. A pequena parte do texto que introduz o conceito discorre sobre o tipo de cerimônia realizada pelos africanos para a adoração aos *fetissos*, ou seja, objetos feitos à mão pelos líderes religiosos das tribos, os *fetisseros* (Bry, 1604, p. B2)³⁹.

O termo fetiche foi estudado pela primeira vez num contexto totalmente religioso, em 1760, pelo escritor francês Charles de Brosses. O fetichismo designava, então, o culto religioso que esses povos primitivos prestavam a objetos materiais antigos, os fetiches: “Estes fetiches divinos nada mais são que o primeiro objeto material que cada nação ou cada particular tem o prazer de escolher e de consagrar em uma cerimônia por intermédio de seus sacerdotes” (De Brosses, 1988, p.15). A palavra fetiche teria derivado da palavra portuguesa *fetisso* – nome que os navegadores portugueses da costa do Senegal usavam para se referir a esses objetos de adoração dos povos africanos.

³⁹ Apesar de corresponderem ao idioma português, as palavras estão escritas da mesma maneira como são encontradas nas obras originais de Bry e DeBrosses.

O fetiche personificaria a coisa encantada e divina dos oráculos. Apesar de terem sido produzidos por um humano, de acordo com as observações dos navegadores, todo o fetiche seria sempre adorado como divino, por ser supostamente dotado de poderes mágicos. Para o autor as propriedades mágicas dos fetissos estariam nas próprias raízes latinas do nome derivado de *fatum* (destino) e *fanum* (local consagrado). (De Brosses, 1988, p. 16).

É importante ressaltar que De Brosses argumenta, ao longo de sua obra, sobre o fetiche adorado enquanto objeto. A conceituação é diferente de objetos entendidos como santificados e mágicos por terem pertencido ou terem sido utilizados por alguma divindade, tal como o ‘Tridente de Poseidon’ ou o ‘Santo Sudário de Cristo’. O conceito de De Brosses também difere dos objetos de devoção que representam imagens de santos, gurus e outros seres místicos. O objeto fetiche seria em si mesmo dotado de poderes mágicos e seria ele mesmo adorado sem que nenhuma divindade abstrata estivesse ligada ao objeto. Por analogia, no fetichismo, o fetiche seria a divindade.

De acordo com o autor francês, o fetichismo representaria o primeiro estágio, comum a todos os seres humanos, da ideia de religião: o amor e adoração por um objeto físico. O estágio final desse processo seria representado pela ideia de religião mais evoluída: na opinião de De Brosses, o cristianismo (De Brosses, 1988).

Essa conceituação das raízes linguísticas e do uso da palavra fetiche para o culto de um artefato religioso não era unanimidade. Friderich Max Müller questionava o fato do fetichismo, que De Brosses considerou como parte de uma religião dos negros selvagens, ser realmente uma forma primitiva de culto religioso. Aquilo que De Brosses nomeou como o fetichismo religioso dos senegaleses seria, na verdade, resultado de uma interpretação que os navegadores portugueses puderam fazer, reconhecendo, numa religião exótica, aquilo que poderia ser encontrado também na religião cristã, em várias partes do Antigo Testamento (a história bíblica da ira de Deus contra a adoração do ídolo de ouro em forma de bezerro) e nos próprios ritos religiosos cristãos (pequenas imagens de santos, rosários e escapulários que os cristãos trazem no corpo) e partindo imediatamente para a conclusão de que esses fetissos constituiriam toda a religião dos povos negros selvagens. Para Müller, a palavra fetiço⁴⁰ seria derivada do latim *factitius*, significando “o que é feito a mão” e vindo a adquirir posteriormente o sentido de “magia não natural ou encantamento”. Fetiço, em português, designaria “amuletos

⁴⁰As grafias das palavras foram mantidas do modo como elas aparecem nas respectivas obras. Müller, em sua crítica, utiliza a grafia com *ç*, enquanto De Brosses usa *ss*. Essa substituição de letras não parece indicar, em nenhuma das duas obras, alguma diferença semântica entre as palavras.

e bugigangas supersticiosas”. Na Europa, a palavra *fetiçero* designaria a pessoa que manufaturava e vendia os fetiços ou o mágico que conjurava os encantamentos. De Brosses deve ter acreditado que o termo “fetiço” estivesse relacionado de alguma forma ao *fatum*, e seu derivado fata (fada) [nominal plural neutro, utilizado posteriormente como um nominal singular feminino]. Isso poderia ter feito com que parecesse menos incongruente aplicar o nome de fetiche tanto para objetos religiosos confeccionados pelos homens quanto para objetos provenientes da natureza, fossem animais (fêmeas ou machos), vegetais ou minerais:

Este foi o primeiro passo lamentável por parte de De Brosses, pois, assim, acabou por misturar três fases totalmente distintas da religião: em primeiro lugar, a *fisiolatria* ou o culto aos objetos naturais que impressionam a mente do homem com sentimentos de admiração ou gratidão, como rios, árvores ou montanhas; em segundo lugar, *zoolatria*, ou a adoração aos animais, como por exemplo, ocorria entre os habitantes do antigo Egito e; por último, o fetichismo propriamente dito, ou a veneração supersticiosa sentida através de um objeto específico de adoração. De Brosses testemunhou o fetichismo como mero lixo, aparentemente sem qualquer pretensão de tal distinção (Müller, 1901, p. 65).

Como fica demonstrado na citação a seguir, retirada da *Psychopathia Sexualis*, Krafft-Ebing, apesar de estar ciente da discordância a respeito das raízes linguísticas do uso da palavra fetichismo e de fazer uma breve referência à concepção de Müller, optou por fazer uso da concepção geral sobre o fetiche que utilizada por Alfred Binet e que é exatamente a mesma de De Brosses. Em nenhum momento, contudo, Krafft-Ebing menciona o verdadeiro criador do termo:

Assim, falamos do que é chamado de fetiche e fetichismo. No termo fetiche, estamos acostumados a compreender os objetos, partes, ou simplesmente peculiaridades dos objetos, os quais, em virtude das relações associativas derivadas de um sentimento intenso, de uma personalidade ou de uma ideia despertam profundo interesse, exercem uma espécie de encanto ("*fetisso*" em Português) (Krafft-Ebing, 1892 p. 17, grifos do autor).

O fenômeno psicológico do fetiche poderia ser explicado por uma lei empírica de associação: um indivíduo avaliaria outra pessoa à primeira vista de acordo com a presença de uma característica principal, que consistiria em seu fetiche. Essa avaliação individual do fetiche poderia causar um entusiasmo irracional no indivíduo para com aquele outro sujeito; a extensão desse entusiasmo, que começou pela constatação da característica particular, seria expandida para outras características, até englobar todas as qualidades daquela pessoa. Caso a característica peculiar evocasse no sujeito sentimentos de amor, essa expansão para a pessoa como um todo levaria a um conceito geral positivo sobre ela. O sujeito seria avaliado a partir desse conceito geral e seria amado pelo fetichista como um todo.

Mais uma vez, Krafft-Ebing insistiu que o amor verdadeiro seria aquele que gosta da pessoa amada como um todo, num equilíbrio entre o desejo sexual e os sentimentos nobres. O amor extremamente sensual fetichista, que deseja apenas o corpo da pessoa e não a alma seria tão falso quanto o amor que deseja pouco sexualmente. Nesse tipo de amor excessivamente platônico, a idealização construída transformaria a alma da pessoa amada em um fetiche, não podendo nunca ser consumado, pois o encontro com a verdadeira personalidade do amado afastaria a idealização, destruindo o fetiche.

O fetichismo seria mais comum nas esferas religiosas e sexuais. O fetichismo religioso poderia ser diferenciado do fetichismo erótico em relação e significação. O fetichista direcionado para a esfera religiosa acreditaria que o objeto de seu fetiche possuísse atributos e poderes divinos. O fetichista erótico, por sua vez, concentraria suas motivações em qualidades físicas ou mentais de uma pessoa ou, até mesmo, em objetos que a pessoa teria usado, e seu fetiche seria acompanhado de um intenso prazer sexual. Ainda assim, a analogia com o fetiche religioso poderia estar presente, pois, em algumas circunstâncias, o fetiche pelo objeto religioso seria também acompanhado por alguma forma de êxtase.

O encanto pessoal consistiria o núcleo do amor fisiológico. Na emoção chamada por Krafft-Ebing de amor fisiológico (similar ao amor sexual), desprovida de sentimentos nobres e puros, a visão da pessoa física ocorreria simultaneamente ao aumento da excitação sexual. As impressões emocionais e as impressões visuais seriam associadas no processamento cerebral das emoções. Ao ver uma pessoa atraente, a emoção recorrente que a visão da mesma causaria, acionaria as memórias de imagens visuais carregadas de lembranças emocionais que, por sua vez, renovariam e aumentariam a excitação sexual a ser dirigida para a pessoa que desencadeou esse processo fisiológico. A fisiologia do fetiche explicaria as preferências individuais, a razão pelas quais alguns prefeririam algum atributo físico ou mental em especial. O fetiche pode ser considerado um processo individual por ser um processo que envolveria lembranças e memórias próprias:

Assim, fica claro por que os amantes não são compreendidos por seus outros companheiros [...] eles idolatraram seus ídolos, desenvolvem um verdadeiro culto de devoção, e investem esses objetos de amor com atributos que objetivamente os amados não possuem. Assim, podemos entender por que o amor às vezes parece mais como uma paixão, às vezes como um excepcional estado mental formal, em que o inatingível parece atingível, o feio parece bonito, e o profano, sagrado (Krafft-Ebing, 1892 pág. 18).

Partindo da ideia de encanto pessoal o amor verdadeiro seria a generalização da atração fetichista, que deveria abarcar todos os aspectos que compõem a personalidade física e

mental do ser amado. Por ter início num processo cerebral, o fetiche individual pode passar a ser uma expressão patológica quando o motivo particular que deu origem ao fetiche fosse tomado como o motivo único e exclusivo de amor e excitação sexual. Com essa linha de argumentação, seria possível pensar que o fetiche, como fator desencadeador do amor normal, deveria ser o ponto de partida de um longo processo. Ou seja, partindo-se da característica particular que origina o encanto pessoal, a pessoa amada poderia vir a ser admirada e desejada como um todo que, além de suas muitas outras qualidades, possuiria também uma característica particular que a tornou, à primeira vista, mais interessante do que qualquer outra.

Krafft-Ebing conferiu um destaque tão grande aos estudos de Binet sobre o fetichismo que fica impossível seguir sua análise sem explicitar os pontos principais das ideias do psicólogo francês sobre o assunto. Todas as ideias apresentadas na *Psychopathia Sexualis* sobre o fetiche aparecem na compilação escrita dos estudos de Alfred Binet sobre o caso, intitulada *Le Fétichisme dans l'amour* (1887). Essa obra apresenta descrições e conclusões formuladas a partir de casos de fetiche atendidos por Binet. Na introdução do trabalho, o autor diferencia o fetichismo religioso do fetichismo sexual. O fetichismo, para Binet, segue exatamente a mesma conceituação apresentada por Charles de Brosses: a adoração de um objeto físico que passa a ser dotado de poderes místicos, cujo nome é derivado da palavra portuguesa *fetisso*. O fetichismo, em sentido figurado, poderia ser deslocado da esfera religiosa para a esfera amorosa e seria utilizado para designar a adoração ou paixão pelas características físicas ou intelectuais de uma pessoa:

Apenas que, nestes novos casos, a atração sexual não toma por alvo um objeto inanimado, mas sim um corpo animado; mais frequentemente, é uma fração de uma pessoa viva, como um olho de mulher, uma madeixa de cabelo, um perfume, uma boca de lábios vermelhos; pouco importa o objeto da perversão, o fato capital é a própria perversão, a inclinação que os indivíduos experimentam para objetos que são incapazes de satisfazer normalmente as suas necessidades genitais. Assim, todos esses fatos pertencem a um mesmo grupo natural: eles revelam em comum essa característica bem curiosa de consistirem em um apetite sexual que apresenta uma inserção viciosa, quer dizer, que se aplica a objetos aos quais normalmente não se aplicaria (Binet, 2001 p. 4).

Tanto Krafft-Ebing quanto Alfred Binet endossavam uma concepção que entende que o fetiche apresentaria dois aspectos: o primeiro compreenderia o charme pessoal e o segundo aspecto, uma patologia amorosa; dessa maneira, existiriam um “grande” e um “pequeno” fetiche de amor. O grande fetichismo amoroso seria algo natural, nada extravagante, mais parecido com uma preferência sexual mais acentuada do que com uma patologia sexual. O grande fetiche seria aquele com contornos patológicos, que poderia ser incluído entre as

perversões da sexualidade. O pequeno fetichismo amoroso consiste na atribuição de uma importância sexual exagerada ao detalhe secundário, de maneira a apagar todo o resto da “pessoa física e moral”. A característica do fetiche seria aí a única em toda uma pessoa a excitar sexualmente o outro e, sem ela, a relação sexual não ocorreria. Para Binet, o amor do fetichista seria análogo a uma peça de teatro, “na qual um simples figurante avança em direção à cena e toma o lugar do primeiro personagem” (Binet, 2001, p. 127).

O fetichismo de amor viria em muitas formas, mas todas seriam variações de um único tema, e as que mereceriam principais apreciações seriam: 1) o amante dos olhos, 2) amante das mãos, 3) o amante dos cabelos, 4) o amante do odor.

A partir das observações realizadas sobre os casos apresentados, Binet conclui que o caráter patológico do fetichismo, em muitos casos – como o de um rapaz amante das mãos que teria um fetiche por mãos femininas vestidas de luva –, poderia causar reações fisiológicas intensas, como a excitação genital ou a ereção através da simples contemplação do objeto de fetiche. Fatores que seriam normalmente atraentes, como o odor natural dos corpos humanos ou de um perfume agradável, quando convertidos em fetiche, poderiam levar homens inteligentes a escolher como cônjuge e amar apaixonadamente uma mulher feia, cruel ou desagradável, apenas porque o cheiro dela lhes parece atraente.

A partir da concepção apresentada por Krafft-Ebing e da leitura de Binet, o fetiche pode ser entendido como uma característica parcial do amor verdadeiro, isto é, do amor que englobaria a totalidade da pessoa amada. Disso se pode concluir que o fetichismo não patológico seria um estágio necessário e comum a todos os seres humanos, mesmo aqueles das civilizações primitivas. O fetichismo patológico representaria, em maior escala, o gatilho de todo processo de escolha de parceiros humana, que culminaria na escolha moralmente genuína do amor verdadeiro e na manutenção da vida social civilizada e moralizada. Esta seria iniciada por um componente de atração sexual, que primeiro deseja possuir a outra pessoa por sua beleza, querendo manter relações sexuais com o objeto de interesse devido à excitação vigorosa causada pela apreciação dos atributos físicos. Esse componente, porém, não seria suficiente para a manutenção de uma vida honesta em comunidade; outras características mentais e sociais deveriam entrar no processo de escolha de parceiros, como, por exemplo, uma motivação sexual que atente também para as características intelectuais e mentais do objeto de interesse. Por último, o amor precisaria ser dedicado a uma pessoa que, além de bela e culta aos olhos de seu admirador, fosse da mesma classe social. Quando a pessoa não conseguisse ultrapassar a

excitação sexual que o fetiche causaria, o encanto pessoal ganharia contornos patológicos, desempenhando um papel importante também em psicopatias como sadismo e masoquismo.

O capítulo da *Psychopathia Sexualis* sobre a psicologia da sexualidade termina exatamente nesse ponto até a edição de 1898. A partir dessa edição, uma seção suplementar é acrescentada logo após esse parágrafo. Nela, Krafft-Ebing fez algumas considerações sobre o fetiche feminino. Primeiro, deixa claro que a ciência teria que partir de meras conjecturas sobre o assunto, tanto que Binet não teria conseguido muitos avanços sobre o estudo do fetiche de amor e de seus aspectos nas mulheres, apenas algumas observações sobre a obra ficção *La Maison Du Vent* (1875) de Dumas, que retrata uma moça desvirtuada por estar apaixonada pela voz de um tenor.

De uma maneira geral, as qualidades masculinas que mais atrairiam as mulheres— mais que o corpo ou alguma parte especial do corpo, como no caso dos fetiches masculinos — seriam as qualidades de caráter. Um homem corajoso, cavalheiro, confiante, insolente, de mente nobre e, até mesmo, com certa habilidade de domínio sobre o sexo feminino atrairia muito mais as jovens donzelas do que aquele possuidor de qualquer característica estética particular. Tipos masculinos como atletas, conquistadores, artistas e criminosos poderiam facilmente arrebatar os corações das moças por falsamente apresentarem essas qualidades fascinantes: “Um Don Juan impressiona muitas mulheres e evoca admiração, porque ele estabelece a prova de seus poderes viris” (Krafft-Ebing, 1906, p. 24).

Esse tipo de fascínio que está sendo suposto, apesar de ter sido apresentado direcionado a qualidades de caráter, parece ser, na verdade, um fascínio pela representação de um modelo de masculinidade dominante, uma vez que todas as qualidades de caráter mencionadas evocam imediatamente a visão (justificada pela biologia inata dos gêneros sexuais, como afirma Schopenhauer claramente) do sexo feminino como o sexo frágil, que necessitaria da proteção e do provimento de um macho. Essa concepção fica muito clara quando Krafft-Ebing se referiu aos outros fetiches femininos, além das qualidades de caráter: casos que apresentam mulheres que teriam fetiche por homens de uniforme militar, por homens com barba e por homens com uma bela voz, tal como os tenores das óperas. Todas essas características exemplificam qualidades reconhecidas como representações da virilidade e da potência sexual masculina.

Seja para o gênero masculino ou feminino, o fetiche amoroso comum favorece a seleção natural dos mais aptos para passar adiante suas características físicas e mentais e, assim, contribuir para a perpetuação da espécie.

O fetiche patológico, por sua vez, manifesta-se principalmente no desejo por partes do corpo feminino e por objetos inanimados (que seriam sempre análogos ao sexo feminino). De todas as patologias gerais, o fetichismo seria a mais complicada de ser identificada e traçada através do fenômeno relatado para o médico em consultório. Por ter sido primeiramente ligado, através de transições graduais, ao fetichismo fisiológico (fetiche normal), seria quase impossível, pelo menos para o fetichista por partes do corpo feminino, definir nitidamente o início de uma perversão, pois a excitação masculina pelo corpo feminino seria o estado normal do instinto sexual. Ao contrário do masoquista ou sádico, que seriam *monstrum per excessum* o fetichista é um *monstrum per defectum*, pois a anormalidade do fetichista corporal consiste somente no fato de que todo o interesse sexual estaria concentrado na impressão causada por uma parte da pessoa do sexo oposto, de modo que todas as outras impressões desapareceriam e tornar-se-iam indiferentes. O coito normal poderia ser possível para um fetichista, mesmo longe do seu objeto de fetiche, principalmente quando outros objetos o lembrassem do alvo do fetiche. De qualquer maneira, sem o fetiche o coito do fetichista seria incompleto, insatisfatório e exaustivo.

O fetiche por objetos inanimados seria, no entanto, em todos os casos, muito mais fácil de ser definido como um fenômeno patológico, uma vez que seus objetos obviamente sairiam do conjunto de estímulos sexuais normais. Mas, mesmo assim, nos fenômenos há certa correspondência a processos da vida psíquica sexual normal, pois também seria normal que homens apreciassem sensualmente os adornos e vestuários que a mulher amada usaria. Um lenço ou sapato, uma luva ou carta, a flor "que ela deu", ou uma mecha de cabelo etc., poderiam se tornar o objeto de adoração.

A diferença do fetiche por objetos inanimados estaria na ligação e no significado interior. Todas essas pequenas lembranças funcionariam para o homem normal como representantes de um símbolo mnemônico da pessoa amada. O fetichista patológico não conseguiria fazer a ligação do objeto como sendo parte da pessoa. O fetiche constituiria a totalidade do conteúdo da ideia sexual.

Krafft-Ebing aceita a conclusão de Binet de que na vida de cada fetichista poderia ser aceito que ocorreria algum evento que determinante para a associação do sentimento luxurioso com a única impressão. Este evento, ou *accidente*, teria acontecido nos tempos da juventude e, via de regra, ocorreria em conexão com o primeiro despertar sexual. Este primeiro despertar estaria associado a conotação sexual que uma impressão parcial teria ganhado e, a partir de então, essa impressão parcial por toda a vida serviria como o principal objeto de

interesse sexual. As circunstâncias em que a associação surgiria geralmente seriam esquecidas; apenas o resultado da associação seria retido. A predisposição geral para os estados psicopatas e a hiperestesia sexual desses indivíduos seriam tudo o que haveria de original na constituição psíquica de um fetichista. O fetichismo em si seria adquirido por esse *acidente* na juventude. Como indicado em nota, Binet acreditava que esse *acidente* nas associações em um organismo pré-disposto fosse a raiz de todas as perversões. Krafft-Ebing discorda nesse ponto: apenas o fetichismo poderia ser satisfatoriamente explicado por um acidente na constituição psíquica.

O fetiche também constituiria uma patologia que regularmente surgiria apenas na base de uma constituição psicopática, na maior parte hereditária, ou na base da doença mental existente. Ao contrário do sadismo e masoquismo, nos quais os casos seriam primordialmente congênitos, os casos de fetichismo seriam primordialmente adquiridos. No fetichismo, cada caso requeria um evento (o acidente) que daria o tema da perversão. Tudo dependeria, assim como as primeiras patologias, da intensidade do impulso perverso e do poder relativo de se opor ao impulso por motivos éticos. Se esses atos perversos de fetichistas poderiam sozinhos constituir toda a vida sexual, ou se ocorreriam apenas em conjunto com o ato sexual normal, dependeria da condição do poder sexual físico e psíquico e do grau de excitabilidade aos estímulos normais que teriam sido retidos depois da aquisição do fetichismo. Nos fetichistas com excitabilidade diminuída, não raro, a visão ou toque do fetiche serviria como um ato preparatório necessário. O fetiche seria uma causa de impotência psíquica, pois, como o fetichista perde a relação imediata das ideias com o ato sexual normal, aconteceria, frequentemente, a diminuição da excitabilidade aos estímulos normais ou, pelo menos, o fetichista só se tornaria capaz de praticar o coito regular por meio de uma grande concentração de fantasia sobre o seu fetiche.

O fetichismo poderia - apesar de, na maioria dos casos, não ser em si mesmo constituído por atos criminosos -, culminar em atos criminosos como: gratificação com a pessoa do sexo feminino em local indevido, furto e roubo de objetos do fetichismo e a profanação de tais objetos. Criminalmente, o médico jurista, para alegar que o ato criminoso seria fruto de uma patologia, precisaria entender que este ato em si não significaria a diferenciação entre um fetichista e um ladrão ou pervertido comum. O médico legista precisaria conseguir identificar no paciente a presença do impulso irresistível que impossibilitou completamente que aquele ato fosse evitado.

1. *O fetiche é uma parte do corpo feminino*: Assim como no fetichismo fisiológico, os olhos, a mão o pé, e os cabelos da mulher muito frequentemente seriam objeto do fetiche. No domínio patológico, as mesmas partes do corpo tornar-se-iam os únicos objetos de interesse sexual. Essa categoria compreenderia o maior número de casos em que, em vez de coito, manipulações estranhas do fetiche seriam convertidas como atividade sexual principal.

O fetiche pelas partes do corpo não significaria que, esteticamente falando, o paciente as considerasse belas; ao contrário, existiriam casos em que os defeitos corporais seriam o fetiche. A falta da parte do corpo também seria o próprio objeto de fetiche. Nas primeiras edições a tratarem do fetichismo, Krafft-Ebing mencionou brevemente o nome desse tipo de fetiche pela ideia da mulher com alguma parte do corpo faltante, que seria o *fetiche negativo*. Depois da décima edição, essa menção desaparece e toda a subcategoria faz referência a fetiches por defeitos corporais.

O fetiche por cabelos humanos, por sua vez, formaria uma categoria interessante e comum na esfera forense daquela época: os saqueadores de cabelos.

Binet (1887), a partir dos fetichistas saqueadores de cabelo, a traçou um caminho da abstração entre o fetiche e a ideia do corpo de mulher. Os casos vistos anteriormente, que envolveriam fetiches por parte do corpo, ainda não ofereceriam nenhum tipo de separação entre a mulher e o fetiche. O coletador de cabelos, apesar de ainda ter seu fetiche entrelaçado à ideia de que aquele cabelo pertenceria a uma mulher, já conseguiria amar o cabelo apenas como objeto independente. Assim também procederiam os fetichistas da próxima categoria apresentada por Krafft-Ebing, cujo objeto de adoração seriam as peças de roupa que fazem parte do vestuário feminino. (Binet, 2001, p. 71)

2. *O fetiche é um artigo de vestuário do feminino*: Cultura e moda teriam influências na vida sexual normal. Algumas peças de vestuário seriam capazes de dotar a mulher de características sexuais artificiais ou, muitas das vezes, serviriam para enfatizar e exagerar certas características sexuais secundárias femininas (seios, cintura, quadris). Como na maioria dos indivíduos o instinto sexual despertaria muito antes da possibilidade ou oportunidade de ver uma mulher nua, os primeiros desejos sexuais de jovens meninos seriam por imagens de mulheres vestidas. Dessa maneira, não seria raro que a ideia entre a excitação por mulheres e a imagem delas vestidas ficassem para sempre associadas. O onanismo psíquico muitas vezes envolveria a fantasia sexual com uma mulher vestida.

O fetiche por artigos do vestuário feminino poderia aparecer em três formas: na primeira, o indivíduo preferiria ter coito com uma mulher vestida do que com uma mulher nua.

A segunda forma seria aquela em que apenas um tipo de vestuário seria um fetiche. Muitas das vezes os fetichistas exigiriam que a mulher estivesse vestida com determinada peça no momento do ato sexual. Nessa categoria, uma impressão sexual intensa e precoce, combinada à ideia da mulher trajada com determinada peça, em indivíduos hiperestésicos poderia desenvolver um interesse muito intenso em determinado vestuário (o acidente), que acabaria se tornando a preferência sexual principal.

Na terceira forma – a mais frequente se comparada às outras duas e igualmente mais significativa, tanto na esfera patológica quanto na esfera forense – o próprio artigo, sem a necessidade da mulher usá-lo, seria o estímulo sexual principal. O interesse sexual seria tão concentrado em determinado artigo que a ideia luxuriosa sobre o mesmo seria totalmente separada da ideia da forma feminina. Este seria o domínio real dos fetiches por peças do vestuário. A fantasia indissociada entre a mulher e o objeto faria com que o objeto exclusivamente fosse utilizado para a excitação e satisfação do instinto sexual.

De todas as categorias secundárias que esta terceira forma de fetiche englobaria, os mais frequentes na esfera forense seriam os fetichistas por lenços. A associação entre os lenços e o acidente originário que geraria o fetiche ficaria facilitada, pois o lenço seria o artigo de vestuário que, fora dos contatos entre pessoas íntimas, exibido com mais frequência, ficaria facilmente impregnado por odores específicos de seu dono, e poderia mais facilmente ser perdido, caindo nas mãos de outra pessoa.

Essa categoria, ao longo das edições, sofreu algumas variações que incluíram casos de fetiche associados à inversão sexual (congénita e adquirida). Tais casos seguiram as mesmas características que os outros, com conteúdo similar aos fetiches por materiais femininos. Porém, as peças de vestuário associadas aos fetiches, sem exceção, remeteram os fetichistas invertidos a características sexuais de seu alvo: o sexo masculino. Nenhuma dessas alterações modificou o nome da categoria nem a apresentação central sobre as relações dos fetiches exclusivamente com o sexo feminino.

Os fetichistas que têm como objeto peças do vestuário feminino seguiriam um pouco além dos fetichistas saqueadores de cabelo no caminho traçado por Binet (2001), na transição entre a abstração do fetiche e o corpo feminino. Tomando como exemplo um fetichista por sapatos femininos, a emoção do objeto em si parece prescindir à emoção pela ideia daquele

pertence estar atrelado a uma mulher. O feticista por sapatos, em alguns casos, poderia adquirir um sapato feminino, levá-lo para casa, usá-lo e sentir intensa emoção e prazer. A partir do fetiche por peças de roupa femininas, a separação entre o fetiche e o corpo feminino ficaria cada vez mais evidente. Estes casos englobariam também a próxima categoria de Krafft-Ebing: os fetiches por materiais especiais. Enquanto este autor foca sua categoria em fetiches por luvas e luvas infantis, Binet apresenta como exemplo máximo dessa separação um caso de uma pessoa que tinha fetiche por aventais brancos. O homem não parecia fazer a relação entre uma mulher e aquele avental, mas buscava se apoderar desses objetos sempre que os via, até mesmo em situações inusitadas. Aquele fetiche não remeteria à memória de um corpo feminino, mas apenas ao objeto em si: “Neste paciente, a combinação de sentimentos é gerada por prazer pessoal e egoísta. Há provavelmente indivíduos em que objeto de fetiche é sua própria pessoa. A fábula do belo Narciso é uma imagem poética dessas tristes perversões”(Binet, 2001, p. 85)⁴¹.

3. *O fetiche é algum material especial*: Existiria um tipo especial de feticista que teria como objetos de fetiche materiais como peles, veludos e sedas. Em muitos casos deste tipo, sentir a textura do material objeto durante o ato sexual seria indispensável para o prazer.

A diferença entre esta categoria e a apresentada anteriormente seria a falta de relação direta entre o fetiche e as características sexuais do corpo humano que as peças de roupa remeteriam. Os objetos de fetiche não remeteriam às partes do corpo feminino (ou masculino, nos casos de inversão sexual).

A bestialidade poderia ocorrer em pessoas sem nenhuma perversão sexual. Este termo é antigo, muito usado para designar relações sexuais com animais em antigos rituais praticados por cultos ancestrais, por povos primitivos e amorais, em rituais de magia. A sensação prazerosa desta categoria seria definida mais pelo toque e pelo contato tátil estimulante que a textura causaria. Além disso, esse fetichismo não poderia ser devido a uma associação acidental natural nos casos de fetiche. As sensações táteis prazerosas e a excitação

⁴¹ Com uma nota de rodapé na mesma página que esta citação, Binet faz a primeira menção à relação entre o mito de Narciso e os estudos clínicos médicos, e supõe que deveriam existir casos nos quais pessoas têm fetiche pela imagem do próprio corpo. Anos mais tarde, Krafft-Ebing, Havellock Ellis, Albert Moll e Hermann Rohleder provariam que a suposição de Binet estava certa, apresentando casos de pessoas em que a excitação intensa ocorreria com a visão do próprio corpo nu. Paul Nack, em 1889, nomeia essa categoria patológica como *narcisismo*. Krafft-Ebing, em vida, jamais usou o termo ou designou alguns de seus casos como narcisismo. Considerações sobre o narcisismo apareceram apenas em uma edição póstuma da *Psychopathia Sexualis*, lançada em 1923, que foi editada e modificada por Albert Moll.

do sistema nervoso que elas causariam em indivíduos sexualmente hiperestésicos forneceriam a origem desse tipo de fetiche.

O objeto desse fetichismo poderia também ser encontrado em uma coisa que só por mero acaso estaria relacionada ao corpo de mulher.

O fetichismo por materiais especiais, mas que envolveriam lembranças femininas, seria satisfatoriamente explicado pela conexão do fetiche com as manifestações originais perversas de outras categorias como, por exemplo, o masoquismo e o sadismo.⁴²

4. *Zoofilia erótica (os objetos do fetiche são animais)*: Krafft-Ebing cunhou os termos zoofilia e zooerastia na edição de 1894. O termo zooerastia será explicado no capítulo sobre as patologias legais; zoofilia erótica e bestialidade também são termos diferentes. A zoofilia erótica, para Krafft-Ebing, seria uma categoria do fetiche, enquanto o termo bestialidade designaria um ato primitivo, imoral, violento e perverso de coito, cultos satânicos e religiões pagãs.

Os zoofílicos eróticos seriam os fetichistas que se sentiriam sensualmente atraídos por animais. A raiz da zoofilia erótica seria a mesma do fetiche por objetos especiais: a pele. No acidente que originou a zoofilia erótica, o contato com a pele do animal poderia ter acordado uma resposta peculiar dos nervos tácteis que, com o toque, produziriam emoções peculiares e sensuais (análogas às de cabelo, veludo e seda nos outros fetiches). Esta categoria erótica não exigiria que as relações sexuais com os animais fossem desejadas conscientemente ou até mesmo consumadas.

O fetichismo é chamado nessa tese como perversão primordial do objeto porque o fetichismo patológico, de todas as perversões apresentadas, é a conceituação que mais deixa claro que a visão das perversões iniciada por Krafft-Ebing caracterizava como perversões manifestações sexuais nas quais o objeto sexual seria diferente do objeto natural que ele fixou para o instinto sexual.

⁴² Para Krafft-Ebing, estes casos, em especial, seriam regularmente associados ao masoquismo pela ligação com as peles. A personagem Wanda, de Sacher-Masoch, poderia ser enquadrada neste tipo de fetiche. Krafft-Ebing obteve essas informações (sobre o toque das peles animar a vontade sexual) de um masoquista. Este masoquista também relacionou as peles à realeza e à soberania feminina, por isso um símbolo de masoquismo. A nota com essa ideia some a partir da décima edição, mas fica unificada ao corpo do texto.

Como se viu anteriormente, essas expressões exacerbadas de fascínio por objetos cada vez mais distanciados do corpo e da pessoa humana, assim como o encanto (charme) que certas características provocam nos amantes deram origem ao quadro do fetichismo, definido por analogia aos fetiches religiosos que se podem encontrar na história da cultura.

Ao mesmo tempo o fetichismo, quando saudável e estrutural, direcionaria a atenção geral para um parceiro com as características mais favoráveis à propagação da espécie. Esse fetiche primordial pode ser entendido, então, como o passo inicial e mais geral do processo mental de escolha do par amoroso.

O fetichismo pode, assim, ser distinguido, entre as inúmeras categorias sexuais apresentadas por Krafft-Ebing, como um conceito singular e diferenciado. Ele foi, antes de tudo, o único a se originar num contexto que não envolvia a sexualidade humana. As outras patologias descritas pelo autor nasceram primordialmente dentro dos contextos sexuais. O masoquismo, por exemplo, em suas primeiras menções na literatura médica, foi exemplificado também pela autoflagelação religiosa, incluindo as praticadas pelos monges e freiras como expiação de pecados (Meibom, 1665). A ideia dessas flagelações religiosas, porém, aparecia já num contexto não completamente alheio à sexualidade, devido à ligação entre o fanatismo religioso, entendido como sentimento de adoração irracional e exagerado pela divindade, e a sensação física do ato violento. A sensação do ato violento de penitência seria, inconscientemente, vivida como gratificação, plenitude e prazer: o fanatismo religioso, enfim, sempre traria em si um sentimento inconsciente de amor sexual pela divindade.

O sadismo, por sua vez, apareceu na literatura médica sob a forma dos atos sexuais criminosos praticados pelas figuras que mais povoavam o senso comum e as manchetes da época: estupradores, torturadores e assassinos em série que, pela violência de seus crimes, ganharam notoriedade na imprensa.

Já a homossexualidade era documentada, desde a Antiguidade, num contexto completamente sexual, primeiramente na forma das relações até certo ponto socialmente aceitas da mitologia greco-romana. Depois na literatura médica denominada também como inversão sexual, sentimento sexual contrário, uranismo até a chegada do termo homossexualidade em 1868. Desde o começo de seus registros na psiquiatria, a homossexualidade esteve ligada à bestialidade, a saber, o ato sexual praticado com animais. Essa ligação, no entanto, não é explicada por nenhum dos autores mais relevantes da época. A relação pode ter surgido num contexto penal, uma vez que o ato criminoso usado para tipificar tanto a homossexualidade

quanto a relação sexual com animais era a sodomia, pois em ambas os encontros sexuais seriam consumados por relação anal.

De todas as categorias gerais da perversão sexual, apenas o fetichismo admitia somente casos adquiridos. Todas as demais se dividiam entre anormalidades congênicas e adquiridas. O fetiche também era a patologia sexual na qual era mais complicado traçar os limites entre o normal e o patológico e a única que, por si só, não representaria um crime tipificado pelas leis da época.

Krafft-Ebing partia do pressuposto de que todas as doenças mentais, incluindo as patologias sexuais, teriam suas raízes na vida normal do ser humano. Por isso, segundo ele, seria em princípio possível estudar as razões pelas quais essas doenças surgiram, assim como maneiras de fazer com que o estado doentio regredisse à normalidade:

O objeto de estudo [da psiquiatria] são as condições e os fenômenos que acompanham os desvios das funções mentais do padrão normal e o estudo dos meios pelos quais um retorno das funções degradadas ao seu estado normal poderia ser induzido. Estas doenças do cérebro, com distúrbios predominantes das funções mentais, são chamadas de doenças da mente ou doenças mentais. (Krafft-Ebing, 1888, p. 1) .

Sendo assim, todas as perversões teriam, em última instância, suas raízes no estado natural da mente humana, mas, devido à degeneração mental e aos maus hábitos adquiridos, esse estado natural sexual passaria a ser impregnado por ideias imorais, que perverteriam o único alvo natural que admitia para o instinto sexual, a saber, a cópula com o sexo oposto para propagação da espécie. O fetichismo, por representar ele mesmo um desenvolvimento natural da vida psíquica humana, teria sua raiz em si próprio.

Pode-se, a partir dos argumentos de Krafft-Ebing, entender as perversões como o sadismo e o masoquismo como “*perversões negativas*” em origem, no sentido de que, apesar de terem relações com a psicologia natural do ser humano, seriam expressões doentias da raiz emocional mais destrutiva do ser humano: a agressividade. O núcleo do sadismo e do masoquismo estaria, assim, na agressividade natural dos seres vivos que, por sua vez, seria passada para a prole através do processo evolucionário, porque favoreceria a disputa pelo território, a luta pela sobrevivência do indivíduo e do bando e a seleção sexual. Porém, a agressividade poderia levar à destruição de si e à destruição do outro, gerando comportamentos que, quando direcionados ao par amoroso, seriam mais propensos a prejudicar do que facilitar as chances de que o encontro sexual com o objetivo de propagar a espécie fosse bem sucedido,

pois para Krafft-Ebing (1894, p. 165) a exaltação da perversão do sadismo seria matar o par amoroso e a do masoquismo, ser assassinado pelo par amoroso.

A homossexualidade, desde essa perspectiva representaria uma contradição para o próprio argumento proposto por Krafft-Ebing de que as patologias sexuais têm suas raízes nos instintos naturais humanos. Uma vez que ela não resultaria, de maneira nenhuma, no sucesso da procriação, seria impossível pensar que o instinto de sobrevivência e o de preservação da espécie estivessem na origem da homossexualidade. Não existe menção, em nenhuma das edições da *Psychopathia*, as quais características naturais do instinto sexual poderiam ter-se degenerado até levar à ocorrência das práticas homossexuais, de modo que esse problema teórico permanece em aberto. Posteriormente, Krafft-Ebing chegou a publicar um trabalho em que propôs a retirada da homossexualidade da classe das degenerações mentais (Krafft-Ebing, 1901).

O fetichismo, por sua vez é a única categoria em seu sistema classificatório dos desvios da sexualidade que pode ser inteiramente considerada como uma “*perversão positiva*”, no sentido de que sua origem estaria no charme, que antes de tudo possibilitaria que dois seres humanos mantivessem relações sexuais e que essa relação tivesse melhores chances de ser bem-sucedida na propagação e manutenção da espécie, ao contrário do coito baseado na agressividade e destruição corporal. O fetichismo envolveria sempre adoração e preservação do objeto de amor.

Enfim, apesar do caráter intransigentemente normativo das concepções de Krafft-Ebing sobre em que consiste a sexualidade normal ou patológica, sua visão das diversas modalidades do que considerava como patologias sexuais não pode ser considerada como um todo monolítico e homogêneo. A análise detalhada de seus argumentos na sua formulação original permite descobrir nuances que conferem um aspecto mais complexo e multifacetado à sua teoria sexual que, dentro dos limites impostos pela ciência e pela moralidade de sua época, procurava deslindar os fatores biológicos, sócio-culturais, históricos e psicológicos que atuam na composição do fenômeno total da sexualidade humana. A abordagem do fetichismo é, nesse sentido, exemplar do estilo e do caráter de sua teoria.

I.II.V- *As Perversidades*

Por fim, a última sessão da *Psychopathia Sexualis* apresenta alguns casos e considerações mais focados nos aspectos legais de todas as patologias já relatadas anteriormente e de algumas outras que não haviam sido citadas ainda.

Essa sessão apresenta, além de casos de perversões, orientações e explicações mais diretas sobre a perversidade – conceito no qual a psiquiatria de Krafft-Ebing classificava os casos em que não havia degenerações biológicas ou mentais ou doenças relacionadas para que se justificasse um diagnóstico de perversão sexual – e como ela de veria ser encarada nas cortes. As perversidades também podem ser classificadas como atos perversos praticados por indivíduos sem quadros clínicos de perversão sexual. Os atos perversos poderiam ocorrer nas perversões sexuais, mas sua ocorrência isolada não garantiria o diagnóstico para a corte. Esse é o assunto principal desse momento.

De acordo com Krafft-Ebing, a preservação da moral e castidade seriam meios de manter a comunidade funcionando, por isso o Estado (como protetor da moralidade) estaria travando uma batalha eternamente desigual contra a sexualidade criminosa, pois os crimes sexuais teriam nuances específicas e muitos nunca chegariam ao conhecimento do público. Mas ainda assim, nos casos que chegassem ao conhecimento, seria muito importante para a corte perceber até que ponto a culpa deveria ser imputada naquele indivíduo, para evitar o risco de condenar um inocente.

Os pontos que deveriam ser mais esgotados por um médico perito frente ao acusado seriam: se ele poderia ter total entendimento do que seria a lei e se teria meios de conseguir resistir aos impulsos que o levaram a praticar o crime (Krafft-Ebing, 1874, p.1).

Infelizmente para a comunidade as estatísticas demonstrariam que os números de casos de crimes sexuais estariam aumentando vertiginosamente, principalmente os casos de abusos infantis. As causas para esse aumento pareciam residir no fato de que existiria uma tendência à decadência da moral em geral e, em alguns casos, a presente brandura das leis para punir crimes sexuais, em comparação com a punição dos nos séculos passado.

Ciente de todos esses fatores e do aumento desses crimes, o investigador médico deveria orientar sua conclusão para a manifestação da condição nervosa da vida social moderna, na medida em que geraria ela muitos mais indivíduos defeituosos, e que excitaria com muito mais facilidade o instinto sexual, levaria com mais facilidade ao abuso sexual e, com continuação da lascívia associado com diminuição potência sexual, induziria atos sexuais perversos.

Novamente, Krafft-Ebing insiste que a psiquiatria deveria ter o mérito de ter descoberto e catalogado todos esses casos e prestado a devida atenção à esse importante nicho da vida sexual humana. A lei e a jurisprudência estariam dando pouca importância à esses crimes e as conclusões psicopatológicas extraídas dele. A Lei estaria se opondo à Medicina e condenando erroneamente pessoas que jamais deveriam ser condenadas porque simplesmente não eram responsáveis por seus atos. No âmbito da corte a psiquiatria poderia fazer um grande serviço auxiliando esses juízes (Krafft-Ebing, 1874, p. 9).

Dentro do conceito de perversidade e tendo em mente que Krafft-Ebing considerava que o ato sexual deveria obedecer a finalidade do instinto, muitas coisas que não fossem o coito poderiam ser enquadradas dentro da categoria. Por isso Krafft-Ebing diferenciou nessa sessão quais seriam as perversidades que poderiam levar alguém à cadeia. Para ele, as perversidades também teriam alguma base patológica, mas ele se sentia sem condições científicas de provar essa afirmação.

Para o autor a masturbação de outro indivíduo, que apesar de às vezes estar ligada a inversão sexual, pederastia e demência, normalmente seriam fruto da sensualidade; a felação e *cunnilinguis*, nunca seriam produto de patologias para serem perversão e nem seriam desvios sérios para ser considerados perversidades. Esses atos seriam fruto da conduta de seres imorais e sensuais ou fracos de caráter, que ou seriam insaciáveis sexualmente ou não poderiam saciar sexualmente seus parceiros; e a prostituição masculina, ou seja, serviços que seriam contratados por homens casados imorais para satisfazer desejos que não estão de acordo com as leis maritais.

Genericamente existiriam três circunstâncias gerais pelas quais o médico legista deveria se guiar durante suas perícias sobre o estado mental do criminoso para eximir a responsabilidade legal do caso: (a) para os estados de fraquezas mentais não haveria ideias claras de leis, moral e decência para opor à prática do ato perverso; (b) para os casos de hiperexcitação psíquica, quando a excitação sexual aumentasse, simultaneamente a consciência ficaria obscurecida, os mecanismos mentais ficariam muito prejudicados para permitir que ideias opostas, mesmo quando virtualmente presentes, tivessem influência. (c) para os casos de degeneração psíquica, o desejo anormal seria tão intenso que seria simplesmente irresistível à qualquer circunstância.

A medicina poderia provar que um homem com patologias severas ao cometer o crime deveria não ser preso e castigado, mas afastado da sociedade para um tratamento eficaz. Um juiz que consideraria apenas o crime, e não a seu autor, estaria sempre em perigo de ferir

não só interesses importantes da sociedade (moralidade e segurança geral), mas também os interesses do indivíduo (honra). Em nenhum domínio do direito penal a cooperação do juiz e perito médico deveria ser mais desejada que no de inadimplências sexuais. Somente a investigação antropológica e investigação clínica poderiam trazer luz e conhecimento para os casos de crimes sexuais.

1. Exibicionismo e Froteturismo: O exibicionismo seria muito comum entre as côrtes legais. Seriam os casos em que homens expõem seus genitais para pessoas do sexo oposto. Alguns desses homens também seguiriam essas moças, mas sem nunca se tornarem agressivos de fato.

Por ser um crime que proviria de um ato bobo, o médico perito deveria considerar a existência de alguma fraqueza intelectual ou moral ou, ao menos, a existência de um afrouxamento temporário dessas mesmas faculdades. Aumento anormal da libido por distúrbios na consciência e impotência sexual deveriam também ser levados em contas.

O exibicionismo poderia, ainda, vir na forma de atos completamente impulsivos em estados de epilepsia. O motivo principal nesse estado de consciência imperfeita, como em outros atos impulsivos, seria um sentimento de opressão apreensivo. Um sentimento sexual poderia ser associado mentalmente à essa opressão e assim, as ideias resultantes seriam o ato correspondente.

Algumas categorias poderiam ser pensadas entre os casos de exibicionismo. A maioria dos casos seriam os que uniriam todas as investigações a serem feitas pelo perito, que foram descritas acima: os casos mentais de fraqueza adquirida, devido à doença cerebral (ou espinhal). A consciência do indivíduo estaria nublada, e as funções éticas e intelectuais estão muito prejudicadas para oferecer resistência moral a um desejo sexual mais intenso ou intensificado pelo processo de doença. Ao mesmo tempo, existe a impotência, que não permitiria a expressão do instinto sexual em atos violentos (estupro). O termo *frotteur* foi cunhado por Krafft-Ebing na edição de 1894 para designar um homem que encostaria ou esfregaria seus genitais em uma pessoa do sexo oposto que não consentiu o ato. O termo seria derivado do francês *frotter* (esfregar).

O frotteurismo teria suas raízes nas mesmas bases neurológicas da exibição: hiperestesia sexual, fraqueza sexual e impotência.

Garnier (1896, p. 73) enquadra os *frotteur*, usando a mesma definição de Krafft-Ebing, como um tipo de fetiche, mais especificamente fetiche pelas nádegas femininas. Os

homens com esse fetiche não conseguiriam resistir ao impulso sexual e friccionariam seus genitais nas nádegas das mulheres, mesmo que elas fossem desconhecidas e mesmo quando estivessem nos locais públicos.

Pela pouca quantidade de casos que ele mesmo teria visto e pelos poucos casos presentes na literatura, Krafft-Ebing acredita que seria difícil decidir se o frotteurismo deveria ser categorizado entre o exibicionismo ou entre o fetichismo (Krafft-Ebing, 1899, p. 524). Para que o ato da frottage acontecesse, o homem teria que inevitavelmente expor seus genitais em público, o que caracterizaria um ato de exibição dos genitais. Mas essa exposição seria a base principal para guiar uma diferenciação. O argumento de Garnier pareceria bom à primeira vista, pois assim como o fetichista, o impulso do frotteur seria tão extremo a ponto de excitar a sexualidade com a simples visão de seu fetiche, levando aos atos criminosos. Mas, uma vez que o fetiche patológico até então nunca teria feito referência às partes dos genitais femininos, a abordagem de Garnier pareceria frustrada neste ponto.

Foram selecionados dois casos para essa seção: Krafft-Ebing ressaltou o primeiro por ser um caso de um frotteur com elementos fortes que o classificariam entre o exibicionismo, e o segundo, um caso de fetichismo, em que o ato de cometer o frotteurismo (frottage) teria acontecido por um fetiche pela seda do vestido que a moça usava (Krafft-Ebing, 1906, p.522).

2. *Violações de Estátuas e Voyerismo*: Krafft-Ebing garante que Moreau de Tours⁴³ em 1850 já haveria catalogado uma série de casos que envolveriam atração sexual por estátuas, contando com relatos que datavam desde antiguidade. Kann (1844, p. 44) já cita a violação de estátuas entre as patologias sexuais.

A violação de estátuas ficaria mais conhecida na literatura jurídica pelos termos algamaphilia (do grego *agalma*= estátua) e pigmalionismo, em relação ao mito grego de Pigmaleão. Ellis (1904, p. 188) apresenta a definição mais usada para o segundo termo: “Uso ‘pigmalionismo’ como termo geral para o amor sexual de estátuas. O termo às vezes é restrito aos casos em que um homem necessita de uma prostituta e ela deve assumir o papel de uma estátua que gradualmente toma vida, e encontra gratificação sexual”. Para ele, o pigmalionismo seria muito comum na adolescência e em muitos manuais para confessores os sacerdotes relatariam casos de jovens que se masturbariam com a visão de estátuas, até mesmo das imagens

⁴³ Na verdade, na bibliografia utilizada neste trabalho a mesma a qual Krafft-Ebing se refere Moreau de Tours cita casos de homens que desenvolveram sentimentos sexuais por estátuas. Assim como Kaan e Krafft-Ebing, ele usa o termo “violação de estátuas” para essa patologia.

da Virgem Maria. A violação de estátuas é apresentada na obra de Havelock Ellis como uma forma rara de erotomania fundada no sentido visão, proveniente do apelo visual das belas formas das estátuas e manequins. O termo *algamatophilia* seria mais utilizado pelos médicos para os casos em que as estátuas eram profanadas e a atração se devia a sua condição de objeto inanimado. O termo *pigmalionismo*, posteriormente, passou a ser usada para designar a atração sexual pela figura de estátua relacionada à ideia de que essa figura tomasse vida para.

Krafft-Ebing não chegou a utilizar nenhum termo em suas obras para designar a violação de estátuas. Diferentemente de Havelock Ellis, ele acredita que a violação de estátuas seria causada por uma intensa hiperestesia unida à impossibilidade ou falta de coragem de tentar o coito da maneira normal, não pela atração pela visão sexual que a estátua causaria.

Apenas um curto parágrafo é dedicado na *Psychopathia Sexualis* de Krafft-Ebing sobre essa perversão. Para ele esses casos seriam muito frequentes, mas seriam muitas vezes tratados mais com anedotas e zombaria do que com a devida importância penal.

Krafft-Ebing também cita brevemente os homens chamados de *voyeurs*⁴⁴. Esses homens sentiriam prazer sexual em ver mulheres excitadas ou ver pessoas fazendo sexo e chegariam ao orgasmo sem precisar ter qualquer contato com os corpos das mulheres. Krafft-Ebing escreve duras palavras contra esse crime em particular e, por várias razões que ele não explica, diz que seria inviável fornecer mais detalhes sobre essa categoria. Moll (1889, p.308) cunhou o termo *mixoscopia* para a patologia de mesma definição que o *voyeurismo*, que seria fundado pelo sentido da visão relacionado à excitação causada pela visão das formas e atos sexuais, assim como a definição de Havelock Ellis para o *pigmalionismo*. O termo *mixoscopia* vem do grego *miksis* (relação sexual) e do sufixo *skopie* (*microscopia*).

3. Violação de crianças/Imoralidades com pessoas com menos de 14 anos/Pedofilia: A violação de crianças consistiria em todos os possíveis atos imorais com pessoas menores de 14 anos de idade que não estariam compreendidos na legislação do estupro. O termo violação seria mais amplo que estupro, no sentido jurídico da palavra, e compreenderia diversos tipos de atos violentos e imorais.

⁴⁴ É provável, pela bibliografia consultada, que o termo *voyeurismo* tenha sido apresentado pela primeira vez na literatura pelo jornalista francês Ali Coffignon em uma coleção de livros sobre os hábitos e costumes de Paris. De acordo com todas as obras onde o termo é relacionado, Coffignon explicaria que o termo era comum e muito usado nos bordéis e na noite parisiense para designar os clientes que gostavam apenas de observar as moças em práticas sexuais. O *voyeurismo* pode se referir também a *escopofilia* (amor por olhar) tradução do termo alemão que aparece na obra freudiana *Schaulust*.

Esses atos de imoralidade contra crianças, para Krafft-Ebing, só seriam possíveis a um homem controlado pela luxúria, moralmente fraco e geralmente carente de energia sexual. Entre todas as patologias, a violação de crianças recebe de Krafft-Ebing as maiores palavras de indignação e é a única a receber uma recomendação direta de focar a perícia apenas no ato e nunca recomendar que o acusado um crime desse tipo seja perdoado, mesmo quando provada condição patológica. Essa recomendação como visto anteriormente, vai contra a justificativa principal de fazer uma obra de categorização clínica como *Psychopathia Sexualis*.

As formas mais comuns de violação contra menores seriam: praticar masturbação na criança (às vezes podendo se expandir para flagelar a criança); induzir a vítima a praticar onanismo em si mesma, manipular a criança com lascívia ou induzi-la a manipular o agressor sensualmente. Com menos frequência, mas com batentes registros, estariam: obrigar a criança a praticar sexo oral ou realizar sexo oral na vítima; obrigá-la a se prostituir; expor o corpo da vítima ou expor o próprio corpo para a vítima e masturbação seguida de ejaculação no corpo da criança. Mas para Krafft-Ebing a imaginação desses libertinos seria tão animada para os atos de perversão que as possibilidades de suas agressões, para além do estupro e das citadas anteriormente, seriam horrendas e inesgotáveis. Krafft-Ebing apresenta o abuso contra criança em duas categorias globais. O ato da violação sexual constituía a única perversidade que teria uma contraparte que seria de fato uma patologia sexual.

a) Os casos não patológicos- Perversidades: Atos vis como abusos sexuais contra crianças, quando cometidos por pessoas mentalmente normais, teriam como agentes principalmente:

(a) homens jovens que não teriam confiança em sua virilidade nem coragem suficiente para seduzir uma moça e satisfazer o coito de maneira normal. Seriam jovens que teriam por costume praticar a masturbação e teriam alguma condição irritável dos órgãos sexuais. Regularmente praticariam a masturbação na criança até atingirem o orgasmo. Em todos esses casos tentariam a conjunção carnal com a criança.

(b) homens mais velhos que com problemas na potência sexual e não conseguiriam mais realizar plenamente o sexo com pessoas adultas. Nesses casos regularmente os homens procurariam abusar de meninos cometendo atos de pederastia. Haveriam também os casos de homens mais velhos que simplesmente seriam profundos degenerados morais e depois de ter passado uma vida de todos os tipos de excessos sexuais, que procurando novos divertimentos

abusariam das crianças e também, por sua condição mórbida e perversa, encontrariam prazer no estado de medo, vergonha e confusão que os atos causariam em crianças puras e inocentes.

(c) Mulheres também seriam agressoras. Por pura libertinagem e amoralidade, parentes, governantas e babás de abusariam dos meninos (e em alguns casos, meninas) que lhe seriam confiados. Cometeriam atos como masturbação mútua, sexo oral e fricção de genitais com as crianças. Ao contrário da maioria da categoria de homens, essas mulheres não teriam problemas para realizar o ato sexual normal e seriam em sua maioria sexualmente promíscuas, pois Krafft-Ebing inclui que esses casos conteriam os maiores números de crianças infectadas com fungos e doenças venéreas.

Para os casos em que flagelação e espancamento das vítimas fossem relatados, o médico perito deveria verificar outros tipos de patologias no agressor.

A recomendação para os casos não patológicos seria a de que fosse atentado para o ato imoral cometido e seus graus de degradação para recomendar a sentença, porque mesmo a impotência sexual não justificaria o abuso contra crianças. Esses agressores seriam profundamente perversos, pois um homem normal se horrorizaria profundamente com o simples pensamento desses atos contra crianças. O médico deveria recomendar a prisão em todos os casos.

b) *Os casos patológicos- Perversão:* Para os casos patológicos de violação, em 1896, Krafft-Ebing cunhou o termo *Paedophilia erotica*, no artigo *Ueber Unzucht mit Kindern und Pädophilia erotica* que Krafft-Ebing escreveu para a revista *Friedreich's Blätter für gerichtliche Medizin und Sanitätspolizei*. O termo médico pedofilia apareceu pela primeira vez na *Psychopathia Sexualis* entre a nona e a décima edição, com mudanças no capítulo sobre a perversão. *Paedophilia* era um termo antigo no latim, um barbarismo latino-português para *amor por meninos* ou *apetite sodomita* (Pereira, 1697, p. 464), com provável raiz etimológica da palavra em latim *pedo*, derivada da palavra *pais*, que significava criança ou menino jovem e *philos*, amor ou adoração, com as palavras gregas *philopadia* (adoração por crianças) e *philopaideia* (adoração por meninos jovens) servindo de forma original. Krafft-Ebing, como ele indica desde a primeira edição em 1886 de suas obras sobre perversão, opta por escrever os nomes de algumas perversidades ou alguns trechos de relatos de casos em latim para amenizar os termos sexuais pesados que ele precisaria usar, pensando na possibilidade de o livro cair nas mãos de pessoas mais sensíveis e simples ou que não eram o público alvo – psiquiatras e juristas. A grande maioria dos casos patológicos de pedofilia seriam cometidos por

consequência de patologias mentais adquiridas, como a demência senil, estados de debilidade mental causados por epilepsia, injúrias no cérebro e apoplexia. Depois viriam os crimes causados por degenerações congênicas cerebrais como idiotia e imbecilidade. Nesses casos a maioria dos abusos seria o estupro. Existiriam casos em que uma condição mórbida seria a causa do ato, e a sexualidade seria completamente voltada para excitação sexual por crianças imaturas sexualmente. Essa categoria seria uma psicopatologia sexual clássica, como as outras apresentadas e foi nomeada por Krafft-Ebing como *paedophilia erótica*⁴⁵. Krafft-Ebing diz que em sua vida como clínico e perito atendeu quatro casos dessa patologia, e teria ainda mais dois casos que não foram publicados, pois acreditava que poderia ser reduzidos à casos de fetichismo. Todos os casos que o autor havia conseguido compilar, eram de homens (Krafft-Ebing, 1906, p.556). Krafft-Ebing cita apenas os dois casos de Magnan (*Lectures on Psychiatry*, sem data na referência) como pedofilia erótica feminina (Krafft-Ebing, 1906, p. 557), o que o leva a crer que ela seria bem menos frequente do que em homens.

Apenas em circunstâncias acidentais, como impotência sexual, um homem invertido sexual seria um perigo para crianças. Mas esses casos não estariam entre os de pedofilia, pois a maioria desses homens procuraria exclusivamente meninos próximos ao período púbere. A pedofilia erótica para ser categorizada como tal, exigiria a atração sexual exclusiva por uma sexualidade imatura. Na inversão sexual seria justamente as características sexuais do gênero sexual equivalente o principal objeto de atração dos invertidos. Dessa maneira, não seria impossível que um invertido sexual fosse um pedófilo erótico e abusasse de crianças por doenças associadas. Mas seria extremamente raro e incomum (Krafft-Ebing, 1906, p.558).

Como regra geral, a irresponsabilidade penal não deveria ser usada nos casos de pedofilia, pois a experiência ensinaria que seria impossível resistir a esses impulsos. Obviamente a presença de condições degenerativas e mórbidas mudaria esse quadro, por isso uma investigação penal deveria sempre ser feita em casos flagrantes de pedofilia erótica. A questão da responsabilidade *in concreto facto* dependeria inteiramente da compreensão sintética de todas as características do indivíduo envolvido. Hipersexualidade, derivado do excesso de bebidas alcoólicas, fraqueza moral, etc, deveriam ser cuidadosamente considerados uma vez que comprometeriam a liberdade de ação: “De qualquer forma, esses seres infelizes

⁴⁵ Krafft-Ebing em suas primeiras edições acreditava que a maioria dos casos de violações de crianças seriam não patológicos, por isso não fornecia detalhes sobre as causas patológicas. Em nota de rodapé esclarece que a primeira vez que usou esse termo foi em 1896 em um artigo para uma revista de medicina.

devem sempre ser encarados como um perigo comum para o bem-estar da comunidade, e colocado sob vigilância estrita e tratamento médico.” (Krafft-Ebing, 1906, p. 560).

Desde a primeira publicação sobre o tema, Krafft-Ebing ligou a pedofilia e seu par, a gerontofilia – atração sexual por pessoas de idade avançada – como potenciais fenômenos fetichistas. Na primeira versão do artigo, Krafft-Ebing apresenta casos de fetichistas de outras categorias, como os saqueadores de cabelos, que teriam se tornado *paedophilos* mais tarde na vida, por evento de associação, como nos casos do fetichismo clássico. Nesses casos, muito mais claramente do que quaisquer outros apresentados até então, o autor admite que uma outra influência que teria modificado o desenho de outro comportamento sexual pervertido original através de uma impressão mais profunda no colorido emocional previamente degenerado, mas mesmo nesses casos um evento teria suprimido o outro e seriam casos de uma mesma patologia.

Alfred Fuchs, a partir de 1907 acrescenta a gerontofilia ao capítulo do fetichismo patológico na *Psychopathia Sexualis*, como *fetichismo por idade*. A pedofilia, porém, continuou como uma perversão própria, mas de tendência fetichista.

4. *Abusos não-naturais: Bestialidade ou Sodomia*⁴⁶ e *Zooerastia*: Para Krafft-Ebing, por mais monstruoso e revoltante que praticar coito e atos sexuais com animais fosse, ainda mais na visão do homem nobre e civilizado, esse tipo de ato não seria praticado somente em circunstâncias patológicas. A união entre um nível de moralidade extremamente baixo, desejo sexual muito exacerbado e impossibilidade ou dificuldade de aliviar as necessidades sexuais da maneira normal seriam os principais motivos para a ocorrência dessa perversidade. Em algumas culturas (como por exemplo, a Pérsia) a bestialidade seria encarada como uma maneira de curar a gonorréia.

A bestialidade poderia ser praticada tanto por homens quanto por mulheres. As mulheres limitariam a praticar atos de bestialidade com cães⁴⁷. Os casos de bestialidade

⁴⁶ Havellock Ellis (1921, p. 3) diz que o termo sodomia estava sendo usado (erroneamente na opinião dele) na Alemanha para designar os casos de relações sexuais com animais. Krafft-Ebing utiliza exemplos dos textos bíblicos para justificar sua escolha de denominar bestialidade como sodomia.

⁴⁷ Maschka (1881, p. 190) foi a fonte da qual Krafft-Ebing tirou casos clínicos de bestialidade. Maschka afirmava que os atos não foram cometidos por pessoas com doenças mentais ou físicas. Ele apresenta um caso próprio de coito e sexo oral entre uma mulher (que foi julgada e acusada pelo crime) e seu cachorrinho de estimação, no qual ele indicou ao júri a condenação, afirmando que tais atos não ocorreriam com tanta frequência em pessoas degeneradas. Além disso, ele foi o autor a compilar todos os raros casos catalogados de bestialidade feminina que foram atendidos por médicos e submetidos à uma corte, até então. Algumas informações importantes, tais como os efeitos que os médicos acreditavam que uma perversidade teria estão contidas nas breves descrições desses

envolvendo homens seriam muito mais frequentes e apresentariam uma gama variada de espécies, principalmente na vida no campo, onde cavalos, éguas, galinhas e vacas seriam frequentemente sodomizados (Krafft-Ebing, 1906, p.602).

A bestialidade seria o termo usado para designar relações sexuais com animais. Era usado desde a antiguidade. Na literatura médica do século XIX era o termo usado, até o termo zooerastia ser cunhado. Dentro dos casos de bestialidade existia uma categoria específica, pois os casos que culminariam nas relações sexuais com os animais seriam advindos de graves patologias sexuais, uma mancha pesada na constituição cerebral neuroses, um impulso incontrolável para cometer o ato anormal e completa impotência para o ato sexual normal. Para essa categoria específica, Krafft-Ebing cunha o termo *zooerastia*.⁴⁸

A distinção entre zooerastia e bestialidade para os médicos peritos não seria realmente difícil. Algumas respostas às perguntas sobre a possibilidade de não cometer atos sexuais com animais caso realizar e obter satisfação caso o ato sexual normal seja uma possibilidade real e concreta já indicariam se se trataria ou não de um caso patológico.

Com base nos estudos e na experiência de casos que tinha com pessoas zooerastas, Krafft-Ebing ainda não se julga capaz de dizer se a anomalia do instinto seria original (como o sadismo e o masoquismo) ou adquirida por alguma variação no curso de fetichismo patológico.

A zooerastia seria uma perversão de mesma classe que a sexualidade contrária. Krafft-Ebing não se aprofunda nas explicações sobre a classe análoga entre a zooerastia e a inversão. Provavelmente ele as aproxima por que os atos de zooerastia e homossexualidade, pelo menos os praticados por homens, envolveriam penetração sexual anal (sodomia) com outro ser.

Moll (1899) desenvolve melhor essa ideia. Para ele que a zooerastia, por ser uma perversão do instinto, seria uma condição permanente e, uma vez que o sujeito fosse zooerasta, o desejo por atos sexuais com mulheres que em alguns casos poderia existir mesmo que muito sensivelmente, seria totalmente inibido. A perversão zooerastia em si, para Mol “sempre será possível apenas se a heterossexualidade normal for ausente ou muito fraca” (p. 431). Esse tipo de pensamento de Moll provavelmente pode ser expandido para os casos de bestialidade. Dessa

casos, principalmente se a prática de perversidades poderia se converter eventualmente em casos de doenças mentais.

⁴⁸ O termo bestialidade é encontrado na literatura médica e jurídica atual. Zooerastia caiu em desuso. Ambos foram substituídos por zoofilia.

maneira seria muito mais fácil que alguém com alguma tendência de inversão sexual (congenita ou adquirida) partisse para atos sexuais com animais do que uma pessoa heterossexual normal.

O fim do texto ressalta que o caráter das duas perversões seria distinto. O zoerasta, em comparação com invertido, seria muito mais distante do alvo sexual normal. Isso qualificaria a zoerastia como uma condição muito mais grave e mais degenerativa que a inversão sexual (Krafft-Ebing, 1906, p.568).

5. *Atos imorais com pessoas sob tutela de outras/ Crimes de Sedução:* Os crimes de atos imorais com pessoas sob tutela seriam aliados ao incesto, porém bem menos horríveis. Seriam os casos em que as pessoas seduzem aqueles que lhes teriam sido confiadas para o cuidado e educação, que são mais ou menos dependentes deles.

Na verdade Krafft-Ebing estava se referindo a uma especificidade de uma categoria mais global: o crime de sedução. O crime de sedução envolveria muitos agravantes particulares nas legislações de cada país. A vítima estar sob tutela do agressor seria uma dessas especificidades nas legislações da Áustria e Alemanha. De maneira geral, o crime de sedução poderia ser definido como: o ato de uma pessoa do sexo masculino conseguir ter relações sexuais com uma mulher de caráter casto por tê-la ludibriado com falsas promessas e pelo uso de outros meios mentirosos de persuasão. Difere do estupro com consentimento, pois no crime de sedução a idade da mulher pode ser consideravelmente maior ou, em algumas jurisdições, imaterial (Humble, 1921).

Krafft-Ebing acreditava que esses casos merecem punição da justiça, pois muito raramente seriam frutos de alguma patologia. Ele também não explica porque esses casos estão aliados aos de incesto. Essa aproximação categorial pode ter sido apresentada porque o tutor ou cuidador representaria, legalmente e moralmente perante a sociedade, um substituto do familiar responsável (normalmente os pais, ou em caso de morte, tios e irmãos mais velhos) por aquela pessoa.

Krafft-Ebing finalizou a apresentação das perversidades sem nenhuma teoria sobre a razão da qual essas patologias com esses fenômenos não teriam nenhum tipo de perversão do instinto e como ele conseguiu definir que essas patologias específicas e não outros tipos seriam casos de perversidade. Ele apenas comenta que pelos seus anos de atendimento clínico, os casos acima aconteciam sempre em pessoas que, caso quisessem, poderiam manter relações sexuais com pessoas do sexo oposto e alcançar a plenitude sexual.

II. Breve biografia de Albert Moll

Albert Moll nasceu em 4 de maio de 1862 na Prússia. Filho de judeus, Moll iniciou seus estudos em medicina em Breslau. Formou-se em medicina em 1884. Albert Moll (1862-1939) começou sua ascensão após receber reconhecimento global por seu primeiro livro, *Der Hypnotismus* em 1890, chegando a ser elogiado por personalidades como William James. Moll se considerava o pioneiro da escola Nancy de Liébeault e Bernheim, e afirmava ter introduzido ideias hipnóticas e psicoterapêuticas na Alemanha (Maehle & Sauerteig, 2012).

Desde 1887, Moll dedicou muitos anos de sua vida praticando a psiquiatria em consultório próprio. Na sua prática, utilizava técnicas de hipnose, observação e associação livre. O objetivo de Moll era estabelecer uma psicologia que fosse voltada para os moldes da medicina, a psicologia médica (Maehle, 2012). Siguschi (2002, p. 184) apresenta Albert Moll como o fundador da psicologia médica na Alemanha e alerta que essa conquista é desconhecida para a maioria dos psicólogos médicos de hoje.

Focou seus estudos em psicologia na área experimental, e em conjunto com seu grande amigo Max Dossoir, investigou os fenômenos psicológicos produzidos por médiuns espiritualistas.

Moll foi um autor muito prolífico e durante sua vida ativa de escritor se dedicou a trabalhos no campo da ética, hipnose, medicina das neuroses, sexualidade, ocultismo e religião. O primeiro grande trabalho de Moll, *Der Hypnotismus* em 1890, ganhou resenhas muito favoráveis e chegou a ser elogiado por personalidades como William James.

Em 1891, Moll produziu sua monografia sobre a homossexualidade, ou o sentimento sexual contrário. O trabalho também ganhou grande popularidade e o autor passou a ser reconhecido por seus contemporâneos como um dos grandes médicos e psiquiatras a tratar sobre a sexologia. Suas teorias em sexualidade contaram com o incentivo e reconhecimento de Richard von Krafft-Ebing. Os dois se conheceram em 1886 na cidade Gatz, formaram uma amizade e passaram a trocar correspondências durante os anos seguintes até a morte de Krafft-Ebing. Moll, junto a outros discípulos de Krafft-Ebing, foi responsável por editar a versão póstuma (e última atualizada) de 1924 da *Psychopathia Sexualis*.

Na vida pessoal, Moll também foi um homem que colecionou inimizades no meio médico ao longo de sua vida. As rivalidades criadas começaram sempre por discordâncias

teóricas e visões diferentes sobre o que seria uma prática médica ética. Suas brigas mais notórias foram com Sigmund Freud e Albert Eulenburg, em disputas sobre autoria, afinidades ideológicas e pioneirismo de ideia. Freud e Moll atacavam-se constantemente em cartas endereçadas a amigos e – mais especificamente no caso de Moll – atacavam a teoria um do outro em livros e palestras.

Mas a inimidade mais marcante de Moll foi com o sexologista, médico judeu e homossexual Magnus Hirschfeld. Os dois médicos desde o início de suas práticas tiveram dissabores e tinham o costume de reclamar um do outro com colegas médicos da cena científica dos países germânicos. Mas junto com a ascensão dos nazistas ao poder na Alemanha o que começou como uma rivalidade acerca de ideias sobre ciência e medicina, cresceu ao longo dos anos ganhando contornos cruéis e pessoais.

Moll era um homem envolvido em questões políticas, que se identificava como patriota e nacionalista. Em 1908, foi eleito como representante do gabinete médico de Berlim; e apesar de ter apenas pacientes particulares, ele presidiu a comissão contratual do comitê que liderou as negociações com a organização do seguro saúde. Entre seus feitos reconhecidos pela comunidade médica da época, ele encorajou as empresas de seguro de saúde a estenderem a cobertura à psicoterapia pela primeira vez em 1919 (Siguschi, 2012, p.). Em 1917 se juntou ao partido de direita *Deutsche Vaterlandspartei*. Apesar de o partido ter sido desmembrado em 1918, Moll se identificou com as ideias nacionais liberais do partido pelo resto de sua vida. Em 1913 fundou a Sociedade Internacional para estudos em Sexualidade com presença ativa na comunidade de Berlim.

Por outro lado, Hirschfeld, por sua condição de judeu, sexologista e homossexual começou a sofrer ataques sérios da extrema direita na Alemanha. Em 1920 foi brutalmente espancado por alguns rapazes extremistas após uma de suas palestras profissionais em Munique. Panfletos o identificando como um pervertido promotor de aberrações sexuais e criticando sua aparência física (tipicamente judia de acordo com os extremistas da época), eram espalhados pela Alemanha. Seu Institut für Sexuallforschung por anos foi visado pela polícia. Os membros eram constantemente constrangidos e ameaçados. Em 1930, Hirschfeld partiu da Alemanha no que deveria ser uma viagem internacional e não retornou, passando a viver exilado. Em 1933 seu instituto foi saqueado e seus livros queimados na rua por nazistas. O médico tentou recomeçar a vida na França naquele mesmo ano, filiando-se a uma universidade em Paris com planos de abrir um novo instituto para estudos sobre sexualidade.

Mas Moll decidiu que seu inimigo de longa data não poderia começar uma nova vida. Em 1934, Albert Moll escreveu uma carta para o reitor da universidade de Paris, Gustave Roussy e copiou o conteúdo para o Secretário de Relações Internacionais da Alemanha. Na carta o médico alertava que Hirschfeld não teria se exilado por ser judeu ou por perseguições políticas. Mas por cometer diversos “erros de conduta” em sua prática médica. Moll destacou que seu rival seria reconhecido na Alemanha por ser um oportunista e mau caráter. Terminou a carta dizendo que aquelas linhas que ele escrevia deveriam ser usadas da maneira mais apropriada. Em retribuição, Moll recebeu do secretário nazista uma nota de agradecimento amigável assinada com “Heil Hitler”. Hirschfeld morreu em 1935, doente e debilitado, sem conseguir reerguer sua carreira fora da Alemanha (Siguschi, 2012)

Mesmo com a contribuição e identificação com o nacionalismo, em 1938 o Estado Nacionalista Alemão retirou a licença de Moll para praticar medicina e ensinar em seu instituto, devido às origens judaicas do médico. Albert Moll morreu solitário e empobrecido, em 23 de setembro de 1939 na Alemanha, mesmo dia que seu desafeto Sigmund Freud. Não se casou, nem deixou filhos (Siguschi, 2012).

II. O Instinto Sexual na teoria de Albert Moll: A Libido Sexual

O pensamento de Albert Moll apresenta mais variações em termos teóricos, ou seja, ao contrário de seu amigo e mentor Krafft-Ebing, Moll conseguiu descolar sua teoria do tema das perversões sexuais e do legado de uma obra única para apresentar um pensamento mais coeso e estruturado sobre a sexualidade em geral. Esse pensamento estava espalhado em diversas obras que receberam grande reconhecimento na época de lançamento. Moll também aprofundou mais temas como explicação dos mecanismos do instinto sexual, sexualidade infantil e teorização sobre o instinto sexual. Além de apresentar um trabalho mais consistente quanto à citação de fontes e estudos de outros autores.

O instinto tinha um papel central nas obras dos autores do final do século XIX. Como já visto na parte sobre Krafft-Ebing, psiquiatras e sexólogos tentavam cada vez mais validar as elaborações sobre sexualidade e psicologia da sexualidade através das correntes científicas e materialistas da época. Para tanto usavam amplamente conceitos darwinistas sobre a evolução da espécie para estudar a sexualidade humana, incluindo ideias muito próximas das

apresentadas por Darwin sobre os instintos. Mas o conceito de instinto teria uma história bem mais complexa e muito anterior ao darwinismo.

O conceito de uma substância enigmática que impelia os humanos a certas ações e funções, seria o primórdio dos pensamentos sobre o instinto. E essas considerações seriam antigas, datando de filósofos da antiguidade. A primeira tentativa de explicar o mundo pelos termos empíricos teria sido do filósofo Thales – que de acordo com os escritos aristotélicos foi o fundador da filosofia – que tinha a teoria de que a água seria a substância pela qual todas as coisas vivem e morrem (Wilm, 1925, p. 2), e por Anaximander, que tentou explicar o funcionamento dos seres humanos através de uma substância misteriosa e primitiva que ele chamou de ilimitada, pois seria indeterminada em qualidade e infinita em quantidade (Wilm, 1925, p. 3).

Nossa apreciação nessa tese vai avançar até um tempo mais próximo do contexto no qual Krafft-Ebing, Moll e Freud estariam inseridos, num tempo em que o instinto como uma faculdade comum a homens e animais e que impelia os seres a diversos tipos de ações já estaria tomando forma na teoria e os cientistas estavam sob forte influência das teorias evolutivas.

Nos séculos XVIII e XIX, os teólogos continuaram refletindo sobre o comportamento instintivo e a providência divina à luz do grande aumento do conhecimento sobre a história natural. O mundo começou a ser explorado pelos europeus e não era raro que cientistas naturalistas participassem de expedições navais para investigar a natureza em terras remotas. Eles publicavam os relatos sobre os povos e ambiente que encontraram e armazenavam em museus as coleções de espécimes achadas durante a viagem. O clérigo anglicano William Paley refletiu sobre a efusão de novas informações na obra *Natural Theology* de 1802. Paley, assim como Tomás de Aquino, achava que instintos diversos e complexos forneciam evidências convincentes de que a natureza seria divinamente projetada. Na mesma linha, outros teólogos naturais apontavam para vários instintos cuja complexidade, na visão deles, forneceria uma prova irrefutável das intervenções de Deus na natureza. William Kirby e Henry Lord Brougham usavam o instinto de construção de abelhas, o instinto de nidificação do pássaro e os instintos dos insetos estéreis como pilares em seus argumentos para a teologia natural. Embora a discussão sobre os instintos tivesse ficado restrita ao domínio teológico por um tempo considerável, Iluminismo do século XVIII e as ideias de René Descartes propunham uma visão mais em que os animais, incluindo o próprio Homem, funcionariam e se comportariam como autômatos orgânicos governados pelas leis da mecânica (Gordillo-Garcia, 2016, p.2). A visão

cartesiana deu início à tradição evolucionista da visão do instinto a maior influência teórica do final do século XIX.

O avô de Charles Darwin, Erasmus Darwin, em sua obra *Zoonomia or The Laws of Organic Life* (1794, p. 114-115) propôs o espírito de animação para todos os animais. O espírito de animação seria um fluido que percorreria o sistema nervoso e causaria a contração dos músculos e responderia tanto a estímulos internos, quanto a estímulos externos. Esse fluido formaria ideias representando pequenas cópias de sensações experimentadas. Essas ideias seriam traduzidas nos movimentos, e pela associação cerebral entre uma ideia, a sensação e os movimentos subsequentes, um movimento poderia ser acompanhado ou reproduzido por outra cadeia de movimentos, gerando hábitos comportamentais, que seriam repassados pelas espécies.

Outro evolucionista a advogar pela importância da hereditariedade foi Jean Baptiste. Em 1802, Lamarck propôs que os animais ajustariam seus comportamentos às mudanças ocorridas circunstâncias ambientais ao redor deles e que o resultado das modificações seriam hereditárias, produzindo novas alterações nas espécies. No *Discours d'Aouverture* de 1814, Lamarck definiu o instinto como “um poder singular que opera sem premeditação como consequência da emoção sentida” (Lamarck 1972, pp. 179). O instinto seria distinto dos atos inteligentes, que nem sempre atingem o fim desejado, e dos hábitos que não seriam motivados por uma necessidade sentida. Os instintos seriam hereditários e passariam para a geração posterior como herança evolutiva adquirida.

Wilm (1925, p 170) apontou que Darwin aceitou a ideia de Lamarck sobre a hereditariedade dos instintos. Para Lamarck, as espécies se desenvolveriam de acordo com as suas interações com a natureza. Ações repetidas para se adaptar ao ambiente fariam transformações físicas e mentais nas espécies, de modo que uma adaptação bem sucedida seria transmitida aos descendentes como uma característica hereditária (Marcaggi & Guenolé, 2018, p. 2). Assim como o autor francês, Darwin acreditava que os instintos seriam transmitidos para a prole, mas para o autor da *Origem das Espécies*, um princípio mais crucial, a seleção natural, faria com que os instintos fossem mais que características adquiridas e então passadas para os descendentes.

Darwin não pretendeu, em um primeiro momento, definir o que era instinto:

Não tentarei nenhuma definição de instinto. Seria mais fácil mostrar que várias ações mentais distintas são comumente descritas por este termo, mas cada um entende o que quer dizer, quando se diz que o instinto impele o cuco a migrar e colocar ovos em ninhos de outras aves. Uma ação, que nós mesmos devemos ter experiência para nos permitir realizar, quando realizado por um animal, mais especialmente por um muito jovem, sem qualquer experiência, e quando realizado

por muitos indivíduos da mesma forma, sem que eles saibam para que finalidade é realizado, geralmente é dito ser instintivo (Darwin, 1859, p. 207).

Darwin argumentava que a herança seria uma importante razão para pensar que os instintos estariam sujeitos à evolução, em vez de fixados na Criação. Em segundo lugar, Darwin pensava que eles seriam uma espécie de "poderes mentais" cuja função seria predispor o organismo a se comportar de certas maneiras e em certas direções; Por isso, haveriam muitos instintos diferentes e eles só poderiam ser identificados e classificados recorrendo às diferentes finalidades as quais serviam. Ele forneceu exemplos que incluíam o instinto de nidificação, o instinto de migração, o instinto de criação e o instinto de medo. Assim, eles poderiam ser interpretados como unidades, hábitos ou padrões de comportamento hereditários. Outro ponto importante é que Darwin pensava que não apenas os instintos seriam responsáveis pelas exhibições do comportamento inato, mas que existem outros fatores inatos, como intuições, sensações, emoções e sentidos que podem desempenhar um papel, e embora não fossem os padrões de comportamento poderiam ser instintivos. Finalmente, os instintos seriam estereotipados. Seja nas espécies inteiras, nos grupos locais, nos gêneros ou na família, os instintos seriam realizados por muitos indivíduos da mesma maneira (Gordillo-Garcia, 2016, p. 3).

A ideia de hábitos como herança evolutiva e sua relação com os instintos causou alguns problemas para Darwin, pois com essa visão relativamente simples, Darwin teria que usar a seleção natural para explicar instintos que seriam difíceis de ser explicados como hábitos, como os amplamente documentados, instintos de alguns animais sociais, tais como as abelhas soldado, que instintivamente protegiam o ninho mesmo que isso lhes custasse a vida. Com ideia de seleção natural e de que os instintos que mais colaborassem para a adaptação e sobrevivência seriam os passados para a prole, os “instintos incríveis” documentados por Kirby & Spence em 1818 não poderiam ser continuamente passados para as abelhas.

Para tentar resolver o problema, na obra *The Descent of Man and its Relation to Sex*, Charles Darwin ocupa a terceira parte do seu livro em explicar como as faculdades morais surgiriam nos seres humanos e sociais, pois de acordo com ele esse seria o grande diferencial dessas espécies para os outros animais, a consciência moral acima até mesmo da razão. Darwin (1871, p.4) escreve que a diferença principal entre o humano e os animais mais baixos na cadeia evolutiva seria o *senso de moral*.

Alguns animais seriam sociais por essência, ou seja, seriam condicionados a conviver com outros de sua espécie, pois a associação com o bando aumentaria suas chances de sobrevivência. Por seleção natural e através do hábito herdado, esses animais sociais seriam dotados de instintos sociais conseguindo ter simpatia por seus pares. Os instintos sociais levariam os animais a apreciar associação com companheiros e procurar realizar tarefas em benefício dos semelhantes.

Esses instintos seriam mais fracos que o instinto de preservação, uma vez que perante uma escolha entre a sobrevivência e a manutenção da associação, seria provável que a sobrevivência guiasse as ações e decisões. Sua não satisfação poderia muitas vezes não implicar diretamente na extinção, por isso teria um caráter – ao contrário dos instintos principais – constante.

Instintos não satisfeitos causariam sensações de desagrado e desconforto. Os instintos sociais quando não satisfeitos seriam fonte dessas sensações nos seres. Mas pela sua natureza constante, o sentimento de desagrado causaria uma impressão vivida no indivíduo toda vez que fosse lembrado, tornando essa impressão mais forte até mesmo que os instintos necessários para a sobrevivência “É que muitos desejos instintivos, como o da fome, são, por sua natureza, de curta duração e depois de serem satisfeitos não são prontamente ou vividamente lembrados” (Darwin, 1874, p.99).

Assim que as faculdades mentais se tornassem mais desenvolvidas e a linguagem fosse adquirida, os desejos da comunidade sobre quais condutas seriam mais aceitáveis para manter o bem estar da maioria conseguiriam ser claramente expostos. O hábito, através das ações que visassem proceder de acordo com as condutas que mais representavam a continuação da vida de associação, fortaleceria a relação entre simpatia pelos pares e aprovação da maioria, culminando no momento em que as condutas aceitas pela maioria representariam a satisfação do instinto social e, portanto o senso moral e quais atos deveriam ser classificados como moralmente aceitáveis. De todos os animais, os seres humanos seriam os que mais conseguiriam evoluir nesse processo.

Em 1898, Albert Moll (1898, p. 214) discutiu a teoria do darwinismo em relação ao instinto sexual para argumentar sobre qual seria a natureza da heterossexualidade do instinto sexual, se seria uma característica inata e herdada, ou se primeiro teria se tornado um hábito adquirido e passado para os descendentes e principalmente, em que momento (e se existiria esse momento) em que o organismo decidisse se o instinto sexual de uma pessoa seria heterossexual ou, como o autor chamava, um instinto sexual invertido :

A direção heterossexual do instinto sexual é de fato uma propriedade que pertence a ambos os sexos, mas é claro que cada um à sua maneira, já que a direção do impulso sexual da fêmea é determinada pelos estímulos do homem, a do homem por aquele da fêmea. É este o instinto da fêmea para o macho e do macho para o fêmea, isto é, existe uma qualidade que pertence apenas a um sexo, de modo que a submissão de um único sexo a esse instinto que acabamos de discutir deve ser aceita como factual (Moll, 1898, p. 216).

Moll analisa a ideia de Darwin sobre os instintos passados como hábitos para as espécies, e se a heterossexualidade do instinto teria sido um hábito transformado em instinto e passado a todos os descendentes para chegar a conclusão de que seria impossível determinar se o instinto sexual heterossexual foi alguma vez adquirido durante a evolução e se a heterossexualidade já estaria presente em um sujeito desde o momento em que as gônadas foram formadas imediatamente desde a concepção. Sob quais condições ele apareceu pela primeira vez, nada poderia ser dito. Para Moll, o próprio Darwin teria recuado em dar uma explicação completamente satisfatória sobre a origem dos sentimentos e instintos, portanto explicações sobre a origem dos sentimentos sexuais na teoria de Moll também não poderiam ser explicadas com grandes certezas, apenas teorizadas como na concepção de Von Hartman sobre a mesma: “O adepto desse princípio principal do darwinismo terá que concluir sobre o desenvolvimento do instinto heterossexual como uma consequência necessária da seleção natural.” (Moll, 1898, p. 217).

Uma vez que Moll apresentou quais concepções ele estava usando para analisar o instinto sexual, ele escreveu (1898, p. 3) que utilizaria o conceito de Von Hartmann sobre o assunto – como atos que necessitariam ser praticados, mesmo quando o propósito do ato não estivesse totalmente consciente – e a teorização evolutiva de Darwin, da qual naquela época, era impossível de se escapar. Nesse ponto Moll fez a óbvia ressalva de que a consciência do ato não seria uma condição primordial para o ato, tanto que no instinto de procriação (que será visto posteriormente) a pessoa teria consciência de querer procriar. O que Moll pretendia com a definição de Hartmann era reafirmar que os instintos teriam em última instância a preservação da espécie, ainda que esse não fosse o pensamento na hora do ato, por isso a vontade não seria uma condição para a necessidade do instinto. O ato de comer, procriar e outros estariam na finalidade geral dos instintos, mas nem sempre ele estaria na consciência quando alguém se alimentasse ou fizesse sexo: Por exemplo, não poderíamos mais chamar o ato de comer simplesmente de fome quando descobrimos que estamos ficando vivos com isso (Moll, 1899, p. 7).

Uma vez definido o uso que a palavra instinto teria em sua obra, Moll apresenta definição de *instinto sexual* de acordo com o autor Hegar, como um instinto que se dividiria em

dois instintos: instinto de acasalamento (*Begattungstrieb*) e instinto de reprodução (*Fortpflanzungstrieb*) (Moll, 1898, p.4).

Essa divisão do instinto sexual em duas esferas distintas será fundamental para a compreensão da teoria de Albert Moll. É importante ressaltar que Hegar (1894), quando fez suas considerações, estava se referindo à reprodução não como o sexo com a finalidade maior de procriação e propagação da espécie, tal como Dawin apresenta para a teoria da evolução. O sentido de Fortpflanzung nesse contexto é a vontade de se ter descendentes, como uma vontade consciente de gerar filhos. No argumento do autor, a reprodução seria uma das consequências evolutivas da finalidade do instinto sexual: a procriação para a propagação da espécie, mas o instinto seria consciente nesse sentido, como uma ligação mental entre sexo e gravidez. Por isso o autor argumenta que esse instinto é muito comum em mulheres, que fazem sexo com o intuito de gerar um filho (Heger, 1894, p. 50-100). O que Moll e Krafft-Ebing, e aqui também Freud poderia ser incluído, estão argumentando é um pouco diferente. Ainda que Freud, pela sua noção de objeto sexual, admita que o instinto sexual pode ter finalidades diversas, em momento nenhum ele rompe com a ideia darwinista de que a propagação da espécie faz parte dos conceitos de evolução e seleção natural e que os instintos (bem como o sexual) tem um papel primordial de obedecer à seleção natural. Mas para os três autores o instinto sexual não traduziria de maneira consciente a noção mental exata da vontade de relação sexual como um meio para a reprodução. Ou seja, o instinto sexual em sua ação seria incapaz de impelir a noção de que o ato sexual deveria ser feito para que filhos fossem gerados. O instinto sexual causaria a necessidade da satisfação através de relações sexuais somente.

Heger coloca o seu instinto como um instinto que impelisse os homens à praticar o coito para essa finalidade específica do ato sexual. Ou seja, seria consciente para o humano que aquela vontade de sexo estava presente para se ter filhos, e só quando ocorresse a concepção esse instinto seria satisfeito.

Moll (1898, 1905, 1909) em vários momentos de suas obras sobre a sexualidade fala sobre as diversas razões pelas quais pessoas fariam sexo. Mas ele não subordina, ou até mesmo, compartimentaliza as ações, ou seja, o instinto sexual é o mesmo (ainda que dividido em dois processos diferentes), obedece e tem por finalidade a propagação das espécies, mas se limita somente a causar no homem a sensação de urgência sexual, pois em sua origem nos seres serviu à seleção natural como um dos meios para possibilitar a propagação da espécie. As razões pelas quais as pessoas fariam sexo, por sua vez, poderiam ser diversas e animar o instinto sexual,

mas ele seria independente delas. Não existiriam tipos diversos de instintos para tipos diversos de vontades.

Moll adaptou de Heger a ideia de o instinto sexual como uma única corrente de dois processos, mas diferente do primeiro autor, ambas as vertentes do instinto sexual só poderiam causar a vontade de praticar o coito ou de ter contato com o objeto para praticar o coito. Para Moll, seria possível afirmar a inexistência de um instinto de reprodução em sua forma mais simples nos seres humanos, tal como esse instinto foi descrito anteriormente. Nos seres humanos apenas as relações do que está entre e a vontade animada pelo instinto sexual e a prática da realização sexual estariam envoltas por todo um jogo mental mais elaborado, que começaria com a complexa seleção de um parceiro – por fatores que envolveriam escolhas mentais e físicas da outra pessoa – até a consumação do ato em si. Moll admitia que o ato sexual realizado unicamente com a finalidade de satisfazer o desejo de ter um filho poderia existir – e concorda com Heger ao afirmar que essas vontades são mais proeminentes para as mulheres. Mas mesmo que uma pessoa tivesse vontade de ser mãe ou pai e fizesse sexo com o objetivo de engravidar, existiria em jogo um processo mental de julgamento e consideração sobre a idealização da vida como pai ou mãe. Todas essas cadeias de pensamento tornariam impossível que desejos pessoais de ter um filho pudessem ser caracterizados na definição geral de instinto sexual e na finalidade natural da propagação. O mesmo aconteceria quando pessoas fizessem sexo por dinheiro, para ter prazer, para se conectar emocionalmente com o cônjuge – todas seriam razões morais e mentais que exigiria um processo mental profundo para fazer sexo, mas nenhuma seria um instinto biológico.

O instinto de acasalamento descrito por Heger, para Moll seria o instinto a existir no ser humano, pois ele mesmo representaria o instinto sexual. Compreenderia a vontade de procurar um parceiro, a necessidade física do ato sexual e, por fim, a consumação da finalidade: a propagação das espécies. Então, o instinto de acasalamento, seria, na verdade, a combinação de dois processos muito diferentes, que por ocorrerem em conjunto seriam observados como um único instinto, o instinto sexual. Moll usa instinto de acasalamento na definição de Heger como sinônimo de instinto sexual.

A junção dos dois processos que compõe o instinto sexual será chamada por Moll de Libido Sexualis. O termo libido consistia em um termo antigo do latim. O uso da palavra libido e de seus radicais *libid e libidine* é antigo no latim. Lopes (2011, p.26) traça o uso do termo desde o poeta Catulo (84 aC- 54 aC), em contextos que falavam de desejos e atrações físicas mútuas. O termo passou pela idade média e antiguidade, ganhando contornos ora

positivos, ora negativos, mas sempre ligados às esferas do erotismo e sexualidade. Moll utiliza essa denominação para instinto sexual junto à outros termos latinos na obra. A Libido sexual não denomina uma energia, estado psíquico ou um conceito mais misterioso ou complexo e também foi usada como sinônimo para instinto sexual.

O primeiro processo do instinto sexual consistiria em reações mecânicas nos órgãos genitais, a satisfação desse processo seria a ejaculação masculina. Devido ao ato mecânico da ejaculação envolver a ereção, o aumento de tamanho do pênis, o pênis cheio do liquido seminal, o esperma expelido e por fim o pênis retornando ao tamanho normal, esse processo seria chamado de *instinto de detumescência* (Detumoscentztrieb) (Moll, 1898, p.10).

Moll dedicou um pequeno paragrafo a explicar a escolha dessa nomenclatura. A função da ejaculação seria relevante apenas no sexo masculino. Algumas mulheres, em momentos de extrema excitação sexual, poderiam expelir quantidades consideráveis de secreções da vagina durante o ápice do ato sexual, mas como essas secreções não teriam nenhuma função reprodutiva e nem seriam necessárias para uma sensação de plenitude após o ato sexual, a “ejaculação” feminina não teria nenhum papel como processo físico do instinto sexual. Mas mesmo assim, a nomenclatura instinto de detumescência também poderia ser aplicada às mulheres, pois durante o orgasmo feminino o clitóris aumentaria de tamanho, retornando ao tamanho normal depois do êxtase, em um processo análogo ao aumento de tamanho do pênis durante a ereção.

O segundo processo, *instinto de estimulação* (*Kontrektationstrieb*) teria conotações mais psicológicas, que abarcaria a ideia de sentir atração por uma pessoa como ideal de amor e a excitação em tocar, beijar, acariciar o objeto de amor para então manter relações sexuais (Simanke, 2016,p.)

Ambos os processos são o que Albert Moll vai chamar de *Libido Sexualis*, a saber a completude do instinto sexual nos humanos, presente e ativo em todos os seres humanos desde o início da vida.

Como o próprio Moll aponta em sua teoria, a ideia da libido sexualis foi construída pela influencia da ideia de Max Dessoir (1894).

Dessoir (1894, p. 941) apresentou a vida sexual em três fases distintas. A primeira fase seria a da neutralidade sexual, na qual a criança não estaria atraída amorosamente por nada ou ninguém. A próxima fase foi nomeada por ele de *undifferenziertes Geschlechtsgefühl*, instinto sexual indiferenciado. Essa fase apareceria entre os 13 aos 15 anos em meninos e meninas– a idade apresentada geralmente pelos teóricos da época como o padrão para o início

da puberdade. As crianças nos anos iniciais da puberdade, não mostrariam uma orientação sexual clara, ou seja, não seriam nem heterossexuais nem homossexuais. Poderiam até se interessar sexualmente por animais ou mostrar outras orientações perversas. Essa fase seria seguida por uma fase em que a orientação sexual se tornaria diferenciada e natural (atração sexual pelo sexo posto), ou caso alguma degeneração estivesse presente, pervertida. Ressalta-se que na teoria que Dessoir apresentou, as tendências perversas da sexualidade indiferenciada como perversidade ou perversão, tal qual eram entendidas por Krafft-Ebing, existiriam mas sem que elas fossem perversões ou perversidade no contexto de indiferenciação. O desejo sexual indiferenciado seria perverso por definição, mas seria uma manifestação natural dentro do contexto de que seria normal acontecer com todos os seres humanos. Esse assunto será retomado posteriormente com mais detalhes.

Para Moll(1908, p. 11), o instinto de detumescência e o instinto de estimulação, na maioria dos casos, aconteceria em conjunto no ser humano. E assim ambos os instintos representariam a própria relação sexual: primeiro a estimulação, a visão e o toque da pessoa amada que levaria o órgão sexual ao estado de tumescência e pela relação sexual, o orgasmo que retornaria o órgão sexual ao estado de tumescência.

Mas como os dois instintos seriam independentes, eles poderiam ocorrer separadamente na mesma pessoa. Os instintos na verdade, também estariam em desenvolvimento na pessoa. Nas crianças seria mais observável a diferenciação dos instintos e a medida que elas iam crescendo e se desenvolvendo como seres humanos a libido sexual seria composta. Mas seria possível que os instintos ocorressem em uma pessoa adulta separadamente.

Alguns atos sexuais da vida humana seriam fenômenos desses instintos, como por exemplo, a masturbação solitária. Apesar de na masturbação a ideia de outra pessoa estar muitas vezes envolvida não seriam necessários o toque da outra pessoa e ser tocado por outra pessoa para que o processo de excitação e a tumescência dos órgãos ocorresse (Moll, 1898, p. 13).

Já o instinto de estimulação seria mais raro ainda de ocorrer de maneira independente nos adultos – pois os mesmo teria completamente formada a ideia do coito sexual – mas não impossível. Ainda assim o principal fenômeno do instinto de estimulação independente seriam os amores pueris da infância, no qual os adolescentes poderiam amar alguém, querer tocar ou beijar essa pessoa e ainda assim nenhum efeito físico ocorrer nos genitais do enamorado:

Notaremos às vezes que um garotinho, talvez com sete anos de idade ou até mais jovem, quer se afastar da sociedade de outros garotos e quer buscar a companhia de algum outro indivíduo, por exemplo de uma amiga de sua irmã, geralmente da mesma idade. Fenômenos semelhantes ocorrem em meninas (Moll, 1912, p. 161).

Moll (1898, p. 13) afirmava que existiria uma diferença para a ocorrência dos instintos entre os sexos. O instinto de detumescência seria muito mais frequente no sexo masculino, e o instinto de estimulação muito mais frequente no sexo feminino. Moll, obviamente está partindo da mesma concepção de Krafft-Ebing, de que o sexo feminino ainda seria muito desconhecido pelos médicos para ser tomado como exemplo, por isso a centralidade dessas teorias era o sexo masculino. As mulheres, graças aos relatos do cio nas fêmeas e na concepção de um maior desenvolvimento da vergonha, eram vistas pelos psiquiatras como um sexo que naturalmente apresentava um instinto sexual mais fraco e espaçado que o dos homens. Ressalta-se também que apesar de as mulheres não terem o pênis, órgão para o qual Moll pensou a teoria do instinto de detumescência, o autor considera que a sua conceituação equivale para mulheres, pois elas também teriam com a excitação sexual um aumento do clitóris e movimentação no canal vaginal.

Com a entrada na vida adulta, o ato sexual passaria a envolver estímulos físicos e mentais. Mas seria possível que um desses instintos estivesse mais forte que o outro durante a preparação para o ato sexual, ou seja, homens e mulheres poderiam sentir excitação puramente corporal para o coito mesmo que com pessoas consideradas desagradáveis, ou poderiam conseguir se excitar para o sexo com uma pessoa considerada desagradável caso pensassem em alguma pessoa mais agradável os instintos sempre seriam independentes, mesmo que trabalhassem em conjunto.

No livro sobre a Libido Sexualis de 1897, Moll começou a sedimentar a sua teoria sobre a sexualidade infantil. Os dois livros compartilham ideias muito próximas, por isso nessa tese serão apresentados em conjuntos. Já em 1897, Moll começou a criticar a concepção – dentro da qual estava Krafft-Ebing – da periodicidade do instinto sexual.

A partir da conceituação sobre a libido sexual, principalmente na presença de ambos os instintos desde a infância, fica claro que na teoria de Moll é impossível pensar em periodicidade do instinto sexual. Sendo assim, crianças e idosos teriam o instinto sexual operante, apenas qualitativamente menos eficaz, nos dois extremos da vida.

Essa representa uma mudança para os pensamentos anteriores sobre instinto sexual. Na verdade, ainda em autores como Kaan e Krafft-Ebing o instinto sexual nunca está totalmente

ausente. É mais proveitoso pensar que nesses teóricos o instinto sexual fica latente e inoperante durante a infância, encontra seu pico de atividade durante a puberdade e vai gradativamente diminuindo até voltar ao estado de latência e inoperância durante a velhice. A hipótese assumida nessa tese é a de que a periodicidade do instinto tem raízes nas ideias darwinistas sobre propagação da espécie e, principalmente, a ideia da finalidade do instinto sexual: a cópula para reprodução. Os psiquiatras que escreviam sobre a teoria sexual, posteriores à Moll e Freud (com exceção de Hirschfeld) tinham linhas bem definidas para a finalidade do instinto sexual e pregavam a latência do mesmo em momentos em que seria mais complicado para o corpo gerar descendentes.

No caso de Moll, ele assume que, biologicamente, a finalidade do instinto sexual é a propagação da espécie. Mas a psicologia mais refinada dos humanos permitiria outros caminhos para o instinto sexual além da finalidade. Sendo assim, seria possível a presença do instinto, ainda incompleto e fragmentado – e quase incapaz de gerar descendentes – durante os períodos da infância e velhice. Então com o conceito de Libido Sexualis, Moll cria uma teoria que admite que o instinto sexual tenha um papel desde o início da vida humana. O momento dessa admissão sobre a sexualidade infantil foi, como apresentado anteriormente, um grande ponto de disputa entre Moll e Freud. É interessante ressaltar que os historiadores citados aqui como fontes secundárias não falam em momento nenhum que estava sendo disputada a “descoberta” – aqui entendida como a descoberta de algo que então não existia ou não era discutido – da sexualidade infantil, pois o tema era recorrente na literatura psiquiátrica (Simanke, 2016, p.160). Como aponta Siguschi (2012) pelo menos desde 1905, Freud e Moll estariam em disputa pública devido à questão da prioridade das ideias apresentadas pelos dois em suas teorias. Moll teria ficado magoado porque acreditava que Freud teria retirado a ideia da sexualidade infantil de seus próprios trabalhos e do trabalho de Dessoir. Freud, por sua vez, estaria convencido de que Moll havia plagiado seus *Três Ensaio*s na obra *Das Sexualleben des Kindes*. O fato de Freud, na opinião de Moll, não ser muito claro ao admitir publicamente que a ideia de libido sexual havia sido retirada de seu livro de 1898, também teria contribuído para que os dois médicos fossem inimigos por toda a vida.

Portanto, o sentido da disputa entre Moll e Freud era menos sobre descobertas e mais sobre a teorização da sexualidade infantil, pois ambos se consideravam os autores a apresentar, pela primeira vez, a sexualidade infantil como uma teria do desenvolvimento de um componente natural e necessário da vida sexual humana. .

Anteriormente à querela entre Moll e Freud, Sauerteig (2012, p.160) aponta que até mesmo antes do século XVIII a criança, como resultado do pecado original, era vista (até mesmo pela literatura médica da época) como uma pequena criatura maldosa, pervertida e naturalmente corrompida. Na segunda metade do século XVIII, Sauerteig (2012, p. 161) aponta que, de maneira abrupta, médicos e a sociedade teriam mudado completamente essa maneira de apresentar a infância. A abordagem diferente sobre a visão da criança começaria na França, com figuras como o filósofo e pedagogo Jean-Jacques Rousseau e o filósofo, teólogo poeta alemão Johann Gottfried. Ambos os autores sugeriam uma compreensão que reconheceria a criança como um ser com suas próprias peculiaridades e como categoricamente distinta do adulto (Sauerteig, 2012; Siguschi, 2012).

Rousseau, cujo romance educativo *Émile* se tornou um guia pedagógico prático e amplamente lido no final do século XVIII em toda a Europa, rejeitou a idéia do pecado original da criança. O filósofo argumentou que, como as crianças seriam inocentes em sua natureza, elas também seriam inocentes sobre o ato sexual. Crianças seriam incapazes de simbolizar as noções de vergonha e do sexo, pois um sentimento de vergonha procederia apenas do conhecimento do mal, e como as crianças naturalmente não teriam esses conhecimentos, elas não poderiam mostrar seus efeitos (Rousseau, 1848). Rousseau, então, baseou sua argumentação no perigo de introduzir qualquer noção sobre sexualidade e acordar a curiosidade das crianças para o tema antes da hora. A educação que cuidadores dispensavam para as crianças deveria estar atenta para que esses assuntos se mantivessem o mais longe possível do mundo infantil.

A partir de ideias como as de Rousseau, o discurso médico, ao esmiuçar as etapas da sexualidade e vida biológica humana, debruçou o olhar sobre a vida física e psíquica infantil, mas, dentro desse contexto da criança vista como um ser angelical adotado pelos teóricos do século, os primeiros estudos sobre a sexualidade infantil contemplavam as manifestações sexuais em crianças como patologias sexuais ou degenerações morais (Sauerteig, 2012, p.161). O pensamento de autores como Krafft-Ebing, no qual a sexualidade infantil basicamente inexistia era comum ainda no século XIX que os primeiros textos mais reconhecidos a abordarem as manifestações da sexualidade na infância, geralmente, começavam por descrever comportamentos encarados como anormais, entre eles, e principalmente, a masturbação.

Em 1879, quando o psiquiatra Samuel Lindner publicou um artigo intitulado *Das Saugen an den Fingern, Lippen etc. bei den Kindern (Ludeln): Eine Studie*. Essa teria sido, de acordo com Sauerteig (2012), a primeira menção em um periódico médico sobre sensações sexuais em crianças pequenas e bebês.

Lindner argumentava sobre o comportamento muito comum – que ele havia observado cientificamente e por isso afirmava ser muito comum – entre as crianças, principalmente as mais novas, de sugar dedos e lábios. Essa sucção, por ele chamada de *Ludeln*, poderia levar a sentimentos muito intensos e luxuriosos, até mesmo de excitação física, especialmente quando a criança tocava simultaneamente nos genitais (Lindner, 1934, p.). A amostra do estudo do psiquiatra contava com apenas quatro desses casos, de crianças entre um ano e uma menina e seis anos, mas suas conclusões se tornaram referência para autores subsequentes nos estudos sobre comportamentos sexuais infantis, pois apresentava a ideia de que a criança poderia procurar gratificação corporal tocando seus genitais (Saurteig, 2012, p. 162).

Em 1985, Wilhelm Stekel publicou um artigo *Ueber Coitus im Kindesalter: Eine hygienische Studie*, no qual analisava os sentimentos lascivos presentes em crianças pequenas ao tocar os próprios genitais ou ver os genitais de outras pessoas. Stekel atribuiu os sentimentos sexuais emergentes ao instinto humano e os compreendeu como resultado de se masturbar desde cedo.

Dois pontos precisam ser esclarecidos aqui. Em primeiro lugar, o foco permanecia nas ocorrências de manifestações sexuais isoladas ou ligadas à um contexto mecânico de excitação física, como se a sensação do corpo fosse anterior ao próprio instinto sexual. Sendo assim, as sensações de luxúria seriam provenientes dos toques corporais como hábito que acabou se revelando fisicamente agradável ou como respostas para aplicar irritações cutâneas que também se revelaram fisicamente agradáveis. Em segundo lugar, os autores até mais ou menos 1896 ainda continuavam relacionando as manifestações sexuais infantis mais complexas com ocorrências anormais, por exemplo, a masturbação. Apesar de admitir que essas ocorrências não seriam incomuns e que as crianças experimentaríamos sensações prazerosas ao se tocar, nenhum dos autores ainda teria construído uma teorização sobre a naturalidade da sexualidade infantil. Com a publicação do livro *Libido Sexualis*, por Albert Moll, marcaria a primeira sistematização teórica completa sobre a presença do instinto sexual na infância (Mahele, 2012; Oosterhuis, 2000, Saurteig, 2012; Siguschi, 2012, Simanke, 2016)⁴⁹.

⁴⁹ Durante anos posteriores a esse parágrafo, exatamente no segundo semestre do ano de 2018, a pesquisa chegou à obra de Fleiss (1897). Esse texto vai ser abordado com alguns detalhes na parte correspondente à Freud. O importante para justificar essa nota de rodapé é que nesse texto, Fleiss escreveu sobre a presença de energia sexual em bebês para se ligar à ideia de ciclos masculinos e femininos. Então, a conclusão que a pesquisa feita para a tese chegou é que entre a rivalidade de Moll e Freud, na verdade Fleiss já havia apresentado um esquema sobre a naturalidade do instinto sexual na infância posteriormente à 1898 e 1905, sendo assim o um registro anterior da sexualidade infantil como algo natural antes dos dois autores que disputavam essa posição. Por Massom (1985)

Ao assumir, em 1898, que a libido seria a união de dois instintos naturais para a formação do instinto sexual, e que esses instintos estariam presentes desde a constituição do sujeito, Albert Moll criou um argumento que conceitualmente teria que ser levado à admissão de um instinto sexual natural presente desde a infância.

Moll (1909, p. 4-6) afirmou que o seu método de estudo da sexualidade infantil envolvia a observação de seus pacientes, de experimentos e das histórias contadas pelos próprios pacientes. Os três métodos, quando separados, seriam problemáticos. A única possibilidade de experiência fornecida seria comparar o desenvolvimento de crianças castradas em comparação a crianças normais. A observação seria limitada pelas questões éticas. E as experiências próprias seriam um terreno complicado, pois muitos fatores externos tais como memória e timidez, poderiam impedir as crianças de fornecer relatos completos e totalmente verdadeiros. O que o autor pretende oferecer para a construção de seu livro é uma correlação entre esses três métodos a partir de sua experiência como psiquiatra. Além de diários e memórias de outros autores e também das teorias de outros colegas médicos sobre o assunto.

Moll separou a infância em dois períodos distintos, a fim de localizar melhor os fenômenos dos instintos de estimulação e de detumescência ao longo da infância. O autor considerava a infância o período do primeiro ano de vida até os 15 anos. O primeiro período seria do primeiro ano de vida até sétimo, e o segundo dos oito anos até os quatorze. Crianças muito novas seriam as crianças na primeira etapa do primeiro período da infância, dos primeiros meses até os quatro anos de idade.

Moll (1898, p. 44) argumentava que, de fato, o instinto de detumescência era percebido desde muito cedo na infância, mas o que tornava teorias como a da periodicidade do instinto sexual populares, era o fato de que apesar da estimulação dos órgãos genitais e excitação genital a intenção sexual desses fenômenos estaria inexistente. Por isso o autor tentava demonstrar que o instinto de estimulação, e com ele a intenção de se juntar à uma pessoa de interesse – já seriam perceptíveis muito antes da puberdade:

Assim como nos humanos e que também parece ser o caso dos animais superiores, os jogos de amor são às vezes observados muito antes da puberdade física, de modo que, mesmo em animais, o instinto de estimulação parece estar presente mesmo antes do instinto de detumescência acontecer. Acredito que essas observações são

sabe-se que Freud teve acesso a esse manuscrito em meados de 1896, e a outro no qual Fleiss esquematizaria a bissexualidade (e que não chegou a ser publicado). Freud chega a citar a ideia dos ciclos masculinos e femininos nesses manuscritos em cartas para Fleiss que serão vistas aqui posteriormente. Essa obra de Fleiss saiu no mesmo ano que a publicação da *Libido Sexualis* de Moll. A pesquisa não conseguiu levantar informações sobre a data exata que o primeiro manuscrito da *Libido Sexualis* ficou pronto e se Moll poderia ter tido algum acesso ao manuscrito de Fleiss, por isso esse parágrafo vai ser mantido.

imensamente importantes no mundo animal para destruir a crença de que a puberdade física é uma pré-condição para o afeto sexual dos sexos; em vez disso, como já foi mencionado várias vezes, em vários casos, o elemento psíquico se desenvolve muito antes da puberdade física (Moll, 1898, p. 44).

Moll (1898, p.54) não acreditava existir uma ordem para que os instintos aparecessem pela primeira vez em uma pessoa, ou ainda que existiria uma intensidade maior ou menor de algum dos dois instintos comum a todas as crianças. Essas características do instinto sexual seriam variáveis e dependeriam da constituição física e psíquica de cada sujeito, além do contexto social no qual eles estavam inseridos.

Moll acreditava que era difícil distinguir quais relações sociais das sexuais em sujeitos em um estágio anterior à puberdade. Mas ainda assim algumas situações era possível discernir com facilidade o que era sexual e o que era fraterno ou social nas atitudes da criança. Existiriam relações sociais antes ou depois da puberdade, que seriam muito íntimas e, especialmente na infância, superariam em muito as sexuais; para Moll a mais poderosa delas seria o amor da criança pelos pais. Era verdade que existiriam toques carniais nas relações de alguns pais com seus filhos, e que a criança atpe demonstraria certo desejo de beijar ou tocar a mãe ou o pai. Era fato também que tais relações também poderiam levar à casos de ciúmes, já que uma criança poderia ficar com ciúmes se a mãe estiver mais preocupada com outra criança ou se for negligenciada pelos progenitores. No entanto o autor acreditava que o amor da criança pelos pais seria bem diferente do amor sexual de uma criança por outro indivíduo: “O modo e o modo pelo qual o pensamento da criança é governado pelo indivíduo objeto de amor indicariam diferenças claras, embora eu admita que às vezes as fronteiras poderiam ser forçadas” (Moll, 1898, p. 55).

Entre o livro da *Libido Sexualis* do qual essa referência foi tirada e o livro de 1908 sobre a sexualidade infantil, Moll repete essas mesmas palavras, reafirmando que apesar de ser difícil para alguns profissionais distinguir um carinho muito grande demonstrado fisicamente pela criança de um ato sexual, era impossível, em condições naturais, que o amor da criança pelos progenitores fosse sexual. O ciúme que a criança sentia pelos genitores era o mesmo que ela em sua condição ainda egoísta sentiria dos irmãozinhos com outras crianças, da governanta ou do animal de estimação. Esses sentimentos teriam mais a ver com a noção de apego, necessidade e simpatia que com a vida sexual. Inferir o ciúme da criança ao ver pessoas que fazem parte do convívio íntimo dela dando atenção à outra criança seria tão plausível quanto inferir que o ciúme que um cachorro sente de seu dono com outro animal tivesse natureza sexual (Moll, 1912, p. 175).

Igualmente difícil também seria distinguir as manifestações do instinto de detumescencia. Um exemplo disso eram parte das ereções matutinas, cuja causa precisa ainda não estaria determinada em crianças no início da segunda infância. Elas seriam geralmente referidas a distensão da bexiga, que poderia levar à distensão dos corpos cavernosos do pênis. Seria assim certo afirmar que pelo menos ereções matinais não seriam causadas por pensamentos sexuais podendo então ocorrer em crianças ainda na primeira infância. Essa mesma distinção deveria ser feita entre o herpes progenitalis, cuja característica seria a sua localização nos órgãos genitais e que causaria coceira e assim o touce da criança nos próprios genitais. Nada teria a ver com sensações sexuais ou com o herpes sexual, que seria diretamente dependente dos processos sexuais.

A criança que prendesse a urina poderia também experimentar uma ereção, no caso dos meninos, e o ato de apertar a vagina entre as pernas, no caso das meninas. Novamente, os pais não deveriam ficar alarmados, pois essa atitude poderia acontecer em crianças muito pequenas e nada teria com sensações sexuais.

Entre as crianças ainda lactantes, Moll argumentava que seria normal que elas chupassem os dedinhos das mãos e dos pés, puxassem as orelhas ou fizessem movimentos de chupar com as bocas. A própria curiosidade infantil seria a encarregada, pois assim que a criança comessace a tomar consciencia de seu corpo e das varias partes dele, ela começaria a explorar essas novas partes com os dedos e a boca. O mesmo valeria para crianças que roiam as unhas, nada de sexual poderia ser compreendido desse ato.

Moll era igualmente contra a ideia de que os movimentos de sucção, tais como a amamentação fossem movimentos de natureza sexual. Moll (1909, p. 172) fez outra crítica a Freud, pois o psicanalista teria visto atos sexuais em vários comportamentos de crianças muito novas que simplesmente não existiriam e considerado lábios e dedos de crianças como zonas erógenas. Para Moll se essas fossem as condições e fatos para Freud diagnosticar atos sexuais, médicos seriam obrigados a acreditar que até o cerrar dos pulsos de uma criança tinha algo de sexual.

Na mesma página Moll critica também o artigo de Lindner, dizendo que todos os comportamentos de sucção e fricção que ele observou nos bebês foram extremamente bem descritos, mas que o autor não teria apresentado nenhuma prova de que aqueles comportamentos eram de natureza sexual:

Pode acontecer que a criança pare de esfregar os órgãos genitais assim que a sucção for interferida com; ou, inversamente, a sucção pode cessar assim que retiramos as mãos da criança de seus órgãos genitais. Mas, mesmo nesses casos, o atrito dos órgãos genitais não possui um caráter sexual particular, já que o atrito do lóbulo da orelha

ou de outra parte do corpo é um ato equivalente. Mas certamente não está claro a íntima conexão entre o ato de sugar e a vida sexual (Moll, 1909, p. 172).

Moll preferia seguir a mesma linha de raciocínio que Rholleder, que acreditava que caso as sucções ou toques no corpo fossem muito frequentes, seria mais fácil que a criança tivesse alguma predisposição móbrida que deveria ser observada pelos pais.

Por último, entre os casos de distinção entre manifestações sexuais e não sexuais, Moll alertava que outras exceções deveriam ser feitas quando os comportamentos da criança fossem por simples imitação de comportamentos que eles viam em adultos, como seriam mitos dos casos das brincadeiras de casinha, mamãe e filinha e casamento. As crianças não teriam nenhuma motivação sexual ao representar esses papéis e estariam apenas repetindo situações corriqueiras que elas presenciavam em casa.

Para Moll a maneira mais segura de saber quando uma ação infantil seria resultado da libido sexual seria observando o desenvolvimento subsequente do ato, ou seja, observar se o menino teria uma ereção ao abraçar uma coleguinha, se a menina tenta abraçar um adulto de maneira mais vigorosa e violenta.

Moll parte da ideia de que a sexualidade estaria presente na infância pela própria constituição corporal de crianças, que seria a mesma dos adultos, no sentido que a criança tem todos os órgãos sexuais que elas apresentarão quando adultos, mas não completamente desenvolvidos para a reprodução. A principal diferença que marcaria a distinção da sexualidade infantil para a adulta seria a presença do esperma nos adolescentes e adultos, e da menstruação nas mulheres.

Crianças desde muito novas experimentaríamos sensações sexuais, principalmente porque o instinto de detumescência poderia ser, desde muito cedo, a única manifestação do instinto sexual nas crianças. Isso porque muitas vezes, crianças sentiriam sensações físicas de irritação da pele ou ainda, alguma excitação física com os toques e cuidados dos adultos. Moll (1912, p. 29) afirmava que essas primeiras excitações seriam totalmente consequências do instinto de detumescência porque não existiria, em crianças muito novas, a ideia de um objeto alvo da sexualidade, nem a ideia de estar com uma pessoa, de querer toca-la e beija-la. A excitação seria completamente física e o ato de estimular manualmente os genitais também não poderia ser considerado o fenômeno da masturbação, pois assim como a excitação seria mecânico sem nenhum tipo de ideia de um objeto sexual ou da ideia de coito. Muitas vezes o ato de estimulação dos genitais seria acidental, pois durante o estímulo a criança descobriria que tocar os órgãos reprodutores causaria um alívio na excitação e uma sensação agradável.

Crianças do sexo masculino e feminino teriam o aparelho reprodutor diferente entre si. As características sexuais primárias – para Moll, os órgãos sexuais – obviamente seriam indiferenciadas desde a concepção do feto, mas as características sexuais secundárias seriam, na primeira infância, praticamente indiferenciadas. Bebês meninos ou bebês meninas teriam atividades, interesses e necessitariam de cuidados muito similares entre si, além da aparência física, que nos primeiros anos seria praticamente a mesma, salvo os órgãos reprodutores.

Moll advogava, assim como Krafft-Ebing, de que o desejo sexual nas mulheres seria mais específico que nos homens, portanto o instinto de estimulação seria muito forte na Libido sexual das mulheres. Nos homens o instinto de detumescência teria mais facilidade de operar, mesmo em situações perigosas ou desagradáveis. As mulheres necessitariam de mais estímulos, mentais e corporais que os homens para se preparar e realizar o ato sexual e os estímulos mentais seriam tradicionalmente mais necessários e aflorados na vida sexual das mulheres. Mas devido a pouca diferenciação entre as características sexuais secundárias nas crianças na primeira infância, meninos e meninas muito jovens seriam capazes de tocar os genitais em razão das estimulações mecânicas na mesma frequência, enquanto que na vida adulta, a masturbação (estimulação manual dos órgãos sexuais como consequência de excitações físicas e mentais) seria muito mais frequente nos homens.

Quanto aos estímulos mentais da excitação sexual, Moll (1912, p. 38) assegurava que – apesar da indefinição das autoridades médicas sobre estímulos sexuais mentais no bebê – também seriam praticamente indiferenciados na primeira infância e seu papel na vida sexual seria mais proeminente na medida em que as crianças fossem chegando à segunda infância e as características secundárias fossem ficando mais diferenciadas entre o sexo feminino e o masculino.

Ainda assim, para o autor era difícil traçar as diferenças das características mentais da excitação sexual porque era difícil definir se as diferenças entre as características secundárias psíquicas nos sexos seriam aprendidas pela educação social ou se seriam inatas. A disputa entre os médicos da época era se essas características foram, primeiro, aprendidas por educação e gradualmente, pela herança monossexual da espécie humana elas foram se tornando inatas ou se essas características desde a evolução da espécie humana foram primeiramente inatas e depois desenvolvidas pela educação, ou ainda se todas essas características foram sempre educacionais na sociedade sem nenhum inatismo.

Moll (1912,p. 42) acreditava que essas características seriam inatas e eu a educação teria um papel secundário, o que casava com sua teoria sobre a sexualidade infantil, uma vez

que ele pregava que o instinto sexual, mesmo apresentando o mesmo processo de união e tendo mesma função em homens e mulheres, teria diferenças qualitativas e de intensidade entre um sexo e o outro:

Acredito que estamos justificados em afirmar que, no momento atual, a diferenciação sexual manifesta em relação a um grande número de qualidades psíquicas é o resultado da herança direta. Seria completamente errado supor que todas essas diferenças surjam em cada indivíduo em consequência da educação. De fato, parece-me verdade que as tendências herdadas podem ser aumentadas ou diminuídas pela educação individual; e, além disso, que quando a tendência herdada não é muito poderosa, pode até ser suprimida pela educação (Moll, 1912 p. 42).

Assim como um grande número de psiquiatras do século XIX, Moll justifica essas ideias a partir das diferenças entre o ciclo sexual e o papel sexual de algumas classes de animais. Essa diferenciação explicaria também a tendência dos papéis sociais e interesses entre meninos e meninas. Moll usava o exemplo da associação entre estruturas e função. O médico usa o exemplo das estruturas musculares: uma vez que já havia sido provado que indivíduos do sexo masculino têm naturalmente – e na maioria das espécies – uma constituição física mais forte e endurecida que a das mulheres, era natural para o humano do sexo masculino escolher papéis sociais que se adaptassem à sua constituição física mais musculosa, como por exemplo, esportes de contato e lutas. E isso se aplicaria a outros papéis sociais que sempre seriam moldados de maneira a adequar as tendências biológicas e orgânicas da diferença entre os sexos. O autor procedeu essa argumentação criticando os defensores mais radicais dos direitos femininos, que advogavam que esses papéis sociais seriam total fruto da educação e que a educação conseguiria moldar uma subversão muito grande nos papéis sociais conhecidos e que a Vontade seria capaz de moldar outros tipos de papéis sociais. Ainda assim Moll não negava que era possível que com uma educação diferente alguns papéis sociais poderiam (e deveriam) ser compartilhados por ambos os sexos, mas que seria impossível suplantar as tendências inatas (Moll, 1912, p. 44).

Ao analisar essa explicação de Moll fica claro porque o autor seguiu até o fim de seus estudos considerando a existência das psicopatias sexuais como perversões do instinto sexual. Mesmo que o autor, como será visto posteriormente, acreditasse em uma etapa diferenciada do instinto sexual em homens e mulheres, e que nessa fase muitas outras coisas pudessem ser tomadas como objeto sexual, a tendência inata dos seres humanos seria assumir que na vida adulta o instinto sexual normal seria dirigido para o sexo oposto. Nenhum tipo de fator social ou externo poderia mudar esse fato. Sendo assim, um instinto sexual que não fosse

dirigido para o sexo oposto seria pervertido em seu objeto. Caso essa perversão do instinto fosse uma consequência de patologias e degenerações, ter-se-ia então a perversão sexual.

Após essa conceituação sobre diferenças entre os sexos, Moll continuou sua teoria da sexualidade infantil explicando o conceito de sensação voluptuosa. Moll acreditava, a partir do estudo dos livros de Paolo Zacchia (1726), que a *potentia coeundi* apareceria no sujeito muito antes da *potentia generandi*, por isso mesmo que o sujeito ainda não pudesse se reproduzir, ele já estaria apto ao coito.

Como esclarecimento, essa ideia não é muito diferente das ideias que Kaan, Krafft-Ebing ou até mesmo Maudsley tinham sobre o instinto sexual. A capacidade de praticar o coito aconteceria antes da capacidade de se reproduzir. A conclusão dessa tese sobre a não consideração da sexualidade infantil em autores como Krafft-Ebing é justamente que ele não acreditava ser possível que a criança tivesse a sensação voluptuosa sobre a qual Moll discorreu. Para Krafft-Ebing as excitações e estimulações manuais dos órgãos genitais – que ele reconhecia como presente em crianças pequenas – seriam respostas mecânicas. Krafft-Ebing (1886, p. 4) entendia o instinto sexual como um instinto unificado e que apareceria na puberdade como coisa mecânica e mental. Na teoria dele as ideias mentais do que era a relação sexual ou da vontade de praticar o ato sexual com alguém seriam impossíveis nas crianças porque elas não teriam a capacidade de agir com volúpia, poderiam apenas responder à sensações corporais sem nenhum tipo de realização até sobre o que significava aquele prazer que estava sendo sentido. Para o autor austríaco a educação entraria em jogo para que os pais coibissem as crianças a ter contato com coisas sexuais ou a se masturbar, para evitar perversidades e perversões.

Por isso também se diz aqui que Krafft-Ebing não tinha uma ideia de sexualidade infantil e que ele acreditava que o instinto sexual ficaria adormecido até certa idade. Mesmo que ele admitisse que as crianças pequenas se estimulavam ou tinham amiguinhos especiais, podendo simular beijinhos ou namoro, para ele não existiria a ideia mental de volúpia, a criança continuava alienada sobre amor e sexualidade. Essa ideia, por outro lado, está completamente presente nas teorias de Freud e Moll. Em ambos os autores as crianças são descritas – ainda que inconscientemente ou não completamente desenvolvidas – como seres com ideais do que seria amar alguém, desejar aquela pessoa para si, ter ciúme de qualquer outro que pudesse ameaçar a felicidade ao lado do objeto de amor.

Voltando à teoria de Moll, o autor não informa um conceito fechado para sensação voluptuosa. É mais proveitoso pensar que ele não estava falando de uma sensação como o frio

e calor, mas uma sensação que transcende o corpo, pois seria também sentida no corpo, mas entendida ao mesmo tempo como se fosse uma realização mental, um entendimento.

Mesmo com a ideia formada de que as crianças teriam a sensação voluptuosa, o autor ainda sentia que era extremamente difícil reconhecer a operação desse conceito na criança. Para o médico, seria difícil distinguir essa atitude nas crianças, pois crianças teriam muitas atitudes diferentes do padrão e misteriosas em significado. Distinguir em relatos de adultos essa sensação de volúpia também seria complicado, porque nem sempre os pacientes seriam completamente fiéis em suas memórias e lembranças. Mas, mesmo com essa incerteza, Moll acreditava que a sensação de volúpia nas crianças era parecida com a sensação de volúpia nos adultos e ficaria mais clara a partir do momento em que a *potentia coeundi* aparecesse nas crianças.

Moll (1912, p. 58)⁵⁰ atentou para o cuidado que psiquiatras deveriam ter para não presumir com muita facilidade, em qualquer caso particular, que tal sensação tenha sido realmente experimentada pela criança. Para ele, alguns movimentos oscilatórios por parte de bebês e outras crianças muito pequenas estavam sendo frequentemente considerados como uma indicação da prática da masturbação e da ocorrência de sensações voluptuosas. Na visão do autor, essa inferência era em grande parte errônea pois tais movimentos poderiam não ser mais do que a expressão de uma sensação geral de bem-estar, sem ter nada a ver com a vida sexual ou com a sensação voluptuosa específica. Apesar desse adendo ele acreditava que sem dúvida, a sensação voluptuosa poderia ser sentida por crianças muito pequenas e até mesmo por bebês, mas tinha um sentido específico:

Quando vemos uma criança deitada com olhos úmidos e amplamente abertos e exibindo todos os outros sinais de excitação sexual, como estamos acostumados a observar em adultos, estamos justificados em supor que a criança está experimentando uma sensação voluptuosa. Mas o que geralmente está querendo em tais casos, de qualquer modo em crianças pequenas, é o apaziguamento voluptuoso que ocorre em adultos associado ao ato de ejaculação (p. 59)

Em suma, Moll considerava certo que as ereções associadas à sensação voluptuosa frequentemente apareceriam muitos anos antes do final do segundo período da infância; não raramente, de fato, no começo do segundo período da infância, e até mais cedo. Em alguns casos de maneira equânime, essas ereções seriam aliadas às sensações de coceira ou cócegas.

⁵⁰ Na parte em que Moll critica Freud abertamente e que será apresentada aqui posteriormente, Moll assume que existiriam outros pontos de discordância com a obra freudiana que seriam abordados em seus textos. Acredita-se que esse é um desses pontos e que está é uma crítica aos Três Ensaios de Freud, na parte em que ele compara a satisfação da criança após mamar no peito com a satisfação do adulto após o orgasmo. Moll tinha como principal crítica a Freud o que ele via como uma tentativa freudiana de adequar os fatos à teoria, mesmo que ele precisasse fazer inferências absurdas ou distorcer histórias.

O aparecimento da ejaculação coincidiria com o desenvolvimento da sensação de volúpia que concederia à criança a ideia completa do que é o ato sexual. Moll ressalta que estas declarações seriam aplicadas, em primeiro lugar, aos meninos. As condições nas meninas pareceriam para ele ser análogas. Mas o autor preferia ser mais cauteloso ao tirar conclusões, porque a vida sexual da menina ainda era muito mais obscura que a do menino: “Essa diferença em nosso conhecimento dos sexos não é menos marcada no caso de crianças do que em relação ao homem e à mulher adultos” (Moll, 1912, p. 61).

Quanto aos fatores ambientais e externos, Moll acreditava que eles teriam alguma influência na sexualidade infantil, ou mais especificamente, no jeito que ela se manifestaria e nas perversões do instinto. Para Moll, o instinto sexual como inato só permitiria alterações qualitativas, ou seja, alterações na intensidade, pequenas alterações na idade de início dos fenômenos, alterações nos fenômenos e perversão do instinto. Seria impossível que o instinto sexual não aparecesse na infância, mesmo em um ambiente completamente favorável para que isso acontecesse.

Em certas famílias o despertar precoce da sexualidade seria observado com uma frequência notável. Estas seriam frequentemente famílias com histórico de doenças neuropáticas ou psicopáticas. O próprio sintoma de despertar precoce da vida sexual estaria frequentemente associado a sintomas neuropáticos ou psicopáticos e não tanto ao ambiente. Moll ressalta que existiam exceções, pois muitas vezes tais pessoas pertenceriam a famílias saudáveis e seriam elas mesmas saudáveis nos primeiros anos de vida: “Portanto, não temos o direito de considerar a ocorrência de manifestações sexuais na infância como uma prova de degeneração ou de uma herança mórbida. Mas igualmente errôneo é supor o oposto” (Moll, 1912, p. 146).

O despertar precoce da sexualidade, poderia ainda representar uma indicação de dotes excepcionais. Nesse caso, pessoas com herança biológica de alto índice de inteligência ou algum talento especial para artes e esportes. Moll acreditava que e em muitas pessoas de genialidade, a paixão sexual prematura foi observada. Principalmente em grandes poetas, artistas e ensaístas. Mas normalmente tais manifestações de modo algum estariam sempre confinadas ao impulso de estimulação. Moll acreditava que a ocorrência de fenômenos do instinto de estimulação durante o primeiro período da infância – isso em caso de uma intensidade extremada – deveria ser investigado como patologia sexual, mesmo em crianças dotadas de talentos especiais.

O instinto de detumescência quando fosse muito intenso e frequente seria sinal do contrário, de que a criança teria alguma espécie de deficiência intelectual. Contudo, não deveriam ser considerado necessariamente mórbido quando o instinto de detumescência aparecesse durante os últimos anos do segundo período da infância. Caso o instinto de detumescência aparecesse mais cedo e com muita frequência durante o décimo ou décimo primeiro ano de vida, mesmo em crianças que não tivessem herança genética de déficit de inteligência, por exemplo, alguma suspeita sobre patologias sexuais poderia ser razoavelmente despertada.

Retornando aos fatores externos da sexualidade infantil, Moll colocava os casamentos precoces de algumas culturas como fatores sociais e externos para aumentar a intensidade do instinto sexual durante a infância. Mesmo nas culturas que exigiam que o casamento só fosse consumado quando a criança atingisse a puberdade, a ideia do casamento e a noção do que acontecia sexualmente entre parceiros casados poderia acordar nas crianças o instinto, principalmente o de estimulação, com muita precocidade. Esse acordar precoce poderia ou não causar alguma perversão sexual adquirida, mas nada poderia ser suposto durante a infância.

Sobre a influência do clima e do território no instinto sexual, Moll não tinha observações suficientes para traçar conclusões. O autor acreditava que existiriam algumas evidências que climas tropicais e os estímulos sexuais mais presentes na cidade grande favoreceriam uma sexualidade despertada de maneira precoce, mas ele não teria uma visão completamente definida sobre os fatos.

Moll acreditava que adultos deveriam ser extremamente cuidadosos ao rebaixar deliberadamente a capacidade mental das crianças. As conversas de adultos muitas vezes levariam a curiosidade e imitação dos atos sexuais narrados por parte das crianças, pois elas entenderiam mais do que os adultos geralmente acreditam:

No entanto, muitas crianças, nesses casos, estão ouvindo o que dizem. Especialmente tolos, no entanto, são aqueles pais que acreditam que estão conseguindo disfarçar o assunto ao falar por meio de insinuações. Nesses assuntos, as crianças são, em geral, mais espertas do que os mais velhos estão acostumados acreditar. Não é necessário que eu aponte isso, mas as oportunidades de observação direta são especialmente perigosas para as crianças. Eu aludo ao caso de crianças que moram na mesma casa com prostitutas, mas o perigo dificilmente é menor quando as crianças têm a oportunidade de ver seus próprios pais envolvidos em atos sexuais (...) (Moll, 1912, p. 161).

Na visão de Moll a maior e mais perigosa incidência de uma noção de sexo e sexualidade para as crianças seriam os crimes de sedução, pois traumas psíquicos seriam muito mais impactantes para as crianças que fatores externos.

Sendo assim o papel da educação teria um grande impacto na vida sexual da criança. Para Moll, a primeira coisa que o educador deveria ter em mente é que seria muito difícil retardar os efeitos do instinto sexual na criança. O menor contato da criança com o mundo externos e o outro sexo já começaria a fornecer os estímulos da vida sexual. O educador também não deveria esperar que o olhar atento fosse capaz de proteger a criança de todo e qualquer contato com o sexo.

A partir desse momento do texto, Moll vai explorar as ideias higienistas, outro tema com o qual ele tinha muita afinidade para estudo, essa parte do texto, diferentemente dos outros dois autores⁵¹, apresenta direcionamentos para pais e educadores sobre como cuidar da criança de maneira a influenciar positivamente em sua vida sexual. O autor recomenda atitudes como separar as camas das crianças das camas dos pais em famílias mais pobres e maiores e incentivar a criança a praticar esportes.

Moll (1912, p. 249) acreditava que a educação infantil tinha dois assuntos principais em conexão, moralidade e costume. Em primeiro lugar educadores e médicos deveriam manter em mente que o costume seria uma variável cultural, portanto, algo considerado imoral em um contexto não poderia ser julgado sobre as mesmas bases em um contexto diferente, mas que a base deveria ser o Estado na qual as crianças estariam incluídas: “Ao fornecer o a educação sexual da criança temos que considerar o assunto em relação à condição presente de nossa civilização, pois a criança deve se entender como cidadã de um estado real, não de um estado imaginário”.

Os sentimentos de vergonha e as ideias morais seriam para o autor de grande ajuda na educação infantil e o educador deveria criar situações para que a criança entendesse esses sentimentos e as consequências que um ato errado teria socialmente.

Moll defendia que a criança deveria experimentar as manifestações dos seus instintos sexuais com naturalidade e no tempo singular de cada corpo, por isso suas considerações sobre situações que poderiam apressar o aparecimento da ideia completa do que é sexualidade para a criança. Caso os pais fossem bem sucedidos em proteger e educar o filho e salvo os casos de perversão sexual, a criança caminharia para um desenvolvimento normal e com a união entre os dois instintos na vida adulta, de estimulação e de detumescência, a criança

⁵¹ Krafft-Ebing oferece um motivo parecido para seu teoria, a de educar médicos para se apresentar em cortes, mas Krafft-Ebing deixa muito claro que aquele era o público específico que ele queria atingir e via como um efeito colateral que outros grupos tivessem acesso a sua obra. Moll abre o leque do seu público alvo nessa parte do texto de um jeito que nenhum dos outros autores tinha feito.

teria a noção completa da sexualidade e de como ser um adulto saudável sexualmente até o momento em que seu instinto começassem a retroceder na velhice.

Com essa conclusão, Moll se preocupou também em relatar brevemente o instinto sexual na velhice. O autor acreditava que biologicamente as gônadas sexuais seriam responsáveis pelas funções do instinto sexual. Por isso durante a infância e a velhice o instinto sexual seria menos intenso, pois seriam momentos em que as gônadas estavam em desenvolvimento ou não teriam mais a mesma potência de funcionamento de um corpo jovem. Para Moll (1898, p. 64) mesmo que na idade da velhice esses órgãos não funcionassem perfeitamente, eles ainda existiriam e teriam alguma atividade, sendo possível que tivessem influência física e psíquica na vida do sujeito. Então, apesar de pouco usual, era possível um instinto sexual ainda ativo na velhice e que essa atividade não fosse devido à alguma perversão sexual.

II. O Objeto Sexual Na Teoria de Albert Moll

Assim como Krafft-Ebing, Albert Moll, ao longo de suas obras sobre sexualidade, não estabeleceu um estudo sobre o objeto sexual na vida sexual. O autor não centrou sua teoria nas perversões sexuais, mas teve uma vasta produção sobre o assunto, principalmente sobre a homossexualidade, assunto de sua tese em 1893.

No geral, na teoria sobre a perversão sexual, Albert Moll aceita a maioria dos postulados de Krafft-Ebing com algumas variações, que foram incluídas até certo ponto em sua reedição de *Psychopathia Sexualis*, em 1923. As diferenças teóricas nas patologias de Moll para Krafft-Ebing são muito específicas em pequenos pontos e não compreendem criação de novas categorias, mudança de visão conceitual ou de status conceitual das patologias. Por isso, a decisão neste trabalho foi de não entrar em detalhes sobre essas diferenças menores nos estudos das perversões. Todas já foram apresentadas na parte de Krafft-Ebing, e as considerações mais relevantes de Moll sobre o assunto também estão contidas na parte dessa tese que se dedica a Krafft-Ebing.

Sendo assim, uma vez que Moll centrou sua teoria na qualificação do instinto sexual, a presente tese tentará extrair sua visão sobre o objeto sexual a partir desse ponto.

Em princípio, pode-se adiantar que Albert Moll também acreditava que existiria um objeto mais adequado para o instinto sexual: o parceiro do sexo oposto. Esse seria o objeto

sexual do adulto bem ajustado. Ele admite, contudo, que seria possível que o instinto sexual tivesse outros objetos além desses durante toda a vida sexual de um sujeito. Mas Moll acreditava que nenhum desses objetos iria suplantou ou substituir permanentemente o par do sexo oposto; caso assim o fosse, seria o diagnóstico de uma perversão sexual.

Primeiro, deve-se esclarecer que Moll chamava as perversões sexuais ou *psychopathia sexualis* de *Abnormer Kontraktationstrieb* (1898, p. 521; 1905), pois para ele a observação clínica havia demonstrado que o instinto de detumescência dos perversos seria exatamente igual aos instintos das pessoas sem nenhuma perversão. O instinto de estimulação, ao contrário, seria o instinto da libido sexualis pervertido, uma vez que os perversos não sentiriam a necessidade de se estimular a partir do toque e do corpo feminino, que seria o alvo sexual da finalidade do instinto. Essa é uma das razões pelas quais essa tese defende que o instinto de estimulação corresponde à faceta objetal do instinto sexual. Moll especula que as razões pelas quais tais distorções aconteceriam e seriam passadas aos descendentes também causariam um nó teórico na teoria da seleção natural darwinista. Ele mesmo não conseguia pensar em nenhuma outra teoria para explicar a natureza e as razões pelas quais algumas pessoas nasceriam com perversões de instinto e procurando outros objetos sexuais.

O objeto sexual, na teoria de Moll um papel central desde a conceituação do instinto de estimulação. O instinto de estimulação é em si mesmo objetal, pois busca o contato com o objeto de afeição.

O instinto de afeição poderia estar presente na criança desde o início da sua vida, e ao longo dos anos, ficaria indiferenciado o instinto de detumescência. O fenômeno mais observado do instinto de afeição seria o que Moll chamou de amor infantil, uma afeição de uma criança por outra criança da mesma idade e que por ser indissociado do instinto de detumescência ainda não conteria como alvo a ideia completa de uma relação sexual.

Nesse ponto das argumentações Moll (1912, p. 70), afirmou que nessa idade várias outras pessoas poderiam ser objeto de amor infantil, como, por exemplo, professores e cuidadores, mesmo que mais velhos. Pessoas que não tivessem relação direta com o dia a dia da criança, mas que fossem presentes a um nível social também poderiam ser tomadas como objeto sexual pelo instinto de afeição. Tal como atrizes e atores que estivessem sempre nas revistas. Moll também argumentou que crianças já seriam, desde muito pouca idade, capazes de perceber padrões de beleza. Por isso seriam capazes de escolher como objeto de amor crianças ou adultos que fossem considerados belos à um nível social. Quanto mais velhas e mais apaixonadas estivessem as crianças, comportamentos análogos em adultos seriam observados,

tais como se vestir ou se perfumar; levar presentes para a pessoa amada ou fazer desenhos para a mesma, tentar beijar ou tocar o objeto de amor. Crianças poderiam também experimentar sentimentos de ciúme desde tenra idade, principalmente ciúmes de outras crianças que cheguem perto do objeto de amor (Moll, 1912, p.74).

Sobre um tópico apresentado por Freud (e considerado por essa tese de grande pioneirismo) foi a questão do objeto sexual da criança ser um dos pais. Moll acreditava que era perfeitamente possível que crianças tomassem como objeto de amor um de seus pais. Mas acreditava que tais circunstâncias seriam específicas. Na maioria dos casos, apenas crianças deslocadas socialmente, tipo meninos considerados afeminados e meninas mais “feias”, tomariam como objeto de amor um dos pais (Moll, 1912, p. 71). Moll cita esses exemplos da variedade de objetos sexuais para as crianças e incluiu neles crianças que tomariam crianças do mesmo sexo como objetos sexuais. Moll afirma que nem sempre essas escolhas objetual infantil teria como resultado a homossexualidade na vida adulta.

Moll (1912, p. 71) também atentou para o fato de que seria raríssimo que irmãos tomassem uns ao outros como objetos de amor. Apesar de alegar que tinha visto número considerável de casos (homossexuais e heterossexuais), esses ainda corresponderiam a uma porcentagem ínfima dos casos de amor infantil. Moll concorda com a ideia do efeito Westermarck, de que a convivência entre irmãos e o laço formado impede a possibilidade de sentimentos sexuais entre eles: ⁵²

Não devemos, é claro, confundir [casos de amor infantil] com inclinações e atos sexuais genuínos ou casos em que a curiosidade de irmãos e irmãs os fazem entrar juntos em conversa obscena e até mesmo práticas impróprias. Inquestionavelmente, a falta de simpatia sexual entre irmãos e irmãs é de um profundo enraizamento psicológico. Acima de tudo, nessa conexão, temos que ter em mente o leve grau de influência sexual que cada um exerce nos sentidos do outro, precisamente em consequência da longa relação continuada, sem restrições, entre eles. Além disso, os fatores convencionais implantados na humanidade desde a mais tenra infância, desempenham o seu papel. Muitos, talvez, vejam uma causa adicional em considerações teleológicas, todas razões para que a reprodução entre parentes consanguíneos seja evitada (Moll, 1912, p.71)

Ainda sobre algumas ideias abordadas por Freud em 1905, Moll acreditava também que crianças, as dotadas e não dotada de inclinações homossexuais, poderiam mascarar seu interesse sobre a sexualidade com interesses educacionais. Moll também acreditava, assim como Freud, que durante certo tempo da infância, mais comumente entre os 8 aos 12 anos, a criança demonstraria menos inclinações amorosas para outras pessoas. As principais explicações para esse fenômeno seriam as de que, como parte natural da constituição da personalidade, o

⁵² O efeito Westermarck vai ser discutido com mais detalhes na parte de Freud.

contato com pessoas do mesmo sexo, para aprender empatia e códigos sociais sobre comportamento entraria em jogo, então a criança ia se sentir melhor em amizades com pares do mesmo sexo. A outra explicação seria que esse tempo de antipatia para com o sexo oposto, que corresponderia também ao início da puberdade e do entendimento sobre o que seria de fato a relação sexual, seria uma defesa da natureza a fim de evitar que crianças ainda inpatas se reproduzissem muito cedo.

Essas são algumas das partes que levaram Freud a acusar Moll de plágio, como contou Sigusch (2012). Independente de validar ou não a acusação de Freud, obviamente os dois partem de visões completamente diferentes sobre os pontos acima. Na verdade, a única concordância dos dois sobre essas ideias era de que de fato, existiria um proibitivo social e biológico para a prática de incesto.

As diferenças entre as visões de ambos são relativamente claras, principalmente com a concepção de que Moll raramente trabalhava com a ideia de ideias inconscientes em sua obra. Para Moll uma criança que tomava um dos pais como objeto de amor não tinha nenhuma razão inconsciente além da super proteção por parte dos pais ou de sua própria inadequação entre outras crianças. Nenhuma consequência para a vida psíquica também apareceria desse amor. Até porque para Moll a criança era muito volátil na escolha do objeto sexual, podendo mudar o alvo de suas afeições em questão de horas.

A curiosidade sexual em relação à razões educacionais também são fundamentalmente diferentes. Enquanto Freud coloca o instinto de saber e a pesquisa da criança como momentos do desenvolvimento para achar respostas sobre questões básicas da vida como de onde vem os bebês, Moll liga essa procura educacional com manipulações de crianças mais velhas, já conscientes sobre a vontade de estar próxima do par amoroso. As manipulações nem sempre seriam conscientes e as vezes a própria criança poderia se convencer de estar agindo apenas para ajudar o objeto de amor: “Assim, sob a influência da atração sexual, uma menina se torna íntima com um menino dotado de vários más qualidades e impulsos, e se esforça para utilizar esta intimidade para o benefício do rapaz, para que ele possa libertar-se suas falhas quando ele cresce para a idade adulta. Tal garota pode ter sucesso em convencer-se de que este motivo é a causa exclusiva da aproximação” (Moll, 1912, p. 78).

Sobre o período de latência de Freud, que Moll apresenta como período em que a criança não demonstraria objeto amoroso, Moll naturaliza o comportamento através da biologia. Para a conclusão dessa tese, foi empreendida uma pesquisa sobre essas três ideias, principalmente porque nos primeiros anos de análise de material nada foi encontrado antes da

publicação dos Três Ensaio de 1905 sobre os três temas. Moll credita a ideia sobre o período sem demonstrações de afeição à Stanford Bell. Até o momento em que essa tese foi entregue, a pesquisa sobre Stanford Bell não chegou ao livro do qual Moll teria apresentado essa ideia ou quem seria o Stanford Bell citado por ele.

A facilidade de troca de objetos sexuais no período intanfil teria relação com os estágios que a libido sexualis passaria antes de se tornar um instinto unificado.

Moll tira a ideia de estágios da libido da ideia de intinto de Max Dessoir: O último estágio de complitude do instinto sexual, seria o que Moll chama de Libido Sexualis. O estágio neutro, primeiro estágio, na mais tenra infância, no qual os processos do instinto de estimulação não poderiam ser ainda observados e durante os quais a criança não se sente atraída por. Este estágio seria sucedido pelo importantíssimo estágio indiferenciado no qual a direção do impulso ainda não foi completamente diferenciada. Nesse estágios para Moll, os instintos de detumescência e estimulação oscilariam de um lado para o outro e dependeriam completamente de objetos externos (Moll, 1912, p. 60). Por depender de objetos e estímulos externos, esse estágio de indiferenciação permitiria uma quantidade grande de objetos sexuais, e principalmente, permitiria que pessoas do mesmo sexo fossem tomadas como objeto sexual.

Moll não acreditava que o estágio de indiferenciação ocorresse para todos, por isso diversas crianças nunca teriam experimentado tomar como objeto de amor pessoas do mesmo sexo. Mas esse estágio era de fato, muito comum e poderia ter início poucos anos antes do quinto ano de vida do sujeito e a duração poderia ser muito variável, mas cederia entre os quinze e dezessete anos (p.61).

Para Moll (1912, p. 65) durante o estágio indiferenciado, além das inclinações heterossexuais e homossexuais, sentimentos perversos podem aparecer. Tendencias masoquistas, excitações sádicas, fetichistas de todos os tipos poderiam aparecer em crianças e pré adolescentes. Uma inclinação sexual para com os animais também não seria de forma alguma rara. Normalente as crianças poderiam tomar como objeto sexual de tendencia perversa animais de convnvio familiar, como gatos, cachorros, cavalos e pássaros. Em casos em que essas tendencias perversas fossem muito acentuadas durante o período de impulso sexual indiferenciado, todos os tipos de idéias desordenadas poderiam surgir junto à esses impulsos, como, por exemplo, uma vontade de tocar a saliva, fezes ou urina do ser do humano ou animal e, conforme o caso, e até mesmo um impulso de levar esse produto para a boca.

Como mostrado anteriormente, Moll aceitava as clasificassões de Krafft-Ebing sobre a perversão sexual, dentre elas a ideia de perversões sexuais congenitas. Porém, ao

apresentar o estágio de indiferenciação do instinto sexual, Moll advertiu sobre a ocorrência de tendências perversas que seriam resultado da indiferenciação do instinto sexual e não de parestesias sexuais, por essa razão, essas tendências iriam desaparecer totalmente da vida sexual adulta, sem que nem mesmo lembranças de tais inclinações permanecessem.

Como é possível ver aqui, Albert Moll apresenta alguma variação sensível nas possibilidades de objetos sexuais para o instinto *sexual*, sem que isso acarretasse em uma perversão sexual, mas ele definitivamente ainda carrega a centralização no objeto sexual peculiar aos psiquiatras da época: existiria um tipo de alvo saudável para o instinto sexual e essa conceituação não permitia variações. As variações só seriam normais em crianças, por motivos teoricamente consoantes à sua ideia de junção entre duas correntes do instinto sexual. A ideia de que as tendências perversas estariam no ato de variar o objeto sexual durante a infância, reforçam mais uma vez a hipótese dessa tese de que as perversões sexuais de Krafft-Ebing seriam perversões do alvo do instinto, o objeto sexual.

Outro momento que pode ser apontado sobre a conceituação de Moll acerca do objeto sexual são as ocorrências patológicas em crianças. A teoria sobre as perversões de Krafft-Ebing permitiria que reações sexuais na criança fossem apenas produtos de perversões sexuais específicas, do tipo paradoxias sexuais:

Enquanto os casos em que os fenômenos da estimulação ocorre são comumente negligenciados, atenção considerável tem sido dada àqueles casos em que o impulso sexual se manifesta por mudanças periféricas, mais especialmente por impulso prematuro em direção à masturbação ou em direção a um congresso sexual real com um dos o outro sexo (Moll, 1912, p. 118).

Moll não negava que algumas manifestações da sexualidade na infância fossem de fato patologias. Mas ele acreditava que seu livro demonstrava que as manifestações ativas do impulso sexual durante a infância nem sempre seriam paradoxias. Para o psiquiatra, se os casos que foram publicados como paradoxias fossem examinados e analisados em casos que foram publicados como pertencentes à sexualidade infantil, ficaria claro que eles se diferenciariam particularmente pela força do impulso sexual periférico manifestada. Existiria uma distinção marcante entre os casos, principalmente de acordo com a sensação de excitação dos órgãos genitais, com a masturbação em excesso e com as demandas sexuais agressivas dirigidas aos outros.

Moll cita um dos casos trazidos por Krafft-Ebing na *Psychopathia Sexualis*, de uma menina de 8 anos para ilustrar essa diferença na intensidade do instinto sexual. Nesse caso descrito por Krafft-Ebing (1892) a menina mantinha práticas sexuais como masturbação e sexo oral com outros meninos da mesma idade e meninos mais velhos, se masturbava com frequência

e tinha planos concretos de matar os pais para poder fugir e viver com homens adultos. Moll acreditava que um caso extremo como esse representava cenários nos quais uma patologia sexual era o caso, mas ainda assim, pela maioria das patologias serem congênitas, os efeitos doentios apareceriam em crianças em alguns momentos específicos, como o caso dessa menina que havia começado essas tendências aos seis anos, sendo até então uma garota completamente normal. Ainda assim, qualquer outra patologia de instinto em sua forma completa só seria possível de ser diagnosticada em adultos.

Moll (1912, p. 124) afirmava que adultos perversos iriam regularmente traçar os primeiros fenômenos observáveis de suas perversões desde a infância, principalmente os homossexuais. Essa ideia teria sido uma das razões pelas quais nas primeiras edições *Psychopatia*, Krafft-Ebing teria posto a homossexualidade como uma degeneração. Esses relatos dos pacientes também teriam sido um dos principais motivos pelos quais diversos autores também colocavam a homossexualidade como uma perversão de caráter congênito.

Em oposição a essa opinião, Moll (1912, p. 124) chamou a atenção para o fato de que muito comumente a atividade da vida sexual normal também poderia ser rastreada até os primeiros dias da infância. Este fato, na opinião do autor, teria sido ignorada por psiquiatras e psicólogos, simplesmente porque as investigações da época, que lidariam com o impulso sexual tratavam, na maioria dos casos, exclusivamente de manifestações mórbidas da sexualidade.

Moll continuou suas argumentações afirmando que a teoria da natureza congênita da homossexualidade teria sido baseada na suposição comum de que a condição seria primária e prematura em sua ocorrência durante a infância, e que seria exclusiva sem espaço para que o modo oposto de sensibilidade sexual aparecesse no indivíduo. Mas, por várias razões, essa inferência não seria justificada, pois, em primeiro lugar, para muitos casos, seria incorreto supor que as inclinações homossexuais seriam exclusivas em seu caráter. Para Moll, tendências heterossexuais poderiam ocorrer mesmo em homossexuais congênitos, devido ao fato de que, em consequência do desenvolvimento mais completo da homossexualidade, o sujeito não estaria mais interessado em relacionamentos heterossexuais, ele está apto a esquecer de qualquer inclinação heterossexual precoce. Em segundo lugar, a aparência primária das inclinações homossexuais não provaria que essas inclinações seriam congênitas; pois nos homossexuais, como nos heterossexuais, o modo especializado de sensibilidade sexual é precedido por um período em que o impulso sexual seria indiferenciado.

Moll fez um adendo, no entanto, de que essas considerações também não seria uma prova de refutação da homossexualidade congênita. Em algumas pessoas, após a

indiferenciação do instinto sexual, a libido seria inclinada completamente para pessoas do sexo oposto. Essas seriam evidências clínicas da homossexualidade congênita: “A natureza congênita da homossexualidade é exibida, não pela aparência primária desse modo de sensibilidade, mas pelo fato de que, quando ocorre o desenvolvimento puberal, os sentimentos homossexuais persistem e não são substituídos pela heterossexualidade” (Moll, 1912, p. 125). Características secundárias de outro sexo – tais como meninos que gostam de cozinhar e meninas que gostam de esportes – em crianças também não seriam provas da homossexualidade congênita. O caráter não diferenciado da vida sexual durante a infância proibiria psiquiatras de diagnosticar qualquer perversão ou inferir que essas tendências necessariamente persistiriam, e que o desenvolvimento sexual subsequente também seria de uma natureza invertida.

Sobre a homossexualidade como uma perversão adquirida, Moll (1912, p. 130) era completamente contrário à teoria da associação, aquela que pregava que nos casos em que a existência da homossexualidade pudesse ser rastreada até a infância seria provável que no momento em que o indivíduo estava em estado de excitação sexual, alguma outra pessoa do mesmo sexo teria causado uma impressão marcante em sua imaginação. Deste modo uma associação teria sido criada na vida sexual da pessoa e a influência dessa impressão perduraria ao longo da vida.

Moll acreditava também que essas ressalvas poderiam se aplicar a outras patologias gerais da sexualidade, ou seja, sadismo, masoquismo e fetichismo (1912, p. 131). Nesse ponto ressalta-se que o fetichismo, desde a criação do conceito, era tido por Binet e outros como uma perversão totalmente adquirida. Nenhum dos autores citados nessa tese apresenta um único caso de fetichismo congênito. A ressalva que Moll faz para essa patologia principalmente, não está no fato de que seria errôneo pensar que o fetichismo não seria uma perversão adquirida, mas sim de que o psiquiatra deveria tomar, assim como nos casos de homossexualidade, as palavras de seu paciente com cuidado, devido aos problemas de memórias dos pacientes e a perda de outras informações com inferências rápidas. Contudo o autor acreditava que as impressões da infância poderiam resultar na formação de associações duradouras, tal como era descrito na ideia de perversões adquiridas, principalmente porque a partir de experiências durante a infância terrores e sentimentos de nojo poderiam ser criados e nunca seriam subsequentemente superados, mas que em caso de perversões sexuais essas associações ainda seriam impossíveis devido à vida psíquica da criança estar em desenvolvimento, daí a necessidade de mais indagações acerca da patologia.

Os médicos deveriam ser mais cautelosos na hora das perguntas com os pacientes: “Antes de mais nada, precisamos indagar por que é que, nesse caso particular, a visão da morte de uma ave induziu tal perversão, quando, em centenas de outros casos, tal resultado não segue o mesmo estímulo” (Moll, 1912, p. 132). Para o autor ainda que dois processos ocorressem simultaneamente, seria possível questionar se o modo perverso da sensibilidade sexual tenha existido anteriormente àquela visão, pelo menos como uma predisposição, e que a conexão entre os fenômenos fosse o inverso do suposto. Em terceiro lugar, além de todas as ressalvas que ele já havia feito, o autor acreditava que a visão casual de alguma ocorrência associada à excitação sexual não seria suficiente para explicar como a associação da excitação sexual conseguiria perdurar por toda vida.

Essas exceções também poderiam ser aplicadas à patologia do sadismo. A tendência à crueldade apareceria naturalmente na primeira infância – Moll também compartilhava da ideia de Krafft-Ebing de que as raízes das perversões sexuais estão em tendências e instintos normais do seres humanos, e que crianças, por sua constituição física e psíquica ainda formação teriam mais facilidade de demonstrar essas tendências do que homens aduktos e civilizados com cerebros e vida psíquica formada – apenas posteriormente essa tendência se tornaria definitivamente associada à vida sexual para formar a perversão do sadismo. Embora a associação de crueldade com a vida sexual fosse demonstrável em muitos casos, não era possível atribuir uma relação com o sadismo a todo ato brutal, toda crueldade deliberada que aparecesse no comportamento das crianças. Assim, o prazer nos sofrimentos dos outros, embora possa ser considerado como análogo ao sadismo, não teria conexão necessária com o impulso sexual para que o diagnóstico infantil fosse fechado. Por isso seria arriscado supor que o os maustratos deliberados de animais por crianças fossem indícios de sadismo.

Por fim no capítulo Moll (1912, p. 138) criou uma suposição de que na maioria dos casos de perversão, os primeiros relatos lembrados pelo sujeito seriam de épocas em que o instinto de detumescência não estava acordado. Sem as expressões físicas que o instinto de detumescência traria para a cena e para a ideia da ligação entre o instinto de estimulação e o ato sexual, não seria possível dizer que impulsos de beijar alguma outra criança do mesmo sexo ou de machucar o animalzinho fossem de fato manifestações sexuais e não outros problemas psicológicos da vida da criança. Moll resume seu pensamento afirmando que o diagnóstico deveria levar em conta essas situações apontadas.

O ponto principal de Moll nesse ponto das considerações foi responder ao problema argumentativo causado pelas suas considerações na sua tese de 1893. Moll (1893)

segue naquele momento definições específica sobre homossexualidade congênitas e adquiridas, demonstrando fragmentos de casos com relatos dos pacientes desde a infância. Esse texto foi anterior à teoria da Libido Sexualis estar completamente formada, sendo assim, anterior à ideia do estado de indiferenciação do instinto sexual, no qual, naturalmente, o instinto poderia assumir diversos objetos até o momento em que a Libido Sexualis se tornasse normal e heterossexual.

So que a ideia do estado de indiferenciação exigiria que Moll abandonasse praticamente todos os indícios fenomenológicos das patologias que o sujeito demonstrava até certa idade. Essa idade não era completamente clara para Moll. Esse posicionamento teórico joga, imediatamente, uma dúvida sobre casos anteriormente trazidos pelo próprio Moll, nos quais ele diagnosticou e catalogou perversões utilizando relatos da infância dos pacientes. A ideia da indiferenciação do instinto já havia sido discutida em 1897 no livro sobre a Libido Sexualis, bem como discussões iniciais sobre as implicações dessas etapas para as perversões. Mas somente em 1908, Moll procede então a apresentar alguns casos em que crianças relataram experiências de amizade forte com crianças do mesmo sexo ou lembranças de carícias e beijos em outras crianças ou adolescentes do mesmo sexo e não foram diagnosticadas com nenhuma perversão na idade adulta. Por fim, o médico ressalta que está apenas apontando a tendência do instinto e não tentando mudar o que havia sido estabelecido por Krafft-Ebing sobre a perversão da homossexualidade: “Eu reconheço a existência da homossexualidade congênita, mas considero que a realidade dessa condição é estabelecida por outros motivos além daqueles mencionados anteriormente” (Moll, 1912, p.130).

Nestes pontos das obras de Moll selecionados aqui, fica mais nítido o que vai ser chamado nessa tese de tendência a exceção na teoria de Albert Moll. Ele, no caso, repete uma tendência que prevalece em ambas as suas obras, de 1898 e 1908 e que aparece em alguns momentos em sua tese de 1893: uma relativização das conceituações. Albert Moll em momento nenhum dessas considerações advogava que a noção de patologias congênitas deveria ser posta em dúvida. Assim como ele não advogou que a masturbação não fosse nociva ou que o incesto infantil fosse natural e recorrente. Em diversos momentos dessas obras Moll atenta para uma exceção às regras de diagnóstico ou para casos de perversão e joga a argumentação para marcar essas exceções como momentos advertências para exageros nos diagnósticos usuais da época.

Nada no texto ou nos registros históricos aponta que Albert Moll queria, com essa forma de escrita, parecer mais progressista do que psiquiatras como Rholleder e Krafft-Ebing, ou que ele queria criar uma ruptura entre sua teoria e as teorias anteriores; mas esse recurso

narrativo utilizado por ele, deixa sua teoria em um ponto específico e interessante. Ao jogar os holofotes nas exceções dos conceitos e diagnósticos e alertar sobre as diferenças e armadilhas das mesmas, Moll demonstra uma flexibilidade em relação às teorias anteriores, e em muitos momentos algum avanço, mas ao mesmo tempo não abandona a maioria dos conceitos já estabelecidos, como se sua teoria se colocasse em um eterno meio termo entre dois polos distintos.

De qualquer maneira, as contribuições do autor foram fundamentais para o estabelecimento da teoria da sexualidade como um campo de estudo confiável e científico.

II.II.I - Albert Moll e o onanismo

Hall (1992), Hunt (1998), Hare (1962), McDonald, (1967) e Laqueur (2003) apontam que a história da percepção da masturbação na sociedade é bastante conhecida entre os historiadores. Depois de séculos como um assunto muito secundário nas apreciações médicas desde a antiguidade, em 1716, com a publicação do livro *Onania: or, the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences*, e da tese de Samuel Tissot, *L'onanisme* (1756), a masturbação passou a representar o centro de argumentos sobre adoecimento e perversão.

Com essa conclusão inicial já apresentada anteriormente, a pergunta do porque a masturbação – dentre todas as práticas sexuais que não resultavam em reprodução – passaria a ser o objeto de foco do ódio dos cientistas da época, precisa ser abordada antes do início de toda argumentação sobre as mudanças no conceito.

Garlick (2011, p.308) aponta que as respostas fornecidas pelos historiadores geralmente giram em torno de fatores diversos: os interesses de médicos em usar a questão sexual para promover a sua posição profissional, o declínio da autoridade religiosa em favor de apelos à ciência e à natureza, e a preocupação sobre o desenvolvimento do individualismo no contexto de uma sociedade que buscava a expansão de seus componentes enquanto ascendia ao capitalismo.

Laqueur (2003, p. 210) aponta que a masturbação era especialmente problemática por conter mais características “antinaturais” que outras patologias. A masturbação seria uma atividade secreta, sem nenhuma troca social; não teria um objeto de desejo definido; poderia se tornar excessiva com certa facilidade e, principalmente, seria um produto da imaginação. Como resultado disso, a masturbação colocaria em destaque a capacidade das imoralidades que

poderiam estar contidas nos desejos ocultos dos seres humanos revelados pela imaginação, e o quanto esses desejos ameaçariam a sociedade como um todo de ser moralmente dissolvida.

Cook (2009) segue uma linha parecida com a apresentada por Laqueur e ressalta que, ainda que dentro do contexto iluminista, o prazer sexual seria até certo ponto valorizado, mas era necessário determinar quais desses prazeres sexuais seriam adequados. A masturbação evidenciaria a ideia de que não seria simplesmente a falta de um objeto real como alvo do desejo sexual, mas a possibilidade de o desejo sexual aparecer na falta total, real e simbólica do objeto natural (outro indivíduo do sexo oposto) que garantiria a reprodução da espécie.

Aqui é importante retomar a explicitação escrita na primeira parte deste trabalho sobre a ideia da finalidade do instinto sexual. Com a observação dos autores citados acima, pode-se concluir que o argumento trazido por Krafft-Ebing, assim como todas as suas ideias que foram incorporadas à sexologia médica da época, nasceu a partir de concepções construídas ao longo do tempo sobre a importância da conservação da potência geradora. Os argumentos dos médicos sobre os perigos da masturbação convergiam novamente para a noção primordial de uma finalidade do instinto sexual: a necessidade da reprodução, de continuar a linhagem e de produzir descendentes. Esse conceito já havia sido discutido na medicina ainda antes da teoria científica de evolução da espécie ou da ascensão completa do Cristianismo no Ocidente, como demonstram os textos de Hipócrates e outros teóricos da Antiguidade. Era esse o argumento principal da ciência sexual no qual autores como Krafft-Ebing, Albert Moll e Sigmund Freud estavam envolvidos.

O texto apontado como o fundador do interesse pelo ato da masturbação, o livro *Onania: or, the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences* (que aqui será chamado de *Onania*) foi escrito por um autor que, apesar de não ter se identificado e assinado seu texto, dizia ser um médico e, por esta razão, deveria educar a população sobre o onanismo.⁵³

O onanismo seria a prática antinatural pela qual as pessoas, de qualquer um dos sexos, corromperiam seus próprios corpos em ato sexuais sem afiliação com outros, “uma vez que cedendo à imaginação suja eles se esforçam para imitar e procurar em si mesmos, aquela sensação que Deus ordenou para gratificar a troca carnal de dois sexos para a continuação de nossa espécie”. (Anônimo, 1756, p. 2).

As causas gerais que levariam uma pessoa a praticar o onanismo seriam as mesmas dos outros pecados sexuais: más companhias, leituras de obras sobre romances proibidos e

⁵³ Por motivos de fluidez do texto, aqui o autor de *Onania* será referido como anônimo

apoio a discursos indecorosos são apresentados como atitudes que predisporiam aos maus hábitos. Mas pela particularidade da masturbação, o autor aponta que o importante é falar das causas específicas e particulares do pecado: “não devo me debruçar sobre as causas gerais da sujeira moral [...] essas já foram suficientemente tratadas nos Livros de Devoção e nas práticas de divindade. Eu deixarei que o leitor as procure. Vou tratar aqui das causas específicas desse pecado, causas que dificilmente acontecem em outros”. (1756, p. 9).

As causas específicas apresentadas pelo texto são: 1) *ignorância*. A ignorância que a obra apresenta seria um desrespeito às leis de Deus. O sentido da palavra seria mais de uma atitude grosseira e incivilizada em relação ao Criador do que a própria falta de conhecimento sobre as leis de Deus. Apesar de que a falta de conhecimento ou de capacidade de compreensão sobre a palavra de Deus também poderiam ser causas específicas; 2) *as testemunhas*, ou seja, pessoas responsáveis que não teriam educado tampouco desencorajado as crianças inocentes no sentido de que ainda que estimular os próprios genitais fosse um ato prazeroso, aquele prazer causaria danos fisiológicos e morais irreparáveis no futuro; e, por último, 3) *a certeza da impunidade*, uma vez que os meios legais seriam falhos, pois ainda não existiriam leis contra a prática do onanismo. (Sem autor, 1756, p. 3-8).

Como apontam Hunt (1998) e Hare (1962), o livro como um todo tem um tom mais evidenciado pelo discurso bíblico, usando exemplos das sagradas Escrituras, incluindo o próprio termo Onanismo, como sinônimo do termo masturbação. Pouquíssimas referências a outros estudos médicos são feitas ao longo do texto.

Hare (1962) constata que a partir da sua experiência como historiador existiriam razões plausíveis para acreditar que o autor da *Onania* teria sido um ex-clérigo transformado em médico charlatão de pouca expressão. Suas evidências fracas para argumentar cientificamente suas ideias, a falta de leitura das obras de outros médicos, o anonimato do livro e o fato de que, ao longo da obra, o autor gasta uma boa parte das páginas anunciando um remédio próprio e secreto que curaria os danos da masturbação, a impotência sexual e esterilidade, seriam evidências fortes do charlatanismo por trás dessa publicação.

O autor do texto *Onania*, porém, não só se refere a si mesmo como um médico de boa reputação, como também certifica que seu livro se trata de um respeitável e embasado texto científico e, por isso, por se tratar de um tratado científico, seriam apresentados o que ele chama no texto de “fatos” para fazer a ligação entre as aflições físicas e mentais, e a prática da masturbação.

Os fatos seriam cartas que o Anônimo teria recebido de pacientes e pessoas que por anos teriam praticado o onanismo, e agora estariam conscientes de todo o problema que a prática teria causado. Os relatos de grande número e as características destas pessoas – até então completamente normais em saúde de mente e corpo, exceto pelo fato de praticarem onanismo – seriam evidências de que o ato era o causador daqueles males (Sem Autor, 1756).

Os relatos são extensos e muito variados, tomando a maior parte do livro. Mas entre as aflições que mais se repetem estariam aquelas denominadas de *aflições físicas* – muito numerosas para serem citadas aqui, mas entre as mais recorrentes estão os problemas de pele, crescimento anormal de pelos pelo corpo, fraquezas musculares, impotência sexual e esterilidade; e as *aflições espirituais* – as de maior expressão: perturbações e tristeza intensa pela culpa do ato praticado e as tentativas de suicídio ou a consumação do suicídio – indicariam maior gravidade quando unidas com as aflições físicas, pois o onanista poderia ser acometido por alguns casos de insanidade leve.

De todas as aflições citadas no texto, a mais grave é a epilepsia. Apesar de ser uma doença conhecida e documentada pela medicina, nesse livro está a primeira menção da masturbação como causa da epilepsia. Essa visão seria transformada em uma unanimidade científica ao longo do século XIX. (Hare, 1962, p. 2).

Devido ao tom da obra que inaugurou o interesse da medicina pela masturbação nos séculos XVIII e XIX, Hunt (1998, p. 576) discute brevemente a razão pela qual a maioria da opinião médica da época teria aceitado a versão dos perigos psicológicos e fisiológicos da masturbação a partir de publicações *quase-médicas* (p. 577). O autor lembra que a Medicina procurou reconhecimento e expansão de sua jurisdição como teoria durante o século XIX – o reconhecimento estatutário da medicina aconteceu em 1858, com a promulgação do Ato Médico na Europa. A consolidação do que seria a medicina ou o que seriam teorias baseadas em aspectos menos científicos permaneceu sem limites muito bem definidos durante boa parte do século XIX e início do século XX.

O trabalho de Tissot guardava argumentos e semelhanças com o livro *Onania*, mas, ao contrário do primeiro, apresenta um corpo de teorias e explicações bem variadas e fundamentadas. O primeiro capítulo do livro se preocupa em traçar as publicações médicas e filosóficas que abordam temas que poderiam relacionar o onanismo às doenças físicas e mentais. Começando por Hipócrates e a teoria dos humores, Tissot apresenta um compilado de casos de outros autores e teorias sobre a masturbação que o teriam levado a montar as

argumentações defendidas. Curiosamente, o autor separa a terceira parte de seu texto para criticar o livro *Onania* pelo teor teológico e moralizante da obra: “O livro inglês *Onania* é um caos. Um dos trabalhos mais indigestos já escritos” (Tissot, 1769, p.29). Alguns anos mais tarde, Tissot seria criticado por ter feito justamente algo parecido com o autor de *Onania* ao ter deixado que suas crenças religiosas obnubilassem seu julgamento médico ao analisar o tema do onanismo (Ellis, 1901; Moll, 1908).

Tissot continua sua crítica afirmando que todas as observações feitas pelo autor Anônimo deveriam ser desconsideradas, e apenas suas descrições dos males do onanismo deveriam ser levados em conta. O autor reapresenta e reorganiza as categorias de doenças que seriam resultado do vício prolongado do onanismo, começando pela categoria mais danosa de todas as doenças da alma. Tissot (1769, p. 26-34) organiza os males do onanismo da seguinte maneira⁵⁴:

- (1) Males da alma: o onanismo causaria a perda da memória e o adoecimento de ideias, podendo, muitas vezes, resultar em casos de demência, alucinações e paranoias;
- (2) Males Físicos: perda completa das forças corporais e privação de sono, além de casos de hipocondria e histeria, com todos os sintomas que as doenças causariam;
- (3) Males do Corpo: dores diversas no corpo e problemas no pulmão, ossos e casos de reumatismo;
- (4) Males Estéticos: o aparecimento de coceira e pústulas dolorosas no rosto, nariz, peito e testa;
- (5) Males Sexuais: incapacidade de ereção, esterilidade, problemas no trato urinário e dificuldade para manter a relação sexual;
- (6) Males do sistema excretor: as funções do intestino ficariam completamente comprometidas, causando casos de constipação, hemorroidas e perda de funções excretoras.

A ideia de masturbação como causa de doenças físicas e da Insanidade Masturbatória começou a ser tratada como um fato científico. O famoso Esquirole, em seu *Des Maladies Mentales* (1838), escreveu que a masturbação parecia ser uma das causas da mania, da demência e da demência senil. Outros grandes nomes da época como, Guislain, Greisinger e Flemming, também citam em vários de seus textos os males da masturbação. Instaurava-se, assim, entre os escritos científicos da época, um verdadeiro “ataque” à masturbação, que persistiria por mais de 150 anos (Hunt, 1998, p.579).

⁵⁴ As nomenclaturas dos males apresentadores por Tissot foram criadas para este trabalho para fins de esclarecer e facilitar a apresentação da teoria.

Como efeito natural, quanto mais médicos conhecidos se debruçavam sobre estudar e apontar os casos em que a masturbação poderia causar as doenças descritas nas décadas anteriores, hipóteses de que a masturbação poderia ser não a causa, mas um dos muitos sintomas da doença, começariam a tomar forma. Isso demonstra o sucesso da teoria do frenologista Gall, que apontava a masturbação como consequência das insanidades, e a mudança de posição do médico Greisinger, em 1861, após atender alguns pacientes nos quais a masturbação apareceria posteriormente à doença instaurada.

Dentro desse contexto, estaria ficando cada vez mais claro para esses médicos, após a euforia da descoberta dos males do onanismo, que, de fato, ainda não tinha sido explicada de maneira satisfatória como a masturbação causaria a insanidade; e, principalmente, se a masturbação causaria todos esses males, por que razão outros excessos sexuais seriam menos perigosos do que o onanismo. Com a afirmação de Kraepelin, em 1896, de que a masturbação não causaria nenhum tipo insanidade, a noção ganhou mais popularidade entre os médicos (Hare, 1962, p. 15).

Este trabalho não tem como objetivo traçar a história da ideia do conceito de onanismo, de como ele foi influenciado ao ponto de ser tornar uma ideia médica universalmente aceita e por quais razões ele passou a ser questionado. Continuando a se ater ao objetivo geral, apenas os livros mencionados acima serão citados de maneira mais específica por terem sido fundamentais para a consolidação e, posteriormente, questionamento do conceito.

Para a construção da tese é suficiente concluir que, na época em que autores como Albert Moll e Sigmund Freud estariam começando sua ascensão ao posto de médicos reconhecidos, a visão da masturbação estava, finalmente, começando a ser questionada. Segue-se a partir daqui com a visão de Albert Moll sobre a masturbação e as diferenças que este impôs a esse conceito tão fortemente estabelecido.

Entre os anos de 1895 e 1900, a visão de que a masturbação seria a causadora de doenças mentais e físicas caiu vertiginosamente. Porém, a ideia da masturbação como um malefício estava longe de ser abandonada. A ideia permaneceu, mas agora fazendo referência à masturbação como causa de desordens neuróticas e sexuais (Hare, 1962, p. 9).

De todos os trabalhos analisados e posteriormente selecionados para constituir a bibliografia desta seção, o trabalho de Hare, por ser um artigo que se debruça sobre a história do conceito, é o mais completo para esse fim, e, por isso, é o mais citado entre os historiadores.

Nele, o autor não apresenta por qual razão a masturbação passou a ser responsável pelas neurastenias e neuroses, mas cita alguns escritos de Henry Maudsley sobre o tema.

Maudsley era, de fato, um autor muito influente para os sexologistas do final do século XIX. Trabalhos como os de Krafft-Ebing (1886), Albert Moll (1893, 1905, 1908), Bloch (1909), Eleuberg, (1902) e Ellis (1898) citam teorias ou comentam a influência do pensamento de Maudsley em suas afirmações. Em seu livro mais referenciado por seus contemporâneos, *Pathology of Mind*, Maudsley apresenta a masturbação como causa de insanidade e doenças relacionadas à sexualidade em quatro oportunidades (1867, pp. 78, 203, 304), principalmente como ligada às causas de degeneração molecular. A masturbação corresponde também a uma das manifestações de excessos corporais e sexuais. Maudsley afirma abertamente que a masturbação seria uma manifestação e uma agravação de insanidades.

A persistência do discurso da masturbação como causa de desordens neuróticas continuava bem mais firme na parte da psiquiatria que visava estudar as características físicas e psicológicas da sexualidade humana. Como mencionado anteriormente, textos como o de Kaan (1844) e a obra de Krafft-Ebing (1886) apresentam abertamente o argumento de que a masturbação seria a causadora das temidas perversões sexuais. O livro de Krafft-Ebing especialmente, com aceitação e sucesso alcançados na comunidade médica, enraizou nos trabalhos da sexologia do final século XIX a ideia de que o onanismo como vício, combinado com as degenerações, seria a causa de todas as parestesias sexuais (Simião, Simanke, 2014).

Por ter sido um autor muito prolífico, em vários de seus textos sobre sexualidade Moll abordou a masturbação. No seu primeiro livro completo sobre sexualidade humana - a obra sobre as perversões sexuais, mais especificamente a homossexualidade, *Les perversions de l'instinct génital, étude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels* (1893) -, as primeiras afirmações sobre a masturbação são feitas. Entre a publicação da obra de 1891 e a de 1908, Moll ainda fazia considerações sobre a masturbação em seus livros *Untersuchungen über die Libido sexualis* (1898) e *Sexuelle Perversionen, Geisteskrankheit um Zurechnungsfähigkeit* (1905). Apesar de *Libido Sexualis*, de 1898, ser considerado para esta reflexão como o livro fundamental para a teoria da sexualidade em Albert Moll, este artigo vai usar o livro *Das Sexuelleben des Kindes*, de 1908, pois é o livro que apresenta a descrição mais completa do autor sobre o caso específico da masturbação, e a ideia contida nele não se altera depois.

Moll (1908, p. 88) define a masturbação como a estimulação artificial dos genitais. A masturbação seria uma das muitas manifestações do instinto de detumescência, por isso poderia se manifestar como um ato puramente orgânico, sem que a imaginação tivesse nenhuma parte na realização. Quando ideias fantasiosas estivessem presentes no ato da masturbação, seria pelo motivo de o impulso de aproximação estar ativo.

A masturbação em crianças e adultos seria um processo muito similar. A grande diferença entre as duas etapas da vida é que a masturbação infantil seria mais independente do instinto de afeição que a adulta, uma vez que, durante a vida adulta, ambos os instintos seriam intimamente ligados na completude da libido sexual. A masturbação infantil poderia ocorrer desde o início da primeira infância, portanto, poderia ocorrer sem a presença da ejaculação.

Aqui é preciso lembrar que no contexto médico que transformou o ato da masturbação em um vício causador de doenças, os males do onanismo estariam intimamente ligados ao desperdício de sêmen, tanto ao nível espiritual (afinal, foi esse o motivo pelo qual Deus castigou Onã) quanto ao físico, pois esse desperdício seria a causa da esterilidade prolongada. Os dois malefícios, por sua vez, estariam ligados à perversão sexual por definição, uma vez que impediriam a propagação da espécie.

Essa afirmação foi de extrema importância no contexto histórico de Moll, pois, para um autor que teve dois trabalhos de grande repercussão - os dois tratando de temas controversos como sexualidade infantil e libido na infância -, apresentou a noção de que nem todo ato masturbatório provocaria desperdício de sêmen.

Essa é uma tendência que pode ser observada ao longo dos trabalhos de Moll. Apesar de ser ele um cristão e ocupado com o estudo do ocultismo (Maehle, 2012), o tom que o médico emprega na apresentação dos dois temas e nas suas obras sobre sexualidade como um todo, abandona completamente as relações entre espiritualidade e medicina. Quando comparado a seu mentor, Krafft-Ebing (e a outros sexologistas), as palavras Deus, pecado, Bíblia e similares são abandonadas em suas argumentações.

Pontos de discordância entre Moll e o pensamento contemporâneo ao seu, como, por exemplo, se a masturbação seria ou não a causa de doenças, são apresentados em pequenos parágrafos no meio do texto, sem muito destaque e intercalados com extensas situações descritivas sobre casos. Geralmente, são retomados muito depois nas argumentações ou mesmo em outras obras do autor.

Continuando sua argumentação sobre a masturbação, Moll define as zonas erógenas como partes da superfície do corpo que, quando estimuladas, provocam, direta ou indiretamente, sensações voluptuosas. Além dos genitais, outras partes do corpo poderiam provocar essas sensações, portanto, a masturbação também incluiria o ato de fricção ou introdução de objetos em zonas erógenas distintas dos genitais, tais como os glúteos e o ânus (1908, p. 91).

Nesse ponto, novamente, duas observações são necessárias: a primeira é que nem toda estimulação, principalmente a anal, causaria alguma sensação de prazer. O ato de defecar, por exemplo, não teria nenhuma ligação com masturbação e prazer anal. Moll faz referência a Freud para exemplificar seu argumento, afirmando duvidar que a retenção de fezes fosse fonte de satisfação libidinal (1908, p.91).

A segunda é que novamente uma informação importante para a teoria é apresentada e só será retomada em outras obras do autor. No original em alemão, ao tratar sobre a estimulação anal, Moll usa o termo *kinders* (crianças). Em alemão é um termo neutro, indicando que Moll não está fazendo uma diferenciação de gênero para que uma criança procurasse prazer através da introdução de objetos no ânus. Esse ponto será retomado abertamente em outras de suas obras e outras edições que o autor participou para tratar sobre o instinto sexual contrário e sodomia.

A sodomia era vista como um grande tabu – em termos médicos e legais – na época. Krafft-Ebing (1894) coloca a sodomia como uma das perversidades sexuais passíveis de punição e ato de homens moralmente degenerados. Também trata a homossexualidade como sendo uma das perversões de instinto, que em suas formas congênita e adquirida incluiria a predisposição de meninos a se sentir atraídos por homens, e pelo prazer ao ser penetrado no ânus durante o ato sexual com outro homem. Sendo assim, Moll argumenta que era possível que meninos sentissem prazer anal e, durante a vida adulta, nunca sentissem vontade de ter relações sexuais anais (em uma atitude passiva) ou se sentirem atraídos por homens. O ânus continuaria sendo, mesmo para homens heterossexuais, uma zona erógena durante toda a vida.

Moll passa a discutir que dentro do contexto da masturbação, sensações sexuais de prazer ocorreriam em momentos diversos e involuntários. Seria possível observar, principalmente em crianças e adolescentes, que um sentimento de ansiedade intenso causasse excitação sexual ou ejaculação (com ou sem excitação sexual prévia). Nos casos que Moll atendeu ou teve conhecimento, meninos e meninas, diante de sensações estressantes, chegariam

ao orgasmo ou se masturbariam como forma de obter o prazer sexual e, através dele, uma diminuição da sensação de ansiedade (Moll, 1912, p. 93-95).⁵⁵

Mais comum que o caso descrito acima seriam as ejaculações produzidas durante o sono como resultado de sonhos eróticos. Essas manifestações seriam mais comuns em adultos, mas crianças poderiam ter sensações de prazer durante sonhos eróticos. Moll (1908, p.95) especula que, ao contrário do que é comum se pensar acerca da vida sexual, o primeiro orgasmo ou a primeira ideia sexual poderiam ocorrer durante o sono com orgasmos resultados de sonhos eróticos. Uma vez que sonhos, caracteristicamente, sejam constantemente esquecidos quando o sujeito entra em estado de vigília, seria difícil precisar quando a primeira ideia sexual surge. Por esse motivo, seria possível pensar que as manifestações sexuais teriam início ainda mais cedo na vida dos seres humanos, mas esses sonhos sumiriam das lembranças conscientes:

Assim, embora seja verdade que a vida psicosexual geralmente pareça começar durante o estado de vigília, devemos admitir que seja bastante provável que os sonhos psicosexuais possam ter ocorrido anteriormente e acabaram por ter sido esquecidos, como é comum. Assim, em muitos indivíduos, perversões sexuais também fazem suas primeiras aparições em sonhos. Foi até sugerido que os sonhos podem exercer uma influência semelhante à da sugestão pós-hipnótica; isto é, seria possível dizer que um sonho foi a verdadeira causa originária de perversão sexual. Essa é uma questão que não posso discutir com mais profundidade, especialmente em vista do fato de que toda a ideia é muito hipotética (Moll, 1912, p. 97).

⁵⁵ Moll acredita que poderia existir uma relação patológica na excitação sexual e na dor, principalmente porque em situações de risco extremas, tais como a consumação de um suicídio, ereções podem ser observadas. Seria possível pensar em um componente masoquista na excitação sexual pela ansiedade e análogo ao que poderia ser observado fisiologicamente. Moll (1908, p. 93) retoma a ideia de Freud sobre o núcleo sexual das neuroses e afirma acreditar que, assim como a teoria freudiana como um todo, a relação entre neuroses e sexualidade foi maximizada.

III- Breve biografia de Sigmund Freud

Sigmund Scholmo Freud nasceu em 6 de abril de 1856, filho de pais judeus.

Freud começou seus estudos em medicina no ano de 1873. Seus primeiros estudos foram na área de zoologia e fisiologia. Freud abandonou a carreira de pesquisador devido a razões financeiras. Decidiu tornar-se médico clínico. Nos três anos seguintes, trabalhou no Hospital Geral de Viena, com Hermann Nothnagel e Theodor Meynert (Roudinesco & Plonn, p. 524).

Em 1885, Freud ganhou uma bolsa de estudos em Paris. Nessa viagem realizou seu objetivo de conhecer e estudar com Jean Marin Charcot, com o qual aprendeu as técnicas da terapia hipnótica (Salloway, 1992, p.28).

De volta a Viena, em 1886, Freud se dedicou ao consultório particular. Trabalhando ao lado de Breuer, Freud abandonou a hipnose pela catarse, e criou um método da associação livre e a ideia da psicanálise. Essa palavra foi empregada pela primeira vez em 1896, e sua invenção foi atribuída a Breuer (Gay, 2006).

Em 1897, o nome de Freud foi proposto para o título de professor extraordinário. Os apoiadores dessa nomeação foram Hermann Nothnagel e Richard von Krafft-Ebing (Roudinesco & Plon, 2006). Freud e Krafft-Ebing tinham um relacionamento profissional bom. O autor da *Psychopathia* muitas vezes discordava de algumas apresentações de Freud, chagando a chamar algumas de suas teorias sobre a histeria de pouco científicas, mas as discordâncias não impediam que as qualidades de Freud fossem reconhecidas (Hauser, 1992). Em 1902, torna-se professor na Universidade de Viena, posição que ocupou até 1938.

Em 1900 publica sua obra de maior impacto até então, *A Interpretação dos Sonhos*. Apesar de não ter sido um grande sucesso de vendas, a obra causou uma reação da comunidade médica dos países germânicos (Peter Gay, 2006).

Freud fundou a psicanálise como uma teoria e, sobretudo uma prática. Foi um autor ativo, publicando uma obra extensa sobre teoria psicanalítica, que envolveu temas como filosofia, biologia e artes. Suas obras foram traduzidas em diversos idiomas e a terapia psicanalítica continua sendo estudada e praticada ao longo do mundo. A propagação da psicanálise faz de Freud, nos dias atuais, uma das maiores personalidades da história da medicina.

Na sua vida pessoal, Freud teve sete irmãos, sendo o primeiro filho do terceiro casamento do pai, Jacob Freud.

Casou-se em 1886 com a também judia Martha Bernays. Os dois tiveram seis filhos e permaneceram casados até a morte do médico.

Em 1909, a convite de Grandville Stanley Hall, Freud teve a chance de expandir a sua teoria para o continente americano. Concedeu cinco palestras na Clark University de Worcester, em Massachusetts. As palestras foram acompanhadas por Jung (seu futuro desafeto) e Ferenczi.

Com ascensão dos nazistas ao poder, Freud e sua teoria enfrentaram a perseguição dos seguidores de Hitler. A psicanálise recebeu a tal a qualificação de “ciência judaica”. Como relatam Roudinesco & Plonn (1998, p. 533), nesse contexto o nazismo se dedicou a destruição da psicanálise, de seu vocabulário, seus conceitos, suas obras, seu movimento, suas instituições e seus praticantes. Matthias Heinrich Göring teve participação ativa nesse quesito. Muitos psicanalistas e médicos que passaram a seguir a nova “psicologia ariana” se estabeleceram profissionalmente no Deutsche Institut für psychologische Forschung, mais conhecido pelo nome de Instituto Göring. A prática da psicoterapia e o direito de atendimento psicoterápico foram proibidos aos judeus.

Em 1933 livros de Freud foram queimados pelos nazistas. Em 1938, com a anexação da Áustria ao território comandado pelo Nazismo, Freud partiu de seu país para o exílio. Enfrentava um câncer desde 1923. Sigmund Freud morreu em 23 de setembro de 1939 exilado na Inglaterra.

III.I- O Instinto Sexual na teoria de Freud

Das três teorias da sexualidade estudadas nesse trabalho, a teoria freudiana apresentada nos *Três Ensaio*s é, sem sombra de dúvidas, a mais complexa. Vamos iniciar o percurso desse estudo, brevemente, pela ideia de instinto sexual que Freud apresentava antes dos *Três Ensaio*s, para compreender melhor alguns conceitos que ele vai usar em 1905.

Como será visto ao longo dessa primeira parte da teoria de Freud, ao contrário de Moll, para quem *libido sexualis* seria o sinônimo da completude instinto sexual, Freud apresenta a libido como uma energia psíquica, a energia dos processos do instinto sexual.

Esse tipo de ideia torna a definição freudiana de instinto sexual bem mais fluída e dotada de movimento do que a de Krafft-Ebing, por exemplo. Inclusive a definição de Freud

em 1915 para o *Trieb*, aponta para a obscuridade do conceito. Na obra freudiana, ao contrário de Moll e Krafft-Ebing (autores que sempre tiveram posições firmes sobre aquilo que estava sendo definido como instinto sexual) algumas mudanças ocorreram sobre o conceito de instinto sexual, ainda em períodos iniciais de suas considerações.

Em 1894, em uma carta a Fleiss, Freud mencionou pela primeira vez o termo *Sexualtrieb*. Nessa época, Freud ligava a libido sexual como a manifestação somática de uma excitação sexual do organismo masculino sexualmente maduro. A excitação sexual somática produzida continuamente tornar-se-ia um estímulo para a psique. O processo, supostamente, seria o mesmo para homens e mulheres.

No primeiro momento da teoria psicanalítica da a sexualidade, a periodicidade fisiológica e o desejo em direção à ação específica excluiriam qualquer referência à responsabilidade do objeto no fenômeno de liberação do desejo sexual. Embora Freud tenha chamado a libido sexual de desejo psíquico, se referindo à ela como o componente mental das representações instintuais, a energia do instinto sexual só poderia ser despertada pela periodicidade do fenômeno fisiológico. Freud, nesse momento, descartou a segunda possibilidade de padrão da sexualidade, no qual o objeto sexual e a excitação poderiam provocar o instinto. Em 1895, Freud afirmou que nenhum instinto sexual apareceria antes da puberdade por causa da falta de sensações sexuais e ação específica antes desse período de vida (Cotti, 2008, p. 29-31).

Em seu *Projeto para uma psicologia*, Freud começou a apontar uma mudança na direção desse pensamento sobre o instinto na puberdade e o papel do objeto sexual. Nesse texto, Freud incluiria pela primeira vez o papel do objeto sexual no mecanismo do instinto. Essa inclusão teria provavelmente a influência de Meynert sobre a necessidade da ajuda externa em bebês como meio de realizar os atos dos instintos básicos como a fome (Cotti, 2008, p. 31).

O autor (1895, p. 296) apresentou a ideia de uma excitação endógena que produziria grandes necessidades, tais como fome, respiração e sexualidade. O sistema psi estaria exposto a quantidades de excitação provenientes do interior dos estímulos endógenos. A excitação provocaria a impulsão (*Antrieb*) que por sua vez sustentaria toda a atividade no sistema psíquico. A remoção do estímulo seria possibilitada pela intervenção da excitação no interior do corpo. Nesse contexto, exigiria alteração no mundo externo (oferta de alimento, proximidade do objeto sexual) como uma ação específica.

Dentro do argumento de alteração no mundo externo, Freud (1895, p.317) pensou na situação dos estímulos psíquicos a partir do infantil. A princípio, organismo humano seria

incapaz de realizar a ação específica para remover o estímulo. A ação conteceria por ajuda externa, quando a atenção de um indivíduo fosse atraída para o estado da criança pela descarga ao longo do caminho da mudança interna. Dessa maneira, esse caminho de descarga teria uma função secundária da mais alta importância, a da comunicação, e o desamparo inicial dos seres humanos seria a doprincipal fonte de todos os motivos morais. Esse pesnamento centrado na criança abre espaço para as considerações de Freud sobre o momento em que as psiconeuroses surgiriam no ser humano.

De acordo com Cotti (2008, p. 31) a primeira vez que Freud confrontou a ideia das forças do instinto sexual como premissa das psiconeuroses foi no artigo *A Etiologia da Histeria* em 1896.

Em maio de 1897 Freud enviou a Fliess o Rascunho N, cujos parágrafos tinham o seguinte título: "Impulsões, Relação entre Impulsões e Fantasias. Nesse rascunho, Freud relacionou a libido com a formação dos sintomas. O primeiro motivo da construção dos sintomas seria, cronologicamente, a libido. Assim, os sintomas de tipo sonhos, seriam a realização de um desejo libidinal. Pareceria para o autor que nos estágios posteriores, por um lado, complicadas formações psíquicas (impulsos, fantasias, motivos) seriam deslocadas da memória e, por outro lado, as defesa contra esses desejos surgiriam no PCes (Masson, 1985: 251).

Cotti (2008, p. 34) conta que a ideia de sonhos como realizações de desejos foi influenciada por Meynert, assim como a suposição de que também as psicoses alucinantes seriam realizações de desejos. A referência à libido sexual claramente distinguiria a libido – que representava a energia sexual global – dos *Antrieb* e do *Trieb*. A autora nota também que nenhuma experiência de sedução foi mencionada nessas frases, bem como o papel das fantasias e das impulsões. A teoria freudiana estava mudando. Todas essas nuances e hesitações sobre o instinto sexual marcariam o início de um período repleto de alterações textuais e revoluções teóricas na teoria freudiana.

Também de Cotti (2008) temos a informação de Freud começou a ler a *Libido Sexualis*, de Moll, em maio de 1897. Em setembro daquele mesmo ano, ele abandonou a crença em sua neurótica e conseqüentemente abandonou a importância etiológica da experiência de sedução. Neste contexto, a teoria baseada na cena de sedução e das impulsões que apareceram no projeto foram completamente abandonadas pela ideia mais formada de instinto sexual.

Também em 1898, Freud desenvolveu a ideia da sexualidade como premissa das neuroses no artigo *Sexualidade na Etiologia das Neuroses*, e pela primeira vez, publicou a relação entre as forças do instinto sexual e a sexualidade infantil.

A primeira ideia da sexualidade infantil, de acúmulo e reserva de energia sexual, contida nesse artigo surgiu a partir de suas conversas com Fleiss – Freud mesmo referencia o amigo nessa publicação – Freud especula que a manifestação da sexualidade infantil seria o bebê que desde o nascimento teria em seu corpo físico e psíquico reservas de força do instinto sexual. Essa ideia surgiu da ideia de Fleiss sobre a bissexualidade periódica, como veremos posteriormente (Cotti, 2006, p.).

Todo esse movimento se tornaria mais compreensível em 1900 com a publicação da *Interpretação dos Sonhos* quando Freud se refere pela primeira vez entre a dualidade entre instintos de autoconservação, entre eles, os dois mais poderosos, o instinto sexual e a fome (Cotti, 2006).

E é nesse contexto intelectual que Freud publica seus *Três Ensaios* em 1905, com uma ideia mais formada sobre o instinto sexual, apresentando o instinto sexual como um instinto tão primordial quanto a fome e com a presença do instinto sexual desde a infância.

O instinto Sexual nos Três Ensaios

Com a publicação dos *Três Ensaios sobre a teoria da Sexualidade* (1905), Freud critica a visão de uma sexualidade que começaria na puberdade e se normalizaria na atração física pelo sexo oposto. Na abertura do primeiro dos ensaios, dedicado às perversões (ou aberrações, *Abirrungen*) sexuais, Freud se contrapõe à opinião popular de que haja necessariamente alvos e objetos específicos para o instinto sexual:

Ela [a sexualidade] estaria ausente na infância, far-se-ia sentir na época da puberdade e em conexão com o processo de maturação, seria exteriorizada nas manifestações de atração irresistível que um sexo exerce sobre o outro, e seu objetivo seria a união sexual ou, pelo menos, os atos que levassem nessa direção. Mas temos plena razão para ver nesses dados uma imagem muito infiel da realidade; olhando-os mais de perto, constata-se que estão repletos de erros, imprecisões e conclusões apressadas. (Freud, [2016] 1905, p. 73).

Para Freud, a existência de necessidades sexuais no homem e nos animais poderia ser expressa pelo pressuposto de um impulso de caráter inato, o instinto sexual (*Sexualtrieb*). O instinto (*Trieb*) seria uma força psíquica que empurraria o organismo para descarregar uma pressão em uma determinada região ou órgão. Sendo assim, as excitações corporais relativas às zonas erógenas deveriam também ser pensadas como montantes de energias que procuram descarga. O instinto sexual seria formado por instintos parciais, os quais se ligariam a diferentes partes do corpo, as zonas erógenas.

Ao falar sobre o instinto sexual nos seus *Três Ensaios*, Freud (1905, p.22) ressaltou a importância da psicanálise. Para ele, só seria possível conseguir informações sólidas sobre a vida sexual dos psiconeuróticos – e informações que não induzissem ao erro – através da submissão desses pacientes à indagação psicanalítica. A psicanálise eliminaria os sintomas dos histéricos com base na premissa de que sintomas seriam o substituto de uma série de processos psíquicos, tendências e desejos investidos de afetos. O processo psíquico de repressão teria privado os processos químicos do acesso à resolução mediante atividade psíquica capaz de consciência, por isso seriam deixados como conteúdo do inconsciente. A psicanálise, com sua técnica, transformaria os sintomas de volta em ideias investida de afeto, tornadas conscientes, para obter conhecimentos precisos sobre a natureza e origem dessas formações inconscientes.

Freud acreditava que as psiconeuroses seriam assentadas em forças instintuais sexuais, no sentido que os sintomas seriam “a atividade sexual dos doentes” (Freud [2016] 1905, p. 60). A prova para essa afirmação seriam seus anos de atendimento clínico – na primeira publicação dos *Três Ensaios*, 10 anos, na última edição, 25 anos – e os resultados publicados em seus livros.

A psicanálise teria demonstrado também, que o aporte das forças sexuais seria o único constante e a mais importante fonte da neurose. Freud (1905, p.23) escolheu tomar a histeria como modelo para todos os psiconeuróticos nos *Três Ensaios* e a partir de sua observação de pacientes, teria percebido que o caráter das psiconeuroses denotaria uma repressão sexual além da medida normal, uma intensificação das resistências ao instinto sexual e uma fuga instintiva ante a consideração intelectual do problema sexual. A repressão privaria o acesso a uma resolução mediante atividade psíquica capaz de consciência. As formações mentais ficariam retidas no estado de inconsciência buscariam uma expressão adequada de valor afetivo – uma descarga – e mediante o processo de conversão em fenômenos somáticos, encontrariam na histeria, os sintomas histéricos. A psicanálise eliminaria os sintomas histéricos com base na premissa de que eles seriam o substituto dessa descarga sexual que não encontrou resolução.

Essa afirmação é a mesma que Moll vem contestar no seu texto sobre *a Vida Sexual Infantil*. Krafft-Ebing também teria tido, além de outros problemas teóricos, reservas sobre a origem sexual das psiconeuroses propostas por Freud (Cotti, 2008).

Freud respondia que essas críticas que ele recebia seriam explicadas pelo fato de a sexualidade ser identificada com o instinto sexual normal. A psicanálise teria demonstrado que os sintomas não nascem apenas à custa do instinto sexual que era considerado normal. Os

sintomas das psiconeuroses seriam a expressão convertida de instintos perversos. Os sintomas se formariam à custa da sexualidade anormal, por isso Freud afirma que “a neurose é, digamos, o negativo da perversão” (Freud [2016] 1905, p. 63).

Freud (1905, p.24) afirma nos *Três Ensaio*s que o instinto sexual dos psiconeuróticos mostraria todas as aberrações como variações da vida sexual normal e como manifestações da vida sexual patológica. Para Freud, todos os neuróticos teriam, na vida psíquica inconsciente, impulsos de inversão e das outras patologias; os fatores formadores de sintomas teriam relação com as extensões anatômicas dos pontos de prazer corporais, principalmente boca e ânus.

Moll e Krafft-Ebing não com a ideia de inconsciente em suas obras. Algumas menções ao inconsciente filosófico de Von Hartmman são feitas, mas nada profundo ao ligado a degenerações e psicopatias sexuais. As perversões seriam aberrações na finalidade do instinto, em termos parecidos com o que Freud considera no tocante a seus limites patológicos⁵⁶. E os sexólogos do final do século XIX, concordavam, que pelo instinto sexual, todos os processos contidos nele fariam parte da natureza de processos físicos e psíquicos do homem, portanto o os componentes das patologias seria parte da vida psíquica de todos os homens, por fazerem parte da naturalidade do instinto sexual.

Para autores como Moll e Krafft-Ebing psiconeuroses (ou neurastenias) seriam as consequências de degenerações, principalmente mentais, hereditariedade ou consequências de adoecimentos físicos. Questões sexuais não faziam parte da equação, apesar de que para Krafft-Ebing (1888), doenças psíquicas seriam formas adoecidas de processos mentais normais e os componentes sexuais seriam mais consequências que causas.

Essa era a razão pela qual Freud era criticado, de acordo com esses próprios autores. O argumento dos críticos era o mesmo que o de Moll, um exagero por parte da psicanálise freudiana no papel das formações mentais sexuais na raiz das neuroses, não a posição que Freud assumia sobre a sexualidade infantil, ou sobre a definição de perversão e tendências perversas como parte da vida sexual normal.

Freud fala de uma presença constante e inconsciente desses impulsos perversos na vida psíquica, como se fossem componentes até certo grau independente ao instinto sexual. O instinto poderia se manifestar ao mesmo tempo em que esses impulsos permanecessem inconscientes. Daí a escolha de falar em tendências inconscientes. Na teoria freudiana essas

⁵⁶ Maiores explicações no próximo capítulo.

tendências inconscientes teriam um papel na vida sexual dos sujeitos e em adoecimentos psíquicos.

Essa ideia era mesmo absurda para a teorização de Krafft-Ebing, e consequentemente de Moll, que endossava a teoria do primeiro. Na teoria das psicopatias sexuais, o instinto sexual como processo mental seria único, com finalidade restrita e preenchido por várias formações psíquicas, tais como agressividade, urgência na satisfação do coito, fetiche fisiológico, etc. Atos perversos seriam possibilidades contidas no próprio instinto sexual, pois seriam heranças evolutiva. Essas possibilidades seriam conscientes e constantes, daí a necessidade de o homem “normal” ter uma boa criação, educação e força moral, pois o homem poderia reprimir a realização das perversidades e elas não teriam nenhuma consequência para a vida sexual, psíquica e física do sujeito. Sobre as perversões, elas também partiriam de formações psíquicas preexistentes e normais. A qualidade na deformação dessas várias formações psíquicas – como, por exemplo, a perversão da finalidade do instinto sexual que causaria uma deformação na agressividade natural do homem, causaria a perversão do sadismo – definiria a qualidade da perversão sexual, ou seja, qual das quatro patologias gerais a pessoa seria destinada a apresentar.

Admitir, para esses autores, que os atos perversos estivessem constantemente cumprindo um papel outro que o da tentação, mesmo que inconsciente, seria, dentro da argumentação por eles construída, esvaziar o argumento de que existiriam psicopatias sexuais, pois uma vez que essas tendências estivessem operantes à certo nível e independentes da manifestação do instinto sexual, nada no instinto sexual poderia ser pervertido. Para que o argumento de Moll e Krafft-Ebing funcionasse, adoecimento então teria que surgir da sexualidade normal. Freud propõe que esse adoecimento surgiria de outras fontes que não a sexualidade normal.

Ainda sobre o instinto sexual, Freud acrescentou que os instintos parciais teriam papel destacado na formação dos sintomas. Esses instintos parciais se apresentariam como pares opostos, por exemplo, o instinto do prazer de olhar e da exibição; o instinto passivo e ativo da crueldade.

A ligação entre crueldade e passividade seria muito importante em todas as esferas da vida do sujeito: “ É também mediante essa ligação entre libido e crueldade que sucede a transformação de amor em ódio, de impulsos afetuosos em hostis, característica de toda uma série de casos neuróticos e até mesmo da paranoia, ao que parece” (Freud, [2016]1905, p.65).

Freud apresentou, nesse momento dos *Três Ensaio*s, outra profunda diferença na teoria das perversões. Como visto anteriormente, para Krafft-Ebing seria impossível que um só sujeito tivesse duas patologias gerais da sexualidade atuantes. Sendo assim, um feticlista não poderia ser um invertido sexual. O autor admitiria apenas que apenas alguns atos de uma patologia pudessem aparecer nos sujeitos portadores de outra (por exemplo, um invertido poderia gostar de apanhar de seus parceiros ou fazer sexo com homens vestidos de roupas íntimas femininas), mas nunca outra perversão em si.

O que não seria difícil supor, uma vez que Krafft-Ebing considera que agressividade, fetiche, etc. seriam componentes normais da sexualidade humana, então eles fariam parte naturalmente do instinto sexual, e no instinto pervertido, apareceriam também de maneira pervertida. Moll, por sua vez, supõe que esses traços apareceriam com mais força entre duas patologias, principalmente nos casos que ele inclui na *Psychopatia Sexualis* (1923) sobre sadismo e masoquismo, e sobre o fetichismo na sexualidade, mas ainda sem um papel claro sobre duas perversões em uma mesma pessoa.

Freud (1905, p.28) afirma que a nível inconsciente, seria possível que a patologia oposta também fizesse parte da constituição da vida psíquica de uma única pessoa. Assim, alguém que tivesse o sadismo como perversão positiva, teria em seu inconsciente uma inclinação masoquista como perversão negativa. Mas no quadro clínico apenas uma das duas perversões seria a dominante. Na psicose seria raro encontrar casos em que apenas um traço desses instintos perversos desenvolvidos, mas a intensidade de um não dependeria do desenvolvimento dos outros. Seria natural que, nos psicóticos, a teoria pudesse falar da presença de instintos parciais dentro do *Trieb* sexual.

Em um adendo à primeira edição feito em 1915, para explicar os instintos parciais, Freud define o *Trieb*: “por ‘instinto’ [*Trieb*] não podemos entender, primeiramente, outra coisa senão o representante psíquico de uma fonte endossomática de estímulos que não para de fluir, à diferença de ‘estímulo’, que é produzido por excitações isoladas oriundas de fora. Assim, ‘instinto’, é um dos conceitos na demarcação entre o psíquico e o físico” (Freud, [2016] 1905, p. 66-67).

Freud acreditava que os instintos deveriam ser considerados como desprovidos de qualidade em si, apenas medidas da exigência de trabalho feita à psique. O que diferenciaria os instintos um dos outros com atributos específicos seriam a relação entre suas fontes somáticas e suas metas. A fonte do instinto seria um processo de excitação no órgão e a meta imediata consistiria em retirar esse estímulo do órgão.

Freud utiliza o conceito de zona erógena para definir os órgãos secundários a sofrerem excitações dos instintos parciais.

O conceito de zonas erógenas já era conhecido na medicina desde pelo menos 1881 na obra do psiquiatra Ernest Chambard, *Du somnambulisme en général: nature, analogies, signification nosologique et étiologie*. Chambard (1881, p.65) não chega a usar a palavra zona erógena nessa obra. Ele usa os termos, regiões cutâneas erógenas, centros erógenos, sensibilidades histerógenas e regiões erógenas para descrever uma série de zonas sobre a superfície da pele que causariam sensações sexuais prazerosas e sensações musculares diversas. Alguns desses centros seriam muito uma constante: como a derme que cobre os órgãos genitais externos, o revestimento do colo do útero, a região inguinal femoral e a região inguinal interna, os mamilos e, especialmente, a mucosa bucal. Outros desses pontos seriam menos constantes e iriam variar de uma pessoa pra outra. Os principais seriam encontrados principalmente na região cervical anterior, nas regiões laterais do pescoço e na região palmar. Esses centros seriam o ponto de partida de sensações e reflexos especiais e trariam informações sobre o aparato nervoso da vida orgânica, outros sobre o aparato nervoso da vida de uma relação, mas todos contribuindo para tornar obrigatórias as funções genitais. Chambard acreditava que essas zonas excitáveis da pele seriam mais aptas ao estímulo nas mulheres e teriam componente instintivo, pois sua experiência com mulheres acometidas pelo sonambulismo teria demonstrado que mesmo em estado inconsciente estímulos nessas regiões poderiam causar sensações de diferentes níveis.

O idealizador da categoria da perversão sexual fetichismo Alfred Binet e o psiquiatra Charles Feré na obra *Le magnetisme animal* (1887, p. 95) trazem a ideia de Charcot sobre as zonas histerógenas para relacionar com as zonas erógenas, idealizadas por Chambard e “batizadas” pelos dois a partir do que o primeiro demonstrou sobre elas. As zonas histerógenas seriam encontradas em sujeitos histéricos hipnotizados, e poderiam ser definidas como zonas na pele dos histéricos cuja excitação atuaria remotamente por reflexo: primeiro as zonas histerogênicas cuja compressão provocaria o ataque da histeria e interromperiam quando os sujeitos fossem hipnotizados. O reflexo do processo de hipnose revelaria a partir dessas zonas histerógenas, as zonas erógenas demonstradas por Chambard no sonambulismo histérico. Algumas zonas, ainda que em estado hipnótico, teriam mais capacidade de estímulo que as zonas histerógenas, pois uma irritação nessas zonas erógenas causaria imediatamente uma sensação nos genitais, podendo ocasionar inclusive um orgasmo. A zona erógena seria sensível em estados de inconsciência. Em estado consciente elas seriam menos aptas a causar estímulos

muito intensos e orgasmo rápido e só poderiam ser estimuladas para causar o orgasmo por pessoas do sexo oposto que exercessem alguma atração sobre o sujeito. Binet e Feré (1887, p.112) aproveitaram a discussão da definição de zona erógena para lembrar aos médicos que, pelo poder das zonas erógenas durante o estado de hipnose ou sonambulismo, sensível ao simples toque, mesmo que inofensivo como um toque nos braços, os médicos jamais deveriam ficar sozinhos com as pacientes histéricas durante o estado de inconsciência.

Krafft-Ebing (1984, p.232) apresenta em sua obra o conceito de zona erógena como locais do corpo (os genitais e outras zonas a parte dos genitais) que causariam sensações intensas de voluptua. Ao contrário de Binet e Feré, ele apresenta as zonas erógenas como passíveis de forte estimulação, em estados de consciência, mesmo que essa estimulação não viesse de sujeitos atraentes. A estimulação dessas zonas seria imoral e pouco evoluída quando tivessem papel principal na relação sexual, e principalmente, quando o próprio sujeito as estimulasse, como no caso já visto na parte desse trabalho dedicado a esse autor. A presença de zonas erógenas e sua capacidade de estimulação, contudo, seriam normais e presentes em todos os seres humanos, e quando bem utilizadas poderiam aumentar a qualidade da relação sexual. Moll repete a definição de Krafft-Ebing para zonas erógenas em seu trabalho sobre inversão sexual.

Freud pareceu usar um misto dessas ideias para definir as zonas erógenas em sua teoria. Para ele, entre psiconeuroses, a histeria seria a mais emblemática a representar a significação das zonas erógenas: “mas não se pretende afirmar com isso que ela seja menor nas outras doenças” (Freud, [2016] 1905, p. 68). Nas outras neuroses seria de mais difícil observação, pois a formação dos sintomas aconteceria em regiões psíquicas mais distantes do centro do corpo. As perversões também demonstrariam componentes de zonas erógenas, tal como, por exemplo, a pele para o sadismo e o masoquismo. Freud também considera a capacidade de orgasmo das zonas erógenas em sujeitos sem perversões ou neuroses de defesa, tal como Krafft-Ebing fazia.

O instinto Sexual Após os Três Ensaio

O ano de publicação da obra *O Instinto e os destinos do Instinto* foi o ano escolhido como o ano limite para a apreciação dessa tese.

Esse seria o texto em que Freud expõe sua primeira teoria instintual em detalhes (Gomes, 2001).⁵⁷ As ideias desse texto foram quase que em sua maioria retomadas na edição revisada dos *Três Ensaio*s de 1915. O texto importante para a psicanálise e para a teoria freudiana da sexualidade pois consiste em uma espécie de sumarização a partir do que ele estudou nos *Três Ensaio*s desde a primeira edição.

Freud apresenta o conceito de instinto como um dos conceitos fundamentais que a Psicologia não poderia abrir mão. Freud ressalta a obscuridade desse conceito e que o texto que se apresenta seria uma tentativa de preencher o conceito com conteúdo, partindo de diferentes lados (Freud, [2013] 1915, p. 17).

Freud fez uma teoria do instinto a partir de quatro componentes: meta, objeto, fonte e pressão. A meta seria sempre a satisfação, que só poderia ser alcançada pela suspensão do estado de estimulação junto à fonte instintual. O instinto seria inibido em sua meta, pois diferentes caminhos poderiam levar a meta mesma meta final. A satisfação do instinto seria parcial na medida em que a entrada na civilização implicaria adiamentos e interdições (Freud, [2013] 1915, p. 25).

A pressão do instinto seria o fator motor, a soma de força ou medida da exigência de trabalho para a ação. O caráter que impulsionaria a ação seria a própria essência do instinto (Freud, [2013] 1915, p. 25).

O objeto do instinto seria aquele pelo qual o instinto poderia alcançar a sua meta. Freud resumiu nesse texto a tendência apresentada nos *Três Ensaio*s de que o objeto seria o componente mais variável do instinto e não estaria originalmente vinculado a ele. Não seria nem mesmo um objeto material, podendo ser o próprio corpo, ou alguma parte dele (Freud, [2013] 1915, p. 25-27).

A fonte do instinto seria o processo somático em um órgão ou em parte do corpo cujo estímulo seria representado na vida anímica pelo instinto (Freud, [2013] 1915, p. 27).

Nesse texto também Freud instaurou seu primeiro dualismo instintual. De um lado os instintos dirigidos ao eu, que buscariam a preservação do Eu. Do outro, o instinto sexual, que opera para a busca do prazer. Os sintomas psiconeuroses seriam justamente os resultantes do conflito de interesses entre esses dois polos.

No início da vida psíquica, o instinto sexual seria apoiado na função de autopreservação. Como visto nos *Três Ensaio*s, o bebê encontraria no ato de sugar o seio a

⁵⁷ Gilberto Gomes traduz o *Trieb* como pulsão.

satisfação da fome e a satisfação sexual. Essas duas demandas iriam se separando gradativamente até alcançarem autonomia, porém uma parte do instinto sexual estaria para sempre ligado aos instintos de autopreservação.

Nessa direção, Freud (2003 [1915], p. 35) define quatro destinos possíveis para a pulsão: a) Reversão ao seu oposto, o qual é desdobrado a partir de duas operações: mudança da atividade para a passividade e reversão de seu conteúdo; b) Retorno ao próprio eu; c) Recalque e d) Sublimação.

III.II - Freud e a Sexualidade Infantil

Consideramos aqui o estudo de Lutz Sauerteig sobre Albert Moll e Sigmund Freud. Sauerteig (2012) separa as concepções sobre sexualidade infantil do final do século XIX e início do século XX como homológicas, referentes àquelas que a sexualidade infantil era vista como análoga à sexualidade adulta, e heterológicas, as que consideram a sexualidade infantil como algo original.

Para Sauerteig (2012), pesquisadores como Moll, Ellis e Alfred Kinsey, teriam comparado os sentimentos e atividades sexuais das crianças, implícita e explicitamente, aos dos adultos. As experiências sexuais das crianças seriam entendidas como tendo o mesmo caráter das experiências sexuais dos adultos, e as atividades e sentimentos sexuais das crianças foram interpretados como formas iniciais de atividades e sentimentos sexuais dos adultos. Freud e outros psicanalistas, em contraste, teriam argumentado que as sensações e experiências sexuais das crianças eram de natureza sensual diferente, polimórfica, mas que tais sentimentos e experiências ainda eram desencadeados pela mesma libido sexual que nos adultos. Assim tanto Moll quanto Freud explicaram o comportamento infantil em termos de sexualidade adulta, mas de maneira diferente, pois pela complexidade das projeções de Freud, seu argumento seria mais completo. Mas ambos os autores seriam autores com teorias homológicas sobre a sexualidade infantil.

Simanke (2016) decide colocar a concepção inicial de Freud sobre a sexualidade infantil, aquela apresentada em 1905 nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, dentro das concepções heterológicas da sexualidade. Nessa tese, concordamos com a ideia de Simanke, a sexualidade infantil apresentada por Freud nos Três Ensaios é heterológica, pois questões bases no texto diferenciam os dois momentos de desenvolvimento sexual: “ a sexualidade infantil é *autoerótica*, enquanto que a adulta é *objetal*; a sexualidade infantil é *polimórfica*, dispersa por uma pluralidade de zonas erógenas, enquanto que a adulta se pauta pela *primazia*

da genitalidade; a sexualidade infantil tem como única meta o *prazer* (o “prazer de órgão”, como diz Freud), enquanto que a sexualidade adulta sofre um processo de normalização biológica (através, sobretudo da repressão orgânica, inicialmente) que, pelo menos num número significativo de casos, coloca-a nos trilhos adequados para o cumprimento da *função reprodutiva*.” (Simanke, 2016, p.?).

Partindo dessa definição, acrescentamos que depois de considerar a questão em suas cartas com Fliess, no artigo *A sexualidade na etiologia das neuroses*, Freud vai, pela primeira vez numa obra publicada, afirmar a existência de uma sexualidade infantil ordinária e normal, para realçar que certas vivências sexuais da infância teriam, forçosamente, efeitos patológicos. Dentro da teoria freudiana, a sexualidade infantil pode aparecer depois de Freud ter abandonado a teoria da sedução:

Para que a teoria da sedução possa funcionar, *não pode haver sexualidade infantil*. Pode-se especular que Freud não teria formulado essa teoria em particular se tivesse antes acreditado na existência de uma sexualidade na infância – ou, em todo caso, teria que revisar profundamente suas convicções para tanto. De acordo com a teoria da sedução, para que a origem da histeria possa ser remetida a um trauma sexual ocorrido na infância, é preciso que a idade infantil seja, caracteristicamente, um período não sexual ou, como diz Freud, um período *pré-sexual*(Simanke, 2016, p.81 grifos do autor)

Entre as razões pelas quais a teoria é abandonada, algumas imporiam à Freud a consideração de uma sexualidade infantil. O caso da conclusão, de que as cenas de sedução infantil relatadas pelos pacientes pudessem perfeitamente ter sido apenas fantasias infantis, e não acontecimentos efetivamente vividos, necessitaria que existisse um florescimento sexual da criança (Simanke, 2016).

Sauerteig (2012, p.12) acredita que Sigmund Freud leu o livro *Libido sexualis* de Moll, pois em novembro de 1897, Freud escreveu a Fliess que ele encontrou no livro de Moll uma ideia semelhante a seu próprio pensamento sobre os papéis em mudança das zonas erógenas da infância para a idade adulta. Em sua cópia da *Libido Sexualis*, Freud havia assinalado os parágrafos centrais em que Moll delineou sua visão sobre a sexualidade infantil. De acordo com Sauerteig, a decisão de Freud de descartar sua teoria da sedução no outono de 1897, portanto, não teria sido influenciada apenas por suas discussões com Fliess, pela autoanálise e pela frustração por não levar análises de seus pacientes a uma conclusão, mas também pela leitura do estudo de Moll:

Este foi um momento perturbador e embaraçoso para Freud, porque Krafft-Ebing, por exemplo, abandonou a teoria da sedução [*de Freud*] no ano anterior, descrevendo-a como um "conto de fadas científico". Ao mesmo tempo, desistir da teoria da sedução também foi um passo decisivo para Freud e sua compreensão da sexualidade infantil. Muitos anos depois, em 1924, ele explicou

que depois de ter superado esse erro, uma nova percepção se abriu em expressões espontâneas da sexualidade infantil (Sauerteig, 2012, p., grifos nossos)

O resultado dessas considerações de Freud – e de outras que serão apresentadas em outros capítulos nesse trabalho – deram origem aos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* em 1905.

Nesse texto Freud, a partir dos conceitos de instinto e perversão, pôde supor uma predisposição natural dos humanos às perversões. Por isso, para Freud, existiria algo de congênito nas perversões, que poderia oscilar na intensidade ser enfatizado pelas condições de vida. Essa predisposição à perversão poderia se desenvolver até as perversões sexuais, ou sofrer uma repressão de modo a atrair para si, por via indireta, uma parte considerável da energia sexual. Nos casos favoráveis da repressão, por meio de uma restrição eficaz e outras formas de elaborações bem sucedidas, o resultado dessa predisposição seria a vida sexual normal, nos casos desfavoráveis, as psiconeuroses sexuais seriam o resultado mais frequente. O momento do desenvolvimento sexual que apresenta as sementes de todas as perversões poderia ser observado apenas em crianças. Os neuróticos manteriam o estado infantil da sexualidade ou voltariam a esse estado. Por isso o segundo ensaio da teoria da sexualidade será sobre a vida sexual da infância.

Freud – no Segundo Ensaio, totalmente dedicado à sexualidade infantil – propõe um período de latência para a sexualidade infantil (1905, p.31). O bebê nasceria com germens de instintos sexuais, que continuariam a se desenvolver por um tempo até sofrerem uma repressão. Freud não estaria muito certo sobre a periodicidade dessas manifestações, mas geralmente a vida sexual da criança se manifestaria de forma observável por volta dos três ou quatro anos de idade. Durante o período de latência que segue essa época, Freud acreditava que seriam formados os poderes psíquicos que depois se colocariam como entraves do instinto sexual, tais como, nojo, vergonha, ideais estéticos e morais.

Freud destaca o papel da educação no desenvolvimento dos entraves psíquicos para o instinto sexual, mas assim como autores como Kaan, Von Hartmman, Krafft-Ebing, Maudsley e Moll, ele identifica um inatismo no desenvolvimento desses sentidos. Na verdade, o inatismo da moralidade, vergonha e do nojo é uma ideia presente em Darwin.

Na obra *The Descent of Man and its Relation to Sex*, Charles Darwin ocupou a terceira parte do seu livro em explicar como as faculdades morais surgiriam nos seres humanos. Darwin (1871, p.4) escreve que a diferença principal entre o humano e os animais mais baixos na cadeia evolutiva seria o senso de moral.

Alguns animais seriam sociais por essência, ou seja, seriam condicionados a conviver com outros de sua espécie, pois a associação com o bando aumentaria suas chances de sobrevivência. Por seleção natural e através do hábito herdado, esses animais sociais seriam dotados de instintos sociais conseguindo ter simpatia por seus pares. Os instintos sociais levariam os animais a apreciar associação com companheiros e procurar realizar tarefas em benefício dos semelhantes.

Esses instintos seriam mais fracos que o instinto de preservação, uma vez que perante uma escolha entre a sobrevivência e a manutenção da associação, seria provável que a sobrevivência guiasse as ações e decisões. Sua não satisfação poderia muitas vezes não implicar diretamente na extinção, por isso teria um caráter – ao contrário dos instintos principais – constante.

Instintos não satisfeitos causariam sensações de desagrado e desconforto. Pela sua natureza constante, o sentimento de desagrado causaria uma impressão vivida no indivíduo toda vez que fosse lembrado, tornando essa impressão mais forte até mesmo que os instintos necessários para a sobrevivência “É que muitos desejos instintivos, como o da fome, são, por sua natureza, de curta duração e depois de serem satisfeitos não são prontamente ou vividamente lembrados” (Darwin, 1874, p.99).

Assim que as faculdades mentais se tornassem mais desenvolvidas e a linguagem fosse adquirida, os desejos da comunidade sobre quais condutas seriam mais aceitáveis para manter o bem estar da maioria conseguiriam ser claramente expostos. O hábito, através das ações que visassem proceder de acordo com as condutas que mais representavam a continuação da vida de associação, fortaleceria a relação entre simpatia pelos pares e aprovação da maioria, culminando no momento em que as condutas aceitas pela maioria representariam a satisfação do instinto social e, portanto o senso moral e quais atos deveriam ser classificados como moralmente aceitáveis. De todos os animais, os seres humanos seriam os que mais conseguiriam evoluir nesse processo.

Freud seguiu uma tendência comum da época de achar que sentimentos que causassem entraves ao instinto seriam inatos aos seres humanos. Como poderá ser visto na próxima parte desse estudo, Freud manteve mais ou menos a mesma ideia que ele concebeu durante suas cartas a Fleiss. Esses sentimentos seriam forças repressoras da sexualidade, como estágios de defesa naturais dos seres humanos e teriam uma parte importante na prevenção de saídas como a perversão para a sexualidade. Como visto anteriormente, Mantegazza (1854) seria o autor principal a questionar o inatismo dos entraves sexuais.

Freud se dedicou a explicar, a sua maneira, como seriam realizadas essas construções tão importantes para a sexualidade. Para isso ele usa o conceito de sublimação. Freud nomeia como sublimação o conceito, já conhecido desde as ideias de Maudsley, dá a energia do instinto sexual seria desviada das atividades sexuais e destinadas para outros fins. Com esse deslocamento “adquirem-se fortes componentes para todas as realizações culturais” ([2016] 1905, p.80).

A sublimação é um conceito que foi mencionado por Freud pela primeira vez em suas cartas a Fleiss, mas naquela época ainda indiferenciado do recalque, pois por meio do recalque as formações reativas constituintes ao processo de sublimação no período de latência poderiam surgir. Para Freud o começo da sublimação estaria situado no período de latência do indivíduo. Durante esse processo de deslocamento, os instintos sexuais dos anos da infância seriam, por um lado, inutilizáveis, pois a função reprodutiva não seria possível nesse ponto do desenvolvimento humano. Por outro lado, os próprios instintos seriam perversos em si, partindo das zonas erógenas causariam sensações deprazerosas, assim surgiriam forças psíquicas contrárias para a supressão do desprazer.

No texto *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* de 1910, Freud indicaria que a sublimação aconteceria através do escape da libido em relação ao recalque. A hipótese de Freud seria a que a curiosidade infantil sobre a sexualidade seria transformada em busca por conhecimento. Assim, o instinto sexual de Leonardo teria sido sublimado para suas pesquisas em arte e cultura. Freud considera que a libido permaneceria sendo a energia sublimada desde o começo, por isso, independente do recalque e livre das substituições sintomáticas passíveis de serem realizadas a partir do mesmo (Torezan & Brito, 2012, p. 248)⁵⁸.

Sendo assim, no período de latência, que seria marcado pelo começo da sublimação, recalque e sublimação são processos distintos. A sublimação não teria um objeto sexual, apenas um deslocamento de metas sexuais, que resultariam em defesas e satisfações instintuais através criações sociais.

Seguindo na apresentação de sua teoria da sexualidade infantil, Freud (1905, p.35) argumentou a possibilidade de que alguma manifestação sexual escapasse da sublimação ou de alguma atividade sexual persistir durante o período de latência. Freud nesse momento não fez muitas considerações sobre o papel da educação sexual infantil. Apenas criticou a visão das atividades sexuais encaradas pelos educadores como vícios para dizer que essas seriam

⁵⁸ Torezan e Brito usam o termo pulsão.

justamente o interesse da psicanálise, pois poderiam esclarecer a configuração original do instinto sexual.

Pelas manifestações da sexualidade na infância, Freud começou pelo ato de chupar teorizado por Lindner. O ato de chupar seria a sucção repetida de maneira rítmica com a boca sem a finalidade da alimentação. O bebê tomaria como objetos de sucção, várias partes de seu corpo. Nisso apareceria o instinto de agarrar (de apoderamento) que se manifestaria no ato rítmico de agarrar partes do corpo.

O ato mecânico de sucção no ato de chupar levaria a um relaxamento e ao adormecimento, ou, a uma reação motora da mesma natureza que o orgasmo. Freud ligou a atividade sexual do ato de chupar e o adormecimento posterior ao efeito sonífero logo após o êxtase sexual.

Essa sucção poderia ser combinada com fricção de algumas partes do corpo, o que eventualmente faria com que algumas crianças passassem à masturbação.

Nesse ponto da primeira edição de 1905, Freud criticou a concepção de Moll sobre a separação da libido sexualis (para Moll, o instinto sexual) em dois instintos independentes e compostos. Freud prefere não discutir o instinto de detumescência pela sua mecanicidade, mas acredita que o instinto de contractação dificilmente poderia ser observado nas crianças, então dificilmente existiria como conceito. O autor achava que o próprio Moll tinha criado essa situação, uma vez que mais tarde em sua obra o descreveria como um ato do instinto de detumescência dirigido para outras pessoas (Freud, 1905, p.36).

A discordância de Freud nesse ponto provavelmente é o fato de que Moll considerava a sexualidade infantil com o componente objetal. O próprio instinto de contractação indicaria, pela definição de Moll, que o instinto sexual na criança tem um objeto e procura satisfazer a finalidade natural do instinto sexual, ainda que incapaz de praticar o coito psíquico e físico. Como se argumenta aqui, o instinto de contractação é a elaboração não ligada à perversão que Moll fez sobre o objeto sexual. Ao considerar a sexualidade infantil como autoerótica, Freud não poderia admitir um instinto de aproximação entre a criança e o objeto sexual.

O parágrafo sobre Moll inteiro some em 1915, substituído por um que faz uma referência entre tratar o ato sexual de chupar como uma brincadeira de criança pelos cuidadores e as críticas dos médicos de nervos à esse tipo de visão. Freud conclui que a partir do ato de sugar a psicanálise poderia estudar os traços essenciais da sexualidade infantil.

Outra das manifestações sexuais na infância seria o autoerotismo. O autoerotismo foi um termo cunhado por Havelock Ellis. Esse termo corresponderia à um dos principais avanços teóricos na argumentação de Ellis para a sexualidade humana. Ellis ligou esse conceito à questão da masturbação. Ellis, assim como Moll, pensava que, ao contrário da crença muito difundida entre os médicos da época, nada relacionava diretamente a prática da masturbação ao aparecimento, causa e aumento de neuroses sexuais, perversões, degenerações morais e insanidades. Ao contrário, argumentava ele, o grande número de pessoas que se masturbam, quando comparado com o pequeno número daquelas que, de fato, desenvolveram alguma perturbação mental ou fisiológica, evidenciaria a ausência de relação entre as duas coisas. Quando muito, o onanismo poderia causar apenas perturbações nervosas menos graves.

Para Ellis, a masturbação seria apenas uma das manifestações do fenômeno da sexualidade humana, autoerotismo. O termo autoerotismo, cunhado por Havelock Ellis (1898, p.12), foi definido como se referindo aos fenômenos da emoção sexual que fossem espontâneos e gerados na ausência de um processo de estímulo externo a partir de outra pessoa.

A definição de auto-erotismo de Ellis (1910) excluiria a excitação sexual normal despertada pela presença de uma pessoa amada do sexo oposto; a perversão sexual da inversão sexual; as múltiplas formas de fetichismo erótico – nesses ele acreditava que o foco normal de atração sexual seria deslocado, então obviamente emoções voluptuosas são despertadas apenas por algum objeto, nenhuma forma de autoerotismo estaria dentro do fetichismo.

O campo do que Ellis consideraria como autoerótico era muito extenso. Ao longo de seu livro reeditado sobre o tema em 1910, as manifestações de autoerotismo variam de ocasionais devaneios sexuais involuntários, incluiriam os *narcisus-like*⁵⁹, casos em que os indivíduos se apaixonam por si mesmos, além das masturbações. As manifestações autoeróticas poderiam acontecer durante toda a vida do sujeito, e incluiriam algumas transformações da atividade sexual reprimida, que seriam um fator presente em algumas condições mórbidas, mas também fariam parte das tendências normais da sexualidade que, em certa medida, influenciariam toda a vida sexual de um sujeito. Entre os fenômenos que ficariam na fronteira do autoerotismo, Ellis também incluiu as manifestações sexuais religiosas por um objeto ideal, como o êxtase religioso da flagelação ou dos sonhos com teor erótico envolvendo divindades.

⁵⁹ Em 1910 Havelock Ellis ainda não tinha comentado a ideia do narcisismo como um tipo de fetichismo. Em 1927 ele comenta a ideia de narcisismo, reafirma a tendência narcisus-like do autoerotismo e divide os créditos com Paul Nacke pela criação do conceito (Ellis, 1927).

Sobre crianças, ao longo de sua obra, Ellis (1910) citou em algumas partes do seu livro que crianças, principalmente meninas – autor considera que o autoerotismo seria uma manifestação mais feminina que masculina – geralmente sentiriam prazer sexual e friccionariam os genitais em objetos ou tecidos.

Antes de continuar o trabalho e abordar o uso que Freud fez do autoerotismo nos *Três Ensaio*s, é interessante informar que Havelock Ellis, na obra de 1910, comentou alguns conceitos da psicanálise. A maior parte dos seus comentários envolvendo Freud ligavam os estudos de Freud e Breuer sobre a histeria. Em outro momento, Ellis citou que a maior mudança de Freud para o começo de seus estudos com Charcot e trabalho com Breuer, seria que agora Freud admitiria um papel menos importante para aquilo que ele chamou de “lesões sexuais freudianas da infância” e estaria dando ênfase a uma sexualidade infantil de fato. O autor inglês reconheceu que Freud apresentou uma explicação psíquica definitiva para a histeria, ainda que algumas arestas de seu argumento precisassem ser reavaliadas (1910, p.100). Sobre o uso que Freud faz do autoerotismo nos *Três Ensaio*s, Ellis observou que ele próprio concordava com Freud sobre não incluir a totalidade da histeria no autoerotismo, pois a histeria seria um fenômeno muito grande e complexo para ser classificado como uma manifestação do autoerotismo, mas certos aspectos seriam ilustrações admiráveis da transformação autoerótica.

Freud (1905, p.37) apresentou o autoerotismo como o instinto sexual que se satisfaz no próprio corpo. O prazer com o ato de chupar seria registrado pela criança e então repetido, procurando aquela mesma sensação. A primeira atividade vital da criança, mamar no seio da mãe, seria a primeira atividade a familiarizar a criança com o prazer da sucção. Freud comparou a satisfação e adormecimento do bebê após a amamentação com o relaxamento sexual após o orgasmo. Os lábios da criança funcionariam como zona erógena, e o estímulo gerado pelo fluxo do leite geraria a sensação de prazer. Uma vez que o ato de mamar também seria a alimentação do bebê, o primeiro prazer da amamentação seria a satisfação do instinto de conservação da vida, a necessidade de repetir o ato seria a necessidade de se alimentar. Somente depois o ato prazeroso seria independente, quando os dentes aparecessem e a alimentação passasse a ser também mastigada.

O ato de chupar separado da nutrição seria feito, geralmente, no próprio corpo da criança: “ porque isso lhe é mais cômodo, porque assim independe do mundo externo que ainda não consegue dominar, e porquê dessa maneira cria praticamente uma segunda zona erógena, embora de valor menor” (Freud, [2016] 1905, p. 86). A inferioridade da segunda zona seria o

motivo pelo qual, posteriormente no desenvolvimento, o sujeito buscaria parte semelhante (lábios) de outra pessoa.

Nem todas as crianças chupariam. As que fizessem teriam a significação erótica dos lábios mais forte. Segundo Freud, quando adultas, seriam apreciadores de beijo, prefeririam beijos perversos, ou caso fossem homens poderiam ter hábito de bebida e fumo. Caso tivessem alguma repressão ou neurose de defesa, a repressão se estenderia para o instinto de nutrição, e essas crianças sentiriam nojo do alimento e poderiam produzir vômitos histéricos, graças a dupla destinação da zona labial.

O ato de chupar revelaria para a psicanálise, três características essenciais da manifestação sexual infantil: surgiria apoiada em uma das funções vitais do corpo, não teriam objeto sexual e a meta sexual seria dominada por uma zona erógena.

Sobre as metas sexuais da sexualidade infantil, Freud (1905, p.40) caracterizou as zonas erógenas como uma parte da pele ou da mucosa em que estímulos de uma determinada espécie provocariam sensações de prazer de certa qualidade. Os estímulos geradores de prazer nas zonas erógenas estariam vinculados às condições especiais. A atividade rítmica seria uma dessas condições. Sobre a qualidade da sensação, Freud acreditava que a psicologia contaria com poucas explicações sobre o caráter específico das qualidades dessas sensações.

Como visto anteriormente a conceituação de Freud para zonas erógenas estava alinhada com a ideia de Krafft-Ebing e Moll sobre as mesmas. Mas o papel que Freud conferiu às zonas erógenas foi bem maior que a dos dois autores. Daqui por diante, Freud se dedicou a explicar a importância das duas zonas erógenas (e peças principais das perversões de extensão e permanecimento) mucosa bucal e ânus. As próprias zonas erógenas marcariam a posição perversa polimorfa e autoerotismo infantil.

Essas ideias de Freud estavam alinhadas com a ideia do neuroanatomista Paul Flechsig⁶⁰ sobre instintos corporais locais (Cotti, 2008, p 30). Flechsig (1896, p.17) postulou que o recém-nascido seria dotado de excitações corporais endógenas, e por isso, necessitaria que elas cessassem de alguma maneira. O autor apresentou estudos que provariam que animais seriam passíveis de sofrer estímulos constantemente, fossem barulhos, condições temporais e principalmente, a fome. Quando cessados esses incômodos por fontes externas o corpo descansaria e entraria em um estado de relaxamento. Assim também seriam os bebês. Em frente

⁶⁰ Paul Emil Flechsig (1847-1929) foi o médico que tratou Daniel Schereber. Era reconhecidamente uma grande sumidade na psiquiatria alemã da época. Cotti (2008) não escreve abertamente que Freud foi influenciado pelas ideias de Flechsig, mas era muito difícil que Freud não soubesse sobre as obras do autor, ainda mais pelo seu estudo sobre as memórias de Schereber (Busse, 1989).

às necessidades dos instintos que sempre se manifestariam no corpo, os bebês tentariam buscar a satisfação desse incômodo causado pelo instinto através de demandas corporais, tais como o choro. Quando esses instintos corporais cessassem, as crianças entrariam num estado de sono profundo pelo relaxamento da tensão e satisfação instintual.

A noção de demandas corporais que exigissem satisfação mais a ideia de zona erógena parecem fornecer um panorama bem pontual das bases nas quais Freud estava partindo ao falar sobre zonas erógenas predestinadas, ou seja, aquelas que teriam muitas terminações nervosas e funções de toque, tais como a boca, parte corporal apta para satisfazer o instinto o qual Flechsing também apresenta como o mais vital do homem: a fome.

Apesar das zonas erógenas predestinadas, outras partes do corpo poderiam servir de zona erógena, por isso a produção do prazer dependeria mais da qualidade do estímulo que da zona erógena. A criança procuraria em seu próprio corpo partes para sugar e sentir prazer, transformando esse ponto em zona erógena. Se por acaso se deparar com alguma das zonas erógenas predestinadas, essa passaria a zona erógena principal, mas todas as partes do corpo poderiam se transformar em zonas erógenas secundárias (Freud, 1905, p. 42).

A estimulação apropriada da zona erógena gerando prazer corporal seria a meta sexual infantil. A repetição dessa meta revelaria que uma sensação de tensão desprazerosa ou uma comichão seria projetada do seu condicionamento central para uma zona erógena periférica. Então a meta sexual poderia ser apresentada da seguinte maneira: “seria a questão de substituir a sensação de estímulo projetada, na zona erógena, pelo estímulo externo que anula a sensação do estímulo, ao gerar a sensação de satisfação” (Freud, [2016] 1905, p. 90).

A psicanálise teria revelado ao estudo da sexualidade o caráter erótico da zona anal, suas transformações e sua manutenção como zona erógena ao longo de toda a vida. Os frequentes distúrbios intestinais na infância e as hemorroidas seriam fontes da estimulação sexual infantil dessa zona. Crianças que utilizassem essa zona se aproveitariam dos episódios de intestino preso para que a acumulação da massa fecal cause contrações e um grande estímulo na passagem do ânus. Freud comenta sobre bebês que recusassem a evacuar no troninho no momento em que o cuidador espera que eles o façam. Essas crianças estariam cuidando que não lhes escapasse o prazer secundário ligado à defecação. Em 1915, Freud ([1915] 1905, p.48) acrescentou o parágrafo que sobre o conteúdo intestinal tratado como parte do próprio corpo para o bebê. As fezes constituiriam o primeiro presente, o bebê poderia expressar docilidade ou desobediência para com as pessoas que cuidam dele. Em crianças mais velhas a estimulação direta anal poderia ocorrer como uma forma de masturbação.

Da mesma maneira que Freud ligou a zona erógena da boca à histeria, o caráter erótico do ânus estava ligado à neurose obsessiva, de pessoas que teriam nascido com uma constituição sexual na qual o caráter erógeno da zona anal seria excepcionalmente forte. No texto de 1908, *Caráter e Erotismo Anal*, Freud (1908) identificou três características encontradas em pacientes obsessivos, que seriam ordeiras, parcimoniosas e obstinadas. Cada um desses traços poderia se apresentar no caráter da pessoa: a parcimônia poderia aparecer de forma exagerada como uma pessoa de caráter avarento. A obstinação poderia transformar-se em rebeldia, à qual poderiam facilmente associar-se a cólera e os ímpetos vingativos. A ordem e a limpeza dariam exatamente a impressão de uma formação reativa contra um interesse pela imundície perturbadora que não deveria pertencer ao corpo (Freud, [2015] 1908).

Sobre as zonas genitais como zonas erógenas, Freud acreditava que as atividades sexuais dessa zona na infância seriam o começo da futura vida sexual “normal” (o autor coloca o normal entre aspas). A própria situação anatômica dessa área, a micção e outras secreções, a lavagem dos genitais no banho, fricções para a limpeza fariam com que sensações de prazer fossem conhecidas pelas crianças desde a primeira infância. A criança, ainda bebê tenderia a repetir essa sensação prazerosa, através do fenômeno comum do onanismo do bebê, que estabeleceria a primazia dessa zona na atividade sexual posterior.

Para Freud, a masturbação infantil teria três fases: a primeira, a masturbação no período da amamentação, uma entre os três e quatro anos e a masturbação da puberdade.

A masturbação do bebê cessaria na maioria dos casos – Freud citou os casos de continuidade como os primeiros grandes desvios em relação ao desenvolvimento pretendido para o homem civilizado – até mais ou menos os quatro anos, quando a zona genital teria reflexos novamente. Os traços inconscientes deixados durante essa fase do desenvolvimento sexual infantil teriam profunda influência no desenvolvimento posterior do sujeito e na formação de caráter da pessoa ou em caso de adoecimento, a sintomatologia da neurose.

A satisfação das demandas corporais no segundo período da masturbação seria pelo onanismo ou pelas poluções (sensações de satisfação sexual involuntárias, geralmente durante o sono). Fatores internos e externos seriam as causas para os reflexos nas zonas genitais. Como causas externas Freud apresenta a sedução. Freud, apesar de ter abandonado a teoria da sedução para as neuroses, reafirma a importância que os casos de sedução teriam no desenvolvimento sexual das crianças. Segundo Freud, mesmo que algumas pessoas experimentassem a sedução quando crianças e não tivessem qualquer problema no desenvolvimento, sob influência da sedução crianças poderiam se tornar polimorficamente perversas. Essa frequência de sucesso

dos sedutores demonstraria que crianças teriam a predisposição à posição perverso polimorfa pelas resistências ainda pouco desenvolvidas. Freud, em uma posição bem comum para os autores sobre sexualidade da época, segue falando sobre a mesma predisposição em mulheres de pouco estudo e profissionais do sexo. A influência da sedução, apesar de ter sua relevância para desvendar algumas causas e prevenções para a exploração sexual infantil, ajudaria pouco a desvendar as condições iniciais do instinto sexual.

Freud (1905, p.42) acreditava que apesar do caráter autoerótico e das zonas erógenas, a sexualidade infantil mostraria componentes que tornariam possíveis que outras pessoas fossem tomadas como objeto sexuais. Os instintos responsáveis por essas atividades distintas do autoerotismo seriam, o instinto de voyeurismo e exibicionismo e o instinto de crueldade. Crianças pequenas teriam prazer em se despir perto de outras pessoas, e anos mais tarde, depois dos obstáculos da moralidade alcançarem algum desenvolvimento, teria curiosidade em ver os genitais de outras pessoas.

A perversão do olhar seria uma que poderia causar grande impacto no desenvolvimento sexual infantil. Tanto como resultado da sedução quanto como manifestação espontânea, algumas crianças teriam grande curiosidade nos genitais. Como a melhor oportunidade de ver os órgãos sexuais dos outros seriam durante a defecação e micção, por isso essas crianças poderiam se tornar voyeurs, espiando adultos ou coleguinhas no banheiro.

A independência das outras atividades sexuais ligadas à zona erógenas desenvolveria na criança o componente cruel do instinto sexual. A crueldade teria relação estreita com o caráter infantil, pois o empecilho faz o instinto de apoderamento (em sentido mais psíquico) não se deter ante a dor do outro. Capacidades superiores como compaixão seria formada mais tarde.

O caráter cruel da infância é tema recorrente na *Psychopathia*, nas obras de Moll e de Freud. Apesar de não considerar a sexualidade infantil, Krafft-Ebing acreditava que crianças seriam perversas por natureza. Os três consideravam as crianças como ainda desprovidas de empatia e preocupação. Talvez por influência de um pensamento transcultural de Maudsley (1876), que colocava o cérebro da criança ainda pouco formado, por isso mais próximo do cérebro do homem não civilizado, portanto, propenso a não entender questões que estivessem fora de acontecimentos com ela mesma, ou no máximo com cuidadores e pessoas próximas de seu convívio.

A agressividade que os três identificavam como inatas ao homem pelo instinto de sobrevivência também poderia ser um dos argumentos. Com o cérebro pouco formado da

criança – ou, no caso de Moll e Freud, também o desenvolvimento do instinto sexual ainda muito inicial – a agressividade natural ainda encontraria poucos meios psíquicos de corte, por isso crianças seriam mais propensas a demonstrá-la.

O instinto cruel para a teoria freudiana “vem do instinto de apoderamento e surge na vida sexual num período em que os genitais ainda não assumiram o seu papel posterior. Assim, ele domina uma fase da vida sexual que depois descreveremos como pré-genital” (Freud, [2016] 1905).

Em uma seção acrescentada em 1915, Freud (1915, p.) nomeou o instinto de saber como o instinto correspondente à ação de uma forma de sublimada de apoderamento ligada à energia do prazer de olhar. Esse instinto não poderia ser incluído entre os componentes instintuais elementares e nem estaria subordinado à sexualidade somente. Mas as relações com a sexualidade seriam muito significativas, pois a psicanálise teria demonstrado nesses dez anos que o instinto de saber das crianças seria despertado ou pelo menos, atraído de maneira intensa para os problemas sexuais. As atividades do instinto de saber nas crianças começariam mais ou menos entre os três até os cinco anos de idade.

As crianças estariam mais preocupadas com a natureza prática em suas pesquisas sobre o mundo, tais como ameaças de perder o amor dos pais ou a chegada de uma nova criança. O primeiro enigma da criança seria de onde vêm as crianças. Freud enxergava uma analogia entre esse enigma para as crianças com o enigma da Esfinge de Tebas no mito de Édipo.

Depois do primeiro interesse de pesquisa sobre de onde viriam os bebês as crianças iam começar a criar teorias para explicar o nascimento. Os exemplos seriam muito diversos, mas algumas teorias lembrariam o reino animal, como as que acreditavam que os bebês seriam gerados após a mulher comer algum alimento específico e seriam expelidos pelo intestino, em algo que lembrasse a evacuação.

Sobre a curiosidade com o ato sexual, as crianças poderiam entender o ato do coito como um mau trato do homem para com a mulher. Essa concepção seria ainda mais forte caso um pequeno flagrasse os pais ou cuidadores durante o ato sexual. Esse flagra também poderia contribuir para uma predisposição a um deslocamento sádico da meta sexual. A concepção das crianças sobre o ato sexual seria uma preocupação grande e um motivo de investigação frequente, abrindo caminho para as inevitáveis percepções sobre a diferença entre os sexos.

As crianças teriam uma noção própria de diferença entre os sexos. Era natural que os meninos acreditassem que assim como ele, todos teriam um pênis. Essa ideia seria confrontada logo com a realidade e, a duras penas, ele abandonaria essa crença fundamental em

um processo simbólico de castração. Os substitutos que poderiam aparecer para o pênis perdido do sexo feminino teriam na teoria freudiana uma participação na natureza das perversões, principalmente na natureza do conceito de fetichismo.

As pesquisas infantis, na concepção de Freud, representariam, apesar dos erros e fábulas, uma compreensão sobre o processo sexual que por sua vez demonstraria a própria constituição sexual da criança. Crianças seriam espertas e sagazes o suficiente para perceber as mudanças no corpo da mãe durante a gravidez e para desconfiar da história da cegonha. Mas a pesquisa infantil seria infrutífera em dois pontos: no papel de fecundação do sêmen e a existência do orifício feminino para fins sexuais. Por conta dessa barreira, eventualmente a pesquisa sexual infantil seria abandonada, prejudicando de maneira duradoura o instinto de saber.

Mas mesmo assim, a pesquisa sexual infantil – que é feita de maneira solitária – representa o primeiro passo para a orientação independente no mundo e estabelece a sensação de distanciamento em relação aos adultos que convivem com a criança e que antes eram para ela de plena confiança.

A suposição de que todos tem os mesmos órgãos genitais também estaria presente nas meninas. Mas para elas o reconhecimento do pênis causaria inveja e no desejo de ser também um menino⁶¹.

Em 1915, Freud acrescenta também uma seção sobre as fases do desenvolvimento da organização sexual (Freud [1915] 1905, p.52)

As primeiras etapas contempladas por Freud são as organizações pré-genitais, momento da vida sexual no qual as zonas erógenas genitais ainda não teriam assumido um papel determinante. A primeira seria a organização discutida anteriormente, a oral (ou canibal) A atividade sexual ainda não estaria diferenciada da satisfação em conseguir o alimento. A meta sexual dessa fase seria a incorporação do objeto, para que posteriormente o processo de identificação com o objeto escolhido tenha início.

A segunda fase seria a sádico-anal. Nesse momento o antagonismo inato da vida sexual já estaria desenvolvido. Apesar de que ainda os termos masculinos e femininos não tenham grande significação, e sim o par ativo e passivo. A atividade seria norteadada pelo instinto de apoderamento através da musculatura do corpo, sobretudo da mucosa intestinal, órgão de

⁶¹ Somente em 1920 Freud ([1920] 1905, p.87) acrescenta uma nota de rodapé sobre o complexo de castração nas mulheres. Crianças de dois sexos teriam a teoria de que a mulher em algum momento teve o pênis.

meta sexual passiva. Essas duas tendências de atividade e passividade tem objetos, mas eles não seriam os mesmos, e os instintos parciais continuariam autoeróticos. À subordinação à função reprodutiva estaria ausente. O desenvolvimento sádico anal poderia se manter através da vida toda, permanecendo em seu cunho arcaico. Os pares opostos ativos e passivos de objetos diferentes estariam desenvolvidos de maneira quase igual em estado de ambivalência. Essas seriam as fases da organização pré-genital⁶².

Freud pegou o termo cunhado por Eugen Bleuler durante uma conferência em 1910, no alemão *Ambitendenz*. A ambivalência a qual Bleuler se referia era a ambivalência da vontade, o dilema consciente entre a vontade de fazer e não fazer alguma ação. Esse processo todo seria a ambivalência intelectual, ou seja, uma função de alto nível do ego no reino dos processos secundários de pensamento e racionalização. Em uma esfera linguística de pensamento, esse mesmo processo daria conta da condensação de opostos em uma palavra única (por exemplo, *altus* que significa alta e baixa). A ambivalência de julgamento, o mesmo que a interpretação simultânea de fenômenos de maneira positiva ou de maneira negativa. Essas duas formas de ambivalência não estariam relacionadas primariamente a qualquer outro objeto, ou qualquer sentimento sobre ou em relação a tal objeto. Em vez disso, eles se referem a processos mentais pré-conscientes e conscientes, tipos de conflitos não neuróticos que todos teriam que enfrentar nas vidas diárias. A terceira forma de ambivalência destacada por Bleuler – a ambivalência afetiva ou ambivalência emocional – era o foco das formulações de Freud nos *Três Ensaio*s. Bleuler havia apontado que as três formas de ambivalência descritas por ele estavam inter-relacionadas e que seria impossível traçar linhas divisórias nítidas entre elas. Bleuler, contudo, não deixou de reconhecer que a representação do objeto de amor com sentimentos ao mesmo tempo de amor e ódio seria a forma mais patogênica de ambivalência e, portanto, a mais relevante para a compreensão de doenças mentais, dos sonhos e da mitologia. (Holder, 1975, p. 197-198).

A sexualidade infantil também veria, com alguma regularidade, uma escolha de objeto, de modo que todos os empenhos sexuais e tentativas de alcançar as metas sexuais seriam dirigidos para uma só pessoa. Essa seria a forma mais próxima da vida sexual após a puberdade que uma criança poderia atingir.

⁶² Em 1923 Freud acrescenta a organização fálica entre as organizações pré-genitais.

A escolha de objeto infantil aconteceria em dois tempos. A primeira, entre os dois e os cinco anos, que se romperia no período de latência. A segunda, na época da puberdade, determinaria a configuração definitiva da vida sexual.

Os resultados da escolha infantil seriam reavivados na época da puberdade, mas graças a repressão seriam inutilizáveis – já que seriam normalmente sentimentos sexuais pelos progenitores. Suas metas sexuais experimentariam uma atenuação, representando uma corrente terna da vida sexual. A escolha sexual da época da puberdade renunciaria aos desejos infantis e começaria, para o novo objeto, uma corrente sensual. Uma das ideias da vida sexual seria unir em um só objeto as duas correntes.

Sobre as fontes da sexualidade infantil (Freud, 1905, p.47) Freud resumiu os pontos abordados na teoria até o momento:

- a) a excitação sexual surgiria pela adequada estimulação periférica das zonas erógenas
- b) a excitação sexual surgiria como expressão de alguns “instintos”⁶³, tais como o de olhar e o de crueldade, cuja procedência a psicanálise ainda não tinha conseguido demonstrar.
- c) a excitação sexual surgiria imitando uma satisfação ocasionada por outros processos orgânicos.

Dentro da excitação sexual pelos meios já conhecidos, outros tipos de meios poderiam estar presentes, tais como as excitações térmicas da pele, e excitações de origens mecânicas como as movimentações ritmadas do corpo. Movimentos corporais como as sacudidas, embalos e movimentos de meio de transportes teriam um efeito satisfatório e relaxante. Tais sensações mecânicas poderiam se converter em fobias ou náuseas uma vez que a repressão entrasse em jogo.

As atividades musculares também seriam fontes da sexualidade infantil, principalmente as que envolvessem contato, como alterações físicas e brincadeiras vigorosas. Essas seriam provas das raízes da agressividade sádico agindo no instinto sexual. Freud acreditava nos relatos de que muitas pessoas sentiriam as primeiras excitações sexuais em brincadeiras de lutas ou brigas. A atração posterior por pessoas que desafiem fisicamente ou intelectualmente também poderia ser explicada pela excitação sexual desses momentos de conflitos infantis. Nesse caso, mesmo que o mais importante fosse a qualidade do estímulo, e intensidade do estímulo também conseguiria excitar sexualmente.

A tarefa intelectual, como pensamentos e esforços psíquicos também seria fontes de excitação sexual e desprazer.

⁶³ Freud coloca nessa página do texto o *Trieb* entre aspas, apesar de ser uma citação indireta, as aspas foram mantidas.

De acordo com Freud (1905, p. 51) todos os processos afetivos, até mesmo os pavorosos, transbordariam para a sexualidade. Em crianças em idade escolar, os temores relacionados à vida escolar teriam que ser postos à luz com as raízes sexuais das mesmas. Pavores com provas, expectativas sobre a vida com os amiguinhos poderiam levar a sensações de estímulos e desejo de tocar os genitais para liberar a tensão. Por isso na idade adulta algumas pessoas poderiam procurar sensações desses tipos (de relação com livros, teatros e coisas culturais) para amortecer sensações de desprazer. Se sensações de desprazer tivessem esse componente erógeno aí estariam uma das manifestações do instinto sadomasoquista (masochistisch-sadistischen)⁶⁴.

Todas essas fontes teriam seus papéis na vida sexual das pessoas, mas como Freud supunha, nem todas teriam a mesma intensidade em todos os indivíduos. A maior intensidade de determinadas dessas fontes ajudará na diferenciação do tipo sexual que esse indivíduo irá ter na ocasião da maturação sexual.

Freud fechou o segundo ensaio afirmando que se todos os processos afetivos transbordam para a sexualidade, a sexualidade também transbordaria pelos processos afetivos. Por essa razão, nos sintomas neuróticos, os fenômenos seriam distribuídos por outras funções do corpo que não as sexuais, apesar do núcleo das psiconeuroses ser sexual. Essas mesmas vias seriam importantes para o processo de sublimação (Freud, 1905, p.52).

O Terceiro Ensaio: As Transformações da Puberdade

Para Freud (1905, p.53) com as transformações da puberdade, as mudanças que levarão o instinto à sua configuração definitiva seriam introduzidas. A sexualidade passa de autoerótica para objetual, o instinto recebe uma nova meta sexual e todos os instintos cooperam para alcançá-la enquanto as outras zonas erógenas assumem papel secundário em comparação à zona genital.

⁶⁴ Para fins do objetivo dessa tese, essa é a primeira vez que o termo sadomasoquista como um instinto ou um tipo de perversão é utilizado na literatura da sexologia de idioma alemão. Freud já tinha suposto essa ideia, a partir das obras de Ellis, sobre presenças dos dois traços em pessoas com as perversões diagnosticadas por Krafft-Ebing, em outro momento dos Três Ensaio. No texto de Ellis (1897) de onde Freud tirou a referência, mais dois autores são mencionado, Feré e Collin Scott (apesar de nas edições brasileiras Colin e Scott virem separados por vírgulas como duas pessoas, na primeira edição de Havelock Ellis (1901) o nome está Colin Scott, como uma pessoa só). Nas obras apontadas por Elis de Feré (1888, 1892, 1894) e Colin Scott (1896) não são citadas essa junção de palavras quando fala sobre sadismo e masoquismo. Esse artigo de Colin Scott só pode ser recuperado via banco de dados pela Universidade de Durham para consulta por se tratar de um volume em um periódico, então nem uma biografia que indique quem foi esse autor ou outras obras do mesmo puderam ser recuperadas para conferência. É possível que essa junção sadomasoquista tenha sido utilizada pela primeira vez por Freud em 1905.

Na teoria freudiana esse ponto seria o ponto em que as diferenças entre os gêneros sexuais biológicos seriam mais diferenciadas, pois cada sexo teria uma meta sexual e o instinto, maneiras de alcançar a meta. A meta dos homens seria de fácil compreensão para a ciência, enquanto a das mulheres seria mais complicada, pois teria uma espécie de involução na passagem para o desenvolvimento sexual definitivo. A normalidade sexual seria produto da exata convergência das duas dirigidas ao objeto e a meta sexual – as correntes terna e sensual.

A ideia de que sensualidade e ternura dirigidas de maneira equilibrada seriam a expressão máxima do amor saudável aparece na literatura médica psiquiátrica desde a primeira edição da *Psychopathia* em 1886. Acredita-se que essa ideia seja ainda posterior, pois Maudsley, mesmo não apresentando um estudo psiquiátrico nos moldes dos três autores apresentados aqui, contempla em seus dois livros principais a noção de que o amor para ser saudável e natural não poderia ser apenas enamorado, nem apenas sexual. Freud segue uma ideia corriqueira na literatura médica do século XIX.

Dentro dessa união de instintos, os três autores também concordam que cada gênero sexual biológico teria um interesse principal diverso na consumação do ato sexual. Freud chama esse interesse de meta sexual.

Para Freud (1905, p.54) o ponto de partida e a meta final do desenvolvimento sexual já seriam bastante claras, as passagens intermediárias entre os dois pontos seria a parte ainda obscura para a psicanálise. A meta sexual do homem adulto seria o momento máximo da sensação de prazer no ato do coito, a ejaculação. O instinto sexual se poria a serviço da ejaculação – e nesse momento Freud evocou novamente a ideia de Maudsley, do instinto sexual como o instinto altruísta, pois sua finalidade estaria mais a serviço da espécie que do próprio sujeito. Para o sucesso de todo esse processo, todas as particularidades e predisposições originais dos instintos seriam levadas em conta. Como em todo processo que exige uma reorganização do organismo, inibições do desenvolvimento e não conclusão dos reordenamentos estaria dentro do quadro de possibilidades. Essas inibições resultariam nos distúrbios patológicos da vida sexual.

A marca mais essencial da passagem do desenvolvimento sexual para a genitalidade seria o desenvolvimento biológico do aparelho reprodutor: o desenvolvimento dos genitais, a capacidade de gerar filhos e de ejacular. O aparelho reprodutor necessitaria de estímulo para funcionar. Esse estímulo teria o nome de excitação sexual. O estímulo sexual movimentaria o aparelho sexual por três caminhos: do mundo exterior, partindo da excitação das zonas erógenas; das excitações internas, que a psicanálise ainda estava pesquisando e da vida psíquica.

O caráter dessa tensão sexual colocava um problema teórico para Freud, como seria possível conciliar a tensão desprazerosa e a sensação de prazer. Ao contrário de algumas correntes da psicologia, nos *Três Ensaio*s, Freud sustentou a ideia de que uma sensação de tensão tem caráter de desprazer, pois a tensão no aparelho psíquico acarretaria uma mudança para a situação psíquica. A tensão sexual, no entanto, seria sentida como prazerosa. Freud acredita que o prazer gerado, por exemplo, pelo toque, agitaria os genitais e faria com que fosse necessário mais prazer para aliviar a excitação. Então existiria o prazer preliminar, que desde a infância o organismo seria capaz de gerar e o prazer final, uma nova função possível apenas na puberdade, que representaria a grande satisfação da atividade sexual e o fim da tensão no aparelho psíquico. O prazer preliminar seria sentido como prazer, mas aumentaria a tensão do organismo em busca da satisfação sexual.

O prazer preliminar incorreria em um papel patogênico, pela ideia de Freud sobre extensões e permanecimentos. Quando se tornasse muito grande e a tensão sexual para o prazer final muito pequena a força que moveria o organismo para o ato sexual ficaria diminuída e o organismo poderia permanecer naquela zona erógena ou procurar outras para pequenas satisfações.

Freud (1905, p.55) passava nesse momento do texto agora para a natureza da tensão sexual. O autor acredita que tensão sexual e prazer estariam ligados apenas de forma indireta, uma vez que na hora do prazer maior, a tensão seria eliminada, e não gerada. A tensão sexual estaria diretamente ligada aos produtos sexuais. A descarga de produtos sexuais seria a eliminação da tensão no momento máximo de prazer, o caminho natural para a cessação do estado de desprazer do organismo. O aparelho sexual que não fosse muito acionado ia conseguir essa liberação dos produtos sexuais através da polução noturna, então a tensão sexual seria necessária para excitar as zonas erógenas e teria que existir certo grau de acumulação de produtos sexuais no organismo para que a relação sexual pudesse acontecer.

Nesse ponto Freud criticou a teoria de Krafft-Ebing para explicar a excitação e consequente mecanismo de ejaculação nos homens pela falta de eficácia quando se tratasse de mulheres, crianças e castrados. Nessa teoria a acumulação dos produtos sexuais seria a responsável por criar e manter a tensão sexual. Krafft-Ebing usou essa teoria advinda de outros autores como Budge, para explicar os centros cerebrais responsáveis pela ejaculação (daí a razão da existência das poluições noturnas) que ele acreditava que existiriam no organismo dos sujeitos, inclusive de mulheres, mas com a função de orgasmo. Freud acredita que o autor teria supervalorizado a acumulação dos produtos sexuais.

Freud acreditava que a psicanálise ainda não possuía maiores informações sobre a natureza da excitação sexual que as que ele apresentava agora. Pela descoberta do papel da glândula sexual na tireoide, ele acreditava que pela estimulação adequada da zona erógena uma substância geralmente difundida no organismo seria decomposta e forneceria estímulo específico para os órgãos reprodutores. Freud afirmou também que estava disposto a abandonar essa teoria por outra, caso novos dados surgissem. Em 1920 ele o faz, supondo a existência de uma glândula da puberdade no processo químico sexual.

Dentro dessa discussão sobre a química da sexualidade, Freud ([1915] 1905, p.) acrescentou em 1915 a libido como uma força quantitativamente variável que poderia medir processos e transposições no âmbito da excitação sexual. A libido também teria um caráter qualitativo e seria diferente da energia psíquica para os outros processos de conservação do organismo.

A excitação sexual adviria de todo o corpo, formando um quantum para a libido. Freud chamou essa representação psíquica de libido do eu (Narcísica). A libido do eu apareceria aos estudos psicanalíticos como a represa do quantum libidinal, do qual sairiam e entrariam todos os investimentos.

A libido do eu só se tornaria completamente acessível ao estudo psicanalítico quando achasse função psíquica no investimento de objetos sexuais, ou seja, como libido objetal. A libido do eu, em sua forma objetal, poderia se concentrar em objetos, se fixar nesses objetos, eventualmente abandonar esses objetos e se fixar em outros, guiando a atividade sexual do indivíduo até a satisfação – o mesmo que a extinção parcial e temporária da libido.

Em relação aos destinos da libido objetal, ela seria retirada dos objetos, mantida em suspenso durante estados especiais de tensão e finalmente reconduzida ao eu para se tornar novamente a libido do eu.

Outro ponto importante nos *Três Ensaio*s seria a diferenciação entre os sexos biológicos e seus componentes fisiológicos e sociais. As diferenças entre homem e mulher eram assunto de apreciação comum no século XIX. A maioria dos autores centrava as discussões sobre sexualidade a partir do sexo masculino. Como Freud mesmo escreveu nos *Três Ensaio*s era recorrente a ideia de que o sexo masculino seria o mais fácil a ser observado.

Como nos aponta Hartherly (1996, p. 275), o século XIX – período de contexto no qual a maioria desses psiquiatras estavam inseridos – viu os direitos de a mulher começarem a fazer parte do cotidiano europeu. Nesse tempo teria sido possível à mulher a se assumir como sujeito social, experimentar novas experiências dentro de contextos culturais e acadêmicos.

Essa liberdade, é claro, era basicamente para mulheres de classe burguesa, mas como resultado a sociedade nesse tempo estava em transição do que de fato seria o papel da mulher e das possibilidades que ela teria. Existiria então, uma dicotomia entre a tradição do papel da mulher e a modernidade das novas conquistas.

O estudo da sexualidade no século XIX representa bem essa divisão. Na verdade, nenhum autor, incluindo Freud, apresenta um dado científico do porquê existiria essa dificuldade entre estudar os fenômenos no sexo feminino.

Muitas especulações podem ser feitas nesse sentido. Autores como Kaan e Krafft-Ebing – mesmo que em sentido argumentativo se contradigam algumas vezes nesse ponto – falam abertamente de uma superioridade constitucional e fisiológica do sexo masculino sobre o feminino, talvez por isso se dedicassem tanto a esse tema.

Partindo de alguns textos dos próprios autores estudados aqui como Binet, Feré, Moll, Tarnowsky, Mantegazza, os médicos tinham uma preocupação na condução do atendimento de pacientes femininas, devido aos limites de contato e intimidade que era permitido entre homens e mulheres na época, o que tornaria difícil a observação de pacientes do sexo feminino quando comparadas aos do sexo masculino. Por qualquer que seja o motivo, era fato que todos dos autores, incluindo Freud, ainda traziam a ideia do protagonismo do sexo masculino. Mas ao mesmo tempo, o papel sexual feminino era escrutinado nos manuais e nas teorias da sexualidade do século XIX, suas diferenças em relação aos homens estavam em voga para ser discutida, as perversões eram diagnosticadas em mulheres, livros escritos por mulheres cientistas começavam a ser mais e mais citados como estudo e seu “papel” na vida sexual era explicado.

Freud, seguindo essa tendência, apresenta sua visão sobre a diferenciação entre homem e mulher. Para ele, apenas na puberdade existiria uma separação física e psíquica muito sensível entre homens e mulheres. Mas desde a vida infantil alguma diferenciação da vida sexual estaria presente, principalmente no que diz respeito às inibições sexuais e sentimentos de nojo e vergonha, todos aconteceriam mais cedo e com menos resistência nas meninas e elas dariam preferência às formas passivas de onde aparecesse o instinto parcial: “Mas a atividade autoerótica das zonas erógenas é a mesma nos dois sexos, e essa coincidência, anula, na infância, a possibilidade de uma diferença entre os sexos como a que acontece na puberdade” (Freud, [2016] 1905] p. 137). Por isso a sexualidade de meninas pequenas seria masculina e indiferenciada da dos meninos.

Freud acreditava que a própria libido seria de natureza masculina. Essa ideia de indiferenciação se casa com a ideia da bissexualidade psíquica, como Freud mesmo acrescenta. Apesar de seus conflitos com o amigo Wilhelm Fleiss (o autor desse conceito), Freud continuava considerando a bissexualidade como fator decisivo para a compreensão da diferenciação sexual.

Em 1915, Freud faz uma nota de rodapé explicando os conceitos masculinos e femininos. Os conceitos seriam empregados ora no sentido de atividade e passividade, ora no sentido biológico e por fim, no sentido sociológico. O primeiro tipo seria o mais proveitoso para a psicanálise. Por isso Freud havia dito que a libido era masculina, pois o instinto sempre seria uma força ativa mesmo quando escolhesse uma meta passiva.

Um conceito comum no século XIX para a sexualidade, os instintos são considerados ativos nesse contexto pela ideia de que eles causariam uma perturbação e consequente necessidade (ou vontade) no organismo e sempre impeliriam à ações. Como já visto nas partes de Krafft-Ebing e Moll, pela influência do darwinismo e suas ideias de papéis sexuais e sociais de machos e fêmeas, os termos atividade e passividade eram frequentemente empregados para seres humanos. A atividade dos homens tinha relação com os papéis dos animais machos: a penetração sexual, a caça e luta por fêmeas e territórios. A passividade com as mulheres pelo papel de ser penetrado durante o coito e atividades como gerar a prole.

O segundo tipo seria mais claro em sua diferenciação “masculino e feminino são caracterizados pela presença de espermatozoides ou óvulos, respectivamente e pela função que deles decorrem” (Freud, [2016],p.139).

O terceiro tipo que Freud apresenta seria o sociológico, que nasce da observação dos sujeitos masculinos e femininos e seus papéis sociais. Freud segue afirmando que seria impossível encontrar na natureza, do ponto de vista biológico ou psicológico uma masculinidade ou uma feminilidade pura. Todos os seres humanos uma mescla biológica e psíquica de seu sexo com traços do outro sexo.

Apesar dessa nota só ter sido acrescentada em 1915, ela condiz com o que era estudado até então e com a própria postura de Freud de aceitar, incontinenti, as teorias de Fleiss. Uma vez que era aceita a concepção que existia uma bissexualidade biológica, era impossível para que qualquer um dos autores acreditasse que biologicamente existissem exemplares totais com a fisiologia completa de um sexo ou outro. E nenhum deles o faz, de fato. Essa aceitação tem mais a ver com essa particularidade teórica do que com algum desses autores estarem argumentando algo mais progressista em costumes que afetaria as teorias psiquiátricas. Apesar

de existir a noção teórica de bissexualidade inata, os papéis sociais seriam bem separados e o purismo sexual existiria, ou ao menos, seria uma meta a ser alcançada pelo ser humano civilizado e bem ajustado moralmente. Daí as diversas críticas que os sexólogos fazem às trabalhadoras sexuais, que eram vistas como imorais por, supostamente na visão dos autores do sexo masculino, gostarem tanto de sexo, escolhiam trabalhar como prostitutas. A justificativa era a degeneração moral por seus desejos serem comparados ao de um indivíduo do sexo masculino – naturalmente com a barreira da vergonha e nojo menos potente – quando deveriam permanecer como femininos. O argumento da conhecida falta de tipos puramente femininos e masculinos não era usado para esses casos e similares. Então socialmente, existiriam sim tipos femininos e masculinos puros, apesar de psicologicamente e biologicamente eles serem negados.

Para Freud, que além da bissexualidade biológica aceitava a bissexualidade psíquica, era ainda mais impossível teoricamente pensar em outra coisa, apesar de que, em relação aos costumes, é possível deixá-lo no mesmo pensamento que os outros autores.

Sobre as principais zonas erógenas diretrizes dos sexos masculinos e femininos, Freud (1905, p.62) apresenta as mesmas investigadas pela maioria: a glândula do pênis no menino e o clitóris na menina. Contudo Freud apresenta uma mudança nessa diretriz durante a puberdade. O movimento de repressão na sexualidade da menina no momento da puberdade marcaria a parcela da sexualidade masculina na garota cedendo à repressão. Essa repressão teria um efeito estimulador para o homem, que diante das negativas seria obrigado a intensificar as investidas sexuais enquanto a mulher as recusaria mais em contrapartida. Quando o ato sexual fosse enfim permitido e o clitóris estimulado, ele seria o órgão encarregado de transmitir a excitação sexual para as partes adjacentes, durante esse período a mulher ficaria anestésica no ato sexual. Essa anestesia poderia se tornar duradoura caso a excitação clitoridiana fica concentrada. Caso esse processo de transmissão fosse bem sucedido, a mulher teria a mudança na diretriz de sua zona erógena. Esse processo de repressão, mudança de diretriz e descarte da masculinidade seriam condições ligadas intimamente à feminilidade e as condições principais para a maior propensão da mulher à neurose.

Aqui é possível perceber outra influência claramente darwinista na teoria de Freud, que se liga à ideia de que a posição sexual das mulheres na sexualidade é passiva. A ideia da moralidade mais firme da mulher, o pudor e recato maior que no homem, está em todos os autores do século XIX e início do século XX que serviram de bibliografia para esse trabalho, sem nenhuma exceção. Essa ideia é de influência darwinista, ao falar sobre a seleção sexual em

relação às espécies. Darwin fornece o longo desse volume e de suas edições inúmeros exemplos de comportamentos análogos ao recato em fêmeas de diversas espécies de animais. A própria periodicidade de pico de desejo sexual, o cio (presente na maioria das fêmeas e raramente em alguma espécie de macho) seria uma das observações sobre o menor interesse sexual da mulher nas atividades de coito.

Outra ideia recorrente para todos os autores citados aqui era de que o clitóris funcionaria como uma espécie de pênis na mulher, ficando enrijecido como a ereção peniana, sendo o único responsável por transmitir estímulos, ser o único responsável durante a primeira fase da puberdade (no caso de Moll e Freud da infância) pelo orgasmo. O resto da vulva seria anestesiado (e conseqüentemente a mulher em certo momento do sexo) e só poderia estimular e iniciar orgasmos quando o papel do clitóris fosse cumprido. Essa função do clitóris análogo ao pênis é a raiz argumentativa para que esses autores reconheçam uma masculinidade (ou atividade) na vida sexual feminina.

É bem possível que toda essa configuração tenha, obviamente, um leve viés social. Os próprios autores de teorias da sexualidade não negam que a sociedade também esperava da mulher essas atitudes de recato. E nada diferente poderia ser esperado deles, devido ao histórico social no qual eles estavam inseridos. Mas de fato, a opinião é de que de certa maneira esse comportamento de moral e recato e pouco interesse sexual, supervalorização do papel do clitóris no sexo feminino (e um lado feminino anormalmente mais aflorado caso algum rapaz tivesse essas características), foram tirados da esfera social e “cientificizados” por esses autores e pela repercussão e apoio social que suas obras encontraram. Por isso, apesar de Freud ter centrado o início de seus estudos na histeria e nas observações de pacientes femininas, reafirma-se aqui que a psicanálise freudiana também assume uma postura de centrar sua teoria do ponto de vista do sexo masculino.

Freud (1915 [1905], p.67) abordou no terceiro ensaio novamente a escolha objetal, dessa vez na puberdade. O menino, agora com seu instinto sexual subordinado à função reprodutiva, tem como meta sexual a penetração do pênis no orifício vaginal.

Esse processo todo teria começado no início da vida, quando na fase oral, ainda no momento da vinculação entre prazer oral e ingestão de alimento, o bebê tivesse como primeiro objeto amoroso o seio da mãe. Mesmo depois que esse vínculo seja perdido e a libido se volte toda para o próprio corpo, um elemento importante desse primeiro objeto restaria, a criança aprenderia a amar outras pessoas que também atendessem suas necessidades, assim como o seio fez um dia. Para a criança, lidar com o cuidador seria umas fontes constantes de excitação sexual

e satisfação das zonas erógenas. O medo infantil seria a expressão da falta que sentem da pessoa amada, por isso o medo de todo o desconhecido. A criança se comportaria como adulto, pois transformaria a libido em angústia diante do desejo não satisfeito. O adulto neurótico também teria sua angústia nascida da libido, por isso nos momentos de pavor se comportaria como uma criança, com ansiedade e medo de estar abandonado.

A relação entre cuidador e criança envolveria, além de amenizar a sensação de desamparo, outros elementos sexuais, tais como beijos, abraços. Então existiria uma espécie de contrapartida do cuidador, que também toma inconscientemente a criança como objeto. A primeira tarefa dos pais ou cuidadores da criança seria ensiná-la a amar. Observando-se claro que o excesso de carinho, assim como a falta, poderia ter consequências futuras prejudiciais.

Quanto ao incesto e a proibição do mesmo, Freud acredita que ela surgiria devido ao adiamento da maturação sexual e junto com as outras barreiras da sexualidade. Seria mais fácil para as crianças eu escolhessem como objeto de amor pessoas que cuidam delas e as amam desde quando a libido era amortecida, mas a barreira contra o incesto seria tão poderosa culturalmente que excluiria imediatamente essa possibilidade no momento da maturação sexual. O autor acredita que a barreira do incesto é social, para a defesa contra a absorção pela família “dos interesses de que necessita para produzir unidades sociais mais elevadas, e por isso atua, com todos os meios, no sentido de afrouxar em cada indivíduo, especialmente no jovem, os laços com a família, que eram os únicos decisivos na infância.” (Freud, 2016 [1905], p. 147).

Freud apresenta nos *Três Ensaio*s uma breve sumarização das ideias que viriam a constituir sua teoria sobre o complexo de Édipo. A escolha de objeto seria realizada primeiramente na imaginação, e o adolescente não teria outra saída que não as fantasias, ou seja, ideais que nunca seriam concretizadas. Essas fantasias seriam coloridas pelas primeiras inclinações infantis, principalmente a atração sexual pelos progenitores. Com o repúdio e superação dessas fantasias incestuosas a realização psíquica estaria concentrada em se desprender da autoridade dos pais e seria criada uma espécie de oposição, que culturalmente representaria um avanço social, pois a nova geração questiona a antiga. Algumas pessoas nunca superariam completamente a autoridade dos pais. Essas seriam, na opinião de Freud, geralmente garotas que por ainda conservarem a fixação infantil da libido se converteriam em esposas sexualmente frias para seus maridos.

A escolha incestuosa do objeto teria uma relação inequívoca com os transtornos psiconeuróticos. A rejeição da sexualidade nas neuroses faria com que toda, ou grande parte, da atividade psicosexual na busca do objeto permanecesse no inconsciente. Freud dá o

exemplo de garotas com ternura e horror igualmente excessivos às exigências sexuais: “será uma tentação inevitável, por um lado, realizar em sua vida o ideal do amor assexual, e, por outro lado, esconder sua libido atrás de uma ternura que podem manifestar sem autorrecriminação, apegando-se por toda a vida a inclinação infantil – renovada na puberdade – pelos pais ou irmãos” (Freud, [2016]1905, p. 150). A psicanálise, afirmava Freud, poderia provar a essas mulheres que elas eram apaixonadas pelos parentes através do rastreamento dos sintomas e de outras manifestações patológicas. O mesmo aconteceria quando alguém adocesse após uma experiência amorosa malsucedida, pois a libido também seria revertida para pessoas prediletas na infância.

Freud abordou a temática do incesto novamente em 1913, no texto *Totem e Tabu*. Nesse texto, Freud (1913, p.116) se valeu da ideia darwinista de que os seres no primeiro estágio de evolução vivendo na horda primeva. Freud relatava que na horda estava o Pai, figura central violenta, com posse sobre todas as fêmeas da tribo e que expulsava os filhos machos para que sua superioridade nunca fosse ameaçada.

Um dia os irmãos expulsos teriam se rebelado contra o pai. O mataram e devoraram o corpo morto, terminando com a horda primeva e começando um novo estágio de desenvolvimento. Em conjunto conseguiram fazer o que não seria possível para nenhum individualmente – Freud não estava certo se o que possibilitou o motim foi algum tipo de avanço cultural, o manejo de uma nova arma, mas de fato, algo lhes conferiu uma coragem e sentimento de superioridade.

O sentimento de todos os irmãos seria a inveja do poder e superioridade do pai e, ao comê-lo, cada um estava introjetando parte de sua força, se identificando com ele. A própria refeição totêmica seria a repetição e a celebração desse ato memorável e criminoso, celebrando o ato que teria dado início às organizações sociais, as restrições morais e a religião.

Mas uma questão incomoda surgiria dessa nova configuração de sociedade, com o grande poder regulador morto, alguém se atreveria a tentar tomar o seu lugar? E caso alguém se atrevesse haveria a necessidade de matar novamente, levando a guerras entre os irmãos?

Para resolver a questão, os irmãos teriam criado uma lei que definia que as mulheres da tribo não pertenceriam a nenhum deles, o tabu do incesto. A figura de autoridade do pai morto seria substituída por essa lei, e ele se tornaria o totem, um deus com um poder muito maior que jamais teria caso tivesse ficado vivo. A próxima proibição era a de que não se poderia matar o animal totêmico, em outras palavras, era proibido matar o totem para ter posse sobre as mulheres da tribo. O mito totêmico evoca a proibição social do incesto e do parricídio:

As designações de parentesco não se referem a relações entre dois indivíduos, se não entre um indivíduo e seu grupo. A exogamia totêmica, portanto, é a proibição das relações sexuais entre membros do mesmo clã e constitui-se num meio mais eficaz para impedir o incesto num grupo. A exogamia totêmica é uma instituição sagrada, um construto e é uma legislação consciente e institucional, a proibição do incesto, portanto, se constitui na reprodução do sistema totêmico (Pontes, 2004, p. 11).

Como resultado de todo esse processo surgiria a lei simbólica que barraria a consumação daquilo que era desejado por todos (o incesto e o assassinato do pai), e condicionaria a existência da cultura e da civilização à uma renúncia do maior desejo instinto. Essa lei seria a garantia para os membros da comunidade totêmica do fim do risco de uma guerra civil fratricida.

Quanto à figura dos irmãos, Freud (1913, p.281) acredita que a ambivalência teria tomado conta de suas motivações: ao mesmo tempo em que amavam o pai e queriam ser como ele, odiavam o pai e queriam tomar o que ele tinha. Aí surgiria o sentimento de culpa decorrente do desejo de matar o pai. Essa mesma ambivalência seria encontrada em neuróticos e crianças. Estava assim, de acordo com Freud, instaurado o tabu do incesto no desenvolvimento humano. Essas considerações se ligariam ao complexo de Édipo como meio de constituição do sujeito e, na vida de cada pessoa, para que o desenvolvimento da vida segue, o primeiro objeto de amor infantil (um dos progenitores) teria de ser abandonado, a Lei teria que ser introjetada, para que outros objetos pudessem ser encontrados.

O incesto era um tema recorrente na literatura do século XIX. Para Krafft-Ebing (1894) somente uma grande sensualidade e ideias defeituosas sobre as leis e a moral poderiam levar ao incesto. Em homens, a bebida e outros estados alterados de consciência devido a intoxicação por substâncias poderiam facilitar práticas incestuosas. A fraqueza de espírito – para Krafft-Ebing estado de pessoas que não teriam o desenvolvimento do sentimento de vergonha completo na vida psíquica – também seria um fator determinante para que esse tipo de crime fosse cometido. Nas mulheres esses fatores associados com o erotismo exacerbado facilitariam a ocorrência de atos incestuosos.

Como fatores externos que acarretariam em práticas incestuosas, Krafft-Ebing aponta apenas a “separação de sexo defeituosa comum nas classes sociais mais baixas” (Krafft-Ebing, 1894, p. 431), pois entre as famílias mais pobres as casas seriam menores, sendo assim, homens e mulheres usariam o mesmo banheiro e o mesmo quarto, às vezes até precisariam dormir na mesma cama, aumentando as possibilidades de se verem nus e de praticar o coito. Como um fenômeno decididamente patológico, o incesto já havia sido documentado em estados de debilidades mentais congênitas e adquiridas e raramente em casos de epilepsia e paranoia.

Na literatura o incesto constituiria em um pavor comum entre todas as civilizações. As razões pelas quais o horror ao incesto consistiria em uma regra universal entre as civilizações dividiam os pensadores. Várias explicações foram apresentadas para essa proibição, mas todas rejeitam a explicação cultural religiosa como fator do surgimento da proibição ao incesto e concordavam que o incesto seria um entrave às condições de sobrevivência e reprodução das civilizações primitivas.

McLennan (1865, p. 136-141) recorre à noção de *exogamia* (Freud utiliza esse termo no Totem e Tabu) para apresentar a proibição do incesto. A exogamia seria o resultado da regra social das tribos de que os casamentos deveriam ser realizados entre membros que não pertenceriam à mesma tribo. As tribos exogâmicas apareceriam pelo patriarcalismo das tribos aborígenes que tinham um sistema de captura. Como ter filhos do sexo masculino seria culturalmente um privilégio, pois ajudaria tanto na proteção, busca por alimentos e nas guerras, os selvagens teriam o costume de matar as filhas infantis. Isso teria causado um grande desequilíbrio na tribo e os homens seriam obrigados a buscar mulheres de outras tribos para continuar a reproduzir e sobreviver. A prática de procurar parceiras em outras tribos teria virado um costume e posteriormente ganhado status de lei, proibindo casamentos entre pessoas do mesmo clã. Essa tendência foi passada como costume se enraizando no imaginário social e psíquico do homem civilizado.

Spencer (1885, p. 619-621) rejeita que a proibição ao incesto fosse inata ao ser humano. O incesto seria, assim como pensa McLennan, uma característica adquirida com a evolução a partir da tática de guerra de pilhagem. Grupos primitivos de homens seriam naturalmente hostis e ao vencer as guerras teriam o costume de roubar os outros clãs, incluindo as mulheres dos derrotados. O enlace com as mulheres que pertenceriam à tribo dos derrotados seria enaltecido socialmente, pois, ao contrário da mulher nativa, a mulher do outro clã seria um troféu representando a masculinidade e a vitória e a prole continuaria a memória dessa vitória e da superioridade de uma tribo sobre a outra.

Krafft-Ebing, por sua vez, parece apontar que segue a mesma linha que acredita que o horror ao incesto seria uma característica evolutivamente adquirida pelo aparecimento da moralidade sexual e do papel de continuidade da espécie. Ele abre sua consideração sobre o incesto afirmando que a preservação da pureza moral seria produto da civilização e que o homem eticamente intacto ficaria horrorizado perante qualquer pensamento sobre sexo com familiares, pois esses desejos ofenderiam a preservação da moralidade e, por conseguinte, o caminho evolutivo do homem.

Westermarck (1891, p. 290) discorda da linha de pensamento de Krafft-Ebing, pois para ele as civilizações menos avançadas possuem regras mais rigorosas para a possibilidade de casamento entre parentes consanguíneos, aparecendo casos em que seria proibida qualquer relação sexual com qualquer pessoa que tivesse alguma ligação com o clã. As civilizações mais modernas, por sua vez, universalmente não veriam sem nenhum problema casamento entre primos e irmãos de criação.

Para Westermarck (1891) o horror ao incesto seria quase que uma característica universal entre todas as civilizações. A ausência completa do estranhamento do incesto seria tão rara nessas civilizações que só poderia consistir em uma aberração. Quando o incesto fosse permitido entre os aborígenes, como nos casos de algumas tribos citadas pelo autor, seriam apenas para algumas relações consanguíneas, mas a prática seria sempre vista com desconfiança entre os membros da tribo. Porém mesmo nas civilizações em que o incesto seria parcialmente permitido (entre primos e primas e sobrinhas e tios, principalmente) o incesto entre uma mãe e seu filho seria sempre uma conduta criminoso.

Sobre a causa do incesto Westermarck (1881, p. 510) cita pensadores como Morgan, Lobbock, Maine e Curr para firmar que a grande proibição do incesto seria derivada dos males genéticos que as proles de parentes consanguíneos apresentariam. Apesar de estudos já terem demonstrado que essas mazelas genéticas seriam em menor proporção que as alardeadas pelos estudos da época, elas existiriam e por esse motivo fariam com que a seleção natural entendesse a relação entre parentes como uma ameaça à adaptação e sobrevivência da espécie. Como para os selvagens a sobrevivência era ainda mais difícil devido ao meio hostil, as proibições contra fatores que poderiam prejudicar a espécie seriam muito mais rigorosas.

Dentro do contexto de suas observações, Westermarck (1881, p 320) postula aquilo que viria a ser chamado de Efeito Werstermack, a saber, a ideia de que existiria uma aversão inata à ideia de relação sexual entre pessoas que viveriam intensamente próximas desde cedo, pelos motivos já citados acima. Como a maioria das pessoas que viviam próximas e com intimidade sentimental seriam parentes essa aversão à relação sexual estariam gravadas na memória coletiva da sociedade e individual do sujeito que sexo entre parentes seria algo imoral e proibido.

As circunstâncias dos casos de incesto apresentadas por Krafft-Ebing são bem diferentes entre si, pois em alguns dos casos a relação entre parentes seria consensual e em outros, estupro. Nos casos de estupro, a unanimidade seria entre um adulto contra uma criança ou adolescente consanguíneo. Em sua maioria apresentam como resultado da perícia médica apenas a

constatação genérica de que o criminoso era mentalmente fraco, uma fraqueza mental mais moral do que biológica, sem nenhuma patologia associada. Os casos apresentam criminosos do sexo masculino e feminino, e alguns casos de incesto entre mães e filhos. Segundo o autor esses seriam os casos mais horríveis, por se tratar do laço parental materno. O incesto seria mais comum quando o imoral fosse o pai contra sua filha. Apenas um caso envolveria homossexualidade e abuso contra uma menina por parte de um parente do sexo feminino, mas para Krafft-Ebing a condição da inversão não teria relação com o incesto e sim o fato da mulher ter sido diagnosticada com ninfomania e hiperestesia. A homossexualidade não teria relação com incesto. Nenhum caso de pederastia foi relatado.

Para Krafft-Ebing ainda que na maioria dos casos criminosos de incesto, não fosse possível achar bases realmente patológicas para explicar os crimes, para preservar a honra humana, ele gostaria de assumir, na literatura desses casos, que tais bases existiriam, apenas ainda não teriam sido devidamente explicadas pela ciência. De qualquer maneira a recomendação do psiquiatra deveria ser a de que, mesmo no caso os sinais de patologias não fossem achados de fato, a condenação regular deveria ser aplicada.

Um dos grandes avanços da teoria freudiana é, sem dúvida, o papel que Freud confere ao incesto em sua teoria. É maior que o de qualquer outro sexólogo. É digno de nota que assuntos recorrentes na época como a sexualidade infantil ou as raízes naturais da perversão tomem o foco de algumas discussões psicanalíticas brasileiras sobre os avanços sociais e teóricos de Freud e uma ruptura científica genuína como o papel do incesto na sociedade e na constituição psíquica na teoria freudiana não seja objeto de reconhecimento.

A única concordância entre Freud e outros autores do mesmo período era a de que o incesto seria uma proibição universal, mas o que essa proibição causaria era completamente diferente na psicanálise.

Para os autores o incesto seria também um tabu, no mesmo sentido que Freud usa a palavra, mas as causas são mais estudadas que o fenômeno em si. O incesto não teria nenhuma consequência para a vida sexual do homem e apenas degenerados morais sentiriam desejo em manter relações sexuais com parentes. De resto era um conceito que teria se convertido em uma herança genética. O desejo de incesto nunca existiria nos homens e nada poderia surgir a partir disso.

Freud lida com a questão da tendência do horror universal do incesto e o mito de Édipo desde suas cartas à Fleiss. Posteriormente a história do Édipo se converteu em um complexo psíquico que tinha analogia com o mito. O amor incestuoso e sua introjeição fariam

parte da constituição do sujeito e de sua relação com o mundo. E principalmente, o incesto na teoria freudiana seria um desejo comum que de certa maneira nunca é resolvido e está sempre presente inconscientemente.

Em 1920, numa nota nos Três Ensaios, Freud sumariza esses anos de pensamento sobre o incesto. As fantasias sexuais de espreitar a relação sexual entre os pais, ser seduzido por um dos familiares entre outras de mesmo tipo, seriam independentes até mesmo da experiência individual, por se apresentarem generalizadas e comuns às sociedades. O complexo de Édipo então seria o complexo nuclear da neurose e a parte essencial do conteúdo da mesma. Nele culminaria a sexualidade infantil e conseqüentemente todo o desenvolvimento sexual posterior do sujeito: “Cada novo ser humano enfrenta a tarefa de lidar com o complexo de Édipo; quem não consegue fazê-lo sucumbe à neurose. O avanço do trabalho psicanalítico tornou cada vez mais nítido a importância do complexo de Édipo. O reconhecimento dele se tornou o xibolote que distingue os adeptos da psicanálise de seus opositores” (Freud, [2016] 1905, p. 149).

Para Freud, mesmo uma pessoa que conseguisse evitar a fixação incestuosa da libido, nunca escaparia completamente da influência da mesma. Por isso alguns jovens teriam como primeiro amor homens e mulheres maduras e de autoridade, pois seriam lembranças das figuras do pai e da mãe. A escolha objetal geralmente seria feita nesses modelos. O menino buscaria a imagem que lhe lembrasse da mãe, que o domina desde a infância. Como harmonização desse quadro, a mãe, ainda viva, se oporia a essa nova versão dela mesma e a trataria com hostilidade. A menina procuraria a imagem do pai.

Esse contexto demonstraria as graves conseqüências que perturbações nesses laços infantis acarretariam a vida sexual após a puberdade. Brigas entre os pais, casamento infeliz determinam um desenvolvimento sexual perturbado ou adoecimento neurótico dos filhos.

Freud introduz nesse ponto de maneira mais aberta a questão da escolha de objeto. A escolha de objeto na vida adulta teria relação com o amor pelos pais e com a vida sexual infantil (Freud, 1905, p.67).

Freud destaca novamente a escolha objetal que recai sobre o sexo oposto. A escolha objetal por uma pessoa do outro sexo não aconteceria sem nenhum tipo de hesitação. Algum tipo de amizade entusiasmada por colegas do mesmo sexo e outras manifestações poderiam surgir na época da puberdade, sem que isso se convertesse em homossexualidade na vida adulta. O fator principal que excluiria a fixação objetal na inversão sexual seria a atração que os caracteres sexuais exerceriam em seus opostos ligados a fatores secundários tais como a própria

inibição impositiva da sociedade e o amor incestuoso da infância pela mãe ou cuidadora do sexo feminino. Em 1915 Freud acrescenta ao amor infantil pela mãe, a fantasia de competição sexual e aniquilação por parte do pai – essa configuração edípica desviaria o menino de amar alguém do mesmo sexo (Freud, [1915]1905, p.).

Freud cria uma teoria de que a educação familiar teria um papel na futura inversão sexual. Na configuração familiar dos cidadãos ricos daquela época, a mãe estaria com menos tempo disponível para cuidar dos filhos e a crescente contratação de empregados masculinos para lidar com as crianças e esses novos modelos estariam facilitando a ocorrência da inversão sexual. Crianças que tivessem um dos genitores faltantes poderiam ser predispostas a inversão sexual, pela falta de um dos genitores e o amor concentrado todo no outro.

Freud nesse ponto utiliza o termo inversão duradoura (*dauernde*) um termo diferente do que ele usa para a inversão ocasional. Provavelmente porque ele considerava, assim como Moll em 1987, que episódios de apego ou até mesmo brincadeiras de maior estimulação físicas pudessem ocorrer sem que isso significasse que a pessoa seria invertida.

III.II -O Objeto Sexual na teoria de Freud

Ainda que Valas (1990 p. 17) considere que a perversão não foi uma preocupação inicial de Freud até mais ou menos a publicação dos *Três Ensaio*s, a perversão sexual foi um tema que correu toda a teoria freudiana desde seus primeiros escritos até o final de suas considerações.

A leitura dos primeiros textos de Freud e suas cartas com Fleiss até mais ou menos 1895, ainda mantinham o tema da perversão como degenerescência e ligada à bestialidade e a imoralidade de atos e costumes. Na mesma época sobre a perversão, Freud sustenta sua primeira teoria da sedução (Valas, 1990, p. 18).

No Manuscrito K de 1896, Freud ([2013] 1896, p.24) se dedicou a apresentar ao amigo, o otorrinolaringologista Willhelm Fliess, a teoria das neuroses de defesa. Para o psiquiatra, existiriam quatro tipos de neuroses de defesa. Todos os quatro tipos seriam aberrações patológicas dos estados psíquicos afetivos normais: o estado do conflito (histeria); o estado da recriminação (neurose obsessiva); o estado da ofensa (paranoia) e o estado do luto (amênia alucinatória). As neuroses de defesa seriam distintas dos afetos por implicarem em um dano ao Eu. Para que essas neuroses de defesa fossem desencadeadas, além de surgir na mesma ocasião que seus respectivos modelos afetivos, seriam necessários um componente de

natureza sexual, e que o aparecimento da aberração ocorresse numa fase anterior à natureza sexual. A hereditariedade seria um facilitador para o sujeito apresentar o quadro, mas não determinaria a escolha da neurose de defesa.

Para Freud, existiria uma tendência natural à defesa, ou seja, uma tendência natural que contrariasse a resposta orgânica de direcionar a energia psíquica de tal maneira que produzisse desprazer. Essa tendência estaria ligada ao princípio de constância, não poderia ser empregada contra as percepções sensoriais e só poderia ser levada em conta contra lembranças e representações de pensamento. Quando acionada contra a representação de pensamento, a defesa se tornaria nociva, pois poderia ocasionar um novo desprazer no nível do conteúdo dessas representações. Quando acionada contra as recordações, a defesa se tornaria nociva, pois a lembrança das representações, principalmente as representações sexuais, produziria um efeito de liberação de energia mais intenso do que a própria vivência.

A condição para que nenhuma neurose de defesa se instalasse, seria a ausência de irritação energética sexual significativa antes da puberdade, pois a puberdade intensificaria a vivência da experiência, e por consequência, a repetição da mesma.

Nesse ponto, Freud questiona: “Daqui se ramifica um problema colateral: a que se deve ao fato de que, sob condições análogas, produza-se, em vez de neurose, a perversidade ou simplesmente a imoralidade?” Freud ([2013] 1896, p. 24).

Freud, nessa carta, não apresenta uma resposta bem formada para essa pergunta. O autor especula que moralidade e vergonha seriam forças naturalmente recaladoras, então, todas as pessoas experimentariam, invariavelmente, algum grau de irritação energética no momento dos primeiros encontros com a sexualidade. A própria primeira visão dos genitais causaria algum grau de sensação de repugnância na vivência sexual.

Em lugares com os ambientes de classes sociais mais pobres e no campo, – além do pouco sentimento de vergonha natural do sexo masculino – que tornariam o sentimento de repugnância e outras questões de moralidade mais flexíveis, as neuroses de defesa não seriam sentidas como consequência da estimulação sexual infantil inapropriada. Nessas condições sociais, no momento de um encontro sexual traumático, outra coisa diferente da neurose de defesa poderia surgir, tal como uma perversidade.

Freud acreditava, porém, que a explicação não seria tão simples quanto essa e que mais teorizações seriam necessárias – muitos casos de perversidade aconteceriam em pessoas nascidas em ambientes sociais elevados e em mulheres. Freud teorizava que a intensidade da libido poderia causar um relaxamento no nojo e na moralidade, por isso, a perversidade poderia

acontecer para todas as pessoas. Sendo assim, deveria existir uma fonte independente de desprazer na vivência sexual infantil para impedir essas que seriam as saídas perversas (Freud, [2013] 1896, p. 25), daí a grande ocorrência populacional de neuroses de defesa.

Os argumentos descritos acima são as primeiras menções que Freud faz às questões da perversidade e perversão na montagem de sua teoria.

Na carta de 1896, a famosa carta 112 [52], Freud apresenta a perversão como outra das consequências da vivência sexual prematura. A condição da perversão seria que a defesa pela neurose e a defesa natural jamais ocorreriam, ou as defesas não ocorreriam antes do aparelho psíquico ter se constituído. Freud tenta explicar a pergunta do manuscrito anterior – quando aconteceria a perversão e quando aconteceria a neurose – através de um esquema de períodos psíquicos.

Ao tentar explicar esses postulados usando bases orgânicas, Freud apresenta esquemas de ciclos sexuais temporais. Esses esquemas são da teoria que Fleiss apresenta em *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen (in ihrer biologischen Bedeutung dargestellt)*, de 1897. Freud leu esse manuscrito de Fleiss entre 1895 e 1896.

Nesse texto, Wilhelm Fleiss (1897, p. 18) parte de sua própria constatação, de que haveriam semelhanças entre os ossos e tecidos do nariz e os ossos e tecidos da genitália feminina. Essas semelhanças estariam presentes em várias manifestações corporais, tais como, a hemorragia nasal e um período menstrual – nesse caso, porque cada um envolve um fluxo de sangue – sinusites, rinites, dores de garganta. Outras manifestações corporais (dores diversas, problemas intestinais, gripes) que não teriam relação direta com naria, boca e garganta, poderiam provar a teoria que ele estava apresentando, pois, qualquer coisa que fosse periódica, para Fleiss, funcionaria como uma radiação menstrual que marcaria os ciclos de liberação da toxina sexual. A toxina sexual conteria substâncias psíquicas masculinas e femininas. A liberação dessas toxinas no organismo seria periódica, e ciclos de liberação de toxina de um dos sexos ocorreriam no organismo de uma pessoa do sexo oposto, por exemplo, uma mulher, em algumas datas dentro de um número de dias, teria em seu organismo feminino uma liberação de toxina masculina. Fleiss chamava essa liberação interssexual de *bissexualidade periódica*.

Em seu livro, Fleiss traça as datas de incidentes importantes na vida dos pacientes, tais como datas dos fluxos menstruais, hemorragias nasais, episódios de enxaquecas e ansiedade, datas de nascimento e, se for o caso, data da morte - para mostrar que esses fenômenos são os efeitos de uma série de descargas de toxina sexual de vinte e três dias e outra série de descargas de vinte e oito dias. Fleiss nomeou os 23 dias de masculino e os 28 dias de

feminino (Wilson, 2017, p.23). Quanto a origem da toxina sexual no organismo, o autor ainda não tinha certeza, mas especulava que fosse produzida na glândula da tireoide (Kohon, 2018, p. Sem página). Fleiss dizia ser capaz de avaliar os ciclos bissexuais ao longo da vida humana. Ele afirmava ser capaz de afirmar os ciclos bissexuais de várias pessoas, como por exemplo, o famoso escritor Goethe teria tido, ao longo de sua vida, exatos 28 ciclos de liberação feminina.

Freud então sugeriu que enquanto o desenvolvimento psíquico seria determinado pelo período de vinte e três dias, o desenvolvimento sexual seria determinado pelo período de vinte e oito dias. O desenvolvimento psíquico, na concepção de Freud, começaria no momento de fecundação e continuaria enquanto a criança estivesse no ventre da mãe. No entanto, Freud observou, que durante a gravidez, a mulher não menstrua , portanto, não há liberação da substância feminina de 28 dias durante os nove meses de gravidez. Essa substância seria acumulada sendo liberada apenas na ocasião do nascimento (Freud, [2013] 1896, p. 41). Essa acumulação da toxina de vinte e oito dias e ato contínuo, sua liberação, erotizaria o corpo, e o bebê. Freud dá o nome dessa erotização de uma polimorfia perversa no bebê, pois todo seu corpo seria alvo de energia sexual.

Pela razão dessa erotização pela substância feminina no corpo do bebê, a satisfação sexual da criança seria obtida por diversas partes do corpo. Depois dessa erotização pela toxina feminina, então a criança passaria para a fase de interação desses dois períodos, o masculino e feminino. Essa interação explicaria um desenvolvimento psicosexual espontâneo na criança. Esse período seria seguido por um período de repressão que é, por sua vez, seguido por outro período de desenvolvimento sexual, até a puberdade.

Freud ([2013]1896, p.40) então adaptou a teoria da bissexualidade periódica de Fleiss. Só que para o psiquiatra, a liberação da substância sexual masculina de 23 dias seria sentida como prazer e a substância da liberação sexual feminina será sentida como desprazer.

Aqui, a partir da leitura da obra de Maudsley e Darwin, outra vez, é possível afirmar que Freud está seguindo a mesma tendência comum para os psiquiatras do século XIX, que além de ligar as mulheres a passividade e ao recato, ligava às mulheres a uma posição de menos prazer nas experiências sexuais. Enquanto os homens teriam extremo prazer nos atos sexuais e de corte, as mulheres – como demonstrariam os estudos de Darwin (1870) principalmente suas observações sobre o cio nas fêmeas, que indicava que espécies do sexo feminino teriam ciclos periódicos para estarem dispostas à cópula para a reprodução, ao contrario dos machos, que não teriam o cio – seria naturalmente predispostas ao próprio desprazer com o sexo. Por isso as

mulheresses do sexo feminino teriam a preferência por saídas que envolvessem uma defesa de constantes relações sexuais.

Freud continuou suas observações afirmando que não ser que fosse chegar ao estágio monossexual como quase puramente masculino – com isso teriam ciclos bissexuais femininos quase inexistentes – haveria uma produção de prazer pelo excesso de liberação masculina, essa pessoa seria o perverso. As mulheres, por sua vez, teriam mais facilidade de neuroses de defesa. Freud acrescenta também que utilizou parte dessa teoria de Fleiss para supor uma diferença entre neurastenia e neuroses de angústia (Freud, [2013]1987, p. 41).

Para Freud a histeria seria uma consequência da perversão do sedutor, e a hereditariedade da histeria uma perversão por parte do pai. Então surgiria uma alternância das gerações: a primeira geração de perversos e a segunda de histéricos. Essa segunda geração poderia apresentar uma metamorfose na mesma pessoa: a pessoa que fosse perversa durante a idade vigorosa poderia converter-se em histérica a partir de um período de angústia, pois a histeria não seria a sexualidade repudiada, mas a “perversão repudiada” (Freud [2013] 1896, p.42).

Em outra citação sobre a perversão nessa carta, Freud relata a Fleiss que irmão de uma paciente (com um pai extremamente perverso), tido pela família como mau caráter, veio se encontrar com ele, para dizer que não era um mau caráter e sim um doente com impulsos anormais e inibição da vontade. Freud recomendou que ele fosse visitar a irmã e o cunhado. No dia seguinte, a paciente relatou a Freud que havia tido uma pavorosa dor de cabeça depois da partida do irmão. Durante a visita, o irmão contou a ela que quando ele era mais novo, lambia o pé das irmãs durante a noite. Com isso a paciente recordou de uma cena que ela presenciou aos quatro anos, na qual o pai, no meio de um momento sexual, lambeu os pés da ama de leite. Nessa mesma cena, o pai percebeu a menina vendo a cena e jogou a bota na cabeça da criança. A paciente chegou à conclusão de que a preferência sexual do irmão era a mesma que a do pai. E que agora ela pôde se identificar com o irmão, pois o pai teria sido o sedutor de ambos. O irmão da moça era do tipo que odeia qualquer perversidade. Mas ao mesmo tempo tinha impulsos compulsivos. Portanto ele recalçou determinados impulsos que foram substituídos por outros com a compulsão: “Se ele conseguisse ser perverso, seria saudável como o pai” (Freud, [2013] 1896, p. 43).

Na carta 139 [69], Freud escreve a Fleiss que teria percebido que não poderia ia mais confiar em sua neurótica. As razões para essa desconfiança estariam na própria condução da análise, dessa paciente e de outros que ele havia atendido. Alguns pacientes que pareciam

animados e abandonariam o tratamento; algumas expectativas do próprio Freud sobre os resultados que não eram atendidas da maneira que ele imaginava, entre outras teriam feito o psicanalista se atentar para o fato de que muito do que o paciente relata poderia não corresponder a um retrato fiel da realidade.

Isso trazia alguns problemas para as primeiras impressões de Freud. O fato do pai ser sempre o acusado de perversão e a constatação da frequência da histeria, deveria fazer com que a perversão fosse incomensuravelmente de maior frequência do que ela aparentava ser. A outra questão de peso seria o fato do inconsciente nem sempre ter laços estreitos com a realidade, portanto, às vezes seria impossível distinguir uma lembrança de sedução real de uma fantasia investida de afeto: “Assim, restaria a solução de que a fantasia sexual se apodera regularmente do tema dos pais (Freud, [2013], 1897, p. 48).

A figura do sedutor perverso da histérica perderia o sentido perante a noção das peculiaridades do inconsciente e Freud decide abandonar a teoria da sedução.

Na carta 125, Freud distingue a escolha da neurose, a histeria e sua variante, a neurose obsessiva, a paranoia e a perversão. A perversão é determinada por um impulso autoerótico e um retorno à loucura original. A perversão nessa carta é ligada à interrupção do desenvolvimento do aparelho psíquico (Valas, 1990, p.19).

Nesse ponto da entrada de 1900 com a publicação da *Interpretação dos Sonhos*, Freud já estava distante das teorias da degenerescência e já tinha estabelecido as bases daquilo que viria a formar sua teoria psicanalítica. Ao mesmo tempo, sua relação com Fleiss enfrentava grandes problemas. Algumas das ideias que eram estabelecidas com as mesmas ideias dos manuscritos de Fleiss começaram a deixar de contar com o nome e referência ao autor polonês.

Na publicação sobre o caso Dora em 1905, (mas escrito em 1901), Freud apresentou a ideia da neurose como um negativo da perversão, algo que já havia aparecido em suas cartas, mas ainda sem uma definição. Ele reafirmou o que já vinha sendo pela comunidade médica daquela época desde a publicação da primeira *Psychopathia Sexualis* de Kaan em 1844, de que seria possível para qualquer sujeito cometer em algum momento da vida sexual algum ato que não fosse considerado normal. Um dos conceitos chaves da visão freudiana sobre as perversões, e um dos principais conceitos que vai moldar suas teorias de 1900 em diante, é o de que as perversões não seriam nem bestialidades nem degenerações, mas desenvolvimento de afetos contidos todos eles na disposição sexual indiferenciada da criança. Sendo assim, todos os neuróticos seriam pessoas com inclinações perversas muito marcadas, mas recalçadas e

tornadas inconscientes no curso do desenvolvimento. Por isso suas fantasias inconscientes exibiriam conteúdos idênticos aos atos executados por perversos.

Em seus *Três Ensaio*s, Freud aborda de maneira mais contundente a perversão. Freud inicia o texto descrevendo comportamentos sexuais (as aberrações) considerados desviantes da norma. Aborda também a gênese da sexualidade humana, passando pela sexualidade infantil e termina o texto tratando a questão da escolha do objeto na puberdade: “Freud fala de uma sexualidade que transcende os objetivos da procriação e possui objetos de satisfação variáveis, ou seja, muitas condutas que, à primeira vista, nada teriam a ver com atividades genitais podem ser consideradas sexuais. Essas práticas sexuais são encontradas tanto nos perversos quanto nas pessoas ditas normais” (Formigoni, 2016).

Nesse texto, Freud faz uma separação entre os conceitos de meta sexual e objeto sexual. Apesar de serem conceitos diferentes ambos estão intimamente ligados e os dois formam a noção freudiana de sexualidade.

O objeto sexual seria a pessoa da qual viria a atração sexual. Ao falar sobre a perversão sexual, Freud (1905, p.1) apresenta a inversão, o fetichismo, pedofilia e zoerastia como desvios relativos ao objeto.

O conceito de meta sexual é um ponto interessante da teoria freudiana. Freud aponta que a meta sexual do instinto é a união dos genitais (a cópula). Mesmo no ato sexual natural (cópula entre homem e mulher), outras metas sexuais poderiam surgir, e traçariam os caminhos que em extremo seriam reconhecidos como perversões sexuais (Freud, 1905, p. 2).

Freud estaria usando uma classificação variada das dos autores anteriores para as perversões sexuais. Como foi defendido aqui, perversões sexuais, do jeito que os autores citados no texto (objetos de estudo e os que fazem parte da bibliografia) seriam *perversões de objeto sexual*, pois representariam uma perversão da finalidade principal e natural do instinto sexual: o sexo com uma pessoa do sexo oposto para a procriação da espécie. Em todas as perversões e perversidades discutidas pelos autores, as coisas mais variadas seriam preferidas como objetos sexuais no lugar da pessoa do sexo oposto. Talvez a única exceção fosse o incesto. Nenhum dos autores (e nenhum dos historiadores aponta que os autores trabalham) trabalha de fato em definir a perversão como sendo perversão – se elas forem tomadas no sentido de degenerações ou psicopatias sexuais – por constituírem em um desvio da finalidade do instinto sexual por se deterem em outras relações que não sejam as genitais. Esse é um dos pontos da hipótese principal. Uma vez que Freud tentava desvincular a finalidade da sexualidade do objeto sexual,

não fazia sentido metodológico assumir que as perversões fossem apenas adoecimentos da finalidade de instinto. Era necessário conceituá-las de outras maneiras.

Sobre a teoria de Krafft-Ebing, Lanteri-Laura escreve que os atos sexuais que não resultassem na propagação da espécie seriam também perversões (Lanteri-Laura, 1994). Mas acredita-se que a afirmação do autor francês deve ser relativizada. Dentro da definição de Moll sobre a teoria de Krafft-Ebing, que existiria uma separação entre a perversão e a perversidade, esses atos de relações sexuais sem coito seriam perversões no sentido de perverterem a finalidade do instinto sexual, mas não seriam perversões no sentido de que as perversões seriam psicopatias sexuais. As psicopatias sexuais teriam o foco do desvio na finalidade do instinto sexual pela preferência de objetos sexuais que impossibilitariam ou dificultariam a propagação da espécie.

O que Freud chama de extensões e permanecimentos se enquadrariam na categoria de perversidade, que teriam focos em desvios variados da finalidade do instinto sexual. Krafft-Ebing e Moll se referem brevemente sobre esses atos sexuais e nunca se referem aos mesmos como perversão. O tom adotado nas obras é o de repreensão, (mais na obra de Krafft-Ebing que na de Moll), pois esses atos são vistos normalmente como atos imorais e nascidos de vícios (masturbação e sexo oral) ou como uma das possibilidades de relação sexual nas manifestações das psicopatias sexuais (o sexo anal). Ressalta-se aqui que uma das categorias que Freud aponta como exemplo do olhar, ligado a superação do nojo que torna o prazer de olhar uma perversão, o voyeurismo, é apresentado por Krafft-Ebing dentro da sessão que sobre as perversidade sexuais, pois não haveria um componente doentio no instinto sexual do voyeur.

Mas em termos gerais, de fato, ao assumir a ideia de Krafft-Ebing de que a finalidade do instinto sexual é a propagação da espécie e isso só seria possível através da cópula, a perversão sexual poderia ganhar sentido mais amplo. É partindo dessa concepção que podemos pensar sobre o lugar do qual Freud apresenta o conceito de meta sexual.

Sendo assim, defende-se aqui também que a própria categoria de perversão perdeu um pouco o sentido na obra freudiana, pois o instinto sexual seria um conceito mais fluído para Freud. Nada nele poderia ser pervertido, pois ele não teria componentes para perverter. E o fato de Freud fazer, com mais frequência, o mesmo movimento que Krafft-Ebing fez com o fetichismo – de no fim das contas tomar categorias de perversão em suas definições clássicas como componentes psíquicos da constituição vida sexual faz com que a ideia de categorias pervertidas do instinto sexual perdesse força. As perversidades, porém podem ser encaixadas na obra freudiana, devido à possibilidade constante das mesmas em todos os seres.

Freud apresenta uma definição nova para o que seriam as perversões sexuais. Como desvio das metas sexuais elas partem de duas classificações: “a) *extensões* anatômicas das áreas do corpo determinadas para a união sexual; ou b) *permanecimentos* nas relações intermediárias com o objeto sexual, que normalmente seriam percorridas com rapidez no rumo da meta sexual final” (Freud, [2016] 1905, p.41).

No que se refere às extensões, Freud (1905, p.12) acredita que quando a meta sexual correspondesse à valorização psíquica do objeto sexual, ela se estenderia a todo o corpo e costumaria abranger todas as sensações que advém daquele objeto sexual. A supervalorização também poderia se estender ao âmbito psíquico, se mostrando como cegueira lógica perante qualquer imperfeição ou falha no objeto sexual e submissão crédula a todos os julgamentos e componentes do objeto. Freud compara, em nota de rodapé, essa característica do amor ao estágio de hipnose e a submissão dos hipnotizados perante os hipnotizadores.

Seguindo em suas considerações, Freud apresenta a utilização da boca como órgão sexual para outras metas sexuais que não o beijo, pois o toque dos lábios seria considerado uma manifestação sexual normal. A mucosa da boca como estimulador sexual seria considerado perversão quando a boca entrasse em contato com os genitais. Para Freud a sensação de nojo seria o componente que impediria alguém de aceitar uma meta sexual desse tipo. Os limites desse nojo seriam comuns e dirigidos apenas para o contexto sexual e mais íntimo, pois mesmo que alguém não se importasse em beijar os lábios de uma moça bonita, talvez se importasse em dividir a escova de dente com ela. O nojo, para Freud, seria uma limitação para a superestimação do libidinal do objeto sexual. Em outras situações os próprios genitais também poderiam causar nojo, um comportamento comum para todos os histéricos, especialmente as mulheres histéricas. Mas a libido seria poderosa o suficiente, para, em alguns casos, superar a sensação de nojo (Freud, 1905, p.13).

Para Freud, o nojo também marcaria o emprego do ânus como meta sexual, fazendo com que o ato fosse visto como perversão. Anus e órgãos sexuais seriam ligados também ao aparelho urinário e excretor, o que por si só causaria nojo, fazendo com que fosse difícil aceitar a boca e o ânus e, contato com os genitais como metas sexuais. Freud acredita que, ao contrário da crença mais comum, o sexo anal não seria a preferência dos invertidos, mas dos homens heterossexuais com mulheres. Os invertidos preferiam a meta sexual da masturbação recíproca.

Freud (1905, p.14) diz ainda que essas considerações são mais simples de serem apreendidas em homens, pois a vida sexual das mulheres ainda era muito obscura para a ciência e raramente seria objeto de estudo.

O Fetichismo nos Três Ensaio

O fetichismo, nos *Três Ensaio*, é apresentado como um substituto inapropriado do objeto sexual. No fetichismo existiria uma superestimação sexual do fetiche, que levaria em casos de abandono da meta sexual.

Freud (1905, p.15) nesse primeiro momento em 1905 não se afasta da ideia de Binet. O fetichismo seria um componente natural no amor normal, tal como uma característica preferida para animar o instinto sexual. O fetichismo seria particularmente normal nos estágios iniciais da paixão, quando ainda seria muito difícil ou impossível consumir a meta sexual. A superestimação do objeto sexual seria o colorido patológico do fetichismo, que causaria a extrapolação da característica se tornando o único objeto sexual de interesse e extravasando para tudo que tem relação com o fetiche. Freud acrescenta que os casos de fetichismo patológico teriam como condição uma diminuição no empenho para alcançar a meta sexual natural, pois a presença do fetiche se tornaria mais importante, devido à uma debilidade executiva do aparelho sexual. Em nota de 1915, Freud aponta que essa debilidade corresponderia ao pressuposto condicional para o fetichismo (Freud, [1915] 1905, p.)

A maior evolução no conceito de fetiche em Freud é quando o autor retoma a ideia de Binet sobre o acidente do início da infância que originou a escolha do fetichismo e a contínua influência do mesmo ao longo da vida do fetichista. Em nota de rodapé, Freud critica a afirmação de Binet, pois existiria no fetiche um pressuposto constitucional, ou seja, uma debilidade executiva do aparelho sexual. A precondição acidental seria o amedrontamento sexual precoce. Sendo assim, a partir das investigações psicanalíticas seria difícil continuar afirmando que fixações patológicas ocorreriam tão tardiamente como no acidente na infância que originou o fetiche. O fetiche seria, na verdade, uma lembrança encobridora da fase reprimida que estaria por trás da primeira recordação do surgimento do fetiche.

Em nota de rodapé de 1910, Freud ([2016] 1905, p. 48) Freud escreve que a psicanálise teria preenchido outra lacuna na compreensão do fetichismo “assinalando a importância, na escolha do fetiche, de um prazer de cheirar croprofílico que desapareceu mediante a repressão”. Assim, na perversão do fetichismo por pés, por exemplo – o objeto sexual seria somente o pé sujo de mau cheiro – Freud aqui parece estar ligando à perversão ao sua primeira ideia de que nesses casos o nojo e a moralidade não seriam fortes o suficiente para controlar a libido sexual. Freud acreditava que o próprio fetiche por pés era uma preferência

fetichista pois o pé seria o substituto do pênis na mulher. Em 1915, Freud liga essa substituição ao impulso de olhar. A criança ao tentar se aproximar por baixo para satisfazer a curiosidade de ver o objeto sexual, no caso os genitais, (como um menino que tenta descobrir o que a por baixo do vestido das mulheres), ficaria detido pela repressão e proibição no caminho. Em geral a primeira coisa que eles enxergam ao se abaixar, os pés. Essa imagem de ligação entre pé e o genital ficaria retida no momento da escolha do fetiche.

Nas edições posteriores dos *Três Ensaios* o fetiche na teoria Freudiana permanece na mesma linha de conceituação das ideias anteriores. Somente em 1927, o conceito de fetiche ganha uma expansão maior com o texto *O Fetichismo*. Freud apresenta o fetiche como um substituto para o pênis que supostamente a mulher possuiria. O menino, ao se deparar com a falta de pênis na mulher, experimenta o horror da castração e com ele, o horror do próprio pênis correr o risco de ser cortado.⁶⁵ Freud se utiliza do conceito de *Verleugnung*, o desmentido, para explicar o mecanismo do fetiche.

O desmentido da percepção no fetichismo aconteceria no sentido de que a criança não conseguiria manter inalterada a crença de que a mulher possui o pênis. Ao mesmo tempo em que o menino rejeitaria a crença, pois tomaria um substituto para o pênis perdido, pela clivagem do eu, a crença do pênis da mulher seria mantida ao estabelecer que a mulher teve um pênis, mas o algo substituto tomou seu lugar. Esse substituto, o fetiche, passaria a merecer o mesmo interesse que o pênis na mulher teria tido. O fetiche seria o indício ao mesmo tempo do triunfo da ameaça da castração e uma proteção contra ela.

O fetiche, ainda, pela sua relação íntima com o fetichista e desconhecida para todos os outros, se tornaria algo que não poderia ser retirado do fetichista e a sensação sexual seria facilmente acessível: “aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo fetichista sem qualquer dificuldade” (Freud, 1927, p. 56).

A natureza deste objeto substituto seria muito variável e estaria intimamente ligada ao momento da castração simbólica descrita acima. O fetiche teria uma relação de *deslocamento* a partir do olhar para o pênis faltante. No momento da castração, a defesa através do deslocamento seria acionada recuando, em termos espaciais e temporais, a visão do pênis faltante até o último elemento vislumbrado antes que a ilusão da completude estivesse arruinada. O objeto qualquer que se destacasse na cena que antecedeu a falta ficaria

⁶⁵Essa ideia do fetiche como um substituto para o pênis da mulher já havia aparecido nos Três ensaios em uma nota acrescentada em 1910, mas o texto de 1927 apresenta o argumento da maneira mais elaborada até então.

estabelecido como fetiche. Esse objeto seria íntimo ao sujeito, depende de sua história e suas particularidades.

Essa noção de Freud sobre o fetichismo permanece praticamente inalterada em seus últimos textos. Ele retomou o desmentido e a questão de fetichismo em 1938, no *Esboço de Psicanálise*.

No que se refere às fixações de metas sexuais provisórias, as condições externas e fora do controle dos indivíduos que tornassem difícil a realização da meta sexual, favoreceriam uma permanência nos atos sexuais preparatórios. Essas permanências poderiam dar origem a novas metas sexuais e novos objetos sexuais, que mesmo muito diferentes daquele dito como normal para o instinto sexual, sempre estiveram insinuados na libido.

O exemplo dessas permanências seriam: o tocar e o olhar para o objeto sexual. Algum uso do tato seria imprescindível para a excitação sexual, pois o ato do toque da pele com o objeto sexual causaria uma excitação tátil e uma sensação prazerosa. Então, uma permanência no toque não poderia ser considerada uma perversão desde que o ato sexual prosseguisse (Freud, 1905, p.17).

A impressão ótica também causaria uma grande excitação. Na verdade, para Freud, seria o caminho mais comum de excitação da libido. A própria seleção natural contaria com a viabilidade desse caminho ao fazer o objeto se desenvolver no sentido da beleza. Uma nota acrescentada em 1915 aponta que na teoria freudiana o conceito de “belo” tem sentido original de “o que estimula sexualmente”. Por isso os genitais, apesar de causarem excitação sexual não são considerados belos (Freud, [1915] 1905, p 113).

Para Freud ([2016] 1905, p. 51) o prazer em olhar se tornaria perverso quando “a) se limite exclusivamente aos genitais; b) quando está ligada à superação do nojo (voyeurs: expectadores da função excretora).

O Sadismo e o Masoquismo nos Três Ensaio

Freud, assim como a maioria dos autores já discutidos nessa tese, também apresenta o sadismo e masoquismo como as perversões sexuais mais frequentes e mais significativas. Os termos sadismo e masoquismo empregados na obra freudiana são correspondentes à definição de Krafft-Ebing para as perversões: atos de infligir dor ao objeto sexual e de sofrer abusos e dores físicas para o ato sexual.

Novamente Freud não se afasta de seus contemporâneos ao traçar as raízes do sadismo como fáceis de serem identificadas, pois fariam parte da agressividade natural dos instintos dos seres humanos. Por deslocamento, segundo Freud, um componente agressivo de instinto sexual teria se exacerbado e se tornado independente, sendo colocado em uma posição principal na libido sexual. O sadismo poderia ir desde um comportamento ativo perante o objeto sexual até a perversão sexual de fato, quando a subjugação e os maus tratos ao objeto fossem condição exclusiva para a satisfação sexual.

Nas primeiras edições dos *Três Ensaios* Freud (1905, p. 19) supôs que uma relação parecida poderia ser inferida para pelo menos um dos componentes do masoquismo. Posteriormente Freud (Freud, 1925, p.) formulou que o masoquismo seria uma perversão muito mais distante da meta sexual que o sadismo. E poderia aparecer regularmente mediante uma transformação do sadismo, quando a própria pessoa tomasse o lugar de objeto de amor e o sadismo fosse dirigido para si mesmo. Essas considerações sobre o sadismo como elemento primário do masoquismo vão ser reformuladas em 1924, com o texto *O Problema Econômico do Masoquismo*. Essas reformulações já estão no contexto da segunda tópica instintual na teoria freudiana.

O Sadismo e Masoquismo, como Freud destaca, formariam um par ativo-passivo. Essa contraposição seria uma das raízes da própria vida sexual. Sendo assim, as duas tendências apareceriam constantemente na mesma pessoa. O sádico-masoquista teria prazer em causar dor nos outros e em sentir dor em suas relações com os outros, mas, uma das duas facetas seria mais proeminente.

Nesse ponto é possível dizer que Freud foi um dos primeiros a de fato nomear as características ativa e passiva do sadismo e masoquismo como possíveis de ocorrer na mesma pessoa e como já apontado aqui, a juntar os dois termos. Como visto anteriormente nessa tese, desde a primeira compilação teórica publicada sobre o masoquismo, o autor Meibom especulava que seria possível uma pessoa que reunisse tanto a vontade anormal de sofrer dor para se excitar sexualmente quanto a necessidade anormal de causar dor para se excitar sexualmente. Para embasar sua afirmação Freud cita os estudos de Havellock Ellis de 1913, que também reafirmam a ideia de que um sádico seria até certo grau um masoquista, sendo que sempre uma das duas facetas seria a mais proeminente.

Krafft-Ebing, em nenhum momento de seus textos sobre sexualidade, admitia a possibilidade de que duas categorias da patologia geral da sexualidade acontecessem na mesma pessoa. Apesar de em edições posteriores da *Psychopathia Sexualis*, ele citar dois casos

atendidos por Moll (1890) de mulheres que sentiriam prazer em levar tapas dos maridos e em morder os lábios dos maridos e sentir o gosto do sangue, Krafft-Ebing até a sua última edição do livro, não admite as duas perversões na mesma pessoa. Para ele estas demonstrações funcionariam mais como atos em consequência da própria perversão. Ambas as mulheres aparecem como casos que exemplificam a categoria do sadismo. Na edição da *Psychopathia* de 1923, editada por Moll, apenas alguns casos que ressaltam mais os traços sádicos em masoquistas são acrescentados. Nenhuma nota ou adendo foi feito.

A apresentação breve do par sadismo-masoquismo nos *Três Ensaio*s é de extrema importância conceitual – não tanto pelo fato de duas patologias gerais estarem presentes em uma única pessoa ou pela força argumentativa que essa mescla dos elementos agressivos no instinto sexual confere ao argumento antigo de que as perversões teriam suas raízes nas características naturais do instinto sexual – mas porque Freud (1905, p. 18) liga as raízes das tendências sádicas- masoquistas à oposição ativo-passiva e a organização sádica-anal infantil, um conceito completamente novo e introduzido por Freud.

Na verdade, desde que Krafft-Ebing categorizou o sadismo e o masoquismo, a oposição entre elementos naturais ativos (masculinos) passivos (femininos) da vida psíquica, já era vista como central para a sexualidade humana pelo próprio autor e por autores anteriores, como Kaan, Mantegazza e Maudsley. Foi dessa oposição que Krafft-Ebing retirou argumentos para defender que mulheres com tendências sádicas virtualmente não existiriam, devido à falta da configuração da vida sexual naturalmente ativa do sadismo, e que homens com a perversão masoquismo teriam desvios também na vida psíquica geral, pois a própria perversão seria passiva em estrutura.

Mas até antes da publicação dos *Três Ensaio*s, o sadismo e masoquismo eram, sobretudo, patologias sexuais. As raízes da patologia poderiam ser naturais e indicar uma analogia com os elementos da vida psíquica, mas sádicos e masoquistas eram perversos sexuais. Freud elevou os termos ao apresentar a noção de que o próprio sadismo – e não a agressividade sua base natural desvirtuada – seria a parte central de uma fase da organização sexual dos seres humanos. A importância dos conceitos desaparece do foco inicial de uma perversão sexual para que ambos sejam eles próprios um componente sexual propriamente dito da sexualidade humana.

A Inversão Sexual nos Três Ensaios

Aqui está provavelmente, a maior contribuição de Freud para a evolução do conceito de sexualidade humana em comparação aos seus contemporâneos.

Primeiramente, Freud apresentou a inversão sexual – e ele usa a mesma definição comum aos teóricos da época, de pessoas nas quais o instinto sexual seria canalizado para indivíduos do mesmo sexo – como desvios no tocante ao objeto sexual.

Freud (1905, p.2) apresentou três comportamentos para os casos de inversão sexual: (a) pessoas absolutamente invertidas – invertidos *absolutos* – que teriam por objeto sexual pessoas do sexo oposto, (b) os invertidos *anfígenos*, que o objeto sexual poderia ser uma pessoa do mesmo sexo ou uma pessoa do sexo oposto (esse seria o conceito moderno de bissexualidade), (c) invertidos *ocasionais*, pessoas que em determinadas situações externas, como os exemplos apresentados, num cenário de falta de pessoas do sexo oposto ou por imitação, poderiam tomar como objeto sexual uma pessoa do mesmo sexo ⁶⁶.

Freud escreveu nesse momento do texto que a inversão teria uma particularidade temporal variada. Poderia ter sido notada pelo indivíduo desde o início ou apenas depois da puberdade. Poderia ainda ter representado apenas um momento no caminho da vida sexual de um sujeito normal e depois desaparecido.

Freud ([2016] 1905, p. 24) também comenta a relação entre neurose, degeneração e inversão: “O primeiro entendimento da inversão consistiu em vê-la como um indício inato de degeneração nervosa [...]”. Freud ressalta que os primeiros pacientes observados e registrados pelos médicos que relatavam episódios homossexuais seriam doentes nervosos ou pessoas que precisariam de um olhar mais atento para determinar se de fato eram doentes nervosos, daí viria a relação feita pelos psiquiatras entre degeneração e inversão.

Como pode ser visto primeiro em Moll (1893), e logo depois em Bloch (1904) e Krafft-Ebing (1901), os anos de estudo sobre a patologia da homossexualidade e o trabalho focado na esfera científica e social de Magnus Hirschfeld, trouxeram como benefício a observação e acompanhamento de mais pessoas invertidas. Essas pessoas se mostravam muito distantes da definição da degeneração de Magnam (ainda que a classificação proposta por ele desse brecha para a inclusão de um grande espectro de casos).

Como aponta Freud (1905, p.8) nos *Três Ensaio*s, diversos uranistas, incluindo o próprio Ulrichs, eram homens de extrema inteligência e sucesso, sem nenhuma deficiência na capacidade de funcionamento e sem desvios graves de norma. A homossexualidade inclusive

⁶⁶ Freud não faz menção às inúmeras categorias que Krafft-Ebing estabelece para a homossexualidade. Uranistas, hermafroditas psíquicos, são usadas todas como sinônimos de inversão sexual.

era ligada a civilizações consideradas de alto nível intelectual e moral pelos pensadores da época, como as civilizações Grega e Romana da Antiguidade.

Ressalta-se que na época da publicação dos *Três Ensaios*, já não fazia muito sentido manter a degeneração ligada à homossexualidade. Os trabalhos de Hirschfeld que retiravam a homossexualidade das degenerações já encontravam muita adesão entre os médicos da Europa. A homossexualidade nessa época não era mais ligada à degeneração no sentido de Magnam, nem em seus casos congênitos nem nos adquiridos, salvo quando o ato homossexual fosse consequência de outras doenças causadas por degenerações. Freud não apresenta nenhuma novidade conceitual ao reafirmar esse fato. Suas argumentações acerca do caráter adquirido da inversão, por outro lado, guardam algumas diferenças entre o que estava sendo produzido na época.

Como visto nesse trabalho anteriormente, as inversões que fossem narradas ou apresentassem queixas de maneira dissonante das dos invertidos *congênitos*, eram apresentadas nos manuais de psiquiatria como instinto sexual contrário adquirido fazendo uma contraposição dentro da categoria da homossexualidade. Essa contraposição iria, inclusive, influenciar em como o tratamento dessa perversão deveria ser conduzido pelo psiquiatra (Krafft-Ebing, 1886).

Freud afirmava que essa contraposição seria ineficiente para explicar a natureza da inversão sexual. Os questionamentos deveriam ser deslocados para outros pontos:

No primeiro caso, é necessário explicitar o que nela é inato, a menos que se admita a explicação crua de que um indivíduo nasce com um instinto sexual ligado a um objeto sexual determinado. No outro caso, a pergunta é se as muitas influências acidentais bastam para explicar a aquisição, sem que algo na pessoa lhes venha ao encontro [...] (Freud, [2016] 1905, p. 28).

Freud utiliza a ideia do hermafroditismo e a bissexualidade embrionária – a bissexualidade biológica – para explicar as primeiras ideias sobre a origem da inversão sexual. O hermafroditismo e a bissexualidade do ponto de vista biológico eram conceitos bem conhecidos no final do século XIX e início do século. Era fato conhecido também, que mesmo depois da definição biológica do gênero do feto, algumas características menores do outro sexo ainda estariam presentes no sexo posto, mas atrofiadas e inoperantes. Esses conceitos teriam sido transpostos para o âmbito psíquico, criando a noção do hermafroditismo psíquico, tal como Krafft-Ebing as explicou para as causas da inversão.

Freud (1905, p.7) centra sua crítica a essa teoria no fato de que, na opinião dele, a inversão raramente coincidia com os sinais psíquicos e somáticos do hermafroditismo. O autor estava de acordo com Havelock Ellis ao encontrar, de maneira muito geral, em invertidos uma

diminuição do instinto sexual e ligeira atrofia dos órgãos. Mas ainda assim, seria mais comum que características sexuais secundárias e terciárias estivessem presentes nos invertidos, fato que seria impossível de ocorrer em hermafroditas. A androginia parecia estar mais ligada a essas ocorrências, mas ainda assim, o objeto sexual dos andróginos poderia permanecer o sexo oposto.

A bissexualidade a qual Freud refere em 1905 – e por esse motivo assinalada aqui como bissexualidade biológica – é o mesmo conceito do qual Moll, Ulrichs, Westphal e Krafft-Ebing se valem: a ideia de que todos os embriões humanos passariam por uma fase indiferenciada durante a evolução e que essa fase deixaria alguns traços anatômicos e psíquicos adormecidos do sexo oposto ao sexo determinado no desenvolvimento final do embrião. Sendo assim os seres humanos seriam naturalmente predispostos à bissexualidade até que chegassem ao estágio de maturação sexual de um gênero único. Kertbeney em seus panfletos, como visto anteriormente na tese, apresenta a bissexualidade de uma maneira mais confusa em relação mais a práticas sexuais do que a biologia. Krafft-Ebing e Ulrichs, como apontado pelo próprio Freud, se utilizam da bissexualidade biológica na relação com uma das explicações da homossexualidade, o hermafroditismo psíquico.

Fleiss, de acordo com o próprio Freud, teria reivindicado a ideia da bissexualidade como uma dualidade sexual em termos psíquicos, formando historicamente mais um passo na direção da bissexualidade no mesmo conceito que temos hoje, uma orientação para o desejo sexual por ambos os sexos. Essa seria a ideia de bissexualidade periódica, que Fleiss apresentou em seu livro sobre a sexualidade e a otorrinolaringologia.

Como nos conta Coutinho Jorge (2000, p.31) a primeira menção feita por Freud à bissexualidade ocorre na carta 6/12/1986 (carta 52), de maneira pontual e sem grandes elaborações. Essa seria a mesma carta citada aqui anteriormente, sobre o contexto da razão pela qual a experiência sexual prematura seria ora perversão e ora neurose. Ao longo das cartas trocadas entre os dois, Freud sempre ressaltava a importância da ideia da bissexualidade, dando total crédito a Fleiss pelo desenvolvimento do conceito e pela noção de como o conceito seria importante para a psicanálise (Coutinho Jorge, 2000; Ferrell, 2001; Carneiro, 2017).

Mas a abordagem de Freud, apesar de sempre elogiar o amigo pela descoberta, não era a mesma que a de Fleiss. A abordagem de ambos sobre a bissexualidade apresenta dois aspectos diferentes. O primeiro seria que Freud se importa mais com o fator psicológico da bissexualidade e Fleiss com o fator biológico ligado ao psiquismo. O segundo que Freud utilizaria a bissexualidade e o recalque como base para a explicação da homossexualidade, no

sentido que a inversão sexual seria o recalçamento de uma tendência decorrente de duas correntes sexuais, na qual o recalcado seria a imagem de si mesmo (Coutinho Jorge, 2000, p.32).

André (1978, p. 29) conta que Freud foi o primeiro leitor do manuscrito de Fleiss sobre o nariz e sexo, e que no primeiro momento não apresentou nenhuma objeção à ideia tão peculiar das semelhanças entre as duas partes do corpo humano. Freud elogiou a teoria de periodicidade bissexual de Fliess, mas aparentemente ele fez uso de uma forma que Fliess não aprovou: enquanto Fliess teria mapeado os eventos importantes da vida de seus pacientes, Freud estaria interessado em como seus pacientes responderam e administraram o excesso que resultou do conflito entre essas séries de descargas de energia. Entre essas mapeações, ressalta-se aqui que estão ideias sobre a presença de toxinas sexuais em crianças, no sentido de que as crianças teriam, portanto, sua própria espécie de sexualidade. Essas afirmações estão muito espalhadas ao longo dessa publicação, então não é possível afirmar aqui que Fleiss tinha sua própria teoria da sexualidade infantil, apenas que antes de 1897 ele já havia sugerido que crianças são dotadas de instinto sexual antes da puberdade.

A suspeita do papel fundamental da bissexualidade nas neuropsicoses foi ficando mais clara para Freud em 1900. Ao comentar com Fliess sobre a histeria de Dora, ele ressaltou o papel crucial da bissexualidade ao apresentar a histeria como sendo um sofrimento no plano amoroso, decorrente de uma indefinição conflitiva em relação ao desejo e ao objeto de amor. Durante a análise do *Homem dos ratos* em 1909, Freud esclareceu o papel da bissexualidade nas neuroses. Freud detecta, através de um ato falho de seu paciente, uma moção homossexual predominante: “No decorrer do tratamento, vemos que essa demanda amorosa compete com o desprezo ao pai. Nesse entrave da elaboração da ambivalência, em vista do predomínio do ódio, cria-se um impasse da assunção do desejo na identificação com o pai no Édipo” (Delouya, 2003).

Na época que o estudo dessa tese cobre, a partir de 1901 principalmente, no momento em que Freud estava produzindo sua obra *Três Ensaio*s, a relação entre ele e Fleiss já estava estremecida. Apesar de Freud ter reconhecido as considerações de Fleiss acerca da bissexualidade como um dualismo sexual psíquico, este se sentiu traído pelo amigo por achar que o plágio de ideias que ele via no trabalho de Weininger, *Geschlecht und Charakter*, teriam acontecido com colaboração indireta de Freud. Fleiss fez essa suposição porque Freud atendia o amigo íntimo de Weininger, Hermann Swoboda e poderia ter passado informações sobre o manuscrito que Fleiss pretendia lançar com o nome de *Die Entdeckung der dauernden*

Doppelgeschlechtigkeit: Eine geschichtliche Darstellung. Nesse manuscrito, Fleiss apresentaria sua ideia sobre a bissexualidade com mais riqueza de detalhes (Coutinho Jorge, 2000, p. 31; Gherovici, 2011, p. 66; Wilson, 2017, p. 70).

Então mudanças de Freud em relação à tese da bissexualidade podem ser observadas quando comparados às cartas de Fleiss e os textos posteriores. No texto sobre o caso Dora escrito em 1901, Freud apenas cita a disposição à bissexualidade, junto com germen infantis da perversão e das zonas erógenas como fundamentos dos sintomas orgânicos. Em *As fantasias histéricas e sua relação com a bissexualidade*, Freud (1908, p. 53) afirma que diversos sintomas histéricos possuem duas fantasias sexuais, uma de caráter feminino e outra de caráter masculino, por isso os sintomas histéricos teriam um caráter bissexual. Essa conclusão o teria ajudado a chegar à ideia de uma bissexualidade, no sentido mais psíquico da palavra, inata no ser humano, se afastando um pouco da ideia de periodicidade e ciclos de liberação de toxinas.

Em uma das cartas endereçadas à Fleiss, Freud relata ter sido cauteloso ao usar o tema da bissexualidade depois dos desentendimentos que os dois estavam travando:

Eu termino neste momento *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* onde eu evito ao máximo o tema da bissexualidade. Há dois lugares onde eu não pude evitar: explicando a inversão, quando eu vou até onde me permite a literatura (Krafft-Ebing e seus predecessores – Kiernan, Chevalier, etc.); depois, quando se trata de mencionar a tendência homossexual dos neuróticos. Lá eu penso colocar uma nota dizendo que eu atentei para a necessidade desta descoberta por certas declarações suas. A menos que tu me proponhas uma formulação neste sentido (Freud, 2006 p. 583).

De fato, a animação de Freud em dar os créditos à Fleiss sobre a ideia da bissexualidade foi murchando com os anos. Os *Três Ensaios* já demonstram uma posição mais crítica em relação à Fleiss e a teoria da bissexualidade para explicar a homossexualidade.

Mas mesmo com os problemas pessoais, a bissexualidade em Freud continuou sendo um importante tópico ao longo dos anos até os textos sobre a feminilidade nos anos 30, nos quais Freud reconheceria que não havia conseguido incorporar a teoria da bissexualidade à sua teoria das pulsões (Carneiro, 2017, p. 18).

Mas o que nos interessa aqui é que para além de contribuir até a publicação dos *Três Ensaios* para mais um passo no conceito da bissexualidade contemporâneo ao apresentar o fenômeno como algo ao mesmo tempo inato e mais ligado à psicologia humana e a biologia, Freud apresenta argumentos para terminar uma tendência muito prolífica durante o século XIX em atribuir como causa da homossexualidade a uma desordem no desenvolvimento e na latência da tendência natural bissexualidade nos humanos e, assim, principalmente, questionar,

argumento de Ulrichs (até então imune à críticas) sobre a alma feminina presa em um corpo de homem do uranista.

Ainda que o próprio Krafft-Ebing e seus amigos e discípulos por anos a fio tivessem apresentado inúmeras categorias para os invertidos sexuais – sendo os uranistas apenas mais uma delas – nas obras desses autores estava a ideia da homossexualidade em todas as suas categorias como um *sentimento sexual contrário*, no qual haveria a inversão do instinto sexual na pessoa homossexual, que passaria a ser o mesmo instinto sexual do outro sexo e por isso tomar como objeto sexual alguém do mesmo sexo. Por isso, mesmo que em graus variados, todos os invertidos seriam psiquicamente pertencentes ao sexo oposto. A bissexualidade entra nesse jogo argumentativo em sua faceta biológica, como o componente para que esses autores fundamentem suas explicações. Freud rejeita essa explicação e avança na noção que tomará maior forma em 1915, de que as pessoas poderiam distribuir suas libidos, de maneiras manifestas ou latentes, para objetos de ambos os sexos.

Freud (1905, p.8) acreditava que invertidos homens seriam pessoas compatíveis com a plena masculinidade psíquica e em muitos poucos casos teriam uma inversão de caráter masculino para o feminino. As invertidas mulheres seriam mais suscetíveis a mudanças de caráter psíquico de acordo com sua inversão⁶⁷. Por isso as explicações de Ulrichs e Krafft-Ebing de que o invertido teria um cérebro de mulher em um corpo masculino não poderiam ser totalmente aceitas. Apesar de elas partirem de bases biológicas como, por exemplo, uma dominância do centro cerebral do sexo oposto – devido aos centros cerebrais masculinos e femininos serem características sexuais presentes em todos os sexos – devido à bissexualidade biológica, tais centros se desenvolveriam apenas durante a puberdade, por influência de uma glândula sexual sendo impossível que isso aconteça em nível metafísico em outro momento mais tardio da vida. Na verdade, Freud tinha dúvidas sobre a suposta existência de centros cerebrais sexuais localizados no cérebro que seriam responsáveis por questões sexuais.

O que deveria ser extraído dessa hipótese, de fato, era que existiria uma predisposição sexual na inversão, ainda que não se pudesse supor muito mais além da sua configuração anatômica e que a inversão se trata de distúrbios que afetariam o instinto sexual ainda em desenvolvimento.

⁶⁷ Durante a apresentação de Krafft-Ebing (1894) sobre a inversão em mulheres, o autor ressalta a quantidade de casos em que mulheres enganariam outras por anos, fingindo serem homens e mantendo longos relacionamentos sexuais e amorosos. De acordo com o autor esses casos seriam muito raros de acontecer entre dois homens.

Interligando o assunto sobre a homossexualidade adquirida com a discussão sobre a natureza da mesma, na última frase acima Freud nega a possibilidade da existência de uma inversão que fosse adquirida, pois por definição dos outros autores, a homossexualidade adquirida só poderia acontecer em homens completamente formados sexualmente, ou seja, de acordo com a crença da época, naquelas nos quais o instinto sexual já estivesse completamente desenvolvido. Isso justifica a escolha de Freud pelo termo *ocasionalidade* no lugar de *aquisição*.

A ocasionalidade estaria ligada a uma necessidade ou vontade súbita, e pode-se inferir que Freud falava sobre homens que depois de cessada os fatores externos que os separariam do objeto sexual natural, a instinto sexual voltaria a ser dirigido para o sexo oposto sem que desejo sexual pelo mesmo sexo ocorresse novamente. Com a ideia de uma ocasionalidade da inversão sexual, Freud retira completamente a ideia do caráter adquirido da homossexualidade. O caráter adquirido era aceito universalmente pelos autores e sexólogos da época. Entre os já citados aqui, incluindo Moll e Krafft-Ebing, todos os autores assumiam que existiriam casos nos quais a homossexualidade fosse uma patologia adquirida. Normalmente a aquisição teria mais relação com enfraquecimentos mentais ou morais, ou ainda doenças relacionadas, tais como impotência e doenças do trato urinário.

Sobre o objeto sexual dos invertidos, Freud (1905, p.9) acredita que embora para maioria dos invertidos a ideia de que o objeto sexual seria o mesmo das mulheres, ou seja, os encantos masculinos de outro homem, esse fato estaria longe de ser uma regra geral da inversão. Essa afirmação estaria no fato de que uma grande parte dos invertidos (principalmente aqueles que conservavam uma aparência e caráter masculinos) procurariam características psíquicas femininas em seus pares masculinos.

Para exemplificar e apresentar evidências dessa afirmação, Freud utiliza como exemplo os homens trabalhadores sexuais, que para atrair clientes invertidos se vestiriam e se portariam como mulheres. De acordo com o médico, esses trabalhadores sexuais existiriam desde a Antiguidade.

Retomando as considerações de Freud, o autor toma como exemplo a relação de *paidierastia* da Grécia Antiga, na qual homens mais velhos teriam um relacionamento sexual e intelectual com meninos entrando na puberdade. Na opinião de Freud, o que esses homens procuravam nesses meninos era a semelhança física destes com as mulheres, pois tão logo esses meninos saíam da puberdade e atingiam a maturidade, a relação cessaria e seriam esses jovens agora os homens a procurar relacionamentos com meninos.

A relação à qual Freud se refere é a relação específica da pederastia. Para os Gregos, haveria a ideia do aparecimento da possibilidade de uma relação mais íntima entre dois homens. Como demonstra Corino (2006, p.21) as grandes cidades gregas, Esparta e Atena, teriam uma ideia socialmente aceita de relacionamento sexual entre um homem e um jovem rapaz perto da puberdade. Em Esparta, uma sociedade que concedia um lugar vantajoso para guerreiros, os casais de amantes homens eram incentivados como parte do treinamento e da disciplina militar. Essas práticas dariam coesão às tropas, e em nada influenciavam sua condição de homens e guerreiros. Na colônia espartana de Tebas existia o Pelotão Sagrado de Tebas, tropa composta unicamente de casais homossexuais. A ideia desse relacionamento era a de que em batalha, esses homens seriam extremamente ferozes, afinal, estavam lutando pelos seus parceiros. Em campo de batalha eram quase imbatíveis. Já em Atenas a relação era:

[...] básica e aceita pela sociedade ateniense se dava no relacionamento amoroso de um homem mais velho, o erastes (amante), por um jovem a quem chamavam eromenos (amado), que deveria ter mais de 12 anos e menos de 18. Esse relacionamento era chamado pederastia (amor a meninos), e tinha como finalidade a transmissão de conhecimento do erastes ao eromenos. [...], para os gregos era o paradigma da educação masculina, a paidéia (educação) que somente se realizava pela pederastia (Corino, 2006, p. 22).

As relações sexuais entre homens, caso fossem da mesma idade ou de classes sociais diferentes, eram consideradas antinaturais, pois significava que um dos homens adotaria a posição passiva, traindo assim a masculinidade que dele requeria o papel de cidadão ativo. Segundo Platão, em *O Banquete* (1966), a relação erótica dos homens com rapazes mais jovens, forjaria o caráter masculino deles:

E todos os que são corte de um macho perseguem o macho, e enquanto são crianças, como cortículos do macho, gostam dos homens e se comprazem em deitar-se com os homens e a eles se enlaçar e são estes os melhores meninos e adolescentes, os de natural mais corajoso. Dizem alguns, é verdade, que eles são despudorados, mas estão mentindo; pois não é por despudor que fazem isso, mas por audácia, coragem e masculinidade, porque acolhem o que lhes é semelhante. [...] E quando se tornam homens, são os jovens que eles amam, e a casamentos e procriação naturalmente eles não lhes dão atenção, embora por lei a isso sejam forçados, mas se contentam em passar a vida um com o outro, solteiros. Assim é que, em geral, tal tipo torna-se amante e amigo do amante, porque está sempre acolhendo o que lhe é aparentado. (Platão, 1972, pp.29-31).

O relacionamento terminaria quando o jovem se tornasse adulto, nesse momento essa relação se transformaria em uma relação de amizade e o novo adulto poderia buscar seu próprio eromenos e, no devido tempo, deveria encontrar uma mulher para ter filhos. Levava-se em conta para determinar o momento em que o rapaz passasse à maturidade sexual, a idade cronológica e sinais externos, como a primeira barba e o aumento da resistência física (Corino, 2006, p. 24).

Tomando como esse exemplo de relações entre pessoas do mesmo sexo que terminariam eventualmente e teria outros propósitos além do desejo sexual e, por esse grupo dentro dos invertidos sexuais que procurariam amor com rapazes que guardassem semelhança com as mulheres, que Freud afirma que o objeto sexual da inversão não seria o sexo oposto, mas a união das características de ambos os sexos, como um impulso que anseia ao mesmo tempo pelo homem e pela mulher. Em revisão depois da edição de 1915, Freud acrescenta que essa seria, por assim dizer, o reflexo da própria natureza bissexual (Freud, [2016] 1905 p. 27).

Em uma das notinhas de rodapé de 1910, Freud ([1910] 1905, p.) acrescenta que até aquele ano, a psicanálise ainda não teria oferecido ainda uma explicação completa para a origem da inversão sexual, mas que todos os casos investigados pela psicanálise até então, houve a constatação que os futuros invertidos, passariam nos primeiros anos da infância, por uma fase breve e intensa de fixação na mulher (geralmente na mãe), e após supera-la, identificam-se com a mulher e tomariam a si próprios como objeto sexual, ou seja, partindo narcisismo, buscariam homens jovens e semelhantes a si mesmos para amar do mesmo jeito que o objeto de identificação os havia amado antes. Por isso os invertidos não seriam totalmente incapazes de desenvolver sentimentos por mulheres, mas transpunham a sensação despertada pela mulher para um objeto masculino.

Assim como o objeto sexual não seria uma questão fechada na inversão, a meta sexual dos invertidos também não seria. Para Freud (1905, p.10) não haveria de maneira nenhuma uma meta sexual única na inversão sexual. O coito anal e a masturbação poderiam variar na posição de meta sexual ou serem ambas a meta sexual. Restrições de meta sexual também poderiam ocorrer, tais como, homens que procurassem exclusivamente masturbação com seus parceiros. Nas mulheres, o contato com a mucosa da boca também poderia aparecer como meta sexual. Todo o contexto da inversão apresentaria uma variação de metas tão presente quanto no amor heterossexual.

O que é mais importante para a presente tese, é a noção de que a partir da inversão, Freud afirma que a ligação entre o instinto sexual e o objeto sexual é menos estreita do que a realidade dos estudos da sexualidade demonstraria. Haveria entre instinto e objeto uma soldagem, e todos se arriscariam a enxergar esse fato pela uniformidade da sexualidade dita normal, a qual parece afirmar que o instinto já viria ligado ao objeto sexual: “Assim, somos levados a afrouxar a ligação entre instinto e objeto que há em nossos pensamentos. É provável que o instinto seja, de início, independentemente de seu objeto, e talvez não deva sequer sua origem aos atrativos desses” (Freud, [2016] 1905 p 38).

Quando da publicação dos *Três Ensaio*s, Freud tornou flexível as rígidas regras para categorizar os homossexuais que seus contemporâneos criaram. A posição de Freud era de que os homossexuais não seriam os desafortunados em uma loteria do instinto sexual, mas, de que a homossexualidade seria uma escolha – inconsciente – mas possível a todos os seres.

A diferença pode parecer tão simples quanto um avanço conceitual, mas ela guarda algumas sutilezas sócio-históricas. Como também citado anteriormente, Krafft-Ebing desvinculou, pouco antes de sua morte, a inversão sexual da degeneração. Porém nesse último texto o autor reafirmou o status da homossexualidade como uma perversão.

Como os próprios textos de Krafft-Ebing e algumas outras cartas coletadas por Oosterhuis (2001) contam, que a categorização da homossexualidade como perversão teve um efeito a nível social de descriminalização da mesma. As pessoas homossexuais seriam doentes, sendo assim, não teriam culpa – usada aqui no sentido mais moralista possível dessa palavra – de seus atos imorais. Seriam condenados à uma condição por isso não poderiam responder criminalmente pelos seus pecados e, uma vez que não seriam nem degenerados, nem deveriam ser hostilizados pelas pessoas que amavam pois não tinham culpa de seu infortúnio.

Mas nessa concepção a homossexualidade continuava sendo uma doença e continuava sendo um ato contra as leis naturais da Criação e, principalmente, continuava enfrentando um estigma social muito forte. Os homossexuais eram doentes sexuais pela sexologia, pecadores imorais pela sociedade ainda que não criminosos perante a lei e nem degenerados perante a psiquiatria.

O sexólogo Magnus Hirschfeld, como apontam os historiadores Oosterhuis (2000) e Siguschi (2012) tentou participar de movimentos sociais para divulgar suas pesquisas e descriminalizar a homossexualidade. Freud corrobora as discussões iniciadas por Hirschfeld que descolam cada vez mais a homossexualidade da ideia de doença. Freud apesar de um homem de origem judia, e, com todo o peso que isso trouxe durante os anos de guerra, pelos relatos dos historiadores citados nesse trabalho, não enfrentou nem de longe a mesma perseguição social que Hirschfeld enfrentava. Infelizmente o sexólogo sofreu abusos físicos e chacota social durante muitos anos. Como demonstrado na parte sobre Moll, o sexólogo tinha que enfrentar boicote e desconfiança de seus pares cientistas.

Freud, ao apoiar algumas teorias científicas de Hirschfeld, trouxe inevitavelmente uma luz para as ideias outrora defendidas, ainda mais com a adesão internacional que a psicanálise estava encontrando. Partindo de sua própria teoria, que ganhava cada vez mais espaço e fama pelo mundo, advinda de um homem cuja vida social era respeitável para a

sociedade da época e que afirmava agora, abertamente, que a homossexualidade envolvia uma escolha de objeto e que seria de certa maneira possível a todos.

Freud fez bastantes revisões no seu conceito de homossexualidade ao longo dos anos e depois dessa primeira definição da homossexualidade ligada ao recalque.

Em uma nota acrescentada nos *Três Ensaio*s em 1915, Freud ([1915] 1905, p.) sumariza a discussão sobre a suposição de um objeto sexual que permearia todo o pensamento dos sexólogos do século XIX, e ressalta a possibilidade de todos fazerem uma escolha homossexual de objeto. E que de fato, inconscientemente, os homossexuais já haviam feito tal escolha. Para a psicanálise, a escolha objetal seria independente do sexo do objeto e que a possibilidade – que já havia sido apontada em 1908 – de dispor de objetos de ambos os sexos parecia ser o natural da constituição humana: “Na concepção da psicanálise, portanto, também o interesse sexual exclusivo do homem pela mulher é um problema que requer explicação. Não é algo evidente em si, baseado numa atração fundamentalmente química” (Freud ([2006] 1905, p.35).

A decisão sobre o comportamento sexual definitivo ocorreria somente após a puberdade e seria o resultado de uma série de fatores ainda não apreendidos em seus conjuntos, alguns de ordem constitucional outros de ordem accidental. Essa pluralidade de fatores explicaria a diversidade enorme da sexualidade dos indivíduos. Nos tipos invertidos, de acordo com Freud, o predomínio arcaico e mecanismos psíquicos primitivos, tais como a escolha narcísica de objeto e a manutenção do significado da zona anal. Entre os componentes accidentais, Freud destaca o amedrontamento sexual precoce e a presença dos genitores, por exemplo, um pai ausente poderia favorecer a inversão. No entanto, deveriam ser distinguidos rigorosamente os conceitos de inversão sexual e mescla de características sexuais nos sujeitos.

Pedofilia e Zooerastia

Freud apresenta a atração por pessoas sexualmente imaturas e animais na mesma ordem que a homossexualidade, de desvios no tocante ao objeto sexual.

Freud apresentou o termo *aberrações individuais* para a pedofilia, ressaltando o caráter imoral e pouco usual dessa patologia. Para ele era caráter excepcional que crianças fossem de fato o objeto sexual. Pessoas com fraquezas morais ou impotentes, ou ainda, pessoas em face de um instinto urgente que impediria a espera por um objeto sexual mais apropriado, seriam os tipos que abusariam de crianças. Os casos de animais como objetos sexuais seriam mais frequentes em pessoas que vivem no campo.

Freud argumentou que nenhum dos dois casos ocorreria em doentes mentais. Seria possível que doentes mentais apresentassem esses comportamentos sexuais intensificados ou, tornados exclusivos, tomando o lugar da satisfação sexual normal.

Freud adotou um tom que coloca esses dois casos específicos (assim como todos os teóricos até então) como casos extremos, doentios e perigosos, mas que aconteceriam com certa frequência. O que deve ser levado em consideração nessas aberrações, para ele, é que elas demonstrariam o quanto de variação e diminuição do objeto sexual seria possível no instinto sexual. Até mesmo a fome, que seria um instinto muito mais apegado ao objeto, só permitiria tais variações em casos extremos.

Freud acredita que essas variações demonstrariam que os impulsos sexuais seriam os tipos de impulsos menos controlados pelas atividades psíquicas superiores. Pessoas degeneradas moralmente em diversas áreas da vida seriam também degeneradas na vida sexual. Mas como a experiência clínica de Freud demonstrava pessoas exemplo de moralidade e ética em todas as áreas da vida, poderiam ter como fraqueza alguma anormalidade na vida sexual.

O resultado mais geral dessas considerações, no entanto, seria de que em um grande número de pessoas o objeto sexual estaria em segundo plano dentro do quadro da vida psíquica humana, o essencial e constante no instinto seria outra coisa. Em nota acrescentada no ano de 1919, Freud aponta que essa tendência de desvincular a importância do objeto sexual para a sexualidade saudável continuava sendo um ponto em sua teoria, pois ele argumenta que a vida amorosa no mundo moderno enfatizaria os méritos do objeto, menosprezando a atividade instintual em si. Essa seria a principal diferença entre o tipo de vida amorosa desse tempo e a do tempo do mundo antigo (aquela mesma que Krafft-Ebing chamou de completamente imoral).

Essa nota de rodapé quando contrastada com a leitura das obras dos autores mais proeminentes da época faz a crítica de Freud bem certa e pontual. A própria ideia de instinto sexual de autores pioneiros como Kaan, Kraft-Ebing e Maudsley está centrada no fato de que o instinto sexual tem um objeto sexual específico e ideal. Esse é o primeiro passo usado para caracterizar o que seria a sexualidade normal quando comparado com a sexualidade anormal, como já foi repetido exaustivamente nesse trabalho. Até mesmo autores que poderiam aos olhos da história contemporânea serem entendidos como mais “progressistas” como Albert Moll, Mantegazza e Bloch, pois tem um trabalho que foca mais nas considerações teóricas à cerca do instinto sexual do que uma categorização de vários tipos de perversões continuam afirmando que a sexualidade saudável tem um objeto sexual específico e que qualquer variação

seria anormal (mesmo que não tivessem consequências diretas no quadro das perversões). Na verdade, Freud nos *Três Ensaio*s ainda carrega, compreensivelmente, esse pensamento – ele mesmo não se retira da crítica que está sendo feita na nota de rodapé – mas a noção de que existiria uma ênfase em estudar a sexualidade a partir de uma valorização do objeto sexual abre um espaço que até o momento não foi discutida por nenhum dos estudos variados sobre a perversão sexual.

Outro ponto interessante é que se pensarmos que na teoria sexual de Krafft-Ebing, na qual o instinto sexual deveria ser superado enquanto vício pelas atividades psíquicas superiores quanto mais evoluído o homem e a sociedade fossem, mesmo que para isso os seres humanos estivessem travando uma batalha contra suas raízes psíquicas naturais e mais profundas; e depois e nas considerações de Freud de que seria condicionalmente difícil para os instintos sexuais serem controlados a sexualidade humana está sendo colocada na posição de causadora de uma angústia constante e infindável nos seres humanos pois qualquer objeto escolhido não poderia satisfazer completamente a natureza humana.

Freud prosseguiu seus *Três Ensaio*s com suas observações gerais sobre as perversões afirmando que as perversões foram erroneamente colocadas como degenerações. As extensões estariam presentes na vida sexual da maioria dos sujeitos. Em todos os indivíduos estariam presentes componentes das metas sexuais pervertidas e essas poderiam temporariamente substituir ou estar ao lado das metas sexuais normais.

Mas algumas metas se afastariam tanto do normal que Freud admite que nem eles poderiam ser considerados patológicas. Mas ainda assim não deveria haver a certeza de que elas seriam cometidas por pessoas com alguma doença mental e degeneração moral. Muitas pessoas poderiam ter apenas a parte sexual da vida afetada, com as outras áreas intactas.

Ao fim dessa sessão, parece realmente que Freud apresenta permanecimentos e extensões como perversões. Em comparação à ideia geral inaugurada por Krafft-Ebing, Freud fala em perversidade sexual como sinônimo de perverção, ou seja, atos perversos nos quais o objeto e finalidade do instinto sexual são desviados, cometidos por pessoas sem nenhum sinal de perversões sexuais e que as vezes poderiam se converter em psicopatias sexuais. As perversões mais graves e que seriam de fato psicopatias sexuais nas teorias de Moll e Krafft-Ebing – tais como necrofilia categorias do masoquismo e fetichismo que envolvesse os aventais, peles e substâncias tipo urina entre outras – Freud considera como patológicas. Seu critério básico para normalidade e perversão permanece um dos mesmo que Krafft-Ebing: quando fosse

impossível para os sujeitos sentirem completude do prazer sexual de outra maneira que não a perversa.

Para Freud (1905, p.11) a participação psíquica na transformação do instinto seria maior justamente nas perversões mais graves. A onipotência do amor nunca seria tão intensa quanto na perversão. O que não seria difícil de imaginar, partindo da própria concepção de Freud do aparelho psíquico e do que ele diz sobre o nojo, a moralidade e a vergonha nas cartas endereçadas a Fleiss. O instinto sexual teria de lutar contra essas forças para ser satisfeito, e essas forças relegariam instinto sexual ao que é normal. As perversões mais graves, como poderiam ser vistas em qualquer dos casos apresentados pelos autores do século XIX, por vezes envolvem situações extremas como coito com cadáveres em estado de decomposição ou o risco de ser pego em estado embaraçoso e exposto ao ridículo em uma corte de julgamento. A força psíquica e idealizada do instinto nas perversões graves teria que ser tão forte a ponto de que as forças repressoras praticamente inexistissem quando do encontro com o objeto sexual pervertido.

A partir de agora serão avaliados alguns textos de Freud posteriores aos *Três Ensaios*, para analisar como a partir de 1905, Freud construiu e expandiu sua ideia de objeto sexual dentro da psicanálise. Optou-se por apresentar essa parte separada, pois ela está cronologicamente próxima à obra de Albert Moll em 1909 e por conceitos chaves como o próprio conceito de perversão, o narcisismo, masoquismo e inversão sexual ainda tem relação forte na teoria da sexualidade de Freud e como essa apresentação, tal qual nos *Três Ensaios*, marca profundas diferenças entre os três autores.

Como demonstra a leitura dos *Três Ensaios*, Freud faz a crítica da sexualidade que super valoriza o objeto sexual e sua finalidade no instinto sexual. O conceito de objeto sexual ganha novas formas na psicanálise freudiana em 1914, com o texto sobre o narcisismo.

Enquanto Binet o idealizou como uma categoria do fetiche, Ellis e Nacke pensaram o termo como uma tendência e posteriormente, como uma patologia. Rhollerder apresentou o primeiro caso da perversão narcísica e Fulchs e Moll (1923) o utilizaram como uma categoria de perversão na *Psychopathia Sexualis* – Alfred Fulchs e Albert Moll incluíram a categoria narcisismo, ligada ao fetichismo, nas perversões sexuais pela primeira vez na obra de Krafft-Ebing. Freud – da mesma maneira que ele vai fazer com as perversões sadismo, masoquismo e fetiche – retoma o termo mantendo o conceito do mesmo: o amor exagerado de alguém por seu próprio eu, mas retira dele a noção de uma psicopatia sexual.

O conceito de narcisismo nasce da ideia de Freud sobre o objeto sexual e as escolhas do objeto. Essas ideias estavam presentes durante o caso Dora e os Três Ensaio, indicando uma reorganização teoria a partir da crítica sobre a sexualidade centrada na valorização do objeto sexual.

Em 1909, nas *Cinco Lições de Psicanálise*, Freud reafirma sua ideia da presença do instinto sexual na infância. Sobre o objeto sexual, Freud cita a primeira posição sexual da criança como o autoerotismo. Freud afirma que a criança escolhe como primeiro objeto de afeto, aquele fora de si mesma, as pessoas que cuidam dela, em geral os pais. A diferenciação sexual não teria peso para uma criança, então poderia ser atribuída a elas uma tendência homossexual (Freud, 1909, p.67).

A relação da criança com os pais não seria livre de elementos sexuais. O incitamento dessa relação viria dos próprios pais, pois o amor dos pais para com a criança teria um componente nítido de sexualidade, mas inibido na finalidade. A criança tomaria então os pais como objeto de amor. Mas com predileção por um deles, geralmente a mãe para menino, e o pai para a menina. Esse sentimento de amor tem características positivas, mas também de hostilidade. A criança reagiria desejando ser o objeto principal de afeto de seu progenitor favorito e desejando a eliminação da competição pelo amor do objeto: desejaria tomar o lugar da mãe se for menina e do pai se for menino.

Nesse ponto, ao falar sobre o objeto sexual e a escolha da criança, Freud estava teorizando sobre aquele que ele suspeitava ser o complexo nuclear das neuroses, o complexo Édipo. Freud lançou a ideia de que as pessoas experimentariam um sentimento parecido ao horror passado pelo personagem Épido, da tragédia grega *Oedipus Rex*, em uma de suas cartas endereçadas a Fleiss em 1897, a carta 71. Em 1910, aparece pela primeira vez o termo Complexo de Édipo, se convertendo em um dos conceitos principais da psicanálise.

Nessas considerações até 1910, Freud permanece fiel à sua primeira linha de pensamento. Pela bissexualidade originária, a criança poderia tomar como objeto de amor alguém do mesmo sexo. O interessante é que a ideia de que um objeto fixo que sempre esteve presente pois, seria inato ao instinto sexual está completamente ausente. Ao assumir que a criança toma a si mesma como objeto sexual, o primeiro objeto da criança já difere daquele que seria inato ao instinto. O objeto sexual seria naturalmente fluído, e apenas depois de alguns estágios de desenvolvimento – e Freud fala sobre desenvolvimento como sujeito, não apenas o desenvolvimento biológico – ele poderia ou não chegar à pessoa do sexo oposto.

Moll, que também dedicou grande parte de sua teoria sexual à sexualidade infantil, também teorizou ainda em 1897, que a criança buscaria satisfação sexual no próprio corpo. Mas a ideia de Moll não é o próprio corpo como objeto sexual, mas uma satisfação necessária do instinto de detumescência, que causaria a irritação sexual e a manipulação dos genitais para cessar a sensação. Moll retoma novamente essas explicações em 1912, na primeira parte de seu texto, explicando em termos biológicos a razão pela qual a manipulação sexual que criança faz nos próprios genitais, às vezes não envolveria nenhuma fantasia com o sexo oposto, apenas uma reação mecânica à urgência instintual.

Nesse mesmo ano de 1910, Freud introduziu o termo narcisismo para se referir à escolha do objeto sexual pelos homossexuais em nota de rodapé nos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*. Nesse mesmo período, depois da publicação dos ensaios sobre Leonardo da Vinci (1910) e Schreber (1910), Freud teria teorizado que o narcisismo constituiria um estágio comum no desenvolvimento sexual humano (Araújo, 2010).

No texto de 1910, *Uma lembrança infantil de Leonardo da Vinci* (Freud, 1910), Freud começa seu movimento em direção ao reconhecimento dos processos de identificação para a constituição da subjetividade. A partir da compreensão de que homossexualidade a envolveria uma escolha de objeto, Freud sugeria que o menino tenderia a recalcar seu amor pela mãe e coloca-se em seu lugar. A partir daí o menino iria se identificar com ela e acabaria por tomar-se a si mesmo por modelo para seus novos objetos de amor, assim como ele acreditava que a mãe o havia tomado. Encontramos assim, já nesse texto, importantes formulações sobre a identificação e o narcisismo. Embora Freud no ano de 1910, ainda trabalhe predominantemente com a concepção do objeto como endopsíquico, nesse momento de sua obra começa a esboçar a possibilidade de uma introjeção do objeto (Coelho Júnior, 2001).

Com a introdução do narcisismo, Freud apresenta a noção de *escolha de objeto*: "Ama-se: (1) A partir do tipo Narciso: a) o que se é (a si próprio), b) o que se foi, c) o que se gostaria de ser, d) alguém que foi parte da própria pessoa. (2) A partir do tipo anaclítico: a) a mulher que alimenta, b) o homem que protege, e a sucessão de pessoas substitutivas que venham a ocupar o seu lugar." (Freud, 1914, p. 34).

Coelho Júnior (2001) aponta que Freud se refere a objetos sexuais que seriam na realidade representações psíquicas. Assim, o movimento a que se refere a moção instintual⁶⁸ deveria ser considerado um movimento interno ao psiquismo. A expressão *escolha de objeto* se

⁶⁸ Em seu artigo, Coelho Júnior opta por usar a vocábulo *pulsão*.

refere, em geral, à escolha de objetos de amor. Tomando as ideias de Lapanche e Pontalis (1967), Coelho Júnior (2001) acredita que na psicanálise freudiana o termo escolha não deveria ser considerado em seu sentido racional – como uma opção consciente – “mas sim como o que há de irreversível, na eleição feita pelo indivíduo, do seu tipo de objeto de amor”.

A escolha de objeto poderia se referir a uma pessoa específica que seria eleita como objeto de amor, ou a tipos de escolha tais como a escolha de objeto incestuosa, ou escolha de objeto homossexual. Existiria ainda a referência ao próprio sujeito, como apresentado no texto do Narcisismo, quando o eu ser tomado como objeto, como no caso dos investimentos narcísicos.

Na primeira teoria instintual, Freud propõe que as pulsões sexuais se apoiariam originalmente no instinto de autoconservação. Sendo assim escolhas anaclíticas de objeto estariam se estabelecendo a partir do modelo de relação presente nos primeiros momentos de vida, em que a satisfação sexual se apoiaria sobre objetos responsáveis pela conservação da vida, no caso do bebê, o meio pela qual ele obtém o alimento, ou seja, o primeiro objeto de amor seria o seio materno.

Segundo Freud (1914, Araújo, 2010; Vieira, 2009) quando a libido fosse investida no próprio eu, ela seria uma libido narcísica. Quando investida nos objetos, seria uma libido objetual, tal como Freud já havia postulado em seus *Três Ensaio*s. Segundo Freud a fase da infância que antecede a formação do eu seria caracterizada pela ausência de relações objetais. Todo o investimento libidinal do bebê seria feito no seu próprio corpo, através da satisfação das pulsões parciais por meio das zonas erógenas a elas correspondentes. Esse estado inicial seria o narcisismo primário.

O narcisismo primário se manteria a partir das primeiras relações de amor, normalmente, a relação com os pais. Nesse sentido, Freud relaciona o narcisismo com as expectativas, ideias de perfeição e realizações que os pais depositam na criança ignorando as aquisições culturais que o próprio narcisismo dos próprios pais foi obrigado a respeitar, e a renovar em nome da criança as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados. Essa relação de amor e completude eventualmente deixaria de existir, uma vez que a criança acender como sujeito. Ela perceberia que nunca foi o centro de amor e essa percepção iria causar uma ferida em seu narcisismo primário, e a partir daí, a criança tentaria recuperar essa ideia de amor total, adentrando assim no segundo estágio de narcisismo, ao qual Freud denominou de narcisismo do eu ou narcisismo secundário (Vieira, 2009).

De modo geral, tanto os traços do narcisismo primário como os do narcisismo secundário irão constituir a personalidade e acompanhar o indivíduo durante toda a sua existência. Foi a partir do olhar libidinizado da mãe que a criança se reconheceu e se sentiu amada. Daí para frente, todas as suas escolhas objetais e realizações terão por base esse período em que foi possível o desenvolvimento do amor por si mesmo.

As escolhas narcísicas de objeto, embora exercidas a partir do modelo estabelecido da relação do sujeito consigo mesmo, seriam caracterizadas por escolhas de outros objetos que representem de alguma forma o próprio sujeito ou algum de seus aspectos. Freud partiu de sua observação da experiência psíquica de indivíduos homossexuais que escolheriam seu objeto de amor tomando a si mesmos como modelo. Em oposição a este tipo de escolha, Freud propôs o que ele denominou escolhas anaclíticas de objeto.

Com a introdução do conceito de narcisismo, Freud sumariza, na primeira tópica de sua dualidade instintual, a sua noção de sexualidade e como ela se estrutura. A introdução da ideia de escolha objetual marca a diferença de Freud, nesse primeiro momento de sua teoria sexual, para os outros autores, pois o pilar sobre o qual psiquiatras como Moll e Krafft-Ebing fundamentaram suas teorias – do objeto sexual do par oposto como a finalidade do instinto – mudou de foco.

Mesmo que essa escolha não fosse sempre consciente, seria natural para o instinto sexual a possibilidade de outros objetos que não fossem o par do sexo oposto. O determinismo de uma finalidade fixa para o instinto sexual está ausente em Freud. Com essa noção Freud relaxa uma barreira do que seria uma sexualidade normal – ou mesmo ideal, como na teoria de Krafft-Ebing – e uma sexualidade anormal e passa a ver a sexualidade com um caminho com possibilidades e que se organizaria em estreita relação com a psicologia dos seres, aquela mesma que Krafft-Ebing procurava não aprofundar. A anormalidade da sexualidade, para Freud, estaria justamente em sua restrição de objetos, já que o anormal seria para ele, o perverso que não conseguiria se satisfazer de outra maneira que não com seu próprio objeto determinado.

Nesse ponto, podemos passar para a conclusão da tese.

Conclusão

Antes de tudo, deve-se ter em mente o momento histórico no qual Krafft-Ebing, Moll e Freud lançaram suas considerações. A revolução anatomopatológica vivida pelas ciências médicas entre os séculos XVIII e XIX impôs às especialidades da medicina (entre elas a psiquiatria) o modelo explicativo do *organicismo*. A relação a ser estabelecida entre lesão e doença não seria apenas uma relação de causa e efeito, mas de identidade. A lesão representa a própria doença e tudo que poderia haver de objetivo na mesma. Os sintomas seriam efeitos e sinais que traduziriam a essência da doença no nível clínico. Por esse motivo, seriam expostos à subjetividade (a do médico e do próprio paciente). O organicismo, apesar de ter encontrado algumas restrições, permaneceu durante muito tempo, em última instância, como ideal teórico a ser alcançado. De todas as dificuldades que o organicismo poderia causar às especialidades médicas, com certeza a psiquiatria teria os maiores problemas, pois, ao mesmo tempo em que poderia negar a realidade do próprio objeto de estudo da área – a doença mental –, também poderia assimilar esse objeto às patologias de origem orgânica, “deixando essa especialidade no incômodo lugar de uma medicina das aparências” (Simanke, 2002 , p. 24-26).

Nessa mesma época os debates sobre o que seria o instinto sexual, como visto neste trabalho na parte dedicada a Moll, ocupavam as considerações da medicina e filosofia no século XIX. Esse debate, de certa maneira, permeou os estudos da sexualidade. Ainda que houvesse um consenso sobre o que seria o instinto sexual, suas formas e manifestações continuaram mudando ao longo daquela época e, talvez, ainda mudem e apresentem novas facetas nos dias de hoje.

A escolha desses três autores para a montagem desta tese tenta mostrar as contradições que o organicismo e a psicologia causariam na ideia da sexualidade. Cada um dos três, à sua maneira e com sua importância, representou um tempo em três grandes momentos sobre o debate do instinto sexual.

Quando o olhar sobre obra de Krafft-Ebing sai da fama que suas nomenclaturas patológicas alcançaram e recai sobre o caminho percorrido para se chegar até elas, a visão do arcaísmo da *Psychopathia Sexulis* – visão essa apontada na Introdução deste trabalho – começa a apresentar suas próprias distorções. Essas distorções podem ter diversas razões: a própria popularização de apenas uma única obra de Krafft-Ebing e, dentro dessa obra, de apenas uma única parte da mesma; e o olhar limitado às citações que outros teóricos com práticas clínicas próprias (geralmente posteriores a ele) faziam sobre o autor, gerando impossibilidades de se

descolar as considerações sobre a teoria da visão de Krafft-Ebing como um propagador de preconceitos sexuais. Por último, a tendência de contextualizar historicamente uma parte de sua obra a partir da cadeia de eventos posteriores na história da psiquiatria. Com isso, promoveu-se relações comparativas entre o que se ressaltou historicamente da *Psychopathia Sexualis* com o que de fato propunha as partes integrais das obras, formando um quadro favorável para uma visão limitada.

Mas mesmo com todas essas possibilidades citadas acima, a maior fonte de distorção da teoria de Krafft-Ebing são suas próprias obras disponíveis nos dias de hoje, principalmente a *Psychopathia Sexualis*, que se justificam por Krafft-Ebing abertamente ter cometido contradições primárias em sua argumentação, buscando adaptar suas ideias aos polos pelos quais ele a baseava.

Krafft-Ebing representa bem as contradições que o organicismo causaria à psiquiatria. Em todos os seus textos, sempre se preocupava em teorizar seus argumentos como tendo a mesma base que as comprovações científicas, provavelmente buscando a segurança legitimadora que o nome científico oferece às teorias. Ele permaneceu fortemente ligado à ideia central de uma herança mórbida da doença mental, vide o fato de sempre insistir para que os médicos procurassem no histórico familiar do paciente alguma mancha hereditária e de sintomas específicos gerais para cada doença. Ele também nomeia diversas vezes, durante a *Psychopathia* e o *Manual de Psiquiatria*, as patologias sexuais como degenerações mentais, usadas da mesma maneira que as definições de degenerações propostas por Magnam e Morel.

Mas, ao mesmo tempo em que permanece ancorado nesses conceitos, apontou para uma direção diferente na hora de lidar com essas patologias. Enquanto a tendência psiquiátrica organicista era sinalizar para uma política de controle e extermínio dos sintomas e dos doentes, Krafft-Ebing afastou-se dos higienistas ao afirmar que a combinação do que viria a ser uma perversão sexual simplesmente não poderia ser completamente controlada e extinguida pela ciência, e muito menos pela sociedade. A medicina psiquiátrica de Krafft-Ebing se preocupava com a instância *terapêutica* da doença, no que poderia ser escutado daquele sujeito e em como poderia incentivar a sociedade a compreender a condição singular do doente. Mesmo quando o médico não pudesse oferecer o objetivo principal do tratamento, ou seja, a cura da degeneração do paciente, a demanda por tratamento – demanda está que serviria melhor quando viesse mais do próprio sujeito que da sociedade – deveria ser acolhida com todo o rigor médico.

Anteriormente, no que havia sido concluído na dissertação que deu origem a este trabalho, apesar de esta preocupação estar presente em Krafft-Ebing, o objetivo dele nunca foi transmitir sua maneira de clinicar; a terapia e os próprios pacientes tinham um lugar ainda muito secundário em sua teoria.

Krafft-Ebing não conseguiu unificar teoricamente esses dois pensamentos em nenhuma de suas obras. Em *Psychopathia Sexualis* essa falta de unificação fica ainda mais evidente, e cada uma das partes que compõe a obra parecem desconexas entre si, pois em momentos diferentes da obra, cada argumentação parece responder a uma das linhas teóricas as quais ele se propõe. Nesse ponto, ainda não está totalmente claro se Krafft-Ebing de fato instituiu um corpo de textos que possa ser chamado de teoria. Apesar de suas obras e manuais serem muito extensos, podendo ser comparados às produções totais de Moll ou Freud, sua organização ainda é muito fraca ao longo dos textos, focando em descrições e havendo muito pouca teorização, pois sua preocupação era informar e orientar médicos em cortes, por isso o foco eram os fenômenos e sintomas que caracterizariam a doença.

Primeiramente, ao mesmo tempo em que apresentou em suas obras que a psiquiatria não deveria se preocupar com a alma ou a mente, por ser uma ciência empírica, Krafft-Ebing iniciou sua teoria própria da psicologia da sexualidade falando sobre a influência mental na vida sexual, e reivindicando dos poetas e filósofos (de acordo com ele, homens de pura ideia e sentimento) o direito do saber sobre a sexualidade.

A introdução da parte teórica de *Psychopathia Sexualis* (que, entre as obras disponíveis sobre a sexualidade de Krafft-Ebing, é a única consideração psicológica sobre a sexualidade) permite concluir que aquilo que o autor entendia por *psicologia da sexualidade* era, em primeiro lugar, uma espécie de psicologia cultural ou, mais precisamente e numa linguagem contemporânea, algo transcultural. Boa parte dessa seção, de fato, se dedica a percorrer – mesmo que de forma pouco sistemática e, frequentemente, impressionista – a literatura etnográfica da época, com autores como Ploss e Westermarck, que propicia uma análise comparativa entre o comportamento sexual em diversas sociedades. Essa psicologia recorre também a essa mesma literatura para empreender uma espécie de reconstrução histórica própria do desenvolvimento da moralidade sexual ao longo do tempo, efetuando uma análise comparativa entre diversos momentos do desenvolvimento da moralidade sexual ao longo do tempo entre diversos momentos do desenvolvimento das sociedades, até mesmo das sociedades ocidentais, como atestam as referências à Grécia clássica e ao e ao papel desempenhado pelo desenvolvimento do cristianismo. Essa abordagem permite, por um lado, introduzir certo

relativismo nas considerações dos costumes sociais e, por outro, nuançar as conotações patológicas a serem atribuídas aos comportamentos desviantes. A patologia sexual, por exemplo, pode representar simplesmente a sobrevivência de formas arcaicas de comportamento sexual ou a regressão às mesmas. Com isso, o autor naturalizou, em certa medida pelo menos, as patologias da sexualidade, já que elas expressariam as exigências ainda que anacrônicas de um instinto que é patrimônio da espécie humana.

Da psicologia da sexualidade em diante – que de todas as partes da teoria da sexualidade de Krafft-Ebing é, sem dúvida, a que ele mais se afastou das categorizações e, talvez por isso, uma das menos conhecidas –, o autor começou abertamente a transitar em dois polos distintos: entre o arcaísmo histórico com o qual ficou estigmatizado – que seria basear sua teoria nas mesmas bases que a psiquiatria organicista, na teoria de degeneração mental – e uma parte mais progressista, apresentando preocupação com a singularidade e a condição de abarcar esta singularidade do sujeito na sociedade. Nesta parte, a influência que ele diz ter sofrido de Pinel compõe a base teórica do tratamento. Historicamente, essa base serviria como o lugar *de* marca da diferença entre a impessoalidade médica de cura em todos os casos e a condução do tratamento das psicoterapias de origem psiquiátricas posteriores, entre elas a psicanálise.

Embora a abordagem de Krafft-Ebing permaneça fortemente normativa – como é mais ou menos inevitável para uma visão médica da sexualidade –, pode-se vislumbrar que sua teoria da sexualidade se colocou a serviço de seus objetivos críticos em relação a uma criminalização indiscriminada do comportamento sexual desviante. Esse desígnio se manifesta exemplarmente na cuidadosa distinção – justamente celebrada por seus contemporâneos – entre a perversão e a perversidade, ou seja, a diferença ética e jurídica que se deve estabelecer entre um sujeito capaz de agir moralmente, mas que mesmo assim decide ignorar as leis (o perverso, no sentido daquele se dedica a uma crueldade gratuita) e aqueles outros que, em uma distorção de um instinto natural da espécie, são compelidos a práticas sexuais em desacordo com a norma sexual vigente no estágio atual de desenvolvimento das sociedades mais avançadas (o pervertido, no sentido psiquiátrico e sexológico da palavra).

Krafft-Ebing categorizou e nomeou cuidadosamente os sintomas de cada uma das patologias, mas, diferentemente das críticas feitas a ele em relação aos manuais modernos (que teriam a tendência de patologizar diversos comportamentos), o médico foi extremamente restrito na causa das patologias – e ele não abriu mão dessas causas em nenhum momento das edições de *Psychopathia Sexualis*, nem em suas outras obras psiquiátricas. Por isso é perfeitamente plausível argumentar que sua definição entre normalidade e patologia é

extremamente restrita em termos de conceituação. Ao lançar condições tão específicas para a patologia sexual, a maior parcela dos seres seria inevitavelmente lançada à normalidade da sexualidade, ainda que esta normalidade permitisse a ocorrência de atos criminosos e condenáveis. As pessoas normais, pela leitura do texto, pareciam ser a maioria social nas cortes de Justiça; já os pervertidos no instinto poderiam argumentar que a ciência afirmava que eles deveriam ser desculpados socialmente por sua anormalidade, já que esta os vitimava, não havendo nenhuma responsabilidade de escolha.

Sobre a categorização, deve-se levar em conta que Krafft-Ebing queria atingir um público alvo que, apesar de extremamente letrado em artes, filosofia, direito e ciências médicas, era considerado por ele como leigo em estudos sobre as patologias sexuais. Deve-se somar a isso o fato de que a *Psychopathia Sexualis* foi feita pensando em resultados práticos: elucidar juristas e médicos para evitar erros de sentença imediatamente. A categorização excessiva parece ser mais para cumprir esse papel. Essa também pode ser a razão de, talvez, Krafft-Ebing ter repetido suas ideias gerais ao longo do texto, em um estilo de escrita que parecia pretender primeiramente o didatismo.

A parte de *Psychopathia Sexualis* sobre as patologias sexuais contém o momento em que Krafft-Ebing fez a afirmação de que todo ato sexual que não tivesse como sentido a perpetuação da espécie seria perverso: “Com a oportunidade para a satisfação natural do instinto sexual, cada expressão dele que não corresponde com a finalidade de natureza, ou seja, a propagação pode⁶⁹ ser considerada como perversa”. (Krafft-Ebing, 1892, p. 57).

Por último, deve-se ter em mente que, devido a outras argumentações, provavelmente para Krafft-Ebing a moralidade sexual seria o caminho evolutivo *correto e natural* para o homem, e que o *certo* seria que na moralidade absoluta ele permanecesse, mesmo quando à custa de uma luta permanente e árdua contra sua própria natureza. Sendo assim, a argumentação de Krafft-Ebing parece falhar não na argumentação em si, mas na postura argumentativa assumida, que desenvolveu as ideias tomando como base que existiria o caminho mais apropriado para o homem: que a sexualidade fosse mais que natural, que ela sempre se apresentasse *ideal*.

Pela quantidade de artigos internacionais e citações levantadas para esta tese, pode-se dizer que Albert Moll é o mais obscuro dos três autores. Suas obras não são muito conhecidas,

⁶⁹ Na primeira versão do texto da dissertação *Sexualidade e Perversão na Psiquiatria de Krafft-Ebing* (2015), essa palavra foi traduzida como deve. Foi modificada para pode depois de uma revisão de alguns pontos da tradução em alemão.

e, mesmo entre uma bibliografia internacional, o autor tem menos trabalhos dedicados a ele próprio que os outros dois.

Algumas conclusões sobre as razões desse lugar obscuro puderam ser apreendidas ao longo do contato com o material de Moll. O trabalho de consulta de arquivo e tradução para essa pesquisa tomou um ano e meio. Primeiramente, as obras de obras são muito extensas; o vocabulário usado por Moll também era mais técnico que o de Freud e Krafft-Ebing. Apesar de ele raramente ter usado termos em latim, como era usual na época, fazia uso de uma vasta gama de vocabulários das áreas médica e filosófica. Suas descrições sobre o funcionamento do corpo humano e sobre teorias naturalistas (tais como o funcionamento do instinto sexual em formigas, peixes, macacos e ratos) são absurdamente extensas e detalhadas e repetidas em pelo menos três de seus trabalhos sobre homossexualidade. Essas descrições tomam com facilidade de um a dois terços de cada um de seus livros e, para alguém que não fosse treinado em medicina, talvez a leitura não fosse tão acessível como nos casos de Freud e Krafft-Ebing, pela maneira extremamente descritiva do autor. Ele também era convidado a fazer resumos sobre suas obras e artigos e críticas sobre obras de outras pessoas com muita frequência. Recuperar e traçar uma linha temporal desses pequenos extratos de texto é um trabalho extremamente complexo, porque a maioria deles são repetições das coisas que já foram pensadas em suas obras maiores. Esse processo também tomou grande tempo dessa pesquisa e pouco resultado pode ser extraído dessa pesquisa, pois dois mais de 30 pequenos textos para revistas e jornais, apenas em um texto Moll trouxe alguma coisa muito distinta do que estava escrito em seu livro de 1897 sobre o sentimento de vergonha. Esse trabalho pode ser um desafio para se ter uma ideia completa da obra de Moll. O fato de Moll não ter tido a maioria de suas obras traduzidas sequer para o inglês, principalmente *Libido Sexualis*, torna essa propagação ainda mais complicada.

Ao contrário de seus colegas de profissão, Moll teve uma presença política mais acentuada que os dois autores citados, porém, não teve uma vida acadêmica tão notável. Não era estudado por alunos e discípulos, nem tinha presença em hospitais públicos ligados às universidades para conduzir pesquisas, o que tornava a propagação de suas ideias para novos médicos bem complicada.

Por último, Moll teve uma grande gama de objetos de estudo e escreveu para muitos jornais, periódicos e revistas sobre todos esses temas. Isso torna o trabalho de arquivo de sua teoria extremamente complexo. Esta foi, inclusive, a maior dificuldade para empreender esta pesquisa. Separar os anos e assuntos que ele tratava, além de encontrar a bibliografia, só foi possível pela ajuda e suporte da Universidade de Durham com o material e com o idioma

alemão. E, depois de feito esse trabalho, existe também o trabalho cronológico, pois Moll, algumas vezes, apresentou algumas ideias importantes em resenhas de livro ou pequenos resumos de artigos, tornando sua obra completa muito espalhada, um verdadeiro mosaico a ser interligado.

Assim como Krafft-Ebing, Moll não trabalha em sua teoria com um conceito de objeto sexual diferente do alvo do interesse sexual na sexualidade normal, ou seja, o par do sexo oposto. O autor se dedicou ao estudo do que considerava como sendo perversões, principalmente a homossexualidade, mas, fundamentalmente, não acrescentou nada de novo ao que o próprio Krafft-Ebing já havia definido como conceito ao longo das muitas edições de *Psychopathia*.

As contribuições de Moll, obviamente, não contaram com o pioneirismo que Krafft-Ebing teve na mesma época ao introduzir um estudo sobre as perversões. Mas se apresentaram de maneira mais, por assim dizer, *progressista* que as de seu colega de profissão. Moll, de fato, apresentou algo que possa ser chamado de teoria própria. Existia a preocupação (como ele mesmo admitiu) com a psicologia da sexualidade, além da preocupação em apresentar um texto mais organizado e coeso em termos conceituais. Por isso, é possível pensar em um descolamento da importância do objeto sexual da mesma maneira que acontecia em Krafft-Ebing.

Moll não tem o mesmo foco que o autor anterior na afirmação de uma sexualidade transcultural que começaria perversa em natureza pela falta de parâmetros e deveria se converter no sexo feito com forte emoção de amor, dentro do enlace matrimonial, para fortalecer o casamento e propagar a espécie. Para Moll, pela sua própria conceituação de instinto sexual, principalmente o instinto de contração - completamente objetal por necessitar do objeto para que pudesse acontecer - , era natural que em algum ponto o instinto sexual fosse se dirigir a outros objetos para além do par do sexo oposto sem causar grandes alterações posteriores na vida sexual. Esse é o ponto chave do avanço de Moll para o que estava sendo estudado até então. Essa posição teórica tornou possível as elaborações vistas no conceito fundamental da sexualidade naquele tempo, a masturbação na infância. Quando diversos objetos pudessem chamar a atenção de uma criança e excitá-la, não seria danoso que, em uma quantidade de vezes restrita e necessária, a própria criança aliviasse a excitação física que o instinto sexual causava no corpo. Mas é importante lembrar que, para Moll, com a maturação orgânica e psicológica, o objeto sexual da *vita sexualis* normal seria o par do sexo oposto. Então, existiria ainda o pilar de um único objeto sexual e uma finalidade para o instinto sexual.

A necessidade de elaboração que o instinto de contração exigia do corpo e psique justificaria a preocupação com a teoria da psicologia sexual, mas, curiosamente, Moll não deu tanto destaque para o amor, tal como Krafft-Ebing fizera em sua obra. O foco de Moll sobre sentimentos amorosos dentro do instinto de contração foi o sentimento de excitação psicológica e física nos termos mais técnicos possíveis, sem que nenhum espaço para algo além do corpo mental e físico se abrisse na teoria que ele apresentou.

O alcance dos assuntos tratados por Albert Moll em seus dois livros principais, *A Sexualidade Infantil* e *Libido Sexual*, também é muito maior que a obra *Psychopathia Sexualis*. As primeiras partes do texto são extremamente descritivas, apresentando um histórico das ideias nas quais ele se baseia. Nos dois livros primeiramente citados, ele parte de uma descrição bem minuciosa em termos biológicos para, então, apresentar seu conceito. Mais adiante na obra, o autor apresenta casos e trata dos temas sobre terapia e tratamento caso alguma distorção tenha sido avaliada nos pacientes. E, apesar da ideia apresentada aqui por autores como Siguschi (2012) de que Moll procurava implementar a prática da psicologia médica, a clínica e os pacientes não são muito importantes nas obras sobre sexualidade. O autor passa algumas técnicas e medicações e – principalmente em suas obras sobre a perversão sexual – apresenta casos detalhados, mas não aponta na direção de estabelecer uma prática clínica a partir de sua teoria.

Moll esteve inserido na mesma movimentação da psiquiatria do final do século XIX que Krafft-Ebing, ou seja, de instruir os médicos e legistas nas cortes sobre quando algo era perversão – portanto, uma degeneração - e quando era perversidade, conceito que o próprio Moll criou a partir da obra de Krafft-Ebing, segundo o qual o médico deveria optar pela recomendação da pena em cárcere. Moll, inclusive, assim com seu amigo e mentor intelectual, era constantemente chamado nas cortes para apreciação e opinião em casos de crimes sexuais. Mas, ao contrário de Krafft-Ebing, ele mesmo afirmava que a razão das suas obras não era fornecer um texto didático para esse fim. Sendo assim, pode-se concluir que Moll se preocupava muito menos com a categorização de seus conceitos e mais com a explicação e os desdobramentos dos mesmos dentro das categorias de perversão e sexualidade em geral.

O autor, de fato, preocupou-se em explicar minuciosamente o instinto sexual. Com a leitura da totalidade de suas obras sobre sexualidade, pode-se dizer que os conceitos apresentados por ele quase não trouxeram distorções e contradições dentro de suas próprias obras, pois deram-se de maneira fluída e com temática própria, fato que leva este trabalho a classificar sua apresentação de conceitos como uma teoria. A partir do momento em que o

autor definiu a ideia da libido sexual, tudo em sua teoria passou a funcionar a partir disso, mesmo que, para tanto, ele precisasse fazer mudanças em temas-chave na época – como masturbação e sexualidade infantil – para que pudessem se adequar a sua teoria.

Albert Moll assumiu uma posição sobre a finalidade do instinto sexual muito parecida com a de Krafft-Ebing, ou seja, a ideia de que esta finalidade seria a procriação. Apesar de manter uma atitude muito mais autocrítica e aberta à flexibilização das possibilidades sexuais para os sujeitos – principalmente para as crianças –, a teoria de Moll ainda é *normativa*, tal qual se esperava de uma teoria organicista. O que o autor fez foi assumir mais possibilidades e ocorrências sexuais desde a infância, sem que isso causasse alguma degeneração na vida adulta, mas, em momento nenhum, contradisse a ideia de que haveria o tipo de sexualidade mais indicado, o coito vaginal entre homem e mulher. O que se perde em Moll é a ideia da sexualidade ideal que autores anteriores apresentavam. A sexualidade, para ele, seria natural. Existiria um caminho mais correto e recomendável e a possibilidade de o homem civilizado ceder aos seus instintos sexuais primordiais, mas tudo isso ocorreria dentro de uma naturalidade, pois, muita das vezes, os sujeitos ainda não teriam maturidade intelectual ou mesmo controle corporal sobre seus instintos. E, na verdade, mesmo por mais civilizados que os sujeitos fossem, seria impossível, dentro das capacidades humanas, que se alcançasse um completo controle sobre o instinto sexual como um vício instintual.

A obra de Moll iniciou também a retirada da inversão sexual das degenerações. Moll afirmou em vários momentos que determinadas ideias que seus contemporâneos tinham sobre algumas ocorrências sexuais, tais como a masturbação infantil, não teriam nenhum impacto posterior para degenerações morais, e nem teriam uma raiz anterior em alguma degeneração mental.

Sobre atos sexuais como masturbação, sexo oral e outros que Freud chamou de metas sexuais, ele encarou de maneira parecida com a de Krafft-Ebing, considerando-as ocorrências que se desviariam da finalidade do instinto. Mas nenhuma das ocorrências seria uma perversão sexual e, sim, uma fraqueza normal. Mas, quando preferidos no lugar do coito, seriam resultado da vida sexual de homens mais fracos de caráter ou, ainda, resultado de algum ato sexual cometido por um perverso.

Os autores citados aqui, com trabalhos de 2012, fazem parte de uma produção de anos de estudo da linha de pesquisa “Albert Moll” da Universidade de Durham. A partir das ricas discussões durante o estágio de doutorado nesta instituição, o consenso nesta tese é que,

diferentemente do que apontam muitos estudos brasileiros sobre o tema, de fato Albert Moll foi pioneiro ao esquematizar uma teoria sobre a existência da sexualidade infantil como algo completamente natural, e que não causaria nenhuma neurastenia, neurose ou perversão na vida adulta, tal como nos aponta Simanke (2016).

Por esses dados históricos, é difícil pensar também que a afirmação sobre Freud ter causado um grande choque ou escândalo na sociedade médica vienense seja falsa, pois estudos sobre a sexualidade infantil não eram nenhuma novidade para a psiquiatria da época.

Reconhecendo que esse dado é um esclarecimento importante para a história da sexualidade como uma ideia, ainda assim discordamos da importância que isso teria teoricamente para as duas teorias, que é a linha que a maioria dos artigos do grupo de estudos de Durham enfatiza. A sexualidade infantil da qual falava Moll não era a mesma de Freud. Os dois autores partem de pontos diferentes, principalmente acerca de suas concepções sobre o instinto sexual e sobre a existência de um objeto sexual natural durante a vida sexual. E caso a originalidade da ideia seja um dado a ser levado em conta, pelo menos para o caso de Freud, as ideias de Fleiss devem ser pioneiras. Antes da publicação de *Três Ensaios*, o manuscrito de Fleiss já trazia a ideia do corpo da criança como uma fonte de prazer sexual, e desta criança tendo energia, portanto, presença psíquica do instinto sexual. Freud mesmo comentou em correspondência com Fleiss alguns desses dados e a apropriação que fizera dessas ideias na montagem de sua própria teoria.

Tanto Freud quanto Moll, contudo, concordavam com o que Krafft-Ebing já havia afirmado no *Manual de Psiquiatria*: a doença mental sempre parte de ideias que são comuns a todos os homens, inclusive aos homens normais. Essa máxima funciona para todas as patologias gerais da sexualidade e para a própria sexualidade em si. Em termos sintomatológicos, o que definiria esse ou aquele comportamento como doença mental seria as maneiras bizarras e anormais pelas quais eles seriam apresentados, como, por exemplo, enquanto homens normais sentiriam satisfação em dar palmadinhas mais fortes em suas parceiras, os sádicos gostariam de espancá-las. Uma mesma constatação é repetida por Sigmund Freud anos depois: “Na vida sexual de cada um de nós, ora aqui, ora ali, todos transgredimos um pouquinho os estreitos limites do que se considera normal” (Freud, 1978, p. 53). Freud definiria a neurose como o negativo da perversão, uma vez que todos os neuróticos seriam pessoas com inclinações perversas acentuadas, só que reprimidas, fazendo com que suas fantasias inconscientes exibissem conteúdos muito similares aos atos de perversão.

Na verdade, esse representa o grande ponto de concordância entre os três autores citados e destes com a maioria dos autores e sexólogos do século XIX. Nada no mosaico complexo da sexualidade, mesmo em suas versões mais extremas, seria completamente afastado das raízes daquilo que já estava presente na própria psique do ser humano. Por incrível que pareça, alguns artigos e comentadores de Freud apontam que uma das grandes novidades que o autor teria trazido com a psicanálise seria essa noção da perversão como algo fundado em bases naturais da sexualidade humana. Nenhum dos autores citados aqui na tese ou na bibliografia internacional estudada - mesmo que por razões metodológicas não tenha entrado nas referências - fizeram qualquer menção a algo diferente desse sentido partindo de outros autores.

Essa concepção de uma originalidade de Freud parece nascer da diferença entre perversidade e perversão. A perversão, para esses autores – ainda que por vezes eles tenham usado termos que hoje são vistos como patologias –, era encarada como doenças de fato, e a perversidade como ato criminoso ou fraqueza. Freud não fez essa divisão com tanta clareza, e, como apontado na parte dedicada a ele, muitas das coisas que separou em *Três Ensaio*s como perversão foram categorizadas por outros autores como perversidades. Essa não definição de Freud, nem a menção dele para essa conhecida separação, foram capazes de passar a impressão de que era senso comum entre médicos acreditar que sexo oral e anal seriam degenerações sexuais ou, pelo menos, ocorrências de mesma gravidade que o sadismo e masoquismo e sem relação com a vida sexual normal. Caso essa impressão errônea seja o ponto de partida da leitura atual da obra freudiana e de seu contexto, de fato, o autor trouxera, então, uma grande ruptura com o pensamento daquela época.

Quanto aos três autores e suas teorias em âmbito social, dificilmente Krafft-Ebing pode ser arrolado entre os paladinos da diversidade sexual, mas pode-se dizer que cumpriu um papel no processo de legitimação (no sentido jurídico do termo) dos comportamentos sexuais que se desviavam daquilo que a norma sexual civilizada considerava o correto. Existiu um efeito social na afirmação de um médico conceituado (e muito respeitado pela sua conduta social exemplar na época) de que a homossexualidade não era uma doença, tal como conta Oosterhuis (2002) em vários momentos de seu livro. Krafft-Ebing recebia cartas simpáticas de homossexuais contando que, após a leitura da *Psychopathia*, haviam sido reinseridos no seio familiar e entre amigos, pois, como doentes, não seriam criminosos tampouco teriam culpa da própria condição. O próprio Krafft-Ebing trouxe em *Psychopathia Sexualis*, em 1894, (p.284), o relato de um jovem muito grato que, após leitura do livro, tinha presenteado um amigo com

uma cópia; depois desse presente, foi finalmente perdoado por esse colega de faculdade – que havia cortado relações com o rapaz após ouvir dele a declaração de que era homossexual e nutria sentimentos amorosos por sua pessoa. Como o jovem autor relatava na carta, o colega teve solidariedade com a condição de “doente” o outro e decidiu que, guardada as devidas distâncias físicas, deveria continuar a amizade, pois aquela paixão era algo do qual o autor da carta não tinha culpa ou responsabilidade.

Os esforços de Krafft-Ebing para descriminalizar a inversão sexual na esfera legal também foram extremamente bem vistos pela comunidade de médicos homossexuais da época. Ele colaborou com Magnus Hirschfeld em alguns artigos para o Instituto do Sexólogo. O próprio Hirschfeld, em 1901, escreveu um prefácio elogioso destacando a importante luta que Krafft-Ebing travou para a descriminalização da homossexualidade e os efeitos positivos da descrição acurada da homossexualidade em suas obras (Hirschfeld, 1901).

O criador do conceito de uranismo, Ulrichs, tinha o costume de se corresponder com médicos, sexólogos e ativistas que julgava como proeminentes e bem colocados socialmente, e que pudessem conhecer suas ideias para apresentá-las à sociedade. Em 1866, apresentou seus escritos sobre o uranismo para que eles pudessem ser avaliados por Krafft-Ebing e incorporados ao pensamento do autor. Este o fez logo na primeira edição de *Psychopathia* (Matte, 2005).

Moll, por sua vez, representou avanços teóricos muito profundos no estudo da sexualidade humana como objeto de estudo da psicologia. Suas noções de libido trouxeram implicações para conceitos chave que eram tabus na época, como masturbação e sexualidade infantil. Moll, durante muito tempo da sua vida social como psiquiatra, apesar de não participar tão ativamente dos movimentos sociais, nas cortes sempre recomendava pela absolvição das pessoas pegas no crime de sodomia, além de seguir a mesma linha que Krafft-Ebing de apresentar a inversão como uma perversão sexual.

Freud, por sua vez, representou um momento de grande avanço, ainda que não tão romantizado como contado por Ernest Jones. Dificilmente seria possível apreender o papel de Freud como um “militante de seu tempo” (Vireira, 2009), mas a psicanálise também teve sua penetração social na questão da sexualidade. Freud partira de uma discussão antiga que procurava usar a psiquiatria para descriminalizar a inversão. Assim como todos os autores desse momento, compartilhou da ideia de que a homossexualidade não seria sequer uma degeneração mental, mas a assentou nas bases teóricas de sua psicanálise. Suas constatações sobre a

homossexualidade parecem partir mais de bases teóricas do que de um ativismo social que visava normalizá-la totalmente e aos homossexuais, dando a estes melhores condições de aceitação social, pelo menos não mais do que os próprios autores homossexuais, como Ulrichs e Hirschfeld.

O papel pioneiro do médico militante, que promoveu, além de um choque científico, um choque social, deve ser merecidamente creditado a Magnus Hirschfeld. As ideias deste sexólogo, sua própria figura pessoal e seu engajamento político em movimentos sociais foram os elementos pioneiros para que a mudança de visão sobre a homossexualidade como crime e como doença degenerativa lentamente começasse a ocorrer na ciência médica do século XIX. A partir de suas obras, a homossexualidade e, por consequência, a própria ideia de uma sexualidade centrada na anormalidade sexual, puderam ser modificadas, abrindo espaço em termos conceituais para novas teorias como as de Freud, e para uma mudança na visão da homossexualidade que viria a dar frutos dezenas de anos mais tarde.

Hirschfeld formou, em 1897, um comitê de ciências humanas e humanitarismo e começou sua luta para descriminalizar a sodomia. Este comitê colheu assinaturas para apoiar essa descriminalização e, a partir da publicação do livro *Sappho und Socrates* em 1896 - no qual ele apresentava dados demográficos extremamente detalhados sobre a ocorrência da homossexualidade ao longo da história e da sociedade vienense da época, unidos às suas concepções médicas sobre o cérebro e as possibilidades de uma vida psíquica invertida entre os sexos - cientistas de renome, tal como o já citado Krafft-Ebing e ainda Albert Einstein, Karl Maria Weber, tomaram parte nos abaixo-assinados do comitê. Em 1899, Hirschfeld também criou e passou a editar a revista *Jahrbuch Fur Sexuelle Zwischenstufen*, voltada para artigos médicos, de ativismo e filosóficos sobre homossexualidade e questões de gênero. Engajado em palestras, apresentações e viagens, o sexólogo conseguiu artigos sobre a homossexualidade dos dois maiores criminologistas da época: Cesare Lombroso e Paolo Mantegazza. Também foi por muitos anos editor do *Zeitschrift fur Sexualwissenschaft*, periódico renomado que, inclusive, foi o primeiro a publicar, na primeira edição, em 1908, o artigo de Freud sobre a bissexualidade. Sua participação nesses periódicos ajudou a sedimentar sua reputação como psiquiatra e sexólogo e a conseguir apoio de mais nomes importantes para a causa (Matte, 2005, p. 258-259).

É impossível, então, pensar que alguém possa ter tido mais pioneirismo ou ativismo que Magnus Hirschfeld na questão dos estudos sobre homossexualidade e sua

descriminalização. A concepção de que a psicanálise causou uma revolução nesse sentido é também equivocada.

A partir dessa constatação, é inegável afirmar que, pela via do objeto sexual, Freud conseguiu chegar até onde outros sexólogos ainda não haviam chegado: na noção de que não existiria um alvo fixo para o instinto sexual. Isso, de fato, foi sua grande contribuição. A própria ideia da posição perverso-polimorfa da sexualidade infantil (ideia inexistente em Moll) abriu espaço para a normalização de uma variedade de objetos sexuais.

Freud, a partir do estudo das perversões, constatou que, diferentemente de uma perversão ou dos desvios da meta ou do objeto sexual, naturalmente o instinto poderia tomar qualquer objeto sexual, e isso raramente traria prejuízos para a vida sexual adulta. Ao afirmar que era possível qualquer meta para o instinto sexual, Freud disse que ele não possuiria nenhum objeto, por isso não poderia ser definido a partir do objeto: “Daí que Freud concluisse que a sexualidade fosse primordialmente autoerótica e que o problema da escolha do objeto apenas se colocasse secundariamente no processo de seu desenvolvimento”. (Simanke, 2014, p. 85).

A diferenciação que Freud faz entre instinto e objeto sexual é tal que o incesto tomou um papel central na psicanálise. A possibilidade instintual era tão ilimitada que nenhuma proibição nela existiria – nem mesmo as que poderiam causar dano à prole e, portanto, à própria finalidade da evolução e adaptação das espécies, tal qual o incesto. Apenas o contato com a tendência natural de manutenção do organismo e com a necessidade da vida harmoniosa em sociedade poderiam indicar algum caminho mais acessível e menos danoso para o sujeito e seus pares no que dizia respeito à força do instinto sexual.

Partindo de uma concepção de sexualidade como um conceito, Freud, até os anos de 1920, toma conceituações que nascem de ideias e teorias preexistentes. Mesmo quando em face das diferenças, é possível ver as ligações entre o que Freud modifica e as bases teóricas nas quais ele baseia essas modificações. Por isso, a palavra usada na introdução desta tese - ruptura - não se aplica, pois existe nessas colocações uma ideia errônea de um corte violento entre Freud e os autores do século XIX. Prefere-se aqui entender as contribuições como avanços: Freud provocou uma disjunção na teoria da sexualidade ao desvincular o instinto sexual de um objeto sexual determinado pela natureza, pela biologia ou mesmo, segundo alguns autores, por Deus. Até antes da psicanálise o objeto sexual inexistia nas discussões, pois nada precisava ser discutido em algo inato e determinado. A desvalorização do objeto sexual como

algo inato no instinto sexual, mas sua valorização como um conceito, eram posições teóricas praticamente inexistentes até antes de Freud e a publicação de *Três Ensaios*.

Essa ideia e as conclusões apresentadas aqui não são completamente desconhecidas em uma escola nacional, e são consenso internacionalmente. Mas é importante ressaltar que Freud partiu de uma longa história de teorias e conceitos para chegar até esse ponto. O embasamento que ele usou para essa disjunção é robusto no sentido intelectual, pois todas as grandes teorias são reconhecidas; e legítimo do ponto de vista filosófico, pois dentro daquilo que Freud propôs como sua teoria própria até 1915, essa ideia – que começou a ser maturada ainda durante a amizade com Fleiss – está dentro de uma lógica argumentativa forte, que parte de observação clínica, estudo de teorias e casos de terceiros e do que se considerava ciência e científico na época.

Por fim, é sabido que Krafft-Ebing e Moll tinham seus pacientes, suas relações com seus pacientes e suas clínicas. Ambos eram reconhecidos por seus conhecimentos, ética e respeito a quem os procurasse para tratamento. Mas, em suas teorias e em suas extensas obras, seus pacientes são apenas mais um dado científico para ilustrar o quadro da perversão. A clínica nunca esteve no centro para esses autores. Se Krafft-Ebing falava a partir das suas categorias de perversões, e Moll a partir de seu robusto conhecimento teórico e científico, Freud falava da sexualidade a partir de sua prática como psiquiatra desde o início de suas publicações. Essa é a grande diferença entre a teoria sexual dos três, e essa é a verdadeira *ruptura* que a psicanálise apresentou.

Bibliografia

- Almeida, M. (2000). *Senhores de si, uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século.
- Araújo, Maria das Graças. (2010). Considerações sobre o narcisismo. *Estudos de Psicanálise*, (34), pp- 79-82.
- Baring-Gould, S. (1896). *Curiosities of Olden Times*. Edinburgo: Joan Grant Publisher.
- Behrens, G. (1998). Feeling of absolute dependence or absolute feeling of dependence (What Scliermacher really said and why it matters. *Religious Studies*. (34-4), pp.471-481
- Bescherelle, L. (1856). Perversion in *Dictionnaire national ou Dictionnaire universel de la langue française*. Paris : Garnier Frères.
- Binet, A. (2001). *Le Fétichisme dans l'amour*. Paris: Payot (Obra originalmente publicada em 1887)
- Binet, B & Feré, C. (1879). *Le magnétisme animal*. Paris: Félix Alcan.
- Bloch, I. (1909). *The sexual life of our time in its relations to modern civilization*. (M. Eden Paul, Trad.). Berlim: Louis Marcos. (Original Publicado em 1904)
- Bourdieu, P. (2003). *A dominação masculina*. (2a ed.). (M.H. Kuhner, Trad.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (Obra originalmente publicada em 1998)
- Broca, P. (1861). Remarques sur le siège de la faculté du langage articulé, suivies d'une observation d'aphémie[Parte de la parole]. In *Bulletin de la Société Anatomique*, 6: 330-357.
- Budge, L. (1874). *Compendium de physiologie humaine* (Eugene Vincent, Trad.) Paris: G.Masson Éditeur.
- Bry, T.J. (1604). *Indiae Orientalis: opus Belgica lingua primo editum (Band 6): Veram Et Historicam Descriptionem Avriferi Regni Gvineae, Ad Africam Pertinentis ... continens* . Frankfurt: Wolfgangi Richteri Editors.

- Carneiro, C.A; Lazarinni, E.R.(2018). A bissexualidade psíquica na constituição do sujeito: sobre suas origens e destinos identitários. *Revista de Psicanálise da SPPA*. 25(3), p. 585-612.
- Ceccarelli, P.R. (2010). Homossexualidade Verdades e Mitos. in *Reverso, Revista do Círculo Psicanalítico de Minas Gerais*. Belo Horizonte p, 15-24.
- Chambard, E. (1881). *Du somnambulisme en général: nature, analogies, signification nosologique et étiologie, avec huit observations de somnambulisme hystérique*. Paris : O. Doin.
- Chalmers, A, Johnson, S. (1824). *A Dictionary of the English Language*. Londres: C.&J. Rivington.
- Coelho Jr.,N.E. (2001). A noção de objeto na psicanálise freudiana. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 4(2), pp. 37-49.
- Combe, G. (1822). *Essays on phrenology : or an inquiry into the principles and utility of the system of Drs. Gall and Spurzheim, and into the objections made against it*. Filadélfia: H.C Carey.
- Conn, M. (2012). Sexual Science and Sexual Forensics in 1920s Germany: Albert Moll as (S)Expert. *Medical History*, 56(2), 201-216
- Cook, A. (2009). The politics of pleasure talk in eighteenth-century Europe. *Sexualities*, 12(4), pp. 451–466.
- Cotti, P. (2007). Hunger and love: Schiller and the origin of drive dualism in Freud's work. *The International Journal of Psychoanalysis*, 88:1, 167-182.
- Cotti, P. (2008). Freud and the sexual drive before 1905: from hesitation to adoption. *History of the Human Sciences*, 21 (3):26-44.
- Coutinho Jorge, M.A. (2001). *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zaahr.
- Dazinger, K. (1997). *Naming the Mind: How Psychology Found Its Language*. Londres: Sage Publications.
- Darwin, C. (1859). *On the origin of species*. London: Murray.
- Darwin, C. (1871). *Descent of Man and Selection in Relation to Sex*. London: Murray, Albermale.

- Darwin, E. (1796). *Zoonomia; or the laws of organic life* (2nd ed., 2 Vols.). London: Johnson.
- De Brosses, C. (1988). *Du Cultedes Dieux Fétiches ou parallèle de l'ancienne Religion de l'Egypte avec la religion actuelle de Nigritie*. Fayard. (Obra originalmente publicada em 1760)
- Deleuze, G. (1983). Apresentação de Sacher Masoch: O Frio e o Cruel, Com texto integral de “A Vênus das Peles”. Rio de Janeiro: Livraria Taurus Editora. (Obra originalmente publicada em 1967)
- Delouya, D (2003). A bissexualidade no eixo da escuta psicanalítica: considerações teóricas acerca da clínica. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 6(2), pp- 205-214
- Dessoir, M. (1894). *Geschichte der neueren deutschen Psychologie*. Berlim: . Dunker.
- Diamond, S. (1974). Four hundred years of instinct controversy. *Behavior Genetics*, 4(3), 237–252.
- Ellis, H. (1898). Auto-eroticism: A psychological study. *Alienist and Neurologist*, 19(1), pp. 260-299.
- Ellis, H. (1901). *Sexual Inversion*. Philadelphia: F.A. Company Publishers. (Original publicado em 1987)
- Ellis, H. (1910). *Sex in relation to society*. Philadelphia: F.A. Company Publishers.
- Ellis, H. (1913). *Analysis of the sexual impulse. Love and pain. The sexual impulse in women*. Philadelphia: F.A. Company Publishers. (Original publicado em 1903)
- Ellis, H. (2001). *Studies in the Psychology of Sex: Analysis of the Sexual Impulse, Love and Pain, the Sexual Impulse in Women*. Honolulu: University Press of Pacific. (Obra originalmente publicada em 1903)
- Eulenburg, A. (1902). *Sadismus und Masochismus*. Wiesbaden: J. F. Bergmann.
- Esquirol, E. (1838). *Des maladies mentales considérées sous les rapports médical, hygiénique et médico-légal*. Paris: Chez J.B. Baillière, Libraire De L'Académie Royale de Medecine.
- Ferrier, D. (1876). *The Functions of Brain*. Londres: Smith, Elder &Co.
- Flechsig, P. (1896). *Gehirn und Seele*. Leipzig: Verlag von Veit

- Fleiss, W. (1897). *Die Beziehungen zwischen Nase und weiblichen Geschlechtsorganen (in ihrer biologischen Bedeutung dargestellt)*. Leipzig : Deuticke
- Foucault, M. (1985). *História da sexualidade. A Vontade de Saber* (M.T.C. Albuquerque, Trad.). Rio de Janeiro: Graal Ltda. (Obra originalmente publicada em 1984).
- Fonseca, E. R da. (2012). *Psiquismo e Vida: Sobre a Noção de 'Trieb' nas Obras de Freud, Schopenhauer e Nietzsche*. Curitiba: Editora UFPR.
- Freud, S. (1905). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Viena: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1908). *Charackter und Analerotik*. Viena: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1909). *Über Psychoanalyse. Fünf Vorlesungen gehalten zur 20Jährigen Gründungsfeier der Clark University in Worcester Mass.* Viena: Franz Deuticke
- Freud, S. (1910). *Eine Kindheitserinnerung des Leonardo da Vinci*. Viena: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1910). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. . Viena: Franz Deuticke. (Original Publicado em 1905).
- Freud, S. (1913). *Totem und Tabu Einige Übereinstimmungen im Seelenleben der Wilden und der Neurotiker*. Leipzig : Hugo Heller.
- Freud, S. (1915). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Viena: Franz Deuticke. (Original Publicado em 1905).
- Freud, S. (1920). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Viena: Franz Deuticke. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1925). *Drei Abhandlungen zur Sexualtheorie*. Viena: Franz Deuticke. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1979). Tres ensayos de teoría sexual, Fragmento de análisis de un caso de histeria, Tres ensayos de teoría sexual y otras obras (J. L. Etcheverry, Trad.). In J. Strachey (Ed.). *Obras*

- Completas de Sigmund Freud* (Vol. 7 p.-232). Buenos Aires: Amorrortu. (Obra originalmente publicada em 1905)
- Freud, S.(2006). *Lettres à Wilhelm Fliess*. Paris: PUF.
- Freud, S. (2013). *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica. (Original publicado em 1915).
- Freud, S. (2016) *Os Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* in Freud (1901-1905) *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade e Outros Textos: Obras completas volume 6*. Paulo César de Souza (Trad). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1905).
- Gall, F.J . (1822). *Sur l'origine dès qualités morales et dès facultes intellectuelles de l'homme, et sur les conditions de leur manifestation*. Paris: J.B Bailliere
- Garlick, S. (2011). Masculinity, Pornography, and the History of Masturbation. *Sexuality & Culture*, 16(3), pp. 306 - 320.
- Garnier, J. (1896). *L'or et le diamant au Transvaal et au Cap*. Paris: Librairie Polytechnique, Baudry et cie.
- Gherovici, P. (2011). *Please Select Your Gender: From the Invention of Hysteria to the Democratizing of Transgenderism*. Londres:Routledge
- Gomes, G. (2001). Os Dois Conceitos Freudianos de Trieb. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 17(3),pp 249-255.
- Gordillo-García, A. (2016). The challenge of instinctive behaviour and Darwin's theory of evolution. *Endeavour*, 40-1, pp. 48–55.doi:10.1016/j.endeavour.2016.01.004
- Guislain, J. (1852). *Leçons orales sur les phrénopathies, ou, Traité théorique et pratique des maladies mentales, Tome Premier*. Paris: J.B Bailliere

- Hall, L. A. (1992). Forbidden by God, despised by men: Masturbation, medical warnings, moral panic, and manhood in Great Britain, 1850–1950. *Journal of the History of Sexuality*, 2(3), pp. 365–387.
- Hampton, S.J. (2004). The instinct debate and the standard social science model. *Sexualities, Evolution & Gender*, 6:1, 15-44.
- Hampton, S. J. (2006). Can Evolutionary Psychology Learn from the Instinct Debate. *History of the Human Sciences*, 19(4): 57–74
- Hegar, A. (1894) *Der Geschlechtstrieb: Eine social-medicinische Studie*. Stuttgart: Ferdinand Enke.
- Hare, E. H. (1962). Masturbatory Insanity: the History of an Idea. *Journal of Mental Science*, 108(452), pp.1-25.
- Hauser, R. (1992). *Sexuality, Neurasthenia and the Law: Richard von Krafft-Ebing (1840–1902)* (Tese de doutoramento não publicada) University College London, Londres.
- Head, H. (1926). *Aphasia and kindred disorders of speech*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Heinrich, K.E (1910). *The sexual life of woman in its physiological, pathological and hygienic aspects* (P. Eden, Trad). New York: Rebman Company.
- Holder, A. (1975). Theoretical and clinical aspects of ambivalence. *Psychoanalytic Study of the Child*. 30, pp.197-220.
- Humble, H (1921). *Columbia Law Review: Seduction as a Crime*. Columbia: Columbia Association.
- Hunt, A. (1998). The great masturbation panic and the discourses of moral regulation in nineteenth- and early twentieth-century Britain. *Journal of the History of Sexuality*, 8(4), pp. 575–615.
- Kaan, H. (1844). *Psychopathia Sexualis*. Nova York: Leopoldo Voss.
- Katz, J.N. (2003). *Love Stories: Sex between Men before homosexuality*. Chicago: University of Chicago Press.

- Kimble, G.A, Wertheimer, M. (2014). *Portraits of Pioneers in Psychology: Volume III*. Londres: Taylor and Francis Group.
- Kohon, G. (2018). *No Lost Certainties To Be Recovered: Sexuality, Creativity, Knowledge*. Londres: Routledge.
- Kraepelin, E. (1904). *Clinical psychiatry: a textbook for students and physicians*. (A. Defendorf, Trad). Londres: McMillan Company (Obra originalmente publicada em 1888)
- Krafft-Ebing, R. (1886). *Psychopathia Sexualis mit besonderer Berilcksichtigung der contraren Sexualempfindung; eine klinisch Studie*. (7th ed). Stuttgart: Enke.
- Krafft-Ebing, R. (1888). *Psychopathia sexualis: mit besonderer Berilcksichtigung der contraren Sexualempfindung; eine klinisch-forensische Studie*. Stuttgart: Enke.(Obra originalmente publicada em 1886)
- Krafft-Ebing, R. (1888b). *Lehrbuch der Psychiatrie*. Stuttgart: Enke.
- Krafft-Ebing, R. (1892b). *Psychopathia Sexualis: Mit besonderer Berilcksichtigung der contraren Sexualempfindung; eine klinisch-forensische Studie*. Stuttgart: Enke.(Obra originalmente publicada em 1886)
- Krafft-Ebing, R. (1892) *Psychopathia Sexualis* (C.G. Chaddock, Trad). Londres: The F.A Davis. CO, Publishers (Obra originalmente publicado em 1886)
- Krafft-Ebing, R. (1894). *Psychopathia Sexualis mit besonderer Berilcksichtigung der contraren Sexualempfindung; eine klinisch-forensische Studie*. Stuttgart: Enke.(Obra originalmente publicada em 1886)
- Krafft-Ebing. (1894b). *Der Conträsexuale vor dem Strafrichter: De Sodomia ratione Sexus Punienda: De lege lata et Lege Ferenda*. Stuttgart: Enke.
- Krafft-Ebing, R. (1898). *Psychopathia Sexualis Psychopathia Sexualis mit besonderer Berilcksichtigung der contraren Sexualempfindung; eine klinisch-forensische Studie*. Stuttgart: Enke. (Obra originalmente publicada em 1886)

- Krafft-Ebing, R. (1899). *Psychopathia Sexualis*. Londres: The F.A Davis. CO, Publishers. (Obra originalmente publicada em 1886)
- Krafft-Ebing, R. (1899b). *An experimental study in the domain of hypnotism*. (C.G. Chaddock, Trad). Londres: G.P Putnam's Sons.(Obra originalmente publicado em 1893)
- Krafft-Ebing, R. (1901). Neue Studien auf dem Gebiete der Homosexualität. *Magnus Hirschfeld Jahrbuch für sexuelle Zwischenstufen Band 3*, pp. 1-36. Liepzig: Max Spohr.
- Krafft-Ebing, R. (1904). *Textbook of Insanity* (C.G. Chaddock, Trad). Londres: The F.A Davis. CO, Publishers (Obra originalmente publicada em 1888)
- Krafft-Ebing, R. (1906). *Psychopathia Sexualis*. . Londres: The F.A Davis. CO, Publishers. (Obra originalmente publicado em 1886)
- Krafft-Ebing, R. (1923). *Psychopathia Sexualis*. Paris: Payot
- Lamarck, J. B. (1972). Discours d'ouverture de 1814. In M. Vachon, G. Rousseau, & Y. Laissus (Eds.), *Inédits de Lamarck*. Paris: Masson et Cie Editeurs.
- Kottow, A. (2004). *Der kranke Mann. Zu den Dichotomien Krankheit / Gesundheit und Weiblichkeit / Männlichkeit in den Texten um 1900*.(Dissertação de mestrado não publicada) Charité - Universitätsmedizin Berlin.
- Lanteri-Laura, G (1994). *Leitura das perversões: história de sua apropriação médica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Obra originalmente publicada em 1979)
- Laqueur, T. (2003). *Solitary sex: A cultural history of masturbation*. New York: Zone Books.
- Latreille, P.A (1806). *Genera crustaceorum et insectorum, secundum ordinem naturalem et familias disposita Tommus Primus*. Paris: Amand King.
- Lindner, S. (1934). Das Saugen an den Fingern , Lippen etc. bei den Kindern (Ludeln): Eine Studie. *Zeitschrift für psychoanalytische Pädagogik*, 8(3-4), pp. 117-138. (Original publicado em 1879).

- Lombroso, C. (1876). *L'uomo delinquente :studiato in rapporto alla antropologia, alla medicina legale e dalle discipline carcerarie*. Torino: Fratelli Bocca.
- Lopes, A.J. (2011). Breve introdução a uma história da libido: Poetas Latinos, Santo Agostinho e Freud (via Foucault). *Estudos de Psicanálise*. 35(2). pp. 23-40. .
- MacDonald, R. (1967). The Frightful Consequences of Onanism: Notes on the History of a Delusion. *Journal of the History of Ideas*. 28 (1), pp. 423-31.
- Maehle, H.A. (2012). God's Ethicist: Albert Moll and His Medical Ethics in Theory and Practice . *Med. Histoy*. 56(2), pp. 217-236
- Maehle, Andreas-Holger & Sauerteig,Lutz (2012). *Sexology, Medical Ethics and Occultism: Albert Moll in Context*. *Medical History*, 56 (2): Cambridge University Press.
- McLennan, J.F. (1865). *Primitive Marriage: An Inquiry Into the Origin of the Form of Capture in Marriage Ceremonies* Londres: A. and C. Black.
- Mantegazza, P. (1917) *The Book of Love*. Nova York: American Neo Latin Library. (Original Pulicado em 1873).
- Marcaggi, G., & Guénolé, F. (2018). Freudarwin: Evolutionary Thinking as a Root of Psychoanalysis. *Frontiers in psychology*, 9, 892. doi:10.3389/fpsyg.2018.00892
- Mascka, J.R (1881). *Handbuch der gerichtlichen Medicin*. Tubinga: Verlag der Laupp'schen Buchh.
- Masson, J. M. (1985) *The Complete Letters of Sigmund Freud to Wilhelm Fliess 1887–1904*. Cambridge, MA: Harvard University Press.
- Maudsleu, H. (1867). *The physiology and pathology of the mind*. New York : Appleton.
- Meibom, J. (1665). *De flagrorum usu in re veneria*. Londres: Nome da editora não informado.
- Mills, J. (2004). Clarifications on Trieb: Freud's theory of motivation reinstated. *Psychoanalytic Psychology*, 21, 4, pp. 673-677.
- Mirandola, P.G. (1946). *Disputationes adversus astrologiam divinatricem*. Valência: Vallecchi. (Obra originalmente publicada em 1495)

- Moll, A. (1893). *Les perversions de l'instinct génital, étude sur l'inversion sexuelle basée sur des documents officiels* (Pacteur, Trad.). Paris: Jorges Carré Editeu. (Original publicado em 1891).
- Moll, A. (1897). *Untersuchungen über die libido sexualis*. Berlin: H. Kornfeld.
- Moll, A. (1899). *Die Kontrare Sexualempfindung*. Stutgart: Enke. (Obra originalmente publicada em 1897)
- Moll, A. (1898). *Untersuchungen über die libido sexualis*. Berlin: H. Kornfeld.
- Moll, A. (1909). *Das Sexualleben des Kindes*. Leipzig: Verlag Von F.C.W Volgel.
- Moll, A. (1905). *Sexuuelle Perversionen, Geisteskrankheit und Zurechnungsfähigkeit*. Berlin: Simon Nachfolge).
- Moll, A. (1912). *The sexual life of the child*. (M. Eden Paul, Trad.). Nova York: The MacMillan.
- Moreau, J. (1850). *La Psychologie Morbide Dans Ses Rapports Avec la Philosophie de L'Histoire*. Paris: Librarie Victor Masson.
- Morel, B. (1860). *Traité des maladies mentales*. Paris: Victor Masson.
- Müller, M. (1901). *Lectures On The Origin And Growth Of Religion*. Londres: Longamns, Green &Co. (Obra originalmente publicada em 1878)
- Nysten, P.H. (1845). *Dictionnaire de medecine, de chirurgie, de pharmacie, des sciences accessoires et de l'art veterinaire*. Paris: J.B Bailliére.
- Oosterhuis, H. (2000). *Stepchildren of Nature: Krafft-Ebing, Psychiatry and the Making of Sexual Identity*. Chicago: The University of Chicago Press.
- Oosterhuis, H. (2012). Sexual Modernity in the Works of Richard von Krafft-Ebing and Albert Moll. *Med. History*, 56(2), pp. 133-155.
- Oosterhuis, H.(2017). The Pre-Freudian modernisation of sexuality: Krafft-Ebing and Albert Moll. Van Haute, P; Westernick, H. (Eds.) *Deconstructing Normativity?: Re-reading Freud's 1905 Three Essays*. Londres: Routledge.

- Pereira, P.B. (1697) *Prosodia in vocabularium bilingue, latinum, et lusitanum, digesta*. 7th ed. Évora: Ex Typographia Academiae
- Pfister, O. (1917). *The psychoanalytic method* (C. R. Payne, Trad). Londres: Kegan Paul, Trench, Trubner & Co. Ltd. (Original publicado em 1913)
- Platão (1895). *The Baquet*. (P.B. Shlley, Trad) Chicago: Way and Williams. (Sem data de publicação original)
- Platão (1970). *O Banquete*. Martins Fontes. (Sem data de publicação original)
- Philo-Catiatus (1723). *Onania Examined and Detected; or the Ignorance, Error, Impertinence and Contradiction of a Book called Onania, Discovered and Exposed*. Londres: Joseph Marshall.
- Ploss, H. (1884). *Das Weib in der Natur- und Völkerkunde*. Liepizg: The Griebens Verlag (L. Fernau).
- Pontes, A. M. O (2004). Tabu do incesto e os olhares de Freud e Levi-Strauss. *Trilhas*, Belém, 4(1), p. 7-14
- Prichard, J.C. (1837). *A treatise on insanity and other disorders affecting the mind*. Philadelphia : Haswell, Barrington, and Haswell (Obra originalmente publicada em 1835)
- Rousseau, JJ. (1848). *Émile ou de l'éducation*. (Número da Edição não indicado). Paris: Charpentier Libraire-Editeur.(Original publicado em 1762).
- Sauerteig, L. D. H. (2012). *Loss of innocence: Albert Moll, Sigmund Freud and the invention of childhood sexuality around 1900*. *Medical History*, 56(2), pp. 156–183.
- Schaffner, A. (2012). *Modernism and Perversion: Sexual Deviance in Sexology and Literature, 1850-1930*. New York: Plgrave McMillan.
- Schandevyl , E (2016). *Women in Law and Lawmaking in Nineteenth and Twentieth-Century Europe*. Londres: Routledge
- Schleiermacher, F. (1999). *The Christian Faith* (B.A.Garish, Trad). Nova York: T&T Clark. (Obra originalmente publicada em 1831).

- Schrenck-Notzing, A (1895). *Therapeutic suggestion. Psychopathia sexualis: pathological manifestations of the sexual sense, with especial reference to contrary sexual instinct* (C.G. Chaddock, Trad.). Filadélfia: The F.A Davis. CO, Publishers.
- Schopenhauer, A. (2001). *O mundo como vontade e representação* (M.F. Sá Correia, Trad). Rio de Janeiro: Contraponto. (Obra originalmente publicada em 1818)
- Sem Autor (1756). *Onania: or, the heinous sin of self-pollution and all its frightful consequences (in both sexes) considered with spiritual and physical advice to those who have already injured themselves by this abominable practice*. London: H. Cooke. (Original publicado em 1716).
- Shorter, E. (2005). *A Historical Dictionary of Psychiatry*. Oxford: Oxford University Press.
- Simião, A.R.M. & Simanke, R.T. (2014). A psicologia da Sexualidade na Psychopathia Sexualis de Richard Von Krafft-Ebing. In. Simanke, R.T; Caropreso, F.(Org). *Psicanálise em Perspectiva V: Novos estudos em história e epistemologia da psicanálise*. Curitiba: Editora CRV.
- Simião, A.R.M (2015). *Sexualidade e Perversão na Psiquiatria de Krafft-Ebing* (Dissertação de mestrado não publicada). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.
- Simanke, R.T (2002). *Metapsicologia lacaniana: os anos de formação*. Curitiba: Editora UFPR.
- Simanke, R. T. (2014). O Trieb de Freud como instinto 1: sexualidade e reprodução. *Scientiae Studia*, 12(1), 73-95.
- Simanke, R.T (2016). Freud e a sexualidade infantil antes de Freud. In J. Birman, L. Fulgêncio, E. Leal & D. Kupermann (Eds.). *Amar a si mesmo e amar o outro: narcisismo e sexualidade na psicanálise contemporânea* (pp. 43-63). São Paulo: Zagodoni.
- Sigusch, V. (2008). *Geschichte der Sexualwissenschaft*. Frankfurt: Campus Verlag.
- Sigusch, V. (2012). The sexologist Albert Moll--between Sigmund Freud and Magnus Hirschfeld. *Medical history*, 56(2), pp. 184–200.

- Spencer, H (1901). *The Principles of Sociology*. New York: Appleton.(Obra originalmente publicada em 1876).
- Stolberg, M. (2000). Self-Pollution, moral reform, and the venereal trade: Notes on the source and historical context of Onania (1716). *Journal of History of Sexuality*, 9(1/2), 37-61. Retrieved June, 14, 2020 from <http://www.jstor.org/stable/3704631>.
- Talmey, B.S (1919). *A Treatise of Science Attraction*. New York: Eugenics Publishing.
- Tarnowsky, B. (1893). *The Sexual Instinct and Its Morbid Manifestation*. (B. Tarnowsky, Trad.). Paris: Charles Carrington.
- Tavares, P. H (2013) Sobre a tradução do vocábulo Trieb. In: Freud, S. *As pulsões e seus destinos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 73-90.
- Tissot, A.D.S (1769). *L'onanisme: dissertation sur les maladies produites par la masturbation*. Lausanne: M. Chapilo. (Original publicado em 1756).
- Torezan, Z. C. F. ; Aguiar, F. (2011). O sujeito da psicanálise: particularidades na contemporaneidade. *Revista Mal-Estar e Subjetividade (Impresso)*, v. 2, p. 525-554,
- Ulrichs, K. (1864). *Forschungen über das Räthsel der mann männlichen Liebe*. Leipzig: Gelbfwerlag Des Berffaffes.
- Valas, P. (1990). *Freud e a perversão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vieira, L.L.F. (2009). As múltiplas faces da homossexualidade na obra freudiana. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 9(2), pp 487-525.
- Von Hartmann, K.E. (1893). *Phylosophy of the Unconscious* (W.L. Coupland, Trad). Londres: Kegan Paul, Trench, Tübner& CO (Obra originalmente publicada em 1859).
- Westermarck, E. (1891). *The History of Human Marrieger*. Londres: The MacMillan CO. (Obra originalmente publicada em 1873).

- Westermarck, E. (1894). *The History of Human Marriage*. Londres: The MacMillan CO. (Obra originalmente publicada em 1873).
- Westermarck, E. (1904). The Position of Women in Early Civilization in *The American Journal of Sociology*, volume 10. Londres: The MacMillan Co.
- Westphal, C. (1869). *Archiv.Für Psychiatrie und Nervenkrankheiten*. Band II. Berlin: Verlag von August Hirschwald.
- Wilm,E.C. (1925). *Theories of Instinct*. New Haven: Yale University Press.
- Wundt, W. (1893). *Gundzüge der psysiologischsn Psychologie*. Leipzig: Wilhelm Englelman.
- Young, R. (1968). *The Functions of the Brain: Gall to Ferrier (1808-1886)*. *Isis* 198, 59, pp. 251-68.
- Zacchia, P. (1726). *Quaestionum médico-legalium: Tommus Primmus*. . Washignton: Anisson e Posuel. (Obra originalmente publicada em 1621).